

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

CLÁUDIA GABRIELA CAMARGO

A IMAGEM CONSTRUÍDA: A BOLÍVIA NO TELEJORNALISMO FRONTEIRIÇO

CAMPO GRANDE – MS
2015

CLÁUDIA GABRIELA CAMARGO

A IMAGEM CONSTRUÍDA: A BOLÍVIA NO TELEJORNALISMO FRONTEIRIÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares

CAMPO GRANDE – MS
2015

CLÁUDIA GABRIELA CAMARGO

IMAGEM CONSTRUÍDA: A BOLÍVIA NO TELEJORNALISMO FRONTEIRIÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares
(presidente e orientador)

Profa. Dra. Marcia Gomes Marques
(membro titular)

Prof. Dr. Gustavo Vilela Lima da Costa
(membro titular)

Campo Grande, MS, de de 2015.

A minha mãe Marinês Valezi Camargo, pelo amor e dedicação que me cedeu desde o abrir dos meus olhos. Pelo incansável incentivo aos estudos e pelas incontáveis renúncias pessoais que me permitiram chegar até aqui.

Ao meu pai Donisete Camargo, pelo exemplo de pessoa que me inspira desde a infância, pela proteção e amor sempre presentes e pelos ensinamentos para meu desenvolvimento evolutivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me acompanhar em todos os momentos da minha jornada e pelas conquistas que me ajuda alcançar.

Ao meu orientador professor Marcelo Cancio, pela atenção, contribuição e incentivo. Não posso deixar de agradecê-lo, principalmente, pelo carinho, dedicação, preocupação comigo ao longo desse período. Muito obrigada, professor, pela sua amizade.

Aos membros que compõem a banca de defesa, professora Márcia Gomes, pelo incansável desejo de ensinar e instigar reflexões e questionamentos em seus alunos, e o professor Gustavo Vilela, pelas contribuições ao longo do trabalho e empenho para atender ao convite de participar da banca.

Meus sinceros agradecimentos ao jornalista Alfredo Singh, pela confiança e pelas diversas colaborações que tornou a pesquisa possível. Aos ex-colaboradores e funcionários da TV Morena Uriel Raghiant, Tirone Roriz, Moacir Vieira e Vivian de Castro, por compartilhar de suas memórias e experiências. À equipe da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar este trabalho, possibilitando dedicação exclusiva desta pesquisadora.

Aos colegas, amigos e familiares, que me incentivaram nesse desafio e principalmente àqueles que se tornaram meus amigos durante o Programa de Mestrado, que foram companheiros de angústias, decepções, alegrias e realizações. Obrigada pela amizade.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa sobre o telejornalismo fronteiriço desenvolvido na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, município brasileiro que faz fronteira com a Bolívia. Integrando a região fronteiriça, encontram-se as cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, em condição de semiconurbação e com alto nível de interação. O telejornalismo da cidade brasileira é representado pela TV Morena - Corumbá, única emissora da cidade, que, em sua rotina, noticia assuntos do município brasileiro e também do país vizinho. Compartilhando da perspectiva construtivista em que o jornalismo é um dos elementos que contribuem para a construção social da realidade, o presente trabalho teve como objetivos: identificar de que maneira o telejornalismo brasileiro apresenta a Bolívia e traçar o perfil desse telejornalismo por meio de suas principais características. Para cumprir com esses propósitos, foram analisadas as matérias transnacionais produzidas pela emissora nos anos de 2012 e 2013, investigadas à luz da análise de conteúdo em uma abordagem quali quantitativa.

Palavras-chave: Telejornalismo. Fronteira. Construção social da realidade. Corumbá. Bolívia.

ABSTRACT

This dissertation is a research on the boarder TV journalism developed in the city of Corumbá (MS), a small Brazilian town that borders Bolívia. In the boarder area are the Bolivian cities of Puerto Quijarro and Puerto Suárez in a semi-conurbation state, with a high level of interaction. TV journalism in the Brazilian city is represented by TV Morena - Corumbá, the only TV station in town, which usually reports news related to the Brazilian town and the neighboring country. Sharing the constructivist perspective in which journalism is one of the elements that contribute to the social construction of reality, the present paper's goals were: identifying how the Brazilian TV journalism shows Bolivia and tracing this journalism's profile according to its own characteristics. To accomplish these purposes, transnational reports produced by the TV station in 2012 and 2013, investigated in light of Content Analysis in a quali-quantitative approach, were studied.

Keywords: TV journalism. Border. Social construction of reality. Corumbá. Bolívia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Forte Coimbra. Corumbá, MS.....	41
Figura 2 - Arquitetura de Corumbá, MS.....	44
Figura 3 - Museu da História do Pantanal. Corumbá, MS.....	44
Figura 4 - Certificado de Agradecimento. Corumbá, MS.....	68
Figura 5 - Anúncio publicitário televisor Michigan. Corumbá, MS.....	69
Figura 6 - Pedra fundamental TV Cidade Branca. Corumbá, MS.....	70
Figura 7 – Local de lançamento da construção da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.....	70
Figura 8 - Prédio da TV Cidade Branca em 1970, antes da inauguração. Corumbá, MS.....	71
Figura 9 - Apresentação da estrutura da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.....	71
Figura 10 - Matéria sobre a visita de autoridades à sede da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.....	72
Figura 11 - Matéria sobre a inauguração da TV Cidade Branca. Corumbá, MS....	73
Figura 12 - Inauguração Oficial TV Cidade Branca. Corumbá, MS.....	74

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Tipos de interações proporcionadas pelas notícias.....	21
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação das matérias de 2012.....	78
Gráfico 2 - Classificação das matérias de 2013.....	79
Gráfico 3 - Classificação das matérias de 2012 e 2013.....	80
Gráfico 4 - Comparação mensal das matérias de 2012.....	81
Gráfico 5 - Comparação mensal das matérias de 2013.....	82
Gráfico 6 - Percentual de matérias por eixo temático - 2012.....	83
Gráfico 7 - Percentual de matérias por eixo temático - 2013.....	84
Gráfico 8 - Localidades bolivianas nas matérias transnacionais - 2012.....	86
Gráfico 9 - Localidades bolivianas nas matérias transnacionais - 2013.....	87
Gráfico 10 - Nacionalidade das fontes em 2012.....	90
Gráfico 11- Nacionalidade das fontes em 2013.....	90
Gráfico 12 - Classificação das fontes - 2012.....	92
Gráfico 13 - Classificação das fontes - 2013.....	92
Gráfico 14 - Brasil nas matérias transnacionais - 2012.....	93
Gráfico 15 - Valência das matérias transnacionais - 2012.....	104
Gráfico 16 - Valência das matérias transnacionais - 2013.....	109
Gráfico 17 - Valência das matérias transnacionais - 2012 e 2013.....	110

LISTA DE SIGLAS

- INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
- SciELO - Scientific Electronic Library Online
- COMPOÓS - Associação Nacional Programas de Pós-Graduação em Comunicação
- BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- EFNOB - Estrada de Ferro Noroeste do Brasil
- CONTEL - Conselho de Telecomunicações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	18
2 FRONTEIRA: LIMITE OU INTERAÇÃO?.....	29
2.1 A fronteira com a Bolívia em Mato Grosso do Sul.....	37
2.2 O papel da mídia na fronteira.....	46
3 TELEJORNALISMO: DA ORIGEM AO LUGAR DE REFERÊNCIA.....	50
3.1 Construção Social da Realidade.....	53
3.2 Jornalismo e a construção do real.....	56
3.3 A televisão no Brasil.....	59
3.4 Do interesse econômico à televisão em Corumbá.....	64
4 ANÁLISE DO CORPUS.....	78
4.1 Categoria de análise: eixo temático.....	83
4.2 Categorias de análise: localidades das matérias.....	86
4.3 Categoria de análise: nacionalidade das fontes.....	88
4.4 Categoria de análise: classificação das fontes.....	91
4.5 Categoria de análise: interesse brasileiro nas matérias transnacionais.....	93
4.6 Categoria de análise: valência das reportagens.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICES.....	125
ANEXOS.....	145

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma extensa zona de fronteira, aproximadamente 15.719 quilômetros que contornam 10 países da América do Sul e 11 Estados brasileiros. Mato Grosso do Sul faz divisa com dois países latino-americanos: a oeste, com a Bolívia e ao sul, com o Paraguai. Onze cidades sul-mato-grossenses estão ao longo dos 1.517 quilômetros da linha internacional entre o Brasil e esses dois países: Antônio João, Bela Vista, Coronel Sapucaia, Corumbá, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã, Porto Murtinho, Sete Quedas, Japorã e Aral Moreira. As fronteiras fazem com que Mato Grosso do Sul seja um Estado rico de culturas mistas, pois, no convívio diário, os atores sociais dessas regiões não se limitam à demarcação dos territórios, cruzam incessantemente integrando e interagindo com a realidade do outro que está a sua frente. Fazendo das fronteiras um espaço diferenciado do restante do país, como bem cita Machado et al. (2006 apud MARTINS, 2010, p. 250):

A zona de fronteira é caracterizada como espaço de interações, contatos e fluxos sociais, econômicos e culturais, movidos por diferenças, através do limite internacional. Diferencia-se da faixa de fronteira por ser esta uma expressão jurídica que delimita e atende ao poder do Estado. O cotidiano de interações, relações e fluxos, que transpõem o limite, produz uma paisagem típica de fronteira.

As cidades que formam as regiões de fronteira, em sua maioria, encontram-se distantes do eixo político de seus respectivos países. Esse isolamento, que também é geográfico, econômico e social em relação a sua própria nação, faz com que as cidades fronteiriças passem a se aliar àquelas que, apesar da proximidade geográfica, não integram seu país. Dessa forma, tem-se nas fronteiras relações interculturais que extrapolam os limites territoriais fixados pelo Estado. A relação entre as cidades fronteiriças, no entanto, não é apenas de aproximação, pois, conforme Martins (2010) pontua, a fronteira coloca-se na interface das diferenças, e se estabelece como um local de cooperação, interação e também de conflitos, de reafirmação da nacionalidade. Se os limites nacionais são em diversos momentos desafiados e até renegados nas regiões fronteiriças, em outros, eles são reafirmados com uma pertinência maior do que em outras partes do país (COSTA, G., 2013). Portanto, considera-se que as formas de integração nessas regiões acontecem em diferentes níveis, como bem explica Cancio (2011, p. 21):

uma região que permite a convivência e os conflitos de dois povos que co-habitam um território comum aos dois. As cidades que surgem em regiões de fronteira são formadas por espaços territoriais definidos não apenas por questões geográficas ou por acordos diplomáticos. Esses locais, onde duas cidades se unem, formando um mesmo aglomerado urbano, agrupam povos com crenças, costumes, tradições e identidades diferentes. Juntas, formam um território com particularidades próprias.

Esta "zona de limite mútuo", como define Ota (2006), é, na verdade, uma vivência compartilhada que extrapola o cotidiano das pessoas que moram nessas regiões, influenciando e determinando inúmeros aspectos políticos e governamentais, como saúde pública, educação, comércio, entre outros. Por isso é que, embora o conceito de fronteira seja bastante vinculado ao campo da geografia, desperta interesses de outras áreas de estudo que, conforme Cancio (2011), fazem reflexão não apenas ao contexto geográfico e físico, como, também, ao contexto simbólico e imaterial dessas regiões, como é o caso do jornalismo.

Assim como o atendimento à saúde, educação, segurança são especiais nas fronteiras, o jornalismo, desenvolvido nessas regiões, é diferenciado, principalmente nas fronteiras secas e povoadas, como é o caso da região Corumbá, MS–Puerto Quijarro/Puerto Suárez, Bolívia, cuja distância que separa as cidades fronteiriças é mínima, o que torna a interação e o compartilhamento da realidade fronteiriça mais fortes e evidentes. Isso porque, como explica Cancio (2011), o interesse informativo de um lado e de outro pode se chocar, sendo necessária uma visão ampla dos dois lados para que a informação tenha valor para essas sociedades. Os profissionais precisam de mais conhecimento a respeito de seu próprio país e do país vizinho e se preocupar em tratar de temas que sejam de interesse do outro; isto porque, além de compartilhar o cotidiano, o vizinho constitui parte da audiência, precisando, dessa forma, ser levado em consideração na escolha das pautas midiáticas. A esse jornalismo desenvolvido nas regiões de fronteira dá-se o nome de jornalismo fronteiriço.

O presente trabalho trata justamente desse jornalismo, o produzido nas regiões de fronteira. A pesquisa direcionou-se para o jornalismo televisivo, e o recorte geográfico é o trecho da fronteira entre Brasil e Bolívia, que se localiza no Estado de Mato Grosso do Sul. A única cidade brasileira que se encontra ao longo dos 386 quilômetros da linha internacional entre Mato Grosso do Sul e Bolívia é Corumbá, município que dista aproximadamente 400 quilômetros de Campo Grande, capital do Estado. Integram essa região fronteiriça, as cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez (cinco e 15 quilômetros de Corumbá, respectivamente), ambos os municípios pertencentes à província de Germán Busch.

Considerando essa região fronteiriça formada pelas cidades de Corumbá–Puerto Quijarro/Puerto Suárez, este trabalho dedica-se ao estudo do telejornalismo fronteiriço produzido do lado brasileiro da fronteira, ou seja, no município de Corumbá. Considerando as condições da fronteira em questão (fronteira seca, povoada, em condição de semiconurbação, com alto grau de interação entre os países), a pesquisa se propõe a responder a dois objetivos específicos: identificar de que maneira a Bolívia é apresentada no telejornalismo fronteiriço produzido em Corumbá e traçar o perfil desse telejornalismo.

A cidade de Corumbá tem apenas uma emissora de televisão, a TV Morena, afiliada da Rede Globo, com sede na capital Campo Grande. A emissora MS Record, também com sede na capital, tem uma sucursal em Corumbá, no entanto, a produção é esporádica e atende somente ao telejornal de Campo Grande, uma vez que não é produzido na “Cidade Branca”, cognome de Corumbá. Por conta disso, o presente trabalho faz a análise na produção jornalística apenas da TV Morena, única emissora brasileira da região que produz, diariamente, matérias para o telejornal local, MSTV- primeira edição, da cidade de Corumbá, e matérias para os jornais estaduais que são transmitidos pela emissora da capital. Em sua rotina diária, a equipe de jornalismo de Corumbá cobre assuntos da cidade brasileira e dos municípios vizinhos pertencentes à Bolívia.

No decorrer do trabalho, foi constatado que a emissora de televisão estudada não possuía nenhum documento, registro ou trabalho científico que se dedicasse a sua história e seu processo de estruturação. Considerou-se este estudo de suma importância, pois a TV Morena – Corumbá, além de única emissora, foi a responsável pela chegada do sinal televisivo na cidade e nessa região de fronteira. Dessa forma, estudar seu surgimento significa também estudar o advento da televisão na cidade. Por esse entendimento e por não existir nenhuma iniciativa nesse sentido, nem mesmo da própria empresa de comunicação, documentar o processo de implantação da TV Morena na cidade de Corumbá tornou-se um objetivo geral do trabalho.

A pesquisa justifica-se, primeiramente, pela importância do tema fronteira que se apresenta como uma região diferente em suas dinâmicas relações, sociais, questões políticas, econômicas, governamentais e comunicacionais do restante do país. Somado a isso, tem-se a escassez de trabalhos científicos dedicados à comunicação nas regiões fronteiriças. A formação do grupo de pesquisa “Geografias da Comunicação”, criado em 2008 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), que reúne autores que se debruçam sobre esse tema, tem ajudado na divulgação e incorporação dessa seara científica, mas são ainda consideradas pequenas. Uma pesquisa, liderada por pesquisadores do Rio Grande do Sul, começou a traçar o estado da arte das pesquisas sobre comunicação na fronteira. O levantamento, apesar de estar na fase inicial, já aponta a pouca produção científica desse tema no Brasil. A primeira etapa da pesquisa fez levantamento em artigos publicados de 2000 a 2013 em eventos e periódicos nacionais que traziam em seu escopo reflexões sobre aspectos da comunicação nas fronteiras internacionais do Brasil¹.

¹A pesquisa é composta de duas fases. A primeira, divulgada na 4ª Conferência ICA de Comunicação na América Latina em 2014, engloba a produção de artigos de periódicos científicos disponíveis na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) e trabalhos completos publicados em anais disponíveis no portal da

De acordo com o trabalho de Dalmolin (2014), em treze anos (de 2000 a 2013) foram produzidos, no Brasil, 65 artigos científicos que trataram de aspectos da comunicação na fronteira. A pesquisa dessa autora também revelou que os trabalhos se referem, predominantemente, à fronteira do arco sul do país (Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), uma vez que 42, dos 65 artigos, tratavam sobre a fronteira daquela região. Em segundo lugar está a fronteira da região central (Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) com dez trabalhos. A fronteira da região Norte (Estados de Amapá, Pará, Amazonas, Roraima e Acre) foi tratada em nove artigos. O jornal impresso é o veículo de comunicação mais analisado de acordo com o estudo, presente em 19 publicações, seguido pelo rádio, em 13, e internet e redes sociais, em duas. Não foram encontrados, no levantamento, trabalhos que analisassem a televisão. Verifica-se, assim, que a maior produção científica sobre o tema comunicação na fronteira está na região Sul, seguida da região Centro-Oeste e, por último, a região Norte. Esse levantamento, além de transparecer o baixo número de pesquisas na área, também indica as tendências desses estudos. Vale destacar que a televisão, de acordo com o levantamento, é o veículo menos estudado.

Ao longo deste trabalho de mestrado, encontraram-se alguns estudos sobre telejornalismo televisivo na fronteira; no entanto, nenhum se propunha a estudar a cobertura diária, apenas coberturas específicas sobre uma matéria ou uma série de reportagem. Com exceção do trabalho realizado pelo professor Marcelo Cancio (2011) na fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) – em que ele cria categorias de matérias produzidas na região fronteira, a partir da análise do telejornalismo diário dessa região -, nenhuma outra pesquisa sobre cobertura diária do telejornalismo fronteiro foi encontrada.

Optou-se por citar o levantamento assinado por Dalmolin (2014) no intuito de explicitar o que este trabalho representa nos estudos sobre comunicação na fronteira, principalmente quando se trata de telejornalismo. Considerando proporções regionais, esta pesquisa é considerada inédita, pois, pela primeira vez, o telejornalismo desenvolvido na cidade fronteira de Corumbá será estudado servindo e encorajando trabalhos futuros.

A hipótese deste trabalho foi formulada depois de algumas leituras iniciais de estudos sobre o tratamento das nações vizinhas ao telejornalismo fronteiro. Percebeu-se uma tendência de associar acontecimentos e características desfavoráveis às regiões de fronteira e aos países vizinhos. Auxiliou, também, na formulação da hipótese, a pesquisa desenvolvida por

INTERCOM, Associação Nacional Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPOÓS), e na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC). A segunda fase (que está em desenvolvimento) contempla teses e dissertações sobre o tema colhidos no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Gaertner (2010) que constatou uma abordagem negativa no tratamento da fronteira e da Bolívia em uma análise realizada em alguns jornais impressos de Corumbá. Por conta disso, a hipótese formulada foi de que o telejornalismo fronteiriço desenvolvido na cidade de Corumbá apresenta a Bolívia em suas matérias com caráter predominantemente negativo, ligando-a constantemente às questões de contrabando, roubo, insegurança, inserindo-a em contextos que reforçam o sentimento de superioridade nacional dos brasileiros com deficiência em reportagens que explorem assuntos de cultura, esporte, lazer, a interação entre os países, meio ambiente, entre outros.

Para atingir os objetivos específicos propostos neste trabalho, a fim de confirmar ou refutar a hipótese elaborada, a pesquisa concentrou-se totalmente na primeira etapa do processo comunicativo: no produto da emissão, que, no caso, são as matérias produzidas pela TV Morena. A metodologia escolhida para o tratamento do material foi a análise de conteúdo, que tem como principal autora Laurence Bardin. Todas as matérias produzidas pela TV Morena – Corumbá nos anos de 2012 e 2013, um total de 2.724 reportagens, foram lidas e analisadas para que pudessem ser separadas nas seguintes categorias: locais, fronteiriças e transnacionais - de acordo com a categorização desenvolvida por Cancio (2011) para as produções jornalísticas nas regiões de fronteira. Selecionaram-se como *corpus* do trabalho aquelas reportagens classificadas como transnacionais por conterem características que melhor respondem aos objetivos do trabalho, pois tratam de assuntos que têm profunda relação com o país vizinho, além da transposição geográfica da equipe de reportagem. Apesar de se tratar de matérias televisivas, não foi possível o acesso ao material audiovisual. Toda a análise, desde a primeira etapa, foi realizada pelos textos das matérias escritas pelos repórteres.

Os anos de 2012 e 2013 somaram 26 matérias transnacionais, que foram estudadas à luz de seis categorias de análise: eixo temático; localidade das matérias; nacionalidade das fontes; classificação das fontes; interesse brasileiro nas matérias transnacionais e valência das reportagens.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro trata das metodologias utilizadas ao longo do trabalho, desde a categorização de Cancio (2011) para a escolha das matérias que compõem o *corpus*, as etapas previstas pela análise de conteúdo, o procedimento para ter acesso às matérias produzidas pela emissora, entrevistas realizadas até o processo de investigação sobre a história da TV Morena - Corumbá. O segundo capítulo traz, por meio da revisão bibliográfica, reflexões e discussões sobre fronteira. Dividido em três partes, inicia o tema fronteira com reflexões sobre o conceito da palavra, aspectos fronteiriços, classificações das regiões fronteiriças, tratando também sobre a vivência entre os moradores dessas regiões.

Compõem esse capítulo, questões históricas sobre a formação da região fronteiriça Corumbá–Puerto Quijarro/Puerto Suárez, desde o período de colonização, passando pela fundação da cidade brasileira até uma contextualização atual das cidades. Nesse momento, o trabalho traz importantes informações sobre a gênese da “Cidade Branca”, o que faz com que se entenda que sua origem está sustentada na definição de fronteira como limite de territórios e não um espaço de integração. É importante frisar que a fronteira do Brasil com a Bolívia no Estado de Mato Grosso do Sul se dá pelas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro, distantes cerca de cinco quilômetros. Este trabalho, no entanto, quando aborda as questões fronteiriças dessa região, considera também a cidade de Puerto Suárez, a 15 quilômetros de Corumbá, pela proximidade com a cidade brasileira, o intenso fluxo e convivência entre elas, além de sua importância histórica e econômica dentro da província boliviana de Germán Busch. Encerrando o capítulo, o último item faz reflexões sobre o papel dos meios de comunicação nas regiões fronteiriças, suas singularidades e seus desafios.

O terceiro capítulo inicia tratando do telejornalismo, os primeiros telejornais brasileiros, a influência norte-americana, o amadorismo brasileiro nos primeiros anos desse tipo de jornalismo até a presente posição que ocupa na sociedade: lugar de referência. Compartilhando do entendimento que a realidade não é algo dado se não que construída e socializada, o trabalho discorre sobre o conceito da construção social da realidade apresentado por Peter Berger e Thomas Luckmann (1976). Nesse sentido, apresenta o jornalismo como um dos elementos que influenciam na construção do real. O capítulo é encerrado com um retrospecto da chegada da televisão ao Brasil e também a Corumbá.

O quarto dedica-se exclusivamente à análise do *corpus*. O capítulo foi dividido em sete partes. A primeira delas é composta de apresentação do material que compõe o *corpus*, e reflexões sobre a representatividade das matérias transnacionais em relação ao todo (total de produções da emissora). Os demais itens tratam das inferências feitas a cada categoria de análise. Procurou-se, para cada categoria, fazer a análise dos dados de 2012 e de 2013 separadamente e depois uma comparação entre os anos. Ao longo da análise, foram inseridos trechos da entrevista feita com a jornalista Vivian de Castro que trabalhou na emissora durante quatro anos, cujo objetivo é apresentar um contraponto aos dados e complementar a análise.

Em suma, este trabalho parte do entendimento de que a realidade não é algo dado, mas construído socialmente pelas práticas sociais. Sendo uma relação dupla, na qual o homem constrói a realidade e ao mesmo tempo é influenciado por ela. Nesse sentido, o jornalismo apresenta-se não como reflexo da realidade social, mas como um elemento que auxilia em sua construção e, por conta de seu posicionamento na sociedade, é utilizado pelos indivíduos como

forma de conhecimento do mundo. Trazendo essa perspectiva para as regiões fronteiriças, em especial à região Corumbá–Puerto Quijarro/Puerto Suárez, acredita-se que o telejornalismo desenvolvido na cidade brasileira ajuda a construir a percepção dos próprios fronteiriços sobre a fronteira e a Bolívia, assim como os cidadãos distantes desse cotidiano, que, ao consumir esse produto midiático, cria sua percepção de realidade com o que lhe é mostrado. Com base nessa premissa é que o trabalho se preocupa em descobrir de que forma a Bolívia é apresentada no telejornalismo de Corumbá e qual é o perfil desse telejornalismo quando ele se refere ao país vizinho. Para chegar a essas respostas, compartilhando dessa perspectiva construtivista, é que se realizou a análise apresentada neste trabalho com todas as matérias transnacionais produzidas pela emissora TV Morena nos anos de 2012 e 2013.

1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Na região de fronteira estudada neste trabalho existem sete emissoras de televisão, seis delas estão do lado boliviano da fronteira. Segundo levantamento de Gaertner (2010), quatro emissoras estão em Puerto Quijarro: TV e Rádio Carolina (canal 4), TV Si Frotel (canal 30), Empresa Estatal Bolívia TV (canal 3) e TV Continental (canal 22- universitário). Em Puerto Suárez, opera a Red Unitel (canal 9). No lado brasileiro, no entanto, há apenas uma emissora de televisão, a TV Morena – Corumbá que está no ar desde 1970. A TV MS Record tem, na Cidade Branca, uma sucursal, ou seja, existe uma equipe de reportagem da emissora MS Record na cidade, no entanto, esta faz a cobertura de assuntos esporádicos para serem transmitidos pelos telejornais de Campo Grande, onde há de fato uma emissora.

Sendo os objetivos desta pesquisa, identificar de que maneira a Bolívia é apresentada no telejornalismo fronteiro desenvolvido em Corumbá e traçar o perfil desse telejornalismo, levando-se em conta que há somente uma emissora na cidade, o objeto de estudo configurou-se nas matérias produzidas pela TV Morena – Corumbá. Para definir o *corpus* da pesquisa, foi utilizada a categorização desenvolvida por Cancio (2011) que classifica em locais, fronteiriças e transnacionais as matérias produzidas na região de fronteira, como já citado.

Por serem as matérias transnacionais as que respondem melhor aos objetivos propostos no trabalho, por abordarem temas profundamente relacionados ao país vizinho, ou seja, precisam narrar, fazer referência, descrever, analisar temas que são de total interesse para a nação que está à frente e, por exigirem a transposição geográfica da equipe de reportagem, delimitaram-se as matérias transnacionais como recorte deste trabalho. O recorte temporal foi de dois anos, 2012 e 2013.

A metodologia escolhida para tratar o material foi a análise de conteúdo trabalhada pela autora Laurence Bardin por se configurar-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que tem como objetivo obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2009). A análise de conteúdo, como bem descreve Ferreira (2003), é usada quando se pretende ir além dos significados da leitura simples do real. A abordagem utilizada nesta pesquisa foi a qualiquantitativa, ou seja, no que tange à abordagem quantitativa, a pesquisa observa a frequência com que surgem certas características (categorias de análise) no *corpus* analisado e, abordando qualitativamente o material, analisa-se a presença ou a ausência dessas características no conteúdo.

Nesta etapa, o trabalho dedica-se a pormenorizar as metodologias utilizadas na pesquisa e os procedimentos metodológicos para obtenção e tratamento dos dados. A primeira metodologia utilizada foi a categorização das matérias produzidas nas regiões de fronteira desenvolvida por Cancio (2011), que valeu para selecionar o *corpus* desta pesquisa.

• **A metodologia de classificação das matérias**

Ao jornalismo de televisão desenvolvido nas regiões de fronteira, dá-se o nome de telejornalismo fronteiriço. O telejornal produzido e vinculado em uma área fronteiriça tem características ímpares que o difere dos outros telejornais, e essas diferenças se dão pelas características socioculturais da região, como explica o professor Soengas (2007 apud CANCIO, 2011, p. 125):

o jornalismo não é diferente em nenhum caso porque sempre reúne as características essenciais de contribuição aquela sociedade a ser informada. O que passa é que nas sociedades fronteiriças há uma dualidade e um interesse informativo conjunto e há eu se ter uma dupla visão para que seja operativo.

Isto significa que, em uma região de fronteira, o jornalismo é cercado de assuntos que emergem de situações que transcendem a nacionalidade territorial e devem ser inclusos na rotina produtiva, porque muitas questões do outro lado da fronteira interessam às pessoas do lado brasileiro. Além disso, o estrangeiro também consome os produtos midiáticos do país vizinho, inserindo-se, dessa forma, como telespectador, ouvinte ou leitor. Nas palavras de Cancio (2011, p. 126), “uma notícia que aconteceu na fronteira envolve pessoas, sociedades e culturas distintas, mas com relação de proximidade”.

Seguindo essa diretriz, Cancio (2011) relata que a diferença essencial das categorias de notícias no telejornalismo fronteiriço – locais, fronteiriças e transnacionais ou transfronteiriças – refere-se ao grau de envolvimento das diferentes nacionalidades no assunto.

As notícias locais fazem referência a fatos relacionados apenas com um dos lados da fronteira. Nessa categoria concentram-se informações que possuem uma relação direta com o lugar onde está situada a emissora. Isso porque alguns acontecimentos são significativos apenas para uma das comunidades. Nas palavras do autor,

quando se produz uma matéria local, está se dirigindo basicamente a sua própria comunidade. A notícia local pode até despertar o interesse informativo dos moradores da localidade vizinha, mas do ponto de vista da produção jornalística ela não ultrapassa os limites físicos, geográficos e culturais. (CANCIO, 2011, p. 127).

As matérias consideradas pelo autor como fronteiriças são aquelas que, apesar de feitas localmente, citam ou relacionam o país vizinho. Essa categoria de matéria tem mais possibilidades de despertar interesse nos habitantes do outro lado da fronteira e as principais características dela são assim descritas:

o tema, as fontes e o idioma são da cidade onde se localiza a emissora, a reportagem também é toda ambientada no país de origem, mas mesmo assim pode ser um assunto que interessa ao outro lado porque se relaciona e faz referência à fronteira de uma forma direta e, de alguma maneira, tem ligação com o país vizinho. (CANCIO, 2011, p. 127).

A matéria fronteiriça, assim como a local, não ultrapassa o limite geográfico da fronteira, no entanto, transpõe os limites culturais, sociais e/ou políticos. Ainda segundo Cancio (2011, p. 128), “a notícia fronteiriça desencadeia uma relação de troca, de interesse, de intercâmbios e estabelece de alguma forma, uma interação de uma cidade com a outra e entre as populações dos dois países”.

A última categoria descrita por Cancio (2011) é a transnacional, que se configura quando o telejornal de um país toma a iniciativa de fazer uma matéria no outro país, falando de um tema do país vizinho. Essas notícias transpõem a linha divisória da fronteira para serem entendidas pelo “outro”. O autor destaca que esse tipo de notícia permite uma comunidade se informe mais a respeito da realidade da outra, uma oportunidade real proporcionada pelo telejornalismo fronteiriço. As matérias classificadas como transnacional, dessa maneira,

[...] narram sobre a cultura do outro, falam, fazem referência, comentam, analisam, descrevem e reportam diretamente sobre o outro país; ultrapassam os limites geográficos e chegam ao território da outra cidade do país vizinho; abordam claramente a respeito de assuntos e/ou pessoas de outro país (CANCIO, 2011, p. 129).

Dessa forma, o grau de interações espacial, direcional, dialógica e informativa e a interação entre as comunidades variam em cada categoria de notícia, como é demonstrado no Quadro 1.

Considerando que um dos objetivos do trabalho é identificar de que maneira o telejornalismo fronteiriço produzido na cidade de Corumbá representa a Bolívia em suas produções telejornalísticas e, pelas descrições das matérias locais, fronteiriças e transnacionais, optou-se formar o *corpus* do trabalho com as matérias classificadas como transnacionais produzidas em 2012 e 2013. A escolha se deu por acreditar ser essa categoria é a mais completa ao se referir ao país vizinho, uma vez que precisa ser (ou ter parte) ambientada do outro lado da fronteira, apresentar alto grau de interesse para a outra comunidade, e contemplar assuntos diretamente relacionados ao país vizinho.

Quadro 1 - Tipos de interações proporcionadas pelas notícias

Interação	Notícia local	Notícia fronteiriça	Notícia transnacional
Espacial	Produzida no espaço nacional	Produzida no espaço de contato entre as duas cidades	Produzida em um espaço que ultrapassa o limite nacional
Direcional	Dirigida à população de uma cidade	Dirigida à população das duas cidades	Dirigida à população das duas cidades
Dialógica	Dialoga com sua própria comunidade	Cria possibilidade de diálogo entre as duas comunidades	Dialoga duplamente com as duas comunidades
Informativa	Conteúdos próprios de uma cidade	Mescla conteúdos das duas cidades	Conteúdo de outro país
Grau de interação entre as comunidades	Baixo	Médio	Alto

Fonte: CANCIO, Marcelo. **Televisão fronteiriça: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil com o Paraguai**, 2011.

• Procedimentos para obtenção do objeto da pesquisa

Uma vez estabelecido o *corpus* do trabalho (as matérias transnacionais produzidas pela TV Morena – Corumbá), iniciou-se o trabalho de coleta dessas matérias. O levantamento revelou-se como um trabalho extenso. O primeiro passo foi o contato com o então gerente de jornalismo da TV Morena Alfredo Singh, que autorizou o acesso da pesquisadora ao sistema operacional da TV Morena, o NewsCom. Esse sistema armazena todas as produções feitas pela emissora e suas “praças” de forma integrada. Dessa maneira, foi possível ter acesso a todo o trabalho da equipe da Corumbá pelo programa na cidade de Campo Grande, o que aconteceu em julho de 2013.

No primeiro momento, a incidência de matérias transnacionais produzidas pela TV Morena – Corumbá não era conhecida, e, dessa forma, o recorte temporal ainda não havia sido estabelecido. Para chegar a essa decisão, optou-se por fazer a contagem de todas as matérias transnacionais produzidas no ano anterior, 2012, para que a partir do total dessa categoria de matéria se estabelecesse o período que seria considerado pela pesquisa. Para coletar as matérias transnacionais, no entanto, foi necessária uma análise prévia de todas aquelas produzidas pelas equipes de reportagem da emissora. Isso se deu porque apenas pela retranca das reportagens não era possível identificar se a matéria contemplava o país vizinho e, quando o incluía, se o fazia da maneira necessária para ser classificada como transnacional.

Dessa forma, a pesquisadora precisou ler e interpretar o texto de todas as matérias produzidas em 2012, totalizando 1.288 reportagens. Em dois dias de trabalho de campo, contabilizando cerca de dez horas por dia de dedicação, foram separados das 1.288 matérias,

108 textos que mencionavam a Bolívia. Uma cópia dos textos das reportagens selecionadas ficou de posse da pesquisadora para que, posteriormente, elas fossem separadas entre fronteiriças e transnacionais. Foram considerados, no levantamento, as reportagens, os boletins e as notas cobertas. Notas simples e *links* não foram contabilizados.

A segunda fase da separação do material revelou-se a mais complexa, mesmo já tendo reduzido significativamente o material de análise. Isso porque os elementos que separam uma classificação da outra podem estar presentes no texto de forma muito tênue. A análise das 108 matérias revelou 91 delas como fronteiriças e 17 como transnacionais. Ao final da classificação de todas as matérias produzidas em 2012, constatou-se que a quantidade de produções transnacionais não havia sido grande, sendo possível, dessa forma, contemplar, na análise, todas as produções que se enquadrassem nessa categoria. Apostando na regularidade da produção, optou-se por incluir também todas as matérias transnacionais feitas em 2013.

O levantamento do segundo ano a ser incluído na pesquisa foi realizado em janeiro de 2014. Da mesma maneira do ano anterior, por meio do sistema operacional da TV Morena, foi possível ter acesso a toda a produção jornalística da equipe de Corumbá. Dessa vez, o trabalho de campo demandou três dias com cerca de dez horas de dedicação cada. A maior dedicação, comparado ao primeiro levantamento, se deu pelo maior número de matérias produzidas em 2013: foram lidos e analisados os textos de 1.436 reportagens, contabilizando 148 matérias a mais do que no ano anterior. Apesar do maior número de produções em 2013, as matérias selecionadas para a segunda fase da análise foram em menor quantidade. Sessenta e um textos de reportagens ficaram em posse da pesquisadora para a segunda fase da classificação.

As 61 matérias produzidas em 2013, referentes ao país vizinho, passaram por mais uma etapa de classificação, que revelou que 52 delas se caracterizavam como fronteiriças e nove como transnacionais. Apesar do segundo ano incluído na pesquisa ter maior quantidade de matérias, aquelas que se enquadram como *corpus* do trabalho diminuiu. Somando as matérias produzidas em 2012 e 2013, chega-se ao total de 2.724. Todas as reportagens foram analisadas e aquelas que de alguma forma faziam referência a Corumbá foram selecionadas para mais uma etapa de análise. Passaram para essa fase, ao todo, 169 reportagens, categorizadas em fronteiriças ou transnacionais. Destas, 143 se referiam à Bolívia e/ou à fronteira de maneira mais superficial e um grau de interação baixo entre os países, dessa forma, foram classificadas como fronteiriças.

Chegou-se ao número de 26 matérias que abordavam assuntos de profundo interesse do país vizinho, com transposição geográfica da equipe de reportagem e alto grau de interação entre as nações. Por representar a totalidade de matérias transnacionais dos dois anos

(atendendo, dessa forma, a um dos princípios básicos da análise de conteúdo, a representatividade) e por ser uma quantidade adequada para análise, decidiu-se definitivamente incluir todas as produções transnacionais de 2012 e 2013 como *corpus* do trabalho, isto é, as 26 matérias.

Com o *corpus* da pesquisa estabelecido, optou-se, para a análise dele a metodologia chamada de análise de conteúdo, desenvolvida pela pesquisadora francesa Laurence Bardin (2009), por oferecer suporte para análise de documentos escritos e não escritos a partir do agrupamento de significações.

• Metodologia de tratamento do *corpus*: análise de conteúdo quantitativa

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, como método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Dessa forma, trabalhar com a análise de conteúdo é procurar o sentido implícito das mensagens que se camufla por de trás do próprio texto e que para ser descoberto carece de uma metodologia investigativa.

Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é composta de três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A primeira fase é o momento de selecionar o *corpus* que irá compor a pesquisa, ou seja, delimitar as amostras obedecendo ao preceito básico da representatividade, como alerta a autora: “A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (BARDIN, 2009, p.123). Nesse momento, também, por meio da leitura flutuante do material, é que são levantados os elementos para nortear a formulação das hipóteses.

Neste trabalho, a pré-análise corresponde à categorização das matérias produzidas pela TV Morena. Significa que o período em que as 2.724 matérias foram classificadas como locais, fronteiriças e transnacionais, de acordo com a categorização de Cancio (2011), corresponde à pré-análise, pois, do universo total de matérias produzidas pela emissora, estavam sendo selecionadas as produções que iriam compor o *corpus* do trabalho. É importante frisar que a representatividade, citada por Bardin (2009), foi respeitada levando em consideração que todas as matérias transnacionais produzidas em 2012 e 2013 foram incluídas como *corpus* do trabalho.

A segunda fase considerada pela autora é denominada como exploração do material. Descreve como a mais longa e cansativa, pois é nessa etapa que os dados brutos são

transformados de forma organizada e "agregados em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo" (BARDIN, 2009, p. 104). Significa que após exaustivas leituras do material, definem-se as categorias de análise sob as quais ele será analisado. Essas categorias são, segundo Bardin (2009), classes que reúnem elementos em razão de características comuns.

No tratamento dos dados desta pesquisa, estabeleceram-se seis categorias de análise que foram estabelecidas levando em conta a codificação do material e os objetivos propostos por este trabalho. Dessa maneira, as categorias de análise são: eixo temático; localidade das matérias; nacionalidade das fontes; classificação das fontes; interesse brasileiro e valência das reportagens.

A categoria de análise eixo temático identifica os assuntos abordados nas matérias transnacionais. A partir dele é possível saber os temas noticiados pelas matérias transnacionais no período analisado e também apurar quais foram os mais abordados e os menos tratados nas matérias sobre a Bolívia. Acredita-se que essa categoria responde aos dois objetivos do trabalho, identificar a representação da Bolívia no telejornalismo e o perfil do jornalismo fronteiriço desenvolvido em Corumbá.

A categoria de análise localidade das matérias revela a que cidade as reportagens transnacionais se referem, e, dessa forma, onde foram gravadas. Essa categoria contribui para o segundo objetivo da pesquisa, o de traçar o perfil do telejornalismo, pois, por meio dessa análise, é possível identificar a cidade fronteiriça mais e menos tratada no telejornalismo ou se elas aparecem de forma equilibrada no telejornal.

A categoria nacionalidade das fontes (brasileiras ou bolivianas) agrupa os entrevistados pela sua nacionalidade. Essa categoria revela informações importantes para os dois objetivos gerais deste trabalho, uma vez que a tendência de entrevistar mais brasileiros ou mais bolivianos se apresenta como uma característica do telejornalismo. Além disso, a nacionalidade das fontes é importante para o primeiro objetivo do trabalho ao considerar que os entrevistados legitimam o discurso jornalístico, dessa forma, a quem o telejornalismo recorre para atestar seu discurso nas matérias que se referem ao país vizinho – brasileiros ou bolivianos?

Ainda tratando sobre fontes, tem-se a categoria de análise classificação das fontes, que contribui para traçar o perfil do telejornalismo fronteiriço desenvolvido em Corumbá. Foram consideradas duas categorias de fontes: oficiais e não oficiais. Por meio dessa categoria, pode-se indicar que se trata de um jornalismo “chapa-branca” (“oficialesco”) ou um jornalismo mais humanizado com predominância de personagens. A categoria interesse brasileiro tem como objetivo apontar as matérias que, apesar de transnacionais, também apresentam relação com o

Brasil e/ou Corumbá, ou seja, envolvem interesses brasileiros - essa categoria contribui para traçar o perfil do telejornalismo.

A última categoria de análise deste trabalho trata sobre a valência das reportagens, que podem ser classificadas em positiva, negativa ou neutra, de acordo com a alusão feita à Bolívia e/ou à fronteira. Essa classificação foi baseada na categorização de Gaertner (2010), que, em sua dissertação, se preocupou em investigar como a Bolívia e a fronteira eram retratadas pela mídia impressa em Corumbá, criando, para isso, as definições de referência positiva e negativa e de localidade. As definições de Gaertner (2010) foram adaptadas para atender à realidade desta pesquisa.

Dessa forma, as matérias que compõem o *corpus* do trabalho foram classificadas de acordo com sua valência: são de valência positiva, as matérias que destacaram aspectos culturais da fronteira e/ou da Bolívia, em especial quando esses elementos estiveram no contexto de interação, em um sentido agregador e, em muitas vezes, uma somatória de valores no intuito de integrar as cidades da região fronteira. Também são inseridos nessas categorias,

reportagens que divulguem potencialidades e/ou atrativos com ligação direta ao país vizinho ou às cidades bolivianas que estiverem no contexto; bem como ações de cooperação, que expuser a prática da ajuda mútua entre habitantes das localidades Bolívia e fronteira com o Brasil. (GAERTNER, 2010,p. 66).

A valência negativa, por sua vez, é atribuída aos discursos que reforçam o caráter de barreira, de defesa ou de exclusão (GAERTNER, 2010). Também se associaram a essa categoria, as reportagens que atribuem ou valorizam, no discurso, sentimento de insegurança e atos criminosos e ilícitos ao território da fronteira e à Bolívia. À definição de Gaertner adicionaram-se as matérias que reforçam o sentimento de superioridade brasileira. As reportagens que, ao cobrir determinado acontecimento relacionado à Bolívia, se dedicam, principalmente, à abordagem dos contratempos em detrimento da problematização e da cobertura do fato em si também foram consideradas de valência negativa.

A valência neutra substitui a referência de localidade criada por Gaertner, e foi atribuída às reportagens que se atêm ao factual da notícia, não explorando elementos que atribuíssem juízo de valor ao país vizinho nem à região de fronteira. Também foram consideradas neutras, as matérias que se equilibram nos elementos - reportagens que, apesar de conterem elemento conferindo valor desvantajoso à Bolívia, são compensadas por outros elementos com características da valência positiva que equilibram o texto.

A análise do texto, para identificar sua respectiva valência, não aplica a metodologia da análise do discurso. Dessa forma, não foram examinadas as escolhas lexicais como os demais

elementos apontados por essa metodologia. A classificação das valências das matérias deu-se por meio da interpretação do texto que levou em conta o foco principal das reportagens. Optou-se em incluir a valência das matérias como categoria de análise por acreditar, assim como Dijk (2010, p.74), que “a mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito”. Dessa maneira, o ato de informar é feito de escolhas. Escolhe-se não apenas os conteúdos, mas também os efeitos de sentido que se deseja ter.

Para complementar a análise e no intuito de contribuir para as conclusões desta pesquisa, foi realizada uma entrevista com a jornalista Vivian de Castro que, durante quatro anos (setembro/2010 a outubro/2014) foi jornalista chefe da TV Morena – Corumbá. A entrevista teve como objetivo complementar a análise do trabalho com argumentos, justificativas e até com o contraponto da emissora diante dos resultados objetivos a partir da análise do corpus. A entrevista foi concedida em março de 2015 e a fonte foi uma sugestão de Alfredo Singh, então gerente de jornalismo da TV Morena,.

A última fase da análise de conteúdo foi denominada por Bardin (2009) como tratamento do material. Nessa etapa é que todos os indicadores levantados na exploração do *corpus*, por meio das categorias de análise, são interpretados e de fato analisados. Faz-se a inferência do material. Nesta pesquisa, em cada categoria de análise foram apresentados os dados primeiramente de 2012, em seguida os de 2013 e, posteriormente, foram incluídas as interpretações desses resultados. Em alguns momentos incluíram-se trechos da entrevista com a jornalista Vivian de Castro para complementar o tratamento do material.

• Metodologia para a história da TV Morena

Os objetivos que este trabalho se compromete são: identificar de que forma a Bolívia é apresentada no telejornalismo de Corumbá e, também, levantar características que ajudem a traçar o perfil dele. No entanto, no decorrer da pesquisa, quando foi constatado não existirem trabalhos que tratassem da história da TV Morena em Corumbá - como foi o processo de inserção da TV naquela sociedade, os primeiros desafios, primeiras produções televisivas –, o levantamento histórico da emissora passou a ser um objetivo específico da pesquisa.

Pela falta de documentos e trabalhos sobre a televisão da cidade, foi necessário, em novembro de 2013, recorrer às publicações nos jornais impressos que circulavam na década de 1970, período em que começaram as articulações de construção da emissora de televisão em Corumbá; e a depoimentos de funcionários e ex-colaboradores que ajudaram na implantação da

então TV Cidade Branca. Os depoimentos foram colhidos por meio de entrevistas abertas, gravadas e posteriormente transcritas. As entrevistas renderam, além dos depoimentos, o resgate de arquivos que ajudaram a contar o período da construção da TV.

Para isso, foi feita uma visita na Fundação Barbosa Rodrigues em Campo Grande que mantém um acervo de antigos jornais locais que circulavam desde a década de 1950. Dentre eles, foi encontrado no Diário da Serra, de 1970, matérias sobre a construção e inauguração da TV Cidade Branca. Alguns dos materiais encontrados foram incluídos neste trabalho, pois permitem conhecer uma parte do processo de instalação da emissora na fronteira e o próprio tratamento dado pela imprensa à chegada do sinal de televisão na Cidade Branca.

No mês seguinte, em dezembro de 2013, foi feita viagem a Corumbá com o objetivo de encontrar nos jornais corumbaenses da década de 1970, notícias sobre a emissora de televisão que estava sendo construída na cidade; além de entrevistar funcionários e ex-colaboradores que pudessem contribuir com depoimentos e arquivos sobre a história da TV Morena – Corumbá, primeira e única emissora de televisão na cidade. Na visita ao Instituto Luís de Albuquerque – centro cultural onde se localiza a Biblioteca Estadual Dr. Gabriel Vandoni de Barros, que, além de livros e revistas, preserva edições de alguns jornais impressos que circulavam na década de 1970 - não foi encontrado nenhum tipo de cobertura jornalística. Outra tentativa foi feita no Núcleo de Documentação Histórica e Estudos Regionais, vinculado à Universidade de Mato Grosso do Sul, no *campus* de Corumbá, porém não foram encontradas as edições dos jornais no mês da inauguração da emissora - setembro de 1970 – e nenhuma referência à televisão nos meses anteriores.

Apesar do insucesso com os antigos jornais impressos, as entrevistas realizadas na cidade foram imprescindíveis para que o início da TV Morena – Corumbá pudesse ser contada nesta pesquisa. Foram realizadas três entrevistas: a primeira delas, com o ex-colaborador Uriel Raghiant (2013), que coordenou o processo de construção da emissora em Corumbá. Além de depoimentos, Raghiant (2013) colaborou com a pesquisa concedendo fotos que ajudaram a contar a história da emissora. Dois funcionários da TV Morena, os cinegrafistas Tirone Roriz (2013) e Moacir Vieira (2013), que iniciaram seu percurso na emissora desde o primeiro dia de funcionamento, também ajudaram a contar os primeiros anos da televisão em Corumbá.

Em janeiro de 2014, foi realizada a última entrevista para cumprir com o objetivo de resgatar os primeiros passos da TV Morena – Corumbá, com Ueze Zahran (2014), proprietário e idealizador da Rede Mato-Grossense de Televisão. Ele contribuiu com o trabalho ao relembrar do processo percorrido até o parecer favorável do Conselho de Telecomunicações ao pedido de

concessão para três emissoras: TV Morena Campo Grande, TV Centro América e TV Cidade Branca.

2 FRONTEIRA: LIMITE OU INTERAÇÃO?

A fronteira entre nações é resultante de um processo histórico que lhe conferiu sentido de separação e exclusão. O objetivo das linhas internacionais sempre foi o de defender os territórios do Estado; por isso, a essência separatista empregada no conceito da palavra, pois as fronteiras eram, e ainda são para os governos, puramente um mecanismo para evitar a invasão do “outro”, ou seja, separar o que é “meu” do que é “seu”. No entanto, à medida que essas regiões demarcatórias foram povoadas, a linha internacional passou a ser um espaço contraditório. Isso porque a divisão do que pertence a cada nação e a quem pertence, em muitos momentos, se desfaz e cede espaço para aquilo que é do conjunto – que pertence à intersecção das nações. Cria-se uma dualidade, ora há a defesa da identidade nacional a que pertence, e ora se ignora essa separação para se posicionar como “fronteiriços” (pertencente à região da fronteira e não deste ou daquele país). Essa dualidade - de defender sua nacionalidade e se diferenciar por ela, e em momentos se reconhecer na intersecção entre nações - é uma das características que torna o espaço fronteiriço uma região ímpar e potencialmente interessante para estudos nas mais diversas áreas.

Na América do Sul, o país com maior extensão fronteiriça é o Brasil, 15.719 quilômetros delimitam o território nacional. Estão na faixa de fronteira brasileira - termo estabelecido pela Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979 (BRASIL, 1979) e pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980 (BRASIL, 1980), em que a define como a área que compreende o limite do território nacional à distância de 150 km (de largura) do sentido interior do país – 11 estados brasileiros, 588 municípios e cerca de 10 milhões de habitantes (BRASIL, 2010). Dos 13 países situados na América do Sul, apenas Chile e Equador não fazem divisa com o Brasil, e a Bolívia é o país com maior área de fronteira com o território brasileiro: são 3.400 quilômetros que cortam quatro estados brasileiros – Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul – e três estados bolivianos – Pando, Beni e Santa Cruz. É a fronteira com a Bolívia, especificamente na porção que se encontra o Estado de Mato Grosso do Sul, o recorte geográfico deste trabalho.

Antes de abordar as especificidades dessa região de fronteira em questão, julga-se importante reflexão conceitual e teórica a respeito das fronteiras. O termo “fronteira” adquiriu na língua portuguesa, segundo Costa, E. (2009), um sentido polissêmico. Usa-se o termo para adjetivar aspectos muito diversos, como fronteira do conhecimento, agrícola, do universo, da ciência, do capital, dentre outros, assim como define Osório (1995, p. 110):

as fronteiras podem ser culturais, tecnológicas, agrárias; podem trazer consigo a ideia de zonas ou de linhas plenamente demarcadas. Possuem diferentes funções nos

diferentes modos de produção: enfim, só adquirem significado quando referenciadas às sociedades que as produziram.

Porém, até meados do século XX, o conceito, no Brasil, influenciado pela cultura francesa, era aplicado apenas para se referir à linha divisória entre países. Esse primeiro significado, puramente geográfico, atribuído ao termo, pode ter explicação na etimologia: “a origem da palavra fronteira é derivada do antigo latim “fronteria” ou “frontaria”, e indicava inicialmente a parte do território situado “in front”, ou seja, nas margens, consignando, portanto, uma qualidade e não uma entidade” (NOGUEIRA, 2005, p.49, grifo do autor). Esse entendimento de fronteira não foi uma realidade apenas no Brasil, conforme Oliveira (2009) explica, na América do Sul, no período ditatorial, as fronteiras tinham seu significado submetido à lógica de corte, limite, descontinuidade e inflexíveis feições militares. Essa visão, no entanto, foi se diluindo na medida em que a fronteira começava a se transformar progressivamente em um lugar flexível às relações de convivência e tolerância. O limite entre territórios passou, então, a ser uma abstração, e outros sentidos foram acrescentados ao conceito de fronteira, como o econômico e o geopolítico.

Essa transformação das regiões fronteiriças é mais bem exemplificada nos espaços onde as linhas que separam os países são habitadas. Nesse ambiente, há interações constantes de povos de nações distintas e o sentido de corte e separação da fronteira é quebrado incessantemente e o entendimento polissêmico da fronteira é validado. Nesse sentido, Raffestin (2005) faz importante contribuição ao defender que a fronteira é um fato social e não apenas um fato geográfico e que, por isso, devem ser consideradas todas as relações envolvidas entre as pessoas situadas na fronteira – principalmente a vida e o comportamento dos fronteiriços.

Com olhar mais antropológico, Abinzano (2005) considera as fronteiras como espaços humanizados constituídos por duas sociedades que habitam ambos os lados de uma linha de fronteira, e a interação entre elas constituem a essência dessa região. Nas palavras do autor,

hay acciones humanas y orientaciones ideológicas jugando dialécticamente en el tiempo porque las regiones de frontera son el escenario de relaciones sociales fundamentalmente dinámicas. Y, por otra parte, las líneas de frontera que aparecen como la variable más rígida dentro la región de fronteras está permanentemente adaptándose a los cambios nacionales o globales potenciados actualmente por el proceso de integración (ABINZANO, 2005, p. 80)².

²Existem ações humanas e orientações ideológicas agindo dialeticamente e, ao mesmo tempo, as regiões fronteiriças são, essencialmente, cenários de relações dinâmicas. Além disso, as linhas de contorno, que aparecem como a variável mais rígida dentro dos limites da região, estão em constante adaptação às mudanças nacionais ou globais; agora reforçadas pelo processo de integração (ABINZANO, 2005, tradução nossa).

As fronteiras transcenderam a função de linhas divisórias entre nações. Muito além de um marco onde encerra o espaço de um povo e inicia-se o espaço do outro, é uma região de interação tanto de bens materiais como de bens imateriais, principalmente.

As fronteiras apresentam-se no imaginário social como um limite. As fronteiras são mais do que isso. Fronteiras são também elementos simbólicos carregados de ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que impedem, permitem ultrapassar [...]. Ao lado das fronteiras materiais, identificáveis nos mapas, há também as fronteiras simbólicas resultantes de um processo de construção de determinado imaginário social. (MÉLO, 1997, p. 68-60).

Machado (2006 apud LAMBERTI; MARTINS, 2010, p. 41) discorre sobre a diferença entre a fronteira nos termos constitucionais e a fronteira vivida no cotidiano,

enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de controle efetivo do estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é um lugar de comunicação e troca.

Para Lamberti e Martins (2010, p.40),

apesar de serem definidas por lei e por Constituições, (as fronteiras) são áreas de possibilidades permeadas por contatos cotidianos (amizades, trabalhos, serviços e trocas). E é justamente essa possibilidade, em contraste com o limite físico existente, que instiga e fascina pesquisas acadêmicas.

Os traçados divisórios, no entanto, continuam nos mapas, bem como a tentativa separatista, da política nacional, em lançar mão de barreiras físicas impostas impedindo aquilo que é uma forte característica das fronteiras (GAERTNER, 2010). Apesar disso, segundo Oliveira (2009, p.26), as fronteiras se aproximam cada vez mais representando os elos mais firmes de aproximação entre os povos.

as fronteiras, independente da atuação dos organismos políticos, é um ambiente topológico de relações ambíguas que enveredam por tensões, rugas e preconceitos, porém, posicionam-se como nós donde partem os elos da corrente de integração com ricas práticas de cooperação e complementaridade.

Dorffman e Rosés (2005 apud GAERTNER, 2010, p. 46) concluem:

[...] a fronteira distingue os territórios estatais, mas não os torna estanques, na medida em que fluxos de pessoas, objetos e informação cruzam constantemente o limite. Na fronteira criam-se possibilidades de atividades econômicas, atraindo população, inclusive de origens diferentes daquelas das nações em contato, a descontinuidade e justaposição das normas nacionais sendo a origem dessas possibilidades.

Como bem constatou Oliveira (2005), cada fronteira é uma fronteira. A relação com o outro, o grau de reconhecimento dessa relação, a proximidade entre as cidades dentre outros elementos conferem uma realidade específica a cada região fronteira. Porém, a linha

internacional brasileira tem um elemento comum em toda sua extensão: o baixo povoamento. Chega-se ao número de 588 municípios na zona de fronteira considerando toda a extensão da faixa de fronteira – 150 quilômetros da linha demarcatória no sentido interior do país. Levando em consideração apenas as localidades que estão na linha internacional entre os países (em situação de conturbação ou semiconurbação com as cidades estrangeiras), esse número passa para 80, e se a contagem restringir-se aos municípios, esse número cai para metade. Ou seja, ao longo dos 15.719 quilômetros de fronteira brasileira existem 40 municípios distribuídos por sete Estados.

Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro com o maior número de cidades na linha de fronteira, contabilizando 15 municípios. Mato Grosso do Sul e Acre aparecem em segundo lugar, com 11 municípios na linha de fronteira cada um. Em terceiro lugar, está o Estado do Paraná com cinco cidades, depois, os Estados do Amapá e Amazonas, cada um com três municípios, e Santa Catarina tem apenas uma cidade na linha internacional. O baixo povoamento das regiões fronteiriças justifica-se em grande parte pela vocação “atlântica” do país, associada às grandes distâncias e às dificuldades de comunicação das cidades fronteiriças com os principais centros decisórios (BRASIL, 2010). Por vocação “atlântica”, entende-se o olhar e a atenção do Estado direcionados às regiões da porção ocidental do país. O que faz com que as fronteiras estejam em relativo isolamento e à margem das políticas centrais de desenvolvimento.

O Estado de Mato Grosso do Sul faz divisa com dois países latino-americanos, a oeste, com a Bolívia e ao sul, com o Paraguai. A linha divisória, no Estado de Mato Grosso do Sul, tem uma extensão de 1.517 quilômetros. Destes, 386 quilômetros formam a linha internacional com a Bolívia e 1.131 quilômetros separam Brasil e Paraguai. Na fronteira entre Mato Grosso do Sul e a província de German Bush (na Bolívia), encontra-se a cidade brasileira de Corumbá em situação de semiconurbação com Puerto Quijarro (município boliviano), e cinco quilômetros separam as duas cidades. Esta pesquisa, no entanto, considera também o município de Puerto Suárez como cidade integrante dessa região de fronteira por sua proximidade (15 quilômetros de Corumbá) e sua importância econômica na região.

A fronteira do Brasil com a Bolívia, assim como o restante da linha internacional que separa o Brasil dos países vizinhos, é pouco povoada. Oliveira (2009) cita as principais cidades fronteiriças que fazem parte desse cenário: Brasiléia (BR) e Cobija (BO), Guajará-Mirim (BR) e Guayaramerím (BO), localizadas na Bacia Amazônica; Cáceres (BR) e San Ignacio (BO), que se distanciam em 50 km, mas possuem uma comunicação significativa por causa da ampliação das relações comerciais entre Mato Grosso e Santa Cruz de la Sierra (BO); e, a mais importante

ligação entre os dois países, segundo o autor, é a semiconurbação entre a cidade brasileira de Corumbá com as cidades bolivianas de Puerto Suarez e Puerto Quijarro.

As fronteiras podem ser classificadas de diversas maneiras de acordo com sua formação, função, natureza, estado de evolução, dentre outros elementos. Mattos (1990 apud OTA, 2006, p. 37), considera a existência de três categorias de fronteiras: as esboçadas, assim designadas por serem desabitadas ou com demarcação não precisa; fronteiras vivas ou de tensão, em que é possível identificar confronto entre os interesses das populações vizinhas; e fronteiras mortas, consideradas áreas decadentes, onde não existem pressões. Seguindo a classificação de Mattos (1990 apud OTA, 2006), Padrós (1994 apud OTA, 2006, p. 37) considera as fronteiras de Mato Grosso do Sul como vivas e as descreve da seguinte forma:

permeáveis, caracterizadas por zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que tem recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes.

Oliveira (2009), por sua vez, considera quatro tipos de classificação de fronteiras conforme os níveis de integração que surgem das relações fronteiriças, relações essas que podem ser formal e/ou informal.³ O primeiro nível de integração caracteriza a fronteira chamada de distante, que ocorre quando se têm baixos níveis de formalidade e funcionalidade. Com alto índice de funcionalidade e baixa formalidade, surgem as fronteiras crespas. Quando há maior índice de formalidade do que de funcionalidade, têm-se as fronteiras protocolares. Finalmente, com altos índices de formalidade e funcionalidade têm-se as fronteiras vibrantes. Segundo o autor, em uma análise das relações econômicas estabelecidas na fronteira Corumbá–Puerto Quijarro–Puerto Suárez, essa região é considerada como vibrante.

A maioria das regiões concebidas como fronteiras vibrantes estão, ainda segundo Oliveira (2009), localizadas no ambiente das conurbações, sejam cortadas simplesmente por uma avenida ou por um rio. Há ainda casos de semiconurbação, onde as cidades não são ligadas de forma contígua, porém possuem grande interação – caso Corumbá–Puerto Quijarro–Puerto Suárez. Todavia, o autor alerta que conurbações na fronteira não são sinônimos de vibrações positivas; algumas apontam uma funcionalidade excessiva e perigosa.

³É importante ressaltar que, ao analisar as relações formais e informais, Oliveira (2009) considera apenas a seara comercial da região. Dessa forma, determina a relação econômica funcional como as forças que derivam do mercado, concebidas pelas articulações dos atores sociais, enquanto a formal, mais recente, é a consequência de acordos determinados dentro de uma formalidade (quase sempre legal) entre partes interessadas.

Gaertner (2010) discorda de Oliveira (2009) por considerar que o termo vibrante não se encaixa perfeitamente na região em questão se a observação for além das searas comerciais. Como é o caso dos aspectos identitários, pois, segundo a autora, nessa questão há uma fronteira distante, longe dos aspectos funcional e formal. Ela compara: “bem diferente do que acontece com as fronteiras da região sul do Brasil em que o personagem do ser fronteiriço é formado e cultuado há centenas de anos, entre Corumbá e Puerto Quijarro/Puerto Suarez essa construção não aconteceu” (GAERTNER, 2010, p.29).

Nogueira (2005), por sua vez, pondera que uma mesma região fronteiriça pode ser percebida de diferentes maneiras, dependendo de quem a observa. A fronteira controlada é vista pelo Estado e alimentada pelo controle de quem entra e de quem sai. A fronteira percebida é própria da sociedade do interior, motivada pela ideologia do Estado-Nação, de como ele percebe a fronteira. Fronteira vivida tem o significado para a sociedade que está na fronteira e a vivencia cotidianamente. Ou seja, a fronteira assume diferentes significados que variam de acordo com quem a observa (Estado; pessoas alheias a essa realidade e os próprios fronteiriços).

Ota (2006, p. 22) também discorre sobre as fronteiras sul-mato-grossenses:

[...] (as fronteiras) podem ser compreendidas em função da união entre as cidades e dos intercâmbios diários que ocorrem entre as comunidades. No aspecto social, evidencia-se o processo de integração que ocorre diariamente e que faz do espaço fronteiriço um local singular. As relações familiares que foram se estabelecendo ao longo dos anos, em função de laços matrimoniais, formam a base desta representatividade social, e a ausência de barreiras naturais ou artificiais que dificultem o trânsito entre a população das duas áreas colaboram no fortalecimento da convivência entre os povos.

O caso de Corumbá–Puerto Quijarro–Puerto Suárez representa, ainda segundo Ota (2006), uma fronteira mais formal (se comparada à fronteira com o Paraguai). Isso se deve, segundo a autora, pela existência de uma aduana (e, conseqüentemente, a exigência da apresentação de documentos). No entanto, o fluxo de pessoas e mercadorias permanece diário e intenso pela proximidade entre as cidades.

A integração entre essas cidades foi estudada por vários pesquisadores, conforme descrito em Brasil (2005 apud MARTINS, 2010, p. 252, grifo do autor):

Integração espontânea, com pouca intervenção do Estado. Movida principalmente por interesses locais. Admite-se, todavia, que as cidades-gêmeas, dada a maior densidade demográfica e de fluxos, apresentam “grande potencial de integração econômica e cultural”, delimitando espaços mais representativos dos problemas e perspectivas da zona de fronteira.

No mesmo sentido, Martins (2010, p. 246) considera que “não obstante às limitações e divergências, as conversas entre Corumbá e Puerto Suárez acontecem impulsionadas pela

consciência cada vez maior da interdependência e perspectivas representadas pela situação fronteiriça”. Isto faz com que essa região trabalhe não para atender interesses nacionais, mas aos interesses pertinentes a ela mesma. Nas palavras do autor, “mais trocas e comunicação, rompendo com a situação de isolamento relacional com os centros hegemônicos bolivianos e brasileiros, subverte e (re)funcionaliza a fronteira no sentido da afirmação e atendimento aos interesses locais” (MARTINS, 2010, p. 245).

Essa relação de contato com o outro, de forma intensa, desencadeia reflexos em várias ordens, inclusive social:

de todo o modo, temos constatado que a ampliação da condição fronteira, na junção semi-conurbada, vem estabelecendo vetores para consolidação de uma nova consciência mais integracionista (em ambos os lados); tem mexido com as tessituras e as redes territoriais e, como efeito, tem embaralhado as definições e ambiguidades das cidades brasileiras e bolivianas. E, mesmo com todo o preconceito existente, observa-se a ampliação do convívio social. (OLIVEIRA, 2009, p.41).

Müller et al. (2010, p. 118-119) também evidenciam a fronteira como espaço de intersecção e de intenso convívio social, sendo capaz de fazer surgir uma nova identidade, pois

são espaços nos quais o local e o internacional se entrelaçam, estabelecendo vínculos e dinâmicas próprias, construídas e reforçadas pelo homem fronteiriço. Neles estão presentes as identidades e as culturas nacionais de cada um dos países envolvidos. Acreditamos que ali também é construída, reelaborada uma outra cultura e identidade diferenciada, capaz de dar conta da demanda específica do local.

Concordando com Müller et al. (2010), Oliveira (2009) acrescenta que a ampliação do convívio social na fronteira gera o que se pode considerar um sentimento de pertencimento fronteiriço, que surge ao ser reconhecido um espaço de tangência entre as nações.

A condição fronteiriça marca a região, criando a possibilidade de formação de outra identidade. A hegemonia das circulações advindas das complementaridades (capital, trabalho e serviços) entre brasileiros e bolivianos consolida um cotidiano que, mesmo absorvido de modo diverso no conjunto populacional, as pessoas convergem para um comportamento coletivo muito próximo, seja de aversão ou de acessão. (OLIVEIRA, 2009, p. 37).

Essa outra identidade extrapola o “eu brasileiro” ou o “eu boliviano” para ser a intersecção dessas duas identificações, o que é considerado como “ser fronteiriço”. Costa, G. (2010) explica que, para entender as configurações sociais que se constroem na região de fronteira, é preciso considerar que, apesar do papel estratégico das fronteiras para os Estados nacionais, não é possível menosprezar a construção local do espaço social.

os moradores da fronteira sentem-se no direito de ultrapassar as barreiras nacionais, e o fazem cotidianamente, ou seja, indivíduos dos dois lados da linha divisória entre os estados nacionais fomentam laços sociais que vão além das meras relações comerciais e da manutenção dos negócios fronteiriços. Esta movimentação de pessoas, tradições e mercadorias nesta região demonstra que a fronteira representa, para seus habitantes, tanto um recurso econômico como social (COSTA, G., 2010, p.71).

Por ser a fronteira um espaço de integração de dois territórios em um mesmo lugar, que influencia no dia a dia dos que dividem essa realidade, Nogueira (2007 apud MARTINS, 2010) considera que a convivência com o “outro”, com o diferente, é o dado primordial da fronteira; além de constituir a fonte de referência identitária na construção do ser fronteiriço. A identidade nacional, no entanto, não é oprimida, como explica Oliveira (2009, p. 27):

as localidades fronteiriças desenvolvem relações interculturais sem, contudo desmotivar a identidade nacional. Senão o contrário. O sentimento de pertencer à Nação está circunscrito no comportamento da população, o que, por vezes, sustenta e reforça os seus símbolos.

Segundo Costa, G. (2010), em uma análise da fronteira Corumbá–Puerto Quijarro–Puerto Suárez, os moradores podem (e o fazem) manipular a fronteira de acordo com seus interesses, utilizando essa situação ambígua em proveito próprio, ou seja, os atores sociais atribuem significados para a fronteira forjando suas identidades segundo seus interesses e sentimentos: “em momentos, existe um sentimento de alteridade nacional, e em outros, a fronteira agrega e gera um sentimento de pertencimento e coesão em torno da identidade fronteiriça que transcende a nacional” (COSTA, G., 2010, p.74).

Existem momentos para se assumir como fronteiriço e nem todos os setores sociais se reconhecem como tal. Indivíduos que possuem recursos econômicos não consideram a fronteira com a Bolívia como um fator identitário pessoal ou coletivo,

nota-se o discurso que refere imediatamente o “fronteiriço” ao boliviano, que vive em Puerto Quijarro ou Puerto Suárez e nunca em relação a si mesmos, como se Corumbá não fosse uma cidade de fronteira [...]. É preciso destacar, também, que mesmo entre os indivíduos e grupos sociais que dependem da fronteira para sobreviver, a identidade de “fronteiriço” não é verbalizada e denominada de maneira geral pela cidade. Este discurso será acionado apenas na medida da necessidade para obtenção de benefícios sociais. (COSTA, G., 2010, p. 77-78, grifo do autor).

Em concordância com Costa, G. (2010), Pesavento (2002, p. 36) explica que o conceito de fronteira não se restringe a questões que dizem respeito apenas a oposições ou analogias. “Existem neste espaço tanto princípios de reconhecimento quanto diferenças, produzindo um jogo permanente de interpenetração e conexões variadas”. Dessa forma, se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os outros com relação ao indivíduo e vice-versa. Ou seja, “é justamente pelo contato com outro, com estrangeiro fronteiriço que se forja e reafirma a construção do sentimento de pertencer à nação” (COSTA, G., 2010, p.141).

Levando em conta os argumentos e explicações citados, percebe-se a fronteira como espaço de interações, contatos e fluxos sociais, econômicos e culturais movidos por diferenças

e pelo limite internacional (MACHADO, 2006 apud LAMBERTI; MARTINS, 2010). A diferença é o que os distingue em brasileiros e bolivianos e as interações fazem com que sejam os “fronteiriços”; ignorando, nessas ocasiões, as diferenças de nacionalidade. Esses momentos ora de separação, ora de união entre eles, acontecem a todo o tempo e conforme a necessidade.

Como mencionado anteriormente, ao longo dos 386 quilômetros que constituem a linha internacional entre Brasil e Bolívia - dentro do Estado de Mato Grosso do Sul - Corumbá é considerada a ligação mais importante entre os países. Sua origem, que está associada ao início do povoamento do sul do antigo território pertencente ao Estado do Mato Grosso, está profundamente ligada ao conceito de fronteira como demarcação e separação de territórios. Dessa forma, considera-se importante entender que a formação dessa cidade, que surgiu antes da independência do país e que é considerada a mais antiga do seu Estado, está intrinsecamente relacionada com os objetivos deste trabalho. Isso porque a maneira como os meios de comunicação enxergam, tratam e representam a fronteira e, em especial, os vizinhos bolivianos, tem raízes profundas que se sustentam na história dessa região. Por isso, o trabalho caminha para refletir sobre a constituição desse espaço, seus conflitos e disputas, no intuito de contribuir para entender e sustentar a representação da Bolívia e da fronteira no telejornalismo fronteiriço produzido em Corumbá.

2.1 A fronteira com a Bolívia em Mato Grosso do Sul

A divisa com a Bolívia é a porção mais extensa da fronteira terrestre brasileira. Didaticamente, essa fronteira é dividida em três trechos, a parte norte, que compreende a foz do rio Yaverija (ponto tripartite Brasil–Bolívia–Peru); a região central, que passa pelos rios Madeira, Mamoré e Guaporé (Estados de Rondônia e Mato Grosso no Brasil e Departamento do Beni e Santa Cruz na Bolívia); e a porção sul da fronteira, que abrange o rio Paraguai (região tripartite Brasil–Bolívia–Paraguai), percorrendo os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no Brasil e Departamento de Santa Cruz na Bolívia (XAVIER, 2006).

A linha divisória entre o Brasil e a Bolívia nem sempre foi assim; vários tratados foram assinados para demarcar suas terras. Os acordos começaram antes mesmo da independência deles, com o Tratado de Madri (1750), quando Portugal e Espanha, respectivamente, eram os “donos” desses territórios. Até a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903) – o último, que acordou definitivamente os limites entre os vizinhos –, houve períodos de tensão entre esses países. Os momentos mais apreensivos, porém, se concentraram entre a região central e norte da fronteira, onde hoje estão os Estados de Mato Grosso e Rondônia. O espaço fronteiriço, que

corresponde, atualmente, ao Estado de Mato Grosso do Sul, não foi o ponto principal de impasse entre esses países. Foram com o Paraguai, as mais substanciais disputas do sul do então Mato Grosso. Conflitos esses que compõem a história dessa região e da cidade de Corumbá.

Entre o Brasil e a Bolívia, as principais confluências e divergências em suas relações referem-se à definição de limites, à convivência fronteiriça e ao sistema de comunicações prioritariamente na bacia amazônica. Xavier (2006, p.4) fala sobre essas questões:

Os dois problemas estruturais básicos entre o Brasil e a Bolívia foram os limites e a navegação dos rios. A resolução desses problemas contou com a capacidade de atuação dos condutores da política externa de ambos países e com o papel que cada um exerceu no contexto regional. Outro elemento a ser considerado foi a ocupação das regiões fronteiriças. No caso do Brasil, a fronteira oeste contava com uma organização política regional estruturada, embora com baixa densidade demográfica. No lado boliviano, a situação era mais complicada, uma vez que a Bolívia havia se desenvolvido na direção do Pacífico, em detrimento de uma ocupação mais efetiva de sua fronteira leste.

A linha internacional entre esses dois países foi feita e refeita mais de uma vez. A primeira delas foi quando os dois países ainda eram colônias, precisamente em 1750, com o Tratado de Madri, que estabeleceu os domínios espanhóis e portugueses, dando vantagem à Coroa Portuguesa que cedeu o estuário da Prata e recebeu os atuais Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e o atual Estado de Mato Grosso do Sul (MAGNOLI, 2003). Ainda no período colonial, o Tratado de Santo Ildefonso (1777) estabeleceu o domínio espanhol sob duas regiões, que hoje pertencem ao Uruguai e outra, à região oeste do Rio Grande do Sul, enquanto Portugal se apossou da Ilha de Santa Catarina (MAGNOLI, 2003).

Depois de independentes, os dois países assinaram o Tratado de Ayacucho em 1867, em que o ponto mais polêmico foi sobre a região acriana, que ficou sob o domínio espanhol (SANTOS, 2012). Xavier (2006) explica que o Brasil assinou o tratado por estar no meio da Guerra da Tríplice Aliança⁴ e, temendo que a Bolívia apoiasse o Paraguai, aceitou o tratado. Em 1903, porém, foi assinado o último acordo, que discutia os limites entre os dois países, o Tratado de Petrópolis, que tinha como principal pontuação o retorno do Acre ao território brasileiro. A compensação foi um ressarcimento pecuniário e o compromisso, por parte do Brasil, da construção de uma ferrovia que permitisse transpor a barreira das corredeiras no acesso ao principal afluente do rio Amazonas na região, o rio Madeira (GISBERT, 2011).

⁴A Guerra do Paraguai teve início em 1864 e terminou em 1870, com a derrota do Paraguai para os países que formaram a chamada Tríplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai. A principal causa da guerra estava relacionada a política expansionista do governo paraguaio Solano López pretendia formar o Grande Paraguai, a partir da invasão e anexação do Uruguai, de partes do território argentino e das províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e Mato Grosso (AMAYO, 1995).

Para tratar especificamente do recorte geográfico deste trabalho, a fronteira entre Brasil e Bolívia, que está no Estado de Mato Grosso do Sul, é preciso voltar um pouco mais no tempo, anteriormente ao Tratado de Madri de 1750. Antes do descobrimento do Brasil, portugueses e espanhóis assinaram o Tratado de Tordesilhas (1494), que dividia, entre eles, a posse dos territórios que hoje correspondem à América do Sul. No século XVI, a Coroa Portuguesa iniciou a ocupação efetiva do solo da nova colônia na América, o Brasil. Depois da apropriação da faixa litorânea do país, os portugueses precisaram ocupar os “vazios” do interior do território como forma de garantir seus domínios sob as terras que lhe pertenciam. Segundo Corrêa, V. (1973), o desbravamento no interior do país aconteceu de forma diferente em cada região: a penetração do sertão nordestino deu-se pela pecuária e pela cana-de-açúcar. A ocupação da região Amazônica foi desenvolvida por colonos e por padres, que foram responsáveis pela catequese dos índios. Já o ingresso na região Sul e Centro-Oeste, foi encabeçado pelos paulistas (segunda geração de portugueses que se instalaram na cidade de São Paulo).

Antes dos portugueses, no entanto, o território que hoje corresponde ao Mato Grosso e Mato Grosso do Sul estava em posse da Coroa Espanhola de forma que foram os espanhóis os primeiros a percorrerem e explorarem essa região,

os exploradores vieram comandando expedições a serviço da Coroa da Espanha por grande parte do território mato-grossense. O passo seguinte foi o surgimento das missões por iniciativa dos jesuítas espanhóis, com objetivos estratégicos de, através da nucleação indígena, ocupar espaços e, áreas intermediárias nos Impérios ibéricos no Novo Mundo. (CORRÊA, L., 1999, p. 17).

Foi em busca, primeiramente, de índios - para mão de obra canavieira - que os bandeirantes se aventuraram na região de Mato Grosso; e a descoberta de metais preciosos foi razão motivadora para que os portugueses desrespeitassem o Tratado de Tordesilhas e avançassem tomando o território espanhol (CORRÊA, V., 1973). A descoberta de metais preciosos chamou a atenção de pessoas de vários lugares, o que resultou na formação de arraiais e vilas. Corrêa, V. (1973, p.8) explica que,

até o ano de 1748, a região pertencia à Capitania de São Paulo. Após esta data, o território foi desmembrado dando origem a Capitania de Mato Grosso. Os primeiros governadores a frente da Capitania de Mato Grosso tinham como principais objetivos estimular o desenvolvimento de povoados, organizar a defesa militar, controlar o elemento indígena e, principalmente realizar levantamentos cartográficos das vias navegáveis, pois eram o único meio de comunicação existente na região.

O ouro encontrado às margens do rio Coxipó fez com que fosse fundada a cidade de Cuiabá e trouxe paulistas e outros colonos portugueses para essas terras remotas. Corrêa, L. (1981) relata que, nas primeiras décadas da ocupação da nova capitania, a preocupação maior

de seus governadores foi manter a segurança e vigilância do norte da província em detrimento de sua região meridional, que permaneceu por essa mesma época em quase completo abandono. Porém, apesar do inicial descaso atribuído à região sul da capitania, o perigo de uma invasão castelhana rumo ao norte pela rota fluvial da bacia do Paraguai tornou imperiosa para a metrópole lusa uma ocupação de toda a zona intermediária entre os dois impérios. Percebe-se, desde a formação do território, o descaso em relação à região fronteira que tem a atenção do Governo apenas em situações de prejuízos em âmbito nacional.

Ainda segundo Corrêa, L. (1981), bandeirantes, apresadores de índios e aventureiros atravessaram os territórios ao sul (o que veio a ser, mais tarde, Mato Grosso do Sul), pois essa região despertou grande interesse por abranger os pantanais do rio Paraguai e por ser formada por terrenos extremamente propícios ao desenvolvimento da pecuária. Contudo, os desbravadores encontraram alguns obstáculos, como a autora menciona:

o interesse pela anexação desses imensos territórios esbarrou em dificuldades sem par, especialmente no que consistia à existência nessa região de grupos indígenas que representavam grande empecilho à penetração desse território e à sua defesa (CORRÊA, L., 1981, p.18).

Para assegurar as terras, o governador da província Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres decidiu promover a ocupação e a fortificação de um ponto importante do rio Paraguai: ordenou a construção de um forte no extremo sul da capitania, na região do Fecho dos Morros – paragem montanhosa a vinte dias de canoa de Cuiabá (FUNCEB, 2001). Em 1775, foi construído o Forte Coimbra (Figura 1), porém, o local em que se levantou o Forte, foi erroneamente escolhido, estava a 40 léguas ao norte do Fecho dos Morros (FUNCEB, 2001). O surgimento da cidade de Albuquerque – hoje, chamada de Corumbá – está diretamente relacionado com o Forte, como explica Corrêa, L. (1981, p. 22):

logo após a instalação do Coimbra, houve imediata preocupação em situar um local favorável para que fosse fundado um povoado às margens do rio Paraguai, ao norte do forte recém-estabelecido e a meio caminho da sede da Capitania de Mato Grosso [...]. Em 21 de setembro de 1778 foi fundada a povoação sob nome de Albuquerque, que mais tarde seria nomeada de Corumbá.



Figura 1 - Forte Coimbra. Corumbá, MS*.

*Construído em 1775 para proteger a região de fronteira da invasão de estrangeiros.

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. **Perfil socioeconômico de Corumbá**. Corumbá, MS: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.corumba.ms.gov.br/perfil/index.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

O povoamento e a colonização de Corumbá tiveram como objetivo inicial constituir um ponto de suprimentos e socorros, como apoio às guarnições de fronteira. Tanto Corumbá quanto outros vilarejos que surgiram na região de fronteira do sul do Mato Grosso não despertaram a atenção da Coroa Portuguesa, que as desamparou, desenvolvendo nessas regiões condições de extrema pobreza. A situação de abandono, a falta de desenvolvimento e a miséria contribuíram para o surgimento de um clima hostil, como explica Corrêa, L. (1999, p. 29-30):

Descaso ou mesmo impotência dos representantes da metrópole lusa frente aos pesados encargos para prover tão vasto império, explicariam o desamparo em que permaneceu a fronteira sul do Mato Grosso. Somente diante do perigo iminente de invasões eram mobilizados os poucos recursos da capitania no amparo à fronteira havendo, contudo, longos intervalos de completo abandono da região quando se acreditava estar afastado o risco de uma possível invasão [...]. A decadente situação da Província de Mato Grosso contribuiu para a existência de um clima propício à violência na região fronteira. Em vista de sua localização geográfica, distante dos centros econômicos da província, eram os habitantes da fronteira os que mais sentiam os reflexos desta crise econômica.

Mesmo com a independência brasileira, a situação de abandono permaneceu. A comunicação com as demais regiões era prejudicada pelo difícil acesso à região sul do então Mato Grosso. Nesse contexto, o rio Paraguai foi, até a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil⁵, a principal (e durante muito tempo, a única) via de comunicação dessa região com

⁵A necessidade de garantir a comunicação no extenso território brasileiro, no final do século XIX e início do século XX, foi o grande impulsionador do desenvolvimento do setor de transporte no território nacional. Foi nesse cenário de expansão que começou a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), ligando o litoral paulista, em Santos, com as fronteiras do Brasil com a Bolívia, em Corumbá, atualmente no Estado do Mato Grosso do Sul (IPHAN, 2009).

o restante do país e com outros países também. Era por meio do rio que chegavam os produtos importados e que se exportavam as matérias-primas produzidas (CORRÊA, V. 1973). A navegação pela Bacia do Prata, no entanto, estava, antes da guerra da Tríplice Aliança, sujeita às irregulares e conflituosas relações entre o Brasil e o Paraguai, que, “por inúmeras vezes e sob diversos pretextos (o Paraguai), impedia o franco acesso de embarcações brasileiras e estrangeiras rio acima, mesmo em tempos de paz” (CORRÊA, L., 1999, p. 83).

Apesar do seu isolamento, a região foi alvo constante de disputas, desde os anos seiscentos - quando os portugueses ignoraram o Tratado de Tordesilhas e anexaram as regiões, que correspondem ao Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ao Brasil (que antes pertenciam à Espanha) - e depois com as várias investidas do Paraguai na tentativa de tomar a região sul do então Mato Grosso, até a última delas, a guerra da Tríplice Aliança, em que Corumbá ficou dois anos sob o poder do país vizinho.

em dezembro de 1864 tropas paraguaias invadem o território brasileiro. Corumbá fica durante dois anos sob o poder do Paraguai. Apenas em 1867, o tenente coronel Antônio Maria Coelho invade a vila de Corumbá retomando-a depois de dois anos em poder do inimigo. (CORRÊA, V., 1973, p.16).

Por conta das constantes disputas, a região fronteiriça do sul do então Mato Grosso ficou conhecida, segundo Melo e Silva (2003), como “fronteiras flutuantes”. Apesar da guerra contra o Paraguai ter deixado a região, especialmente a cidade de Corumbá, em estado de calamidade, como relatam em seus trabalhos Corrêa, L. (1981, 1999) e Corrêa, V. (1973), foi depois dela que Corumbá e a região começaram seu período de desenvolvimento. Como explica Corrêa, L. (1981, p.125-126):

uma das consequências da guerra com o Paraguai transformou-se no fator mais relevante de seu desenvolvimento comercial, qual seja, a livre navegação das águas do rio Paraguai até seu porto. Tal situação proporcionou à cidade um contato estreito e mais intenso com o estrangeiro, sobretudo com as cidades platinas (Montevideo, Buenos Aires, Assunção, etc.), do que com seu próprio país e seu centro de decisão (Rio de Janeiro). E, nessa perspectiva, Corumbá foi também uma porta de entrada de capitais estrangeiros região de Mato Grosso via Bacia do Prata.

A aproximação comercial de Corumbá com as cidades platinas proporcionou também o intercâmbio da língua e cultura, o que é facilmente percebido até hoje na cidade. A partir da livre navegação na Bacia do Prata foi que Corumbá se desenvolveu e viveu o ciclo do comércio importador-exportador que, como pontua Corrêa, L. (1981), apesar de intenso e lucrativo, não gerou benefícios para a cidade, exceto riquezas rápidas e consideráveis a um pequeno grupo, majoritariamente estrangeiros (árabes, principalmente). A cidade tornou-se um centro cosmopolita onde predominou o elemento estrangeiro nas atividades comerciais.

Os anos de intensa prosperidade e desenvolvimento em Corumbá tiveram um fim. A cidade iniciou seu período de decadência quando o rio Paraguai deixou de ser a principal via de comunicação e transporte no Mato Grosso. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil é apontada por muitos pesquisadores como a responsável pelo fim dos anos de glória da Cidade Branca e também pelo desenvolvimento e futura elevação de Campo Grande à condição de capital do posteriormente criado Estado de Mato Grosso do Sul, como explica Corrêa, L. (1981, p. 127-128):

A cidade de Corumbá que nasceu e cresceu com o rio, iniciou sua decadência como centro comercial quando o rio Paraguai perdeu sua função de principal artéria de comunicação e transporte na extensa região de Mato Grosso. A construção e o funcionamento regular da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que desviou o fluxo dos transportes e comunicações da Bacia do Prata para o interior do país, dinamizou e interiorizou o processo de modernização e desenvolvimentos dessa região sul. Para o centro urbano-comercial de Corumbá, a estrada de Ferro Noroeste do Brasil constitui-se num fator de sua decadência, na medida em que deslocou o eixo econômico do estado de MT para um novo ponto estratégico na confluência de vias férreas e rodoviárias: Campo Grande.

Atualmente, Corumbá é a quarta maior cidade do Estado com 108 mil habitantes, com renda *per capita* de 627,10 reais. Considerando as pessoas de dez anos ou mais, 94% delas são alfabetizadas e seis por cento vivem em extrema pobreza. Apesar de o setor industrial ser incipiente, a arrecadação gerada por ele supera os setores de pecuária e agricultura. Na indústria de transformação, é representativa a produção de cimento, calcário, laticínios e os estaleiros. Outra atividade industrial importante é a extração mineral (ferro e manganês, além de calcário e areia para a fabricação de cimento). Por causa da natureza de suas rochas, o Maciço do Urucum possui grandes reservas minerais, com destaque para o manganês (maior reserva do Brasil) e o ferro (terceira maior do Brasil) (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ, 2010).

A cidade encontra-se à margem do rio Paraguai e sobre uma borda do Maciço do Urucum; 75% dos 65 mil quilômetros quadrados do município são constituídos de pantanais. Desde 1962, o conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico de Corumbá está sob a proteção, por meio do tombamento federal, do Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 2000). Isto contribui para a cidade manter, até hoje, importantes características que ajudam a contar a história do seu surgimento, como o caso do Forte Coimbra, o Forte Junqueira, as ruas de paralelepípedos e os prédios que preservam a arquitetura original do século XIX (Figuras 2 e 3).



Figura 2 - Arquitetura de Corumbá, MS*.

*Prédios com arquitetura original do século XIX. Rua de paralelepípedo.

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. **Perfil socioeconômico de Corumbá.** Corumbá, MS: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.corumba.ms.gov.br/perfil/index.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.



Figura 3 - Museu da História do Pantanal. Corumbá, MS*.

*Inaugurado em 2008, o Museu da História do Pantanal é sediado em um antigo casarão onde funcionava um armazém na época do ouro do comércio fluvial em Corumbá.

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. **Perfil socioeconômico de Corumbá.** Corumbá, MS: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.corumba.ms.gov.br/perfil/index.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

Integrando a região fronteira estudada, têm-se as cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, pertencentes à província de German Bush. A Bolívia tem divisão territorial e política diferente da brasileira. Nela, a divisão é em Estado Plurinacional : departamentos–províncias–municípios–territórios indígenas, originários campesinos (GAERTNER, 2010). Os departamentos correspondem aos Estados brasileiros e as províncias, às sub-regiões dos Estados. Dessa forma,

Puerto Quijarro e Puerto Suárez situam-se na Província de German Bush, pertencente ao Departamento de Santa Cruz, que tem como capital a cidade de Santa Cruz de La Sierra.

A cidade fronteiriça Puerto Quijarro dista 660 quilômetros da capital de seu Departamento, dez quilômetros de Puerto Suárez e cinco quilômetros de Corumbá. O município foi fundado por Antônio Quijarro em 18 de junho de 1940 e surgiu por causa da implantação da estrada de ferro que liga o Brasil a Santa Cruz; a estação ferroviária conecta a região de fronteira com o restante do país. A cidade ocupa um território de 2.033 quilômetros quadrados, é formado por dois distritos: Puerto Quijarro e Arroyo Concepción, duas comunidades rurais e três indígenas, totalizando 16.778 habitantes. A economia é baseada na exportação de cereais e derivados, por meio do porto fluvial Puerto Aguirre (Zona Franca), localizado no Canal do Tamengo, entre Puerto Suárez e Puerto Quijarro. A produção agrícola do município é limitada pelas características do território, que tem extensas áreas alagadas; a pecuária é uma atividade tradicional na região. O comércio (formal e informal) de produtos importados atrai turistas por oferecer preços atrativos, destacando essa atividade na economia do município (SEBRAE-MS, 2011).

Puerto Suárez é um dos povoados fronteiriços mais antigos do Departamento de Santa Cruz e foi fundado em 1876 por Miguel Suárez Arana às margens da baía Cáceres, à margem direita do rio Paraguai, e a quinze quilômetros de Corumbá. O município produz e exporta soja, milho, feijão e cítricos; o turismo de compra ajuda a movimentar a economia e a pecuária é basicamente para consumo interno. Duas línguas, além do espanhol, são faladas em Puerto Suárez: *quéchua* e *aymara* que são idiomas nativos. Oitenta e três por cento da população fala somente a língua espanhola, enquanto 16% conseguem se comunicar por meio do espanhol e por uma das línguas nativas. O nível de desemprego é elevado, assim como a taxa de analfabetismo: 4,3% da população não sabe ler e escrever. O município tem extensão de 11.965 quilômetros quadrados e contabiliza 15.885 habitantes (SEBRAE-MS, 2011).

A condição de semiconurbação em que Corumbá–Puerto Quijarro–Puerto Suárez se encontram e o isolamento político e econômico dessas cidades em relação ao seu país tornaram a fronteira um elemento de aproximação, um elemento comum. Essa proximidade, no entanto, não significa contatos tranquilos e convivência serena. A fronteira, ao se tornar um elemento de aproximação entre esses povos, proporcionou o contato e a convivência diária de brasileiros e bolivianos, que a usam para benefício próprio, com interesses, na maior parte das vezes, conflituosos, fazendo dessa região um local de tensão. Em contrapartida, há momentos em que a fronteira une brasileiros e bolivianos em um objetivo comum, direcionando esses cidadãos a um interesse compartilhado, unindo-os em uma comunidade: a fronteiriça. As regiões de

fronteira, pelas suas características ímpares, inspiram uma conduta diferente, seja na manutenção da segurança, na condução da saúde pública, das políticas sociais e até mesmo no jornalismo diário. Isto porque nenhuma dessas atividades pode desconsiderar o fluxo intenso de pessoas, moeda, cultura, bens, dentre outros elementos que ultrapassam a fronteira diariamente, assim como não se pode desconsiderar a presença do outro no seu cotidiano, compartilhando o mesmo espaço e serviços (educação, saúde, emprego).

2.2 O papel da mídia na fronteira

A fronteira é considerada, neste trabalho, em sua dimensão cultural e não só como um espaço geopolítico de demarcação de limites. Por isso, pensar o fenômeno fronteira requer uma reflexão ampla que atenda a vários fatores que lhes são intrínsecos e que fazem parte das dinâmicas sociais de diferentes contextos vivenciados nessas regiões. Já foram abordadas, neste trabalho, algumas dessas questões, como o convívio social, a questão da nacionalidade, os aspectos históricos, entre outros. A partir deste momento, os esforços serão concentrados para reflexões sobre o papel da mídia na região de fronteira e, posteriormente, será fechado o discurso especificamente no telejornalismo na fronteira do Brasil (MS) com a Bolívia.

Atualmente, é difícil compreender a vida dos grupos sociais sem os meios de comunicação de massa, os quais se encontram presentes no cotidiano das pessoas. Nas regiões mais periféricas, como é o caso do recorte geográfico deste trabalho, a mídia local desempenha papel fundamental no cotidiano dos indivíduos, uma vez que a distância dos grandes centros (tanto no caso de Corumbá quanto de Puerto Quijarro e Puerto Suárez) faz com que se tornem isolados midiaticamente, tendo pouca cobertura sobre essas regiões na mídia nacional. Müller (2003, p.68), fazendo referência à mídia local, em pequenas comunidades, lembra que ela “torna-se palco e, ao mesmo tempo, agente dos acontecimentos devido sua proximidade com a população e com as instituições sociais do local onde está inserida”. Camponez (2002, p.19) destaca, na imprensa local,

[...] a sua forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. [...]. A imprensa local constrói-se nesse compromisso com a região e com as pessoas que a habitam.

Em virtude da quantidade de veículos e de informações disponíveis na contemporaneidade, as pessoas tendem a selecionar os meios com os quais mais se identificam ou lhe são mais acessíveis. Por isso, a importância das mídias locais, que retratam o contexto

da região em que estão inseridas, trazendo a sensação de proximidade e, muitas vezes, pertencimento do que é veiculado. Ota (2011, p.8) relata sobre o papel da mídia local, principalmente, quando inserida em região de fronteira,

Em comunidades interioranas, caso da fronteira sul-mato-grossense, devemos considerar o papel que a mídia local representa, tornando-se agente dos acontecimentos devido a sua proximidade com a população e com as instituições sociais onde está inserida. Neste contexto, a mídia configura-se também como uma construtora simbólica do conceito de fronteira em seus pontos de negociação e de tensão, tendo em vista a proximidade geográfica e a internacionalidade da vida local, representada pela vivência cotidiana das comunidades.

A mídia de fronteira não se limita ao trabalho dentro do seu país de origem. O caráter dinâmico da fronteira, o intercâmbio de mercadorias, moedas, costumes, informações, culmina em uma vivência compartilhada entre os indivíduos de nações diferentes. Os atores sociais inseridos nesse contexto passam a dividir, em determinadas situações, uma mesma realidade; dessa forma os meios de comunicação não trabalham (ou não deveriam trabalhar) especificamente para uma ou outra nação, se não que são consumidos pela comunidade fronteiriça como um todo. Em um estudo sobre apropriação dos bens simbólicos na fronteira Brasil-Argentina, Brandalise (2012, p. 190) aborda sobre o papel televisão na representação que os indivíduos constroem do “outro”, que está depois da linha de fronteira. Segundo ela,

É a partir do cotidiano e da televisão que os argentinos e brasileiros constroem suas representações acerca das relações entre Brasil e Argentina (...) As representações que uns constroem sobre os outros partem do confronto que se dá em um cotidiano que articula herança regional comum, identidade nacionais distintas e o consumo de bens simbólicos comuns.

Para Zurita (2004, p.64), o jornalismo deve servir como mola propulsora dos processos de integração entre os países.

El periodismo es un instrumento al servicio de la integración entre naciones. Acreciente entre los Estados esferas de mutuo dialogo y cooperaci6n, y estimula el fomento de la paz y la solidaridad, encarando a los problemas sociales, especialmente, a los conflictos limítrofes, y a toda classe de antagonismos⁶.

Cancio (2011) ressalta, porém, que o jornalismo trabalha com questões sociais complexas e, da mesma forma como existem as situações de integração, também acontecem muitos conflitos. Os meios de comunicação em regiões de fronteira abordam assuntos de interesse mútuo (aos países), mas nem sempre no sentido de proporcionar interação entre as nações; ao contrário, “na fronteira procedimentos jornalísticos relacionam-se com as

⁶O jornalismo é uma ferramenta que trabalha para a integração entre nações. Proporciona entre os Estados, espaço para o diálogo e cooperação mútua e incentiva a promoção da paz e da solidariedade, enfrentando os problemas sociais, especialmente os conflitos vizinhos, e todos os antagonismos de classe (ZURITA, 2004, tradução nossa).

características e o peso histórico de cada uma dessas localidades e com os equívocos e os estereótipos que são cultivados pelas populações dos dois lados” (CANCIO, 2011, p.52). Cabe aqui, a reflexão de Portugal (2004, p.100) sobre a complexidade da atividade jornalística na fronteira. Segundo ela,

hacer periodismo en zona de frontera es una tarea árdua, doblemente complicada y de extrema responsabilidad, em razóns de que nuestros mensajes, las más de las veces, Suelen com falicidad irrumpir involuntariamente al outro lado de la frontera y, as veces, transtornar al vecino⁷.

Sobre a especificidade do jornalismo de fronteira, Cancio (2011) explica que não está no formato, mas no entendimento de que esse jornalismo é local, pois, ao mesmo tempo, extrapola as fronteiras nacionais para fazer parte do cotidiano de outra nação que, mesmo estando em território diferente, compartilha da mesma realidade. Nas palavras do autor,

o fazer jornalístico em uma região de fronteira possui certas características que, de alguma forma, o diferenciam de outras regiões. Não chega a ser diferente no formato, mas na forma de entender o vizinho próximo. (...) Na fronteira o interesse informativo de um lado e de outro podem se chocar. Há que se ter uma visão ampla a respeito dos dois lados para que a informação tenha valor para as duas sociedades. (...) Fazer jornalismo em uma região de fronteira não é tarefa fácil para os profissionais. Exige, além da técnica e ética jornalística, um conhecimento maior a respeito de seu próprio país e do país vizinho localizado bem a frente. Entender o outro com capacidade intelectual e analisar constantemente questões culturais, políticas, sociais e econômicas de outro país. Ao mesmo tempo, pesquisar temas e enfoques que tenham interesse jornalístico em seu próprio país. (CANCIO, 2011, p.51).

As regiões fronteiriças são marcadas por elementos de aproximação e repulsão, semelhanças e diferenças, interesses comuns e interesses específicos, o que as tornam um local de tensão, permeado pela relação entre “nós” e “eles”, entre o local, o nacional e o global. Essas características que formam o cotidiano fronteiriço são mediadas rotineiramente pelos meios de comunicação que se encontram nessas regiões, contribuindo para a formação da cultura local. Compartilhando dessa perspectiva, Müller e Raddatz (2010, p. 228) refletem sobre a importância da mídia nas regiões fronteiriças:

Por intermédio dos meios de comunicação as audiências fazem não só uma leitura do mundo, mas principalmente daquilo que as cercam, ou seja, os meios traduzem também a cultura local. Muito das identidades que se formam vem dessa leitura. A partir das mídias há novas possibilidades de ação e interação

Nesse jornalismo local e ao mesmo tempo nacional, que é o fronteiriço, surgem questões sobre onde e como o “outro” é situado nas produções jornalísticas, uma vez que o entrelaçamento entre as culturas emerge nos textos, nas falas e nas imagens dos meios de

⁷Fazer jornalismo em áreas de fronteira é uma tarefa árdua, duplamente complicada, e de extrema responsabilidade. Isso porque as mensagens brasileiras, na maior parte das vezes, podem, geralmente de maneira involuntária, chegar ao outro lado da fronteira e desagradar o vizinho (PORTUGAL, 2004, tradução nossa).

comunicação (MÜLLER et al., 2010). Por ser considerada como um instrumento de visibilidade, a mídia assume o papel de um dos elementos constitutivos do espaço público. Por meio dela “passa” a realidade, mas é também nela que essa realidade se elabora (CHARADEAU, 1994 apud MÜLLER; OLIVEIRA, 2005, p.7). Os meios de comunicação de massa deixam, cada vez mais, de serem reprodutores do que se passa no mundo, para assumirem o papel de sujeitos, inserindo-se como agentes e participando ativamente dos rumos tomados pela sociedade. Dessa forma,

[...] a mídia torna-se elemento fundamental para definir e manter as estruturas vigentes. Através de mecanismos próprios de seu fazer, os meios de comunicação intervêm e “constroem” os acontecimentos. Podemos dizer que o discurso jornalístico é um metadiscurso, como se refere França (19997), um discurso que se constitui a partir de outros; não uma simples repetição, sua construção cria uma nova realidade [...] decidindo quem são os autores convidados, qual o cenário a ser apresentado, e, influenciando, participando dos movimentos em curso. (MÜLLER; OLIVEIRA, 2005, p.6, grifo dos autores).

Por isso, considera-se que observar o papel da mídia nesses lugares permite visualizar como se dão as relações entre diferentes culturas. Isto porque os meios de comunicação refletem os fazeres e as práticas das comunidades em que estão inseridos, por meio das pautas e das reflexões que estabelecem com o seu público a partir da programação (MÜLLER; RADDATZ, 2010). Reconhecendo a importância da mídia no contexto social, sua capacidade de construir realidades e concordando com Brandalise (2012), ao afirmar que o jornalismo, nas regiões fronteiriças, colabora para construir representações pautadas em diálogos entre os consumidores, além de contribuir na articulação de suas identidades, o presente trabalho se preocupa em identificar de que maneira o telejornalismo desenvolvido em Corumbá representa o país vizinho por meio de suas produções. Antes de se aprofundar nesse aspecto, considera-se necessário refletir mais sobre o lugar de referência que o telejornalismo ocupa na sociedade e sua capacidade de influenciar na percepção que os indivíduos têm do mundo.

3 TELEJORNALISMO: DA ORIGEM AO LUGAR DE REFERÊNCIA

A história do telejornalismo, no Brasil, confunde-se com a da TV, isso porque o primeiro telejornal a ser vinculado no país, “Imagens do Dia”, foi ao ar no dia 19 de setembro de 1950 - um dia depois da inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil e da América do Sul, a TV Tupi São Paulo, canal 3. As transformações que ocorreram, desde a primeira transmissão até hoje, não se limitam à estrutura e à tecnologia envolvidas no processo de produção do telejornal. O espaço que o telejornalismo conquistou na sociedade (não só a brasileira) pode ser considerado o mais importante das conquistas dessa categoria de jornalismo. Ao contribuir no entendimento e na construção da realidade cotidiana dos indivíduos, o telejornalismo pode ser considerado como referência, ou até uma janela para o mundo: o que é retratado pelo telejornalismo representa, a muitos, seu conhecimento sobre o mundo. Um longo caminho, no entanto, foi percorrido até a conquista desse *status*. Conhecer o percurso do telejornalismo, desde suas primeiras transmissões, ajuda a entender seu atual lugar na sociedade.

O primeiro telejornal exibido no Brasil, Imagens do Dia, era bem diferente do telejornalismo que se conhece atualmente. Sob o comando de Maurício Loreiro Gama, o telejornal exibia imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia e durava o tempo que fosse necessário para a transmissão de todos os fatos e imagens. Mello e Souza (1984, p.36, grifo do autor) contribui com mais descrições sobre o primeiro telejornal brasileiro: “[...] foi ao ar um programa de caráter jornalístico que se chamava *Imagens do Dia*. Não tinha horário fixo. Podia começar às 9 e meia da noite ou meia hora depois, dependendo da instabilidade da programação e dos problemas de operação”.

Outro telejornal de sucesso foi o “Repórter Esso”, inaugurado em 1º de abril de 1952. O jornal que levava o nome de seu patrocinador, o grupo Esso, permaneceu no ar durante 18 anos, até novembro de 1970. O repórter Esso, um dos mais famosos telejornais brasileiros, foi adaptado pela Tupi do Rio de Janeiro de um rádio jornal de grande sucesso. A emissora, no entanto, limitou-se, basicamente, a colocar o jornal no ar, isso porque uma agência internacional era a responsável pela produção do telejornal que o entregava quase pronto. Poucos eram os espaços para os materiais nacionais. Mesmo assim, o telejornal teve muito sucesso e foi repetido em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand (REDE TUPI DE TELEVISÃO, 2010).

O “Jornal de Vanguarda”, idealizado por Fernando Barbosa Lima, que também foi ao ar em 1962, tem significativa importância na história do telejornalismo brasileiro. Squirra (1993) explica que foi um telejornal inovador por instituir a participação de jornalistas como Vilas Boas Corrêa, Newton Carlos e Cid Moreira, em programas televisivos. Em 1963, o

telejornal foi premiado na Europa como um dos melhores jornais de informação no mundo, mesmo assim foi retirado do ar em 1964 depois do golpe militar (MATTOS, 2000).

No dia 1º de setembro de 1969, entra no ar o “Jornal Nacional” na TV Globo. Foi o primeiro programa regular a ser transmitido em rede nacional, introduzindo o conceito e marcando o início das operações de rede no Brasil. Caparelli (1982) ressalta que o jornal de âmbito nacional só foi possível por meio da iniciativa política que investiu tecnologicamente no sistema de telecomunicação: “a possibilidade de um jornal nacional só se tornou possível na segunda fase da televisão, após 1964. Nessa época a Embratel já tornava possível a interligação de diversos pontos do Brasil, via satélite ou micro-ondas. Por isso o Jornal Nacional é tão recente na televisão brasileira” (CAPARELLI, 1982, p.22).

Squirra (1993), no entanto, lembra que o investimento político tinha exigências. Nas palavras do autor,

o desenvolvimento tecnológico possibilitado pelo regime militar na área das telecomunicações tinha um preço salgado: a liberdade de informar (...) O endurecimento do regime caminhava paralelo ao projeto militar do Palácio do Planalto de unir o país pela televisão, aplicando ao máximo o poder centralizador na divulgação e controle das notícias, num exercício contínuo de verticalização da informação. (SQUIRRA, 1993, p. 108).

O encerramento da primeira edição do Jornal Nacional, apresentado por Cid Moreira, traduz bem os planos da agora Rede Globo:

A escalada nacional de notícias da Rede Globo levou a vocês, hoje, imagens diretas de Porto Alegre, São Paulo e Curitiba. E tão logo a Embratel inaugure o circuito de Brasília, a capital do país, e Belo Horizonte começarão a integrar, ao vivo, este serviço de notícias do primeiro jornal realmente nacional da tevê brasileira. É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa Noite. (MELLO E SOUZA, 1984, p.7).

Os modelos de telejornalismo categorizados por Siebert, Peterson e Schramm (1956 apud KNEIPP 2008, p.176), são: o libertário – com expressão máxima nos Estados Unidos; o de responsabilidade social – praticado na maior parte da Europa Ocidental; o autoritário – típico nos países de Terceiro Mundo; e o comunista – presente nas sociedades socialistas; o telejornalismo brasileiro tem profunda influência do modelo norte-americano.

Três fatores, segundo Kneipp (2008), ajudam a ilustrar essa afirmação: a primeira emissora de televisão no Brasil, a TV Tupi, iniciou seu funcionamento utilizando tecnologia americana; depois, pelo fato de o primeiro telejornal de sucesso no Brasil, Repórter Esso, seguir os moldes americanos; e por último, a importação da experiência gerencial estadunidense, cujo maior exemplo é o caso Rede Globo-Time/Life, que, além de investimentos, proporcionou à emissora experiência em televisão.

Antes, porém, da presença do modelo norte-americano no telejornalismo brasileiro, foi o rádio que influenciou essa nova forma de jornalismo. Os primeiros profissionais de televisão vieram do rádio e o telejornalismo mais parecia um rádio com imagens. “As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis” (MELLO, 2009, p. 9). A segunda fase foi a evolução para a cópia do telejornalismo americano e, hoje, “acredita-se que possamos ter desenvolvido o modelo brasileiro ou o que poderemos chamar, um dia, de modelo latino-americano [...]. Nesse processo todo, algumas características (norte-americanas) foram totalmente copiadas e outras adaptadas ao estilo e à cultura dos brasileiros” (KNEIPP, 2008, p. 167). A autora ainda destaca,

podemos até chegar a um modelo brasileiro, que resultou da cópia do americano e que, com o tempo, acabou tendo alguns ingredientes próprios adicionados a sua essência, como as questões regionais, ou a previsão das marés, em cidades praianas brasileiras, presentes no nosso telejornalismo. Outro fator característico brasileiro é a curta carreira, baseada em suas imagens, pois nos Estados Unidos, os profissionais costumam envelhecer no vídeo e, aqui, este fato ainda é raro. (KNEIPP, 2008, p. 169).

Kneipp (2008) ainda vai mais longe ao dizer que texto do telejornalismo é o reflexo mais perceptível da importação do modelo americano pelas emissoras brasileiras e aponta a Rede Globo como uma das empresas que mais se ateu a esse modelo. Segundo a autora, os manuais de redação, que foram copiados das emissoras estadunidenses, adaptados e difundidos pela empresa brasileira, também emplacaram nas concorrentes. Por isso é que os textos televisivos seguem o padrão de serem curtos, claros, objetivos, diretos e simples. O uso de adjetivos ficou praticamente proibido para não dar conotação de opinião.

Silva, C. (1991, p.33) adverte que

isso não significa ser ele (o jornalismo brasileiro) submisso, dependente ou mero reprodutor de valores e conselhos alheios. Ele goza de relativa autonomia, reinterpreta o que absorve, incorpora suas próprias ideias, junta aspectos de outras escolas (a francesa, a britânica e a ibérica em particular) para formar um jornalismo com características peculiares, mas ainda assim dentro da hegemonia ideológica do jornalismo americano.

Ao longo dos anos, não foi apenas o modelo de jornalismo que foi se transformando, o próprio papel do jornalismo na sociedade foi ganhando relevância. Com seu poder de construção de sentido, o telejornalismo passou a ser “lugar de referência” (VIZEU; PORCELLO; MOTA, 2006). Os telejornais colaboram para o conhecimento e percepção de realidade dos cidadãos: “os telejornais de rede nacional, os noticiários regionais e locais contribuem diariamente, de uma forma relevante, para a construção de parte da realidade social brasileira” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12).

Os autores Vizeu e Correia (2008) consideram o telejornalismo como um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao ocupado pela família, amigos, pela religião, pela escola e pelo consumo, descartando totalmente a possibilidade de que o jornalismo reproduz o real tal qual ele é. Os autores justificam esse posicionamento citando algumas características inerentes ao processo jornalístico, como: a cultura profissional da organização e do próprio jornalista, os processos produtivos, os códigos particulares (regras da redação), a língua, entre outros que tornam impossível uma fotografia do real.

Essa maneira de entender o jornalismo (como colaborador da construção da realidade), que partilham Vizeu e Correia (2008), está sustentada pelas teorias construtivistas que defendem a perspectiva de que o jornalismo opera no sentido da construção social da realidade. Nessa concepção, a notícia é uma construção influenciada por fatores diversos, inclusive históricos, sociais, tecnológicos, pessoais e ideológicos (SOUSA, 2002). Pontes e Silva (2009, p.45) explicam que “parte-se da concepção de jornalismo como uma instituição plena, historicamente fundada e que, por isso, não apenas seria instituinte da realidade social, mas, igualmente, também instituído por ela”.

Abandona-se a ideia anterior de jornalismo como reflexo da realidade para entendê-lo como construção social da realidade e a realidade como algo que é construído socialmente e não apenas apresentada aos indivíduos. Esse posicionamento teórico, que sustenta o trabalho, é essencial para compreender a pesquisa que pretende analisar a maneira como a Bolívia é representada pela televisão brasileira. Partindo-se do princípio de que o veículo de comunicação escolhido para análise, a TV Morena – Corumbá (como os demais meios de comunicação), constrói determinada realidade sobre o país vizinho e não apenas reflete uma realidade na qual ele está distante, tornando-se isento em relação ao conteúdo informativo.

Para admitir o jornalismo como um dos elementos que ajudam a construir a realidade social é preciso entender o que de fato é a realidade e como ocorrem seus processos de construção e socialização. Neste trabalho, a perspectiva adotada para tratar esse conceito é a dos autores Peter Berger e Thomas Luckmann.

3.1 Construção social da realidade

Este trabalho compartilha do entendimento da fenomenologia social sobre a realidade, que tem como mentores principais, Berger e Luckmann (2011). Outros autores que refletem sobre o posicionamento desses dois pesquisadores também são utilizados. Dessa maneira, considera-se que os meios de comunicação são elementos que constroem e socializam a

realidade, no entanto, eles não são os únicos. A língua materna e as instituições (BERGER; LUCKMANN, 2011), por exemplo, configuram-se como elementos decisivos no processo da construção social da realidade. Assim como a narrativa jornalística, a conversação e a linguagem também são consideradas importantes formas de experimentação do mundo, pois permitem apreender rapidamente sua complexidade; configurá-las em enredos coerentes; colocá-las à prova; instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo, dessa maneira, a instável atualidade (MOTTA, 2009). Pretende-se nesta oportunidade refletir de que maneira a realidade é construída, socializada e até mesmo reconstruída.

Motta (2009) explica que a ideia original de representação decorre da mimese aristotélica, que a define com uma versão imitativa da realidade, que a reproduz imaginativa e representativamente. Haveria uma realidade de primeira ordem (a coisa em si, verdadeira, autêntica) e outra de segunda ordem, cristalizada nas “cópias”, representações imaginárias e simbólicas das coisas. Pensadores anteriores à perspectiva construtivista entendiam a realidade como sendo algo dado, exterior à subjetividade. Dessa forma, o conhecimento da realidade seria apreendido objetivamente, sem interferência da experiência individual do observador. Superando esse modelo, as teorias atuais apontam para a realidade como sendo o resultado de ações sociais intersubjetivas (LIMA, 2002).

O conceito da "construção social da realidade", inspirado na fenomenologia social de Alfred Schütz, foi apresentado por Peter Berger e Thomas Luckmann em 1976. A concepção central do conceito é a de que toda a realidade é socialmente construída, diariamente, pelas práticas sociais. Essa realidade socialmente construída é chamada de realidade social e é considerada, pelos autores, como um produto humano. A construção dessa realidade é resultado de uma relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, permeada por três processos designados como: exteriorização, objetivação e interiorização. Assim definidos,

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista, por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidades originais e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva (BERGER, 1985 apud FONTES, 2011, 148).

Fontes (2011), embasado pelos estudos de Berger e Luckmann (1976), explica a dinâmica desses processos no contexto da construção social da realidade. A primeira premissa é que cada indivíduo possui uma percepção da realidade - trata-se de um conhecimento da vida cotidiana como uma realidade ordenada, objetivada, composta de uma série de objetos considerados previamente como tais. A segunda é que, em interação, os indivíduos exteriorizam sua percepção da realidade,

que é contraposta à dos demais participantes da interação, causando um choque e o consequente compartilhamento de cosmovisões. Por fim, os elementos que são compartilhados e atingem um alto nível de aceitabilidade coletiva são cristalizados, interiorizados e institucionalizados, tornando-se um “padrão de controle”, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade. Fontes (2011, p.149) complementa:

Os indivíduos são os agentes da dinâmica social. Em constante interação, eles criam os significados que determinam a vida social. Ao fazê-lo, eles criam as instituições, que são experimentadas como algo dotado de realidade exterior, experimentadas como realidades objetivas e dotadas de força coercitiva. Todavia, o poder coercitivo das instituições não é absoluto, uma vez que eles, na verdade, estão em constante mudança, já que são resultados da ação de inúmeros indivíduos em compartilhamento de significados.

A esse processo de criar significados por meio da exteriorização, objetivação e que termina com a interiorização dá-se o nome de socialização. Berger e Luckmann (2011) ressaltam dois níveis de socialização: a primária e a secundária. A primeira é desenvolvida na infância, quando o indivíduo se torna um membro da sociedade. Nessa socialização aprende-se a falar, a se comunicar e se comportar diante das regras gerais da sociedade o principal elemento de socialização nesse primeiro nível é a língua materna. A socialização secundária é o processo que apresenta o indivíduo já socializado em novos setores da sociedade. O indivíduo agora começa a interiorizar conceitos inerentes àquela instituição em que ele tem que viver, ou trabalhar, ou se divertir. Nessas instituições - igreja, trabalho, a escola -, é que se dá a socialização secundária e nesse nível de socialização é que se encontra o jornalismo como elemento contributivo na construção da realidade.

A realidade, que é socialmente construída, não é absoluta nem imutável; na verdade, é o contrário desses adjetivos. Por ser construída por um conjunto de fatores sociais e pela ação humana, coexistem diversas realidades que estão sujeitas a mudanças de acordo com a ação dos indivíduos. O Homem constrói a realidade ao mesmo tempo em que é influenciado por ela (BERGER; LUCKMANN, 2011), ou seja, ao mesmo tempo em que o indivíduo é influenciado pela realidade, é ele quem a constrói. Assim, a realidade pode e é ressignificada. Nesse sentido, a conversação configura-se como importante elemento tanto de conservação da realidade - pois ela transmite informações, significados, valores - quanto de modificação -, pois, por meio dela, se abandonam alguns aspectos, acrescentam-se outros.

Para a fenomenologia social, portanto, a realidade é construída por uma combinação de fatores sociais que, por sua vez, são resultados das ações humanas. Dentre as várias realidades existentes, predomina a realidade da vida cotidiana, que é sustentada pela relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, sendo ele influenciado por ela mas, também, exercendo influência

sobre ela, tendo a capacidade de reconstruir a realidade que o cerca. Parafraseando Tavares (2012), a realidade configura-se como uma construção simbólica de um grupo social que se faz compreendido a partir de consensos e convenções sociais, o que permite a existência de “diferentes reais” para diferentes grupos sociais.

Como parte constituinte da vida social, o jornalismo configura-se como um elemento colaborador da construção social da realidade, “construindo por meio de textos, sons e imagens o mundo por meio da sua janela particular” (COUTINHO, 2009, p.107), ou seja, a prática jornalística não reflete a realidade, se não que auxilia sua construção.

3.2 Jornalismo e a construção do real

Jornalismo e realidade constituem uma relação antiga; a primeira teoria sobre o jornalismo já traçava um paralelo entre eles. A teoria do espelho, a mais antiga no campo jornalístico, inspirada do positivismo de Auguste Comte, defende a ideia da objetividade no jornalismo, acreditando que as notícias são o reflexo fidedigno da realidade. Há muito, essa teoria foi suplantada, mas a relação entre jornalismo e realidade continua tão atual como na década de 1950. Como dito anteriormente, esta pesquisa alicerça-se na perspectiva construtivista e considera a realidade não como algo dado, mas que é construído socialmente; e o jornalismo e os meios de comunicação como elementos que contribuem para essa construção.

A fim de embasar teoricamente a pesquisa, são feitas algumas considerações e reflexões sobre o jornalismo como construtor da realidade social, utilizado pelos indivíduos para apreender o ambiente ao seu redor (RODRIGO ALSINA, 2009). Como afirma Silva, M. (2010), a função pedagógica do jornalismo encontra-se na reprodução e circulação do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos. Essas argumentações serão úteis para validar a análise feita neste trabalho a respeito da cobertura televisiva sobre a Bolívia na cidade de Corumbá, auxiliando a compreensão de que os fatos noticiados pela emissora brasileira (como em qualquer outro veículo de comunicação) não estão isentos de um contexto social e, portanto, reproduzem em suas produções os valores comuns para manter a realidade social já legitimada ou incutem, ali, ideias contrárias com o objetivo de mudanças sociais. Nas palavras de Gitlin (2003, p.10), “o noticiário é um conduto de ideias e símbolos, um produto industrial que promove pacotes de ideias e ideologias e serve, em consequência, como lastro social, embora às vezes seja também arauto de mudanças sociais”.

A perspectiva que considera o jornalismo como construtor de uma realidade social pertence ao paradigma construtivista, que surgiu nos anos de 1970, refutando as orientações teóricas até então difundidas nas pesquisas em jornalismo: a teoria do espelho - que considera a notícia como um retrato fiel da realidade e o jornalista como um elemento neutro que desaparece entre o acontecimento e a notícia - e a teoria instrumentalista - acredita na existência de uma conspiração manipuladora na imprensa operando por detrás das notícias que, portanto, representariam uma distorção intencional da realidade (TRAQUINA, 2005). Nos estudos que utilizam a perspectiva das notícias como construção, essas duas teorias são claramente rejeitadas por diversas razões:

Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção racial entre a realidade e os media noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar é da opinião de que os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico, as limitações orçamentais e a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos. (TRAQUINA, 2005, p.168-169).

A perspectiva construcionista também reconhece as notícias como narrativas que, por sua vez, correspondem a uma realidade exterior. Uma realidade construída e possuidora da sua própria validade interna (TUCHMAN, 1999). Como descreve Robert Karl Manoff (1986 apud TRAQUINA, 2005), a escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a realidade assume para o jornalista por meio das convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas.

Para que a matéria-prima do jornalismo, o acontecimento, seja compreendida, os jornalistas devem supor mapas de significados (HALL et al., 1993) que incorporem e reflitam os valores comuns, formando as bases dos conhecimentos culturais que serão mobilizados nesse processo, reforçando ou modificando-os. Tuchman (1993) explica que a notícia não espelha a realidade se não que ajuda a constituí-la como um fenômeno social partilhado, pois, ao definir um acontecimento, a notícia define e dá forma a esse acontecimento, assim, “a notícia está permanentemente definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo fenômenos sociais” (VIZEU, 2004, p.111). Pode-se afirmar que o jornalismo atua duplamente em relação ao contexto social no qual se encontra, reconhecendo-o e tecendo-o concomitantemente (MEDINA, 2008).

Na perspectiva do paradigma construtivista, as notícias configuram-se como o índice do “real” (TRAQUINA, 2005), à medida que tornam alguns acontecimentos de conhecimento

público. Mas, elas não são o real, primeiramente por não representarem a totalidade dos acontecimentos – dentre milhares de fatos, alguns poucos são escolhidos para serem noticiados. Dentre os assuntos noticiados, deve-se pensar na construção do real pelo fato de, desde o princípio, as notícias serem escolhas, escolhem-se as fontes; o enquadramento; selecionam-se algumas respostas a serem enfatizadas e a serem desprezadas; escolhem-se certos aspectos do acontecimento para enfatizar e outros, para serem desconsiderados. Rodrigo Alsina (2009, p. 46) resume todo esse processo ao dizer que “a mídia é quem cria a realidade social. Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva”.

Como já explicitado neste trabalho, não se deve entender, no entanto, a construção social da realidade como uma prática única e exclusiva dos meios de comunicação de massa. O jornalismo, como instituição, e seus agentes participam da produção da realidade, especialmente no âmbito simbólico e em diálogo permanente com os demais atores sociais (DARDE, 2013). Existem, como já citado anteriormente, outras formas de socialização anteriores ao jornalismo, como a língua materna, as instituições sociais, a escola, a religião, a família, entre outras. A construção proporcionada pelo jornalismo, no entanto, situa-se na esfera da realidade da vida cotidiana, espaço onde ocorrem os processos de institucionalização das práticas e dos papéis sociais.

Pactuando com essa perspectiva, Rodrigo Alsina (2009) afirma que os jornalistas, ao elaborarem, por meio da notícia, uma espécie de “cotidiano que nos interessa”, dizem, ao mesmo tempo, que cotidiano é esse. Essa construção, por sua vez, é elaborada “a partir da própria experiência humana do real concreto, mas, com base em uma complexa rede de relações, os meios de comunicação criam um real outro, o real pensado, o real representado pelo universo do pensamento e da linguagem” (CONTRERA, 2004, p. 17). Esse real, midiaticamente criado, é, por fim, legitimado pela sociedade.

Para, além disso, Tuchman (1993) fala na “reconstrução” promovida pelo jornalista, pois, segundo ela, as notícias não são sobre o mundo, mas sobre o que as pessoas dizem sobre o mundo. Sobre isso, Kunczik (2002) faz relevante reflexão por meio de Schulz, considerando o impacto das notícias em um contexto no qual o assunto abordado é desconhecido,

Schulz fala de uma constituição, ou mesmo construção, da realidade por parte dos meios de comunicação em que os critérios empregados são os valores das notícias. Mas para os receptores, que não têm acesso primário à maioria dos assuntos noticiados, esse mundo construído torna-se uma realidade "verdadeira". (KUNCZIK, 2002, p.250).

Correia (2007, p.14) faz importante conclusão ao considerar que dar a notícia consiste em

atribuir relevância a temas da realidade atual que sejam atraentes para a comunidade, à luz dos respectivos sistemas de crenças e de relevâncias. Para esse efeito, utiliza-se um enquadramento que possa ser compreendido pelo maior número possível de receptores e que seja, idealmente, olhado como passível de ser lido e assimilado independentemente das diferentes opções políticas e formação cultural dos seus membros. Constrói-se, assim, uma narrativa estandardizada e estereotipada que é pensada de modo a superar os constrangimentos espaciais e temporais e a conquistar audiências.

No entendimento de que o jornalismo contribui para a construção da realidade e que dessa forma está fortemente relacionado com a normatividade vigente, compartilha-se do posicionamento de Darde (2013, p.7, grifo do autor), ao dizer que “o mesmo (jornalismo) contribui para reforçar os valores dominantes da sociedade, indiretamente trabalhando para a manutenção do *status quo*”.

Este trabalho faz uma análise dos fatos noticiados pela única emissora de televisão de Corumbá, a TV Morena. Durante a pesquisa, no entanto, foi constatado, como relatado, que não havia documento ou registro que tratasse do processo da chegada da televisão na cidade. O que torna esta pesquisa inédita em mais de um aspecto: é a primeira a se dedicar à análise da representação da Bolívia no jornalismo televisivo dessa região e a primeira a se preocupar em recuperar a história do surgimento da única emissora de televisão da cidade de Corumbá.

3.3 A televisão no Brasil

Para abordar a chegada da televisão a Corumbá, optou-se por uma metodologia decrescente contextualizando, primeiramente, o início da televisão no Brasil, em seguida, em Mato Grosso do Sul e, por último, o advento dela na cidade fronteiriça.

Em uma análise sobre o desenvolvimento da televisão no Brasil, Mattos (2000) divide a trajetória desse meio em cinco fases, a fim de que se tenha um perfil macro de sua evolução. O autor considera as seguintes etapas: a fase elitista (1950-1964); a fase populista (1964-1975); a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985); a fase da transição e da expansão internacional (1985-1990) e a fase da convergência, que começa em 2000 e que é a atual fase da televisão. Para fins didáticos, este trabalho adota a mesma consideração histórica desenvolvida pelo autor, no entanto, busca, em outros pesquisadores, complementação bibliográfica para cumprir com o objetivo de resgatar, de forma cronológica, a história da TV no Brasil.

Foi no período do pós-guerra que a televisão surgiu no Brasil. O contexto econômico e social foi determinante para isso. Na década de 1950, 40% dos 51,9 milhões de brasileiros eram classificados como urbanos, 10% a mais do que em 1940, segundo dados do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE)⁸. O rádio era o meio de comunicação mais popular nesta época, inclusive muito usado pelo governo de Getúlio Vargas que tinha interesse em dotar o país com um meio de comunicação capaz de atingir os lugares mais distantes (TONIAZZO, 2007).

Foi neste contexto e com a iniciativa de Assis Chateaubriand⁹ que surgiu a televisão no Brasil. Em 18 de setembro de 1950 é inaugurada por Chateaubriand a TV Tupi, a primeira emissora de televisão no país que era sediada em São Paulo, cidade que se destacava como o carro chefe do Brasil. “Nos dois primeiros anos de sua implantação, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país” (MATTOS, 2000, p.96). Essa frase define a fase elitista da televisão em que o número de receptores era pequeno e os aparelhos pertenciam aos poucos que tinham poder para comprá-lo. Esse primeiro momento caracteriza-se pela pouca disponibilidade de receptores, pelo imprevisto, e, sobretudo, pela aproximação de uma nova linguagem.

Chateaubriand foi responsável, também, pela segunda emissora de televisão no Brasil, a TV Tupi/Rio que foi inaugurada quatro meses depois (21 de janeiro de 1951) da pioneira TV Tupi/São Paulo. Apesar do amadorismo dos primeiros anos, no final da década de 50 existiam 10 emissoras de televisão em funcionamento no Brasil, inclusive a Record, inaugurada em 1953 (BARBOSA, 2010). A primeira fase da televisão foi marcada principalmente “pela formação do oligopólio dos Diários Associados e pelo fato de até 1959 todos os programas veiculados serem produzidos, exclusivamente, nas regiões onde estavam instaladas as emissoras” (MATTOS, 2003, p. 101). Este cenário mudou após a chegada do videoteipe, proporcionando uma programação nacionalmente integrada.

Passada a primeira década da chegada da televisão no Brasil, o aparelho elitista entra num processo de popularização. A segunda fase da TV Brasileira (1964-1975) foi fortemente marcada pelo regime militar. O golpe de 1964 afetou os meios de comunicação de massa, mas, apesar das empresas estarem sob forte controle estatal, foi neste período que elas, especialmente a televisão, tiveram maior desenvolvimento. Era de interesse do governo, o maior número de pessoas com acesso à essa mídia e o pleno desenvolvimento da mesma,

a indústria da TV assumiu um importante papel de legitimação das novas propostas que o governo militar trazia à política, à economia e à cultura brasileiras. Os militares viam na televisão um instrumento importante para promover suas ideias sobre

⁸Informações do IBGE fornecidas por: COSTA, Isabel. C. de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <claudia.camargo04@gmail.com> em 23 maio 2014.

⁹Assis Chateaubriand fundou e manteve por muito tempo o primeiro grande império da mídia nacional: Diários e Emissoras Associados. Começou com o jornal, passou pelo rádio, pela revista, chegando à televisão em 1950 (MORAIS, 1994).

segurança nacional e modernização das estruturas econômicas e sociais do país (JAMBEIRO, 2001, p.75).

Leal (2009, p.8) também comenta sobre a influência do governo militar no desenvolvimento da televisão:

a ditadura militar contribuiu para o impulso no desenvolvimento da TV no Brasil, ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado. (LEAL, 2009, p.8).

Foi nesse período próspero, no sentido de não ser refém do amadorismo, que passou a TV Tupi, precisamente em 26 de abril de 1965, à rede, quando então a TV Globo surgiu. Essa nova emissora teve parceria e investimento do grupo americano Time-Life, que além de recursos financeiros, proporcionou a TV Globo experiência gerencial em televisão (MATTOS, 2000). Em 1969, a emissora passou de TV Globo para Rede Globo de Televisão, quando, em 1º de setembro de 1969, colocou no ar o primeiro jornal de âmbito nacional, o Jornal Nacional, contando com imagens diretas de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba (MELLO E SOUZA, 1984).

A Globo iniciou o sistema de rede, fidelizando a programação das demais emissoras em todo o território nacional. Anteriormente, as emissoras menores transmitiam sua programação própria e os espaços vazios eram preenchidos por programas da Globo, Record, Tupi ou outra emissora, sem fidelização alguma. Ao se tornar filial da Rede Globo, as emissoras tinham o espaço para a programação regional e os demais horários eram preenchidos apenas com as produções da Globo. Surge um novo oligopólio, a Rede Globo.

Ribeiro e Sacramento (2010) explicam que é nesse contexto - surgimento do VT, formação de redes de emissoras - que se consolidam certas práticas de “como fazer televisão”, assim como outras são abandonadas ou profundamente transformadas. Começa-se a esboçar um quadro de profissionais da televisão e a ideia de um público específico desse meio que é diferente daquele do rádio, do teatro ou do cinema. Ainda segundo Ribeiro e Sacramento (2010), nesse contexto e com o auxílio de uma publicidade já específica, além da expansão da programação (que era apenas noturna), é que se firmou a ideia de que a televisão é parte integrante da rotina da família.

Outro importante fato na segunda fase foi o início da TV Educativa. Jambeiro (2001) salienta que houve grande empenho para a criação de uma emissora governamental, isso porque o governo dava, naquele momento, muita importância para os conteúdos televisivos. Nesse período, as emissoras passaram a ser pressionadas a substituírem os programas exportados

considerados violentos, pelo governo, por produções nacionais com conteúdo ameno, sob a ameaça de punições de multas e até mesmo de suspensão de alguns programas como medida corretiva. Nesse contexto e para cumprir com essas exigências é que o programa Fantástico entrou no ar (MATTOS, 2000).

A terceira fase (1975-1985), tida como a do desenvolvimento tecnológico, caracteriza-se pela padronização da programação televisiva em todo o país e pela solidificação do conceito de rede de televisão no Brasil. Importantes acontecimentos nesse período foram o início das exportações de produções televisivas brasileiras e o fim do oligopólio dos Diários Associados. O governo cassou, em 1980, a concessão de todos os canais da Rede Tupi como forma de ressarcimento das dívidas com a Previdência Social, que, além disso, não conseguiu concorrer com as outras emissoras que surgiram. Jambeiro (2001, p. 92) fala sobre o fim da emissora que foi pioneira no Brasil:

depois de uma década de agonia, a Tupi foi derrotada por sua ineficiência empresarial estrutural e irrecuperável e pela inclemente concorrência da programação superior e dos padrões de administração empresarial da Rede Globo. A decisão do governo de revogar a concessão dos canais da Rede Tupi, publicada em junho de 1980, foi baseada, entre outras razões, no atraso da rede no pagamento de impostos e salários, dívida com a Previdência Social e outros débitos.

Em 1981, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) iniciou suas transmissões e em 1983 surge outra emissora nacional, a Rede Manchete. Outro fato marcante dessa fase foi o fim da censura prévia aos noticiários e à programação da televisão, que terminou com o movimento das Diretas Já em 1984.

A quarta fase, intitulada, por Mattos (2000), como a “a fase da transição e da expansão internacional”, durou cinco anos (1985-1990) e foi assim nomeada pelo avanço das grandes emissoras para o mercado internacional e pelo abandono, cada vez maior, de produtos estrangeiros para preencher a grade de programação brasileira.

As principais mudanças no setor da telecomunicação nesse período, segundo Jambeiro (2001,) foram consequências da Nova Constituição, que, entre outras modificações, vedava totalmente qualquer tipo de censura; condenava a formação de monopólios dos meios de comunicação; fixava normas para a produção e a programação das emissoras; e revogava as restrições que limitavam a propriedade de empresas de comunicação a brasileiros natos – podendo a partir de então, qualquer pessoa, brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, assumir a responsabilidade por sua administração e orientação intelectual.

A década do recomeço da democracia no Brasil também foi de uma nova popularização da televisão. A decadência da censura e do controle sobre o conteúdo exibido trouxe à tona o “mundo cão” nas telinhas. De acordo com Roxo (2010, p.178), “foi momento de

redemocratização, mas também de reconfiguração do setor televisivo no país”. Mendonça (2010) atribui esse rebaixamento na qualidade dos produtos ao crescente número de telespectadores das classes C e D, que passaram a representar na década de 1990, depois do Plano Real, um público expressivo e que era atraído por programas sensacionalistas.

Em 1990, foi permitido, pelo Governo Collor, que as emissoras de rádio e televisão pudessem transmitir programas em idiomas estrangeiros, o que, para Mattos (2000), configurou como a base para o surgimento estruturado e aos moldes americanos da TV a cabo. Sobre a regulamentação da TV a cabo, o autor considera que

a lei da TV a cabo surgiu como uma das mais democráticas e avançadas do mundo, abrindo perspectivas inéditas para o exercício da cidadania, além de gerar expansão do mercado para profissionais da área de comunicação social. Lamentavelmente, vários itens previstos na lei jamais saíram do papel, tal como a prometida regionalização da programação das TVs. (MATTOS, 2000, p. 143).

O mercado de TV paga no Brasil ainda é pequeno, 18,02 milhões de assinaturas (ANATEL, 2014), se comparado com outros países, como os Estados Unidos em que a televisão segmentada detém mais mercado que a televisão aberta. Depois da reforma do artigo 222 da Constituição Federal¹⁰, que autoriza, a entrada de até 30% de capital estrangeiro nas empresas de rádio e televisão, os índices da TV segmentada aumentaram, mas, ainda assim, estão longe de ser a mídia televisiva predominante.

A última etapa da televisão brasileira, descrita por Mattos (2000), é fase da convergência que se inicia em 2000. Essa é a atual fase da televisão onde esse meio converge em direção à internet. Quando da publicação da sua obra, o Brasil ainda não havia escolhido o sistema de TV digital – o primeiro passo para a convergência entre a TV e WEB –, o que aconteceu em 29 de junho de 2006, quando o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva assinou o Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006 (BRASIL, 2006), que estabeleceu as diretrizes para a digitalização da TV brasileira, tendo como base o padrão japonês de TV digital. A digitalização do sistema de televisão brasileiro iniciou um processo de convergência entre as mídias, que se dá pela principal novidade da tecnologia digital, a convertibilidade. É o ambiente formado pelo conjunto dessas mídias, que agora dialogam entre si, que dá espaço para a convergência (CANNITO, 2009).

¹⁰Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Título VIII – Da Ordem Social. Capítulo V – Da Comunicação Social. Art 222º, § 1º “Em qualquer caso, pelo menos setenta por cento do capital total e do capital votante das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens deverá pertencer, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, que exercerão obrigatoriamente a gestão das atividades e estabelecerão o conteúdo da programação”. § 4º - “Lei disciplinará a participação de capital estrangeiro nas empresas de que trata o § 1º.” (BRASIL, 2013, p. 44).

Voltando a atenção para a chegada da televisão em Mato Grosso do Sul, observa-se que esta começou a operar no Estado 15 anos após o funcionamento da pioneira TV Tupi – São Paulo. A TV Morena foi a primeira emissora de Mato Grosso do Sul, situada na cidade de Campo Grande, e anterior à divisão do Estado, instalada em 24 de dezembro de 1965 - período correspondente à segunda fase da televisão brasileira, designada por Mattos (2000) como populista, quando o número de aparelhos televisores e de emissoras tiveram grande crescimento no país, impulsionados pelo incentivo do governo militar. A iniciativa partiu da família Zahran, que ganhou a concessão para a instalação de três emissoras, uma em Campo Grande, outra em Cuiabá (capital do Estado do Mato Grosso), em 1969, e, a última, na cidade de Corumbá, que estreou em 1970.

3.4 Do interesse econômico à televisão em Corumbá

A história da televisão em Corumbá é muito semelhante à implantação da tevê em Campo Grande e Cuiabá, porque elas nasceram juntas e foram idealizadas por uma mesma pessoa. Para entender de forma completa seu surgimento, é necessário conhecer, ao menos de forma superficial, a história da família Zahran, responsável por trazer aos mato-grossenses as primeiras imagens de televisão.

O grande mentor do plano pioneiro de trazer a televisão para o então Estado do Mato Grosso foi Ueze Elias Zahran. Filho dos libaneses Elias Zahran e Laila Jorge Zahran, Ueze teve, desde criança, o empreendimento como fonte de renda. A família veio do Líbano para o interior do Brasil em 1921, fuga das perseguições dos mulçumanos aos cristãos. Segundo Toniazzo (2007), o primeiro ofício do patriarca da família em Campo Grande foi o de pedreiro. Anos depois, Elias comprou um bar que ficava na rua central da cidade. Posteriormente, a família arrendou uma padaria onde os filhos também trabalhavam.

Depois de problemas com a entrega de produtos e a falta de farinha por conta das dificuldades de transporte no Mato Grosso, a família se desfez da padaria e comprou uma espécie de bar, onde funcionava também uma torrefadora. Em 1950, com incentivos do governo, um comerciante de Minas Gerais abriu em Campo Grande um estabelecimento concorrente ao da família Zahran. Os empreendedores irmãos Eduardo e Ueze compraram o concorrente Café Néctar.

Na década de 1950, o país passava por um processo de modernização – com os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que fomentaram o processo de industrialização nacional para a substituição de importações. Os eletrodomésticos passaram a ser fabricados no

Brasil; os fogões a lenha foram substituídos pelos a gás e, nesse contexto, foi que Ueze decidiu investir em um novo empreendimento, o gás de cozinha. Depois de quatro meses negociando com o Conselho Nacional de Petróleo, Ueze passou a ser distribuidor do gás GLP nos Estados de Mato Grosso, Goiás e São Paulo, dando origem à empresa Copagaz (TONIAZZO, 2007). Ele ainda não sabia, mas essa empresa seria um suporte importante para a implantação da tevê, anos mais tarde.

No início da década de 1960, as cotas das empresas de pequeno porte que fabricavam gás foram congeladas, isso porque o domínio da produção de gás estava concentrado nas mãos de grupos estrangeiros que ditavam as regras do mercado. Nesse contexto, os irmãos Zahran, em especial Eduardo e Ueze, sentiram a necessidade de investir em outra frente. Foi então que a família iniciou os investimentos na televisão.

Ueze Elias Zahran (2014) contou como a TV surgiu como ideia de investimento:

Quando eu quis trazer a imagem pra cá, eu queria trazer imagem repetida porque eu era fã da jovem guarda. Eu trabalhava a semana inteira (em São Paulo) e de noite eu descansava vendo a jovem guarda. E eu achava que meu povo do Mato Grosso tinha o direito de ver aquela beleza de programa. Então quis trazer a imagem repetida com torres repetidoras de São Paulo até aqui.

A responsabilidade do novo empreendimento da família ficou a cargo de Ueze que, a princípio, tentou instalar no Estado a repetidora da Record – canal em que era transmitido um programa voltado para as músicas da Jovem Guarda. Para que Mato Grosso tivesse uma repetidora, porém, eram necessárias várias torres de televisão que percorressem o caminho da cidade de São Paulo até a fronteira com o Mato Grosso.

O engenheiro Luís Hutman foi contratado para fazer o estudo sobre a estrutura necessária para instalar em Mato Grosso a repetidora do canal Record. Constatou-se no estudo, que durou seis meses, a necessidade de montar torres em 22 cidades paulistas até chegar ao sul do então Mato Grosso, região que faz divisa com São Paulo. Para que o plano se concretizasse, Ueze reuniu, em junho de 1963, 22 prefeitos, desse Estado, no auditório de uma rádio na cidade de Tupã, SP. O objetivo era convencer cada administrador em financiar o valor da torre que passaria na sua respectiva cidade, e, em contrapartida, os moradores desses municípios teriam acesso à televisão. Nem todos aceitaram, como conta Zahran (2014):

Tinham 22 prefeitos no auditório. Comecei mostrar (o projeto a eles às sete horas da noite e fui até às duas horas da madrugada. Dizendo que eu ia colocar imagem de televisão na cidade deles e um mês depois ele me pagava o valor da torre. E eu ia levando até a fronteira desse jeito, recebendo o valor de cada torre e construindo as demais. Dos 22 prefeitos, 20 queriam e dois não queriam. Duas horas da madrugada eu chamei o Hutman e falei: vamos para a opção B. A opção B era emissora própria.

Com a intenção de criar a emissora própria, Ueze Zahran, com o auxílio administrativo de Antonieta Ries – que mais tarde se tornou a primeira diretora da TV Morena -, passou a investir no pedido de concessão para emissora própria no Conselho de Telecomunicações (CONTEL), na época, presidido por Quandt de Oliveira. O pedido, porém, segundo Ueze (2014), foi para três canais de televisão.

Eu, audacioso que era naquela época, devia ter meus 30 anos com vontade de criar coisas, fui e pedi três canais de televisão: Campo Grande, Cuiabá e Corumbá, porque eram as três principais cidades do estado [...]. Só tinham 14 emissoras de televisão geradoras de programas no Brasil naquele tempo e eu queria montar três (emissoras) em um estado de um milhão de habitantes. Vê só que barbaridade.

O projeto era audacioso. O então Estado do Mato Grosso contabilizava, em 1970, segundo dados do IBGE, 1.5970.090 habitantes dos quais 57% eram rurais. Mas o pedido de três canais tinha explicação: Cuiabá era a capital do Estado, Campo Grande a maior cidade da região central e sede do grupo Zahran e Corumbá por sua importância histórica e região estratégica de fronteira com a Bolívia (TONIAZZO, 2007). Para ser aprovada a concessão de um canal, o CONTEL exigia que a região atendesse alguns requisitos, por exemplo, o número mínimo de 1500 aparelhos de televisão devidamente instalados, dentre outras exigências, como explica Barros (1997, p. 116 apud CANCIO, 2005).

para que o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) autorizasse o funcionamento de uma emissora em qualquer lugar era necessário o preenchimento de alguns requisitos legais, tais como: população da cidade, números de residência e o comércio local.

Em entrevista a Cancio (2005), Antonieta Ries conta que encaminhou ao CONTEL a solicitação de concessão incluindo documentação sobre a idoneidade e o poder financeiro dos solicitantes, os projetos técnicos da construção da emissora e da instalação da torre de transmissão e argumentação sobre a força financeira do comércio local. Além das burocracias constituintes do processo, houve também concorrência na disputa da concessão do canal a ser implantado no então Mato Grosso. Depois da iniciativa da família Zahran, os “Diários Associados”, liderados por Assis Chateaubriand e apoiado pelo senador Rachid Saldanha Derzi, entraram na disputa. Como forma de neutralizar o grupo concorrente, Antonieta e Ueze mudaram-se para o Rio de Janeiro durante quatro meses, intensificando os trabalhos.

Em 19 de outubro de 1965, o presidente Castelo Branco assinou o decreto que autorizava o funcionamento da TV Morena, presidido pela família Zahran. A primeira transmissão em terras mato-grossenses foi feita em 25 de dezembro de 1965 pela TV Morena em Campo Grande. Em 1967, foi inaugurada a TV Centro América - Cuiabá e, em 1970, foi a vez da TV Cidade Branca em Corumbá.

O dinheiro para iniciar a implantação da televisão em Corumbá vinha, assim como foi em Campo Grande e Cuiabá, da venda dos aparelhos televisores. Para coordenar todo o processo de construção da emissora, Ueze Zahran designou Uriel Raghiant, que já era seu funcionário em Campo Grande. Raghiant (2013) explicou sua relação com a família Zahran:

Comecei a trabalhar para a família Zahran em 1952 no Café Nectar, rua 14 de Julho, 605 onde hoje é o prédio da Anita, entre a Rio Branco e a Afonso Pena. Lá (estabelecimento) era uma lanchonete e tinha a torrefação e moagem do café nos fundos. Eu trabalhava na torrefação e na moagem do café, isso foi até 56, 57. Quando surgiu a Copagaz, terminou o ciclo do Café Nectar e eu me tornei funcionário da nova empresa [...]. Quando Ueze conseguiu a concessão da televisão, a Copagaz que vendia eletrodomésticos, gás, fogão, liquidificadores, geladeiras passou ter como carro forte a televisão. E aí foi que eles cresceram. [...]. Eu ficava um pouco na televisão, um pouco na Copagaz. De Campo Grande, fui para Aquidauana com uma equipe de vendas montar a primeira repetidora da TV Morena. Maracaju foi a segunda repetidora, eu também ajudei a construir, isso foi em 67, 68. [...]. No dia que o sêo Eduardo (irmão de Ueze Zahran) faleceu, o sêo Uezê Zahran, que passou a ser o presidente, me perguntou se eu viria a Corumbá para montar a televisão. Eu respondi que viria. E ele me disse: então vai imediatamente, monta a emissora que é era o que o Eduardo queria.

Eduardo Zahran faleceu no dia 9 de outubro de 1969. No dia seguinte, Uriel partiu para Corumbá para chefiar a equipe que iria levantar a emissora na cidade.

A Loja Copagaz foi aberta na cidade para vender, exclusivamente, os aparelhos de televisão. Raghiant (2013) também contava com uma equipe de vendas formada por oito vendedores que o ajudava a vender os aparelhos. Do dia 10 de outubro de 1969 – quando a equipe chegou a Corumbá - até a inauguração da emissora, foram vendidos 2.460 aparelhos. A venda da televisão, na cidade, foi realizada em duas etapas. Para adquirir o aparelho, os interessados precisavam pagar uma quantia para a construção da emissora, o valor era de mil cruzeiros novos e mais 800 para obter o aparelho. A primeira quantia era uma espécie de contribuição, das pessoas interessadas em ter a emissora de televisão na cidade. Raghiant (2013) relata:

A pessoa questionava que lá fora a TV custava, por exemplo, 700 cruzeiros novos e aqui em Corumbá tinha que pagar 1.800. Aí nós argumentávamos que não tinha imagem aqui, não adiantava o televisor. A gente tinha um custo maior porque íamos montar a emissora para transmitir as imagens na televisão. Então a pessoa dava a cota que era mil cruzeiros novos para construir a emissora e, após esse pagamento quando chegavam os televisores a gente pegava mais 800, que era referente a compra do aparelho. Poderia ser uma TV Colorado, uma TV Philco, até uma TV Michigan que era fabricação própria, o valor era o mesmo.

A equipe da TV Morena entregava, como forma de agradecimento, àqueles que contribuíaam financeiramente para a construção da emissora, uma espécie de certificado de agradecimento pelo investimento no progresso da cidade (Figura 4).



Figura 4 - Certificado de agradecimento*. Corumbá, MS.

*Entregue aos cidadãos que pagavam a cota da instalação da TV Cidade Branca.

Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.

A primeira imagem televisiva vista pelos corumbaenses foi a Copa do Mundo de futebol de 1970. A emissora não estava pronta, mas até como forma de a população conhecer melhor a televisão e despertar o interesse de compra, no evento esportivo, foram distribuídos alguns aparelhos televisores pela cidade e os jogos vinham em forma de videoteipe de Campo Grande, como explica Raghiant (2013):

Na Copa nós trouxemos um transmissor pequenininho de Campo Grande, colocamos em cima do Hotel Santa Mônica. Eu mandei fazer umas plataformas de madeira, altas, para colocar os televisores em cima. Então, eu distribuí umas 10 televisões na cidade. O governador, Pedro Pedrossian, cedia o avião do governo para transportar o videoteipe do jogo que era gravado em Campo Grande e vinha por malote para Corumbá. Os jogos vinham um dia depois ou até no mesmo dia, dependendo do horário da partida. Então Campo Grande gravava, mandava pra mim e eu punha no aparelho transmissor que jogava as imagens para os televisores espalhados na cidade. O pessoal assistia aos jogos na rua.

Os jornais impressos, que circulavam na época, contribuíram para despertar o interesse nos, então, mato-grossenses, em adquirir o novo aparelho eletrônico. O Jornal Diário da Serra, que circulou na década de 1970, foi o principal aliado para a publicidade e às matérias jornalísticas. Frequentemente, eram impressos anúncios com ofertas para compra dos aparelhos televisores. O parcelamento do valor do bem chama atenção (Figura 5).



Figura 5 - Anúncio publicitário do televisor Michigan. Corumbá, MS.

*Esta marca de televisor passou a ser montada pela própria Copagaz e era vendida com as demais.

Fonte: JORNAL DIÁRIO DA SERRA. **Anúncio publicitário do televisor Michigan.** Campo Grande, JDS, 1970.

A venda dos aparelhos de televisão era importante, pois esse dinheiro custeava a construção da emissora. Segundo Raghiant (2013),

com esse dinheiro fomos investindo na televisão que ainda não existia. Comprei, do Dr. Caio Medina Barros, o terreno de 20 mil metros onde foi construída a sede da TV e que permanece lá, até hoje. O Dr. Breno Guimarães era o prefeito e me cedeu um trator pra fazer o serviço de terraplanagem – eu pagava o combustível e o operador de máquina e ele me emprestava o trator. Contratei também o arquiteto corumbaense José Sebastião Cândia que fez o projeto do prédio pra mim. Continuamos a venda e assim, iniciamos a construção do prédio.

Em fevereiro de 1970, foram iniciadas as obras de construção da sede. Na medida em que os televisores eram vendidos, a obra caminhava. Foi dessa forma que a TV Cidade Branca foi construída (Figuras 6 e 7).

O prédio da emissora ficou pronto no mesmo ano do início das construções (Figura 8). Sua inauguração oficial foi em 4 de outubro de 1970, porém, no dia 21 de setembro do mesmo ano, aniversário da cidade de Corumbá, foi feita uma inauguração solene (Figura 9).



Figura 6 - Pedra fundamental da TV Cidade Branca. Corumbá, MS*.

*Presentes no lançamento da construção da emissora, bispo de Corumbá (de batina), ao seu lado esquerdo (com mão no bolso) o arquiteto Candia e, à direita, o prefeito de Corumbá Breno Guimarães.

Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.



Figura 7 – Local de lançamento da construção da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.

Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.



Figura 8 - Prédio da TV Cidade Branca em 1970, antes da inauguração. Corumbá, MS.
Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.



Figura 9 - Apresentação da estrutura da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.*

*Da direita para a esquerda, Senador Filinto Müller, prefeito de Corumbá Breno Guimarães, deputado estadual José de Freitas, representante da cidade (sem identificação) e, de costas, jornalista Onésimo Filho.

Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.

Nesse evento (Figura 9), a aparelhagem e a estrutura foram mostradas às autoridades, mas nenhuma imagem foi transmitida aos televisores da cidade. Jornalistas da TV Morena Campo Grande foram a Corumbá gravar a inauguração solene da TV Cidade Branca, que

contou com a presença do então senador Filinto Müller, o prefeito de Corumbá Breno Guimarães, o deputado estadual José de Freitas e Ueze Elias Zahran.

Em uma reportagem, o Jornal Diário da Serra fala sobre a solenidade da TV Cidade Branca em comemoração ao aniversário de Corumbá e destaca a moderna aparelhagem usada pela empresa, que foi transportada de São Paulo para a cidade mato-grossense em um “Búfalo” (avião) da Força Aérea Brasileira (Figura 10).



Figura 10 - Matéria sobre a visita de autoridades à sede da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.*

*Informa que, em breve, a emissora estaria funcionando e com modernos equipamentos.

Fonte: Jornal Diário da Serra, 22 set. 1970.

A emissora TV Cidade Branca operou em caráter experimental por pouco tempo, do dia 21 de setembro de 1970 até a data da inauguração oficial da emissora. Nesse período, foram

feitas pequenas transmissões, partes de filmes e desenhos animados como forma de testar os aparelhos da cidade.

No dia 25 de setembro, o Diário da Serra publicou que a TV Cidade Branca seria inaugurada em 22 de outubro, aniversário da empresa Copagaz (Figura 11).



Figura 11 - Matéria sobre a inauguração da TV Cidade Branca. Corumbá, MS.*

*Ressalta o progresso do grupo Zahran que em seis anos e meio já tem três emissoras de televisão no Estado. Informa que a TV Cidade Branca será inaugurada no dia 22 de outubro, dia do aniversário da Copagaz.

Fonte: Arquivo Jornal Diário da Serra, 25 set. 1970.

No entanto, não foi isso que ocorreu. A TV Cidade Branca foi oficialmente inaugurada no dia 4 de outubro de 1970 (Figura 12). Estavam, na ocasião, o governador do Estado José

Garcia Neto, o senador da república José Antônio Mendes Canale e Nagib Zahran, representando a família proprietária da emissora.



Figura 12 - Inauguração oficial TV Cidade Branca. Corumbá, MS.*

*Governador de Mato Grosso do Sul José Garcia Neto (de óculos), Uriel Raghiant e o senador Antônio Mendes (ao fundo) na inauguração oficial da emissora.

Fonte: Arquivo pessoal de Uriel Raghiant.

O dia da inauguração oficial foi gravado pelos profissionais da emissora e transmitido no dia seguinte, como explica Tirone Roriz (2013) – cinegrafista da TV Morena – Corumbá desde 1970: “no dia da inauguração a gente filmou o Coquetel, a missa, as pessoas. As gravações foram transmitidas (por Corumbá) no outro dia, porque não tinha nada direto, era tudo em fita”.

Imediatamente após a inauguração, a grade de programação da TV Cidade Branca era quase toda de produtos de fora, segundo o que lembra um dos primeiros funcionários da empresa Moacir Vieira (2013). De acordo com ele, durante todo o dia passavam filmes, desenhos animados e os comerciais que eram em forma de filme ou eslaide, com 15, 30 segundos ou até um minuto. A programação local era diária e começava a partir das 19 horas com o Jornal das Sete e durava 45 minutos e, em seguida, tinha o Noite Social, programa de entretenimento, uma espécie de coluna social.

O primeiro apresentador do Jornal das Sete, segundo o que conta Vieira (2013), foi o radialista Jair Gibaile. Tempos depois a bancada do jornal passou a ser dividida em dupla, com Carlos Augusto Serra e Carvalho Sobrinho. O programa Noite Social foi apresentado primeiramente por Onésimo Filho que foi substituído por Claudete Sleiman, quando este se

tornou redator do jornal. A emissora contou também, logo no início, com um programa mensal chamado Jantar com as Estrelas, como lembra Roriz (2013):

O programa era no sábado e ao vivo. A gente convidava uns clientes nossos, autoridades, artistas e sempre vinham uns cantores para cantar ao vivo no programa que era gravado no pátio da TV. Cada edição era um restaurante que oferecia o jantar. O programa tinha uma hora, meia noite ele acabava, porque cortava a luz elétrica. Só tinha energia em Corumbá até meia-noite.

Havia, na emissora, apenas um estúdio. Como os dois programas locais (Jornal da Sete e Noite Social) eram diários e em sequência, o que os diferenciava, física e visualmente, era uma tapadeira. Para o telejornal, as cortinas eram abertas e a tapadeira ficava de fundo. Para o Noite Social, as cortinas eram fechadas, sendo elas mesmas o cenário.

O modelo de telejornalismo feito na época é muito diferente do que existe hoje, não havia equipe de reportagem. Para o trabalho de rua, saíam apenas o cinegrafista e o auxiliar – para iluminação. Como não se dispunha de ilhas de edição, o apresentador narrava o texto em cima das imagens brutas. A linguagem era muito parecida com a do rádio. Eram necessários poucos profissionais para colocar a TV no ar. Segundo Vieira (2013), havia um sonoplasta, um operador de eslaides, o apresentador, os cinegrafistas, que, além das externas, também cuidavam das câmeras do estúdio, e o telecine – profissional responsável por rodar os comerciais que, em sua maioria, eram brasileiros - os principais comerciais eram Collins, Maisena e Omo.

Com o passar dos anos, foram acrescentados programas e alguns saíram do ar para entrarem outros. Além do Noite Social e Jantar com as Estrelas, outros dois programas foram produzidos localmente nos primeiros anos da emissora, o “5 na Sociedade” (fazendo referência ao canal da TV Cidade Branca) e “Pratas da Casa”, ambos os programas com perfil de coluna social. As novelas também fizeram sucesso em Corumbá, e a primeira a ser transmitida na TV Cidade Branca, segundo Tirone (2013), foi “Os deuses estão mortos”, no final de 1971, exibida pela TV Record também nesse mesmo ano.

Sobre o fornecimento de programação externa, não há consenso nas informações dos entrevistados, por isso não há como definir qual foi a primeira emissora a fornecer os produtos televisivos que completavam a programação da cidade de Corumbá. É possível afirmar somente que, antes das emissoras do então Mato Grosso se filiarem à Rede Globo, a emissora de Corumbá utilizava programas de várias emissoras, Excelsior, TV Tupi, Record e TV Globo, junto com sua programação local, e não havia fidelização.

Em setembro de 1969, com o lançamento do Jornal Nacional, que era transmitido em todo o país, a Globo iniciou o processo de formação de uma rede de televisão, na qual as

emissoras polos – as demais emissoras instaladas em todo o território nacional – que aderissem a esse formato teriam sua programação fidelizada, ou seja, transmitiriam, para sua região, apenas a programação da Globo e por meio de inserções na grade continuariam com alguns programas locais. Não existem registros de quando as emissoras do Estado passaram a integrar a rede da TV Globo. Em entrevista a Toniazzo (2007), Ricardo Miraguaia, diretor executivo da Rede Mato-Grossense de Televisão, estima que seja entre 1975 e 1977.

Antes das transmissões em satélite, a população do Estado assistia à programação da Rede Globo atrasada. O Jornal Nacional era exibido um dia depois e o Fantástico, depois de uma semana. Os programas vinham das centrais de produção por malote aéreo. Em meados da década de 1970, as transmissões passaram a ser via satélite, e, dessa forma, era possível assistir aos programas de abrangência nacional sem atrasos. Uma tecnologia que também agradou a população foi a TV em cores que, segundo os relatos de Roriz (2013), chegou a Corumbá entre 1976 e 1977.

O sêo Jorge Ieda, engenheiro espanhol, trouxe as cores para nós. Ele foi na exposição agropecuária, que estava tendo na cidade, mostrar para a sociedade o que era televisão em cores. Ele mostrou um pedaço de uma novela. Nossa, o povo ficou doido com aquilo.

Em 2005, quando completou 40 anos, a TV Morena anunciou a mudança dos nomes das TVs Cidade Branca – Corumbá e Sul América – Ponta Porã. A partir desse ano, todas as emissoras do grupo Zahran passaram a ter o mesmo nome, TV Morena. Segundo o que foi publicado no boletim informativo do grupo (REDE MATO-GROSSENSE DE TELEVISÃO, 2005), o objetivo foi padronizar o sistema em rede – Rede Mato-Grossense de Televisão - adotado pela empresa. Entre os benefícios, citados por Ricardo Miraguaia, diretor executivo da rede, estão a solidificação do conceito de rede e o fortalecimento da marca para negociações e investimentos no mercado nacional e estrangeiro.

Depois de 45 anos da inauguração da TV Morena Corumbá, Ueze Zahran se lembra da principal dificuldade na implantação da TV no Pantanal:

Eu tinha comprado o morro pra colocar a antena em cima do morro pra levar as imagens da televisão pro pantanal e pra Bolívia. Só que a aeronáutica não permitiu que eu montasse a antena no pico do morro porque segundo ela passa avião alí. Eu argumentei com a aeronáutica durante dois meses, mas foi em vão [...]. Então, montei a antena no corpo do morro e ficava ouvindo queixa do pantanal o tempo todo porque não pegava imagem lá, a Bolívia queria ver imagem e também não tinha imagem lá porque a antena estava no corpo do morro. Foram dois anos assim, todo mundo reclamando pra mim [...]. Até que um dia mandei colocar uma antena estaiada no cucuruco (do morro) [...]. Na torre eu coloquei uma antena pra Bolívia, outra pro Pantanal e todo mundo ficou feliz. Isso há faz 40 anos e nunca aconteceu nenhum problema [...]. E foi assim que o pantanal e a Bolívia conseguiram a imagem da televisão de Corumbá. (ZHRAN, 2014).

A importância em transmitir as imagens da emissora brasileira para a Bolívia vai muito além do fato de o país vizinho ter acesso às imagens do Pantanal – ele tem acesso à própria imagem. O distanciamento geográfico das regiões de fronteira em relação aos grandes centros causa isolamento político e econômico e midiático também. A população fronteiriça não se vê nas mídias nacionais; são os veículos de comunicação da sua própria região que podem ser do seu país ou do país vizinho que a retrata.

Essa é a realidade da TV Morena, emissora brasileira sediada na cidade de Corumbá, município que está na fronteira com a Bolívia. Por isso, rotineiramente, os bolivianos estão presentes no telejornal produzido do lado brasileiro. A pesquisa realizada pretende mostrar, a partir dessa condição, de que maneira a população do país vizinho é apresentada no jornalismo televisivo de Corumbá. Parte da produção jornalística da emissora foi analisada para atender a esse objetivo e também para identificar o perfil do telejornalismo brasileiro produzido nessa fronteira.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Para atender aos objetivos propostos no trabalho de analisar de que forma a Bolívia é apresentada no telejornalismo produzido do lado brasileiro da fronteira e traçar o perfil do telejornalismo fronteiriço desenvolvido em Corumbá, as 26 matérias que compõem o *corpus* foram analisadas sob a luz de seis categorias de análise: eixo temático; localidade das matérias; nacionalidade das fontes; classificação das fontes; interesse brasileiro nos assuntos noticiados e valência das reportagens. O estudo contempla dois anos de produção de reportagens transnacionais (2012 e 2013) de modo que, em cada categoria de análise, esses períodos são explorados primeiro de forma separada para posterior análise conjunta dos dois anos, considerando o universo total do *corpus*.

Antes de minuciar o *corpus* nas categorias de análise, considera-se importante entender sua representação no conjunto em que está inserido. Dessa forma, a primeira análise realizada é quanto à frequência de matérias transnacionais nas produções televisivas da TV Morena – Corumbá. Depois das reflexões trazidas nos capítulos anteriores sobre o papel e importância das mídias nas regiões de fronteira e da capacidade de proporcionar interação entre os povos, esse primeiro dado chama atenção. Durante todo o ano de 2012, a emissora de televisão corumbaense produziu 1.288 matérias (entre locais, fronteiriças e transnacionais). Desse total, 1.180 reportagens (que correspondem a 92% das produções de 2012) são classificadas como locais, ou seja, tratam de assuntos sobre Corumbá sem relacioná-los à fronteira ou à Bolívia. Completando o total de matérias produzidas no primeiro ano da análise, há 108 reportagens (que equivalem a 8% do total produzido em 2012) que se referem ao país vizinho e/ou à região fronteiriça. A análise e classificação desses 108 VTs revelaram que 91 deles (7%) se configuram como fronteiriços e 17 (1%), como transnacionais (Gráfico 1).

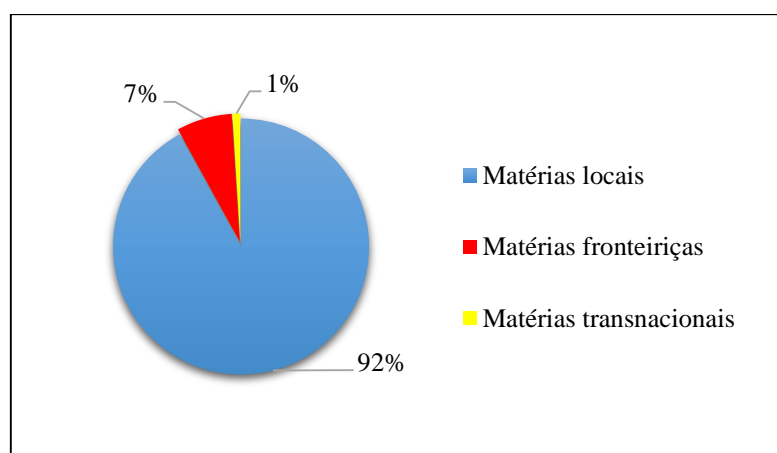


Gráfico 1 - Classificação das matérias de 2012.

Esses dados revelam que, durante 2012, a equipe de reportagem da TV Morena – Corumbá dedicou 1% de suas produções para tratar de assuntos sobre a Bolívia. Isto significa que cruzou a fronteira 17 vezes para noticiar fatos relacionados ao país vizinho.

Em 2013, apesar da maior quantidade de reportagens, ao todo foram 1.436 (entre locais, fronteiriças e transnacionais), o número de matérias que falam sobre a Bolívia e/ou a fronteira diminuiu. Do total, 1.375 (95,4% das matérias) abordam assuntos locais de Corumbá, não tendo relação alguma com a Bolívia ou a fronteira. As reportagens que se referem ao país vizinho e/ou à fronteira contabilizam 61 matérias (que correspondem a 4,6% do total). Na classificação dessas 61 reportagens em fronteiriças e transnacionais, chegou-se à conclusão de que 52 matérias (4% em relação ao total de reportagens) são fronteiriças e nove têm as características de matérias transnacionais (0,6% do total), como demonstradas no Gráfico 2.

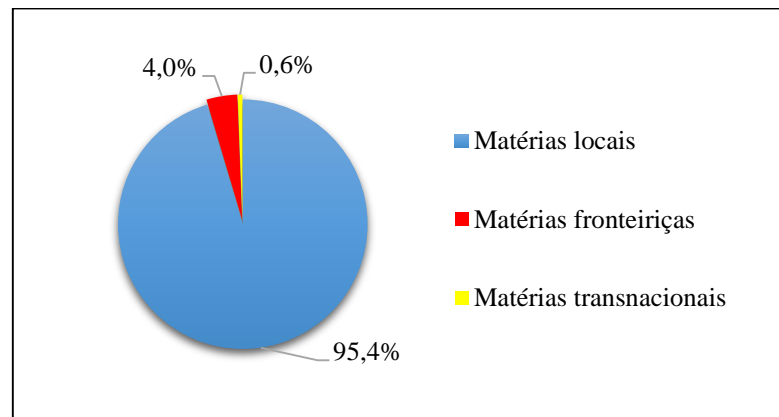


Gráfico 2 - Classificação das matérias de 2013.

Portanto, constata-se que, no segundo ano contemplado pela pesquisa, a emissora de televisão cruzou a fronteira para produzir matérias de profunda relação com o país vizinho nove vezes. A totalidade de matérias transnacionais produzidas em 2013, que se configura como parte do *corpus* deste trabalho, corresponde a pouco mais de meio por cento (0,6%) do total de reportagens feitas pela emissora. Considerando conjuntamente os anos de 2012 e 2013, contabiliza-se a produção de 2.724 matérias (entre locais, fronteiriças e transnacionais), das quais, 2.555 (94%) tratam apenas de assuntos locais de Corumbá. As reportagens classificadas como fronteiriças chegaram a 143 produções (o que corresponde a 5% do total). A categoria transnacional contabilizou, ao longo dos dois anos analisados, 26 reportagens (o que representa 1% do todo), como é apresentado no Gráfico 3.

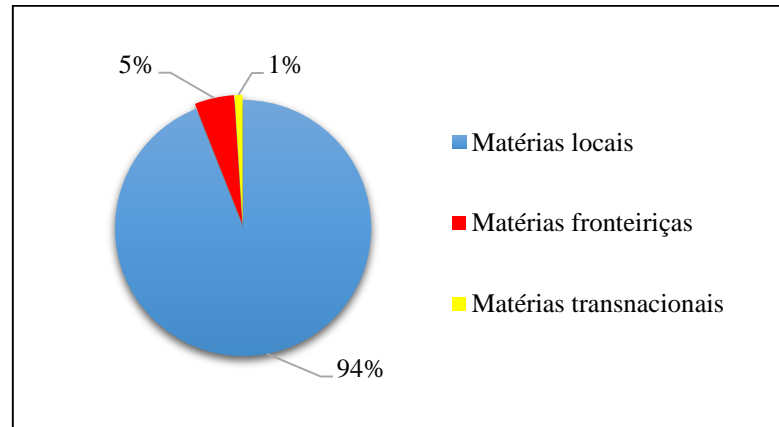


Gráfico 3 - Classificação das matérias de 2012 e 2013.

O baixo percentual de matérias transnacionais é um dado que chama a atenção principalmente pela proximidade geográfica da Bolívia com Corumbá e pelo intenso fluxo de bens materiais e não materiais, como culturais, políticos, sociais, educativos; o trânsito diário de pessoas; as relações econômicas e comerciais; questões relacionadas à saúde, dentre outras que fomentam e dão vida à região. A interação entre Corumbá e as cidades fronteiriças Puerto Quijarro e Puerto Suárez é citada por estudiosos da área, como Brasil (2005 apud MARTINS, 2010) e Martins (2010), pois consideram que essas cidades apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, além da consciência de independência que elas têm.

Sobre esse paradoxo de estar tão próximo do país vizinho e ao mesmo tempo ter uma produção sutil de matérias transnacionais, a jornalista Vivian Castro (2015), que esteve à frente do Departamento de Jornalismo da emissora, como editora-chefe durante quatro anos, argumenta que o foco principal da emissora é noticiar assuntos do lado brasileiro da fronteira e que a questão estrutural e a dificuldade com as fontes também limitam o trabalho.

Acredito que o principal motivo seja que o nosso foco, apesar de estarmos na fronteira e de ser importante a cobertura dos assuntos sobre aquela comunidade que vive ali naquela região de fronteira, o nosso foco é os brasileiros que vivem do nosso lado: os corumbaenses e os ladarenses [...]. Por falta até de estrutura a gente não consegue dedicar muito tempo a reportagens produzidas na fronteira, a gente se dedica aos factuais – aqueles fatos que acontecem inesperadamente e aí a gente têm que dedicar é claro nossa atenção a eles. E ainda assim, mesmo quando a gente vai dedicar tempo e espaço dos telejornais locais para as notícias relacionadas à Bolívia a gente tem que considerar a dificuldade de ter acesso às fontes.

Em vista do baixo número de matérias classificadas como transnacionais, considerou-se importante identificar a periodicidade que esse tipo de material é feito. Para isso, apurou-se a produção dessas reportagens mês a mês. A partir do levantamento, constataram-se longos períodos sem a produção de matérias produzidas na Bolívia. O que não significa dizer que a fronteira ou a Bolívia não foram mencionadas durante o período em que não foram produzidas

matérias transnacionais. Em todos os meses dos dois anos analisados, foram feitas matérias classificadas como fronteiriças. Essa informação significa que assuntos relacionados ao país vizinho e à fronteira foram abordados em todos os meses do ano, no entanto, não com as características que configuram as reportagens transnacionais, que são consideradas aquelas matérias com maior dedicação e profunda relação com o “outro”, como prevê a definição de Cancio (2011, p.129):

narram sobre a cultura do outro, falam, fazem referência, comentam, analisam, descreve e reportam diretamente sobre o outro país; ultrapassam os limites geográficos e chegam ao território da outra cidade do país vizinho; abordam claramente a respeito de assuntos e/ou pessoas de outro país.

O Gráfico 4 compara a produção das três categorias de matérias jornalísticas (local, fronteiriça e transnacional) mês a mês no ano de 2012.

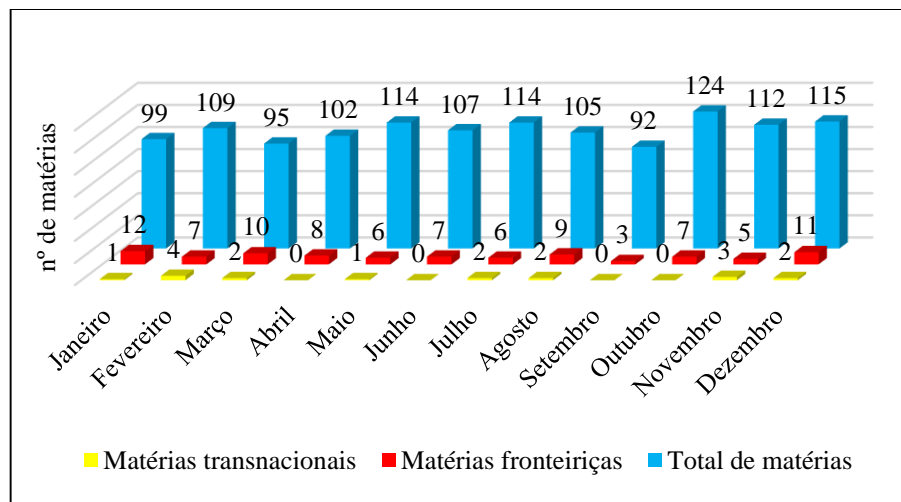


Gráfico 4 - Comparação mensal das matérias de 2012.

Observa-se que o mês com maior quantidade de matérias transnacionais foi fevereiro, que contabilizou quatro produções. O maior número de reportagens nesse mês foi estimulado pelo alto índice de infestação de dengue no país vizinho e as iniciativas em conjunto (Brasil e Bolívia) para conter o aumento da doença. Durante o ano, o maior período sem matérias transnacionais foi de dois meses, de setembro a outubro. Em junho e abril também não foi produzida essa categoria de matéria. Nota-se também que, em todos os meses do ano, foram produzidas matérias classificadas como fronteiriças, o que indica que a Bolívia e a fronteira foram tratadas e relacionadas nas matérias durante todo o ano, mas não de forma aprofundada, como é feito em casos de matérias transnacionais.

Em 2013, assim como no ano anterior, fevereiro foi o mês com maior produção de matérias transnacionais, também com quatro reportagens feitas do outro lado da fronteira. Diferente de 2012, o que motivou a maior produção de matérias transnacionais em fevereiro de 2013 foi o início do processo de devolução de carros brasileiros roubados ou furtados que circulavam na Bolívia. Essa iniciativa faz parte do processo de legalização dos veículos que circulavam de forma irregular nesse país. Durante a legalização, o governo da Bolívia se comprometeu a devolver para o país de origem os veículos com indícios de roubo ou furto. A devolução dos primeiros veículos para o Brasil motivou uma cobertura jornalística de repercussão nacional, estimulando maior número de matérias transnacionais nesse período.

O Gráfico 5 compara a produção das três categorias de matérias jornalísticas (local, fronteira e transnacional) mês a mês no ano de 2013.

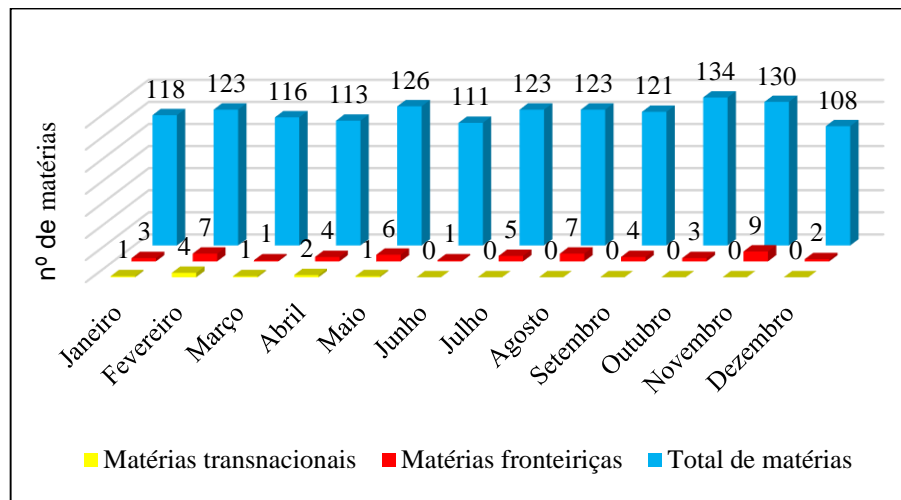


Gráfico 5 - Comparação mensal das matérias em 2013.

Em contraste com fevereiro estão os meses de junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro, que não tiveram produção de matérias transnacionais. Ou seja, em sete meses consecutivos nenhuma matéria foi realizada do outro lado da fronteira. Isto não significa, como mencionado no Gráfico 4 (2012), que nos meses em que não foram produzidas matérias transnacionais não se tenha noticiado fato relacionado com a fronteira e/ou a Bolívia. Como pode ser observado, em todos os meses do ano foram contabilizadas matérias fronteiriças.

Os dois anos analisados na pesquisa apresentam duas semelhanças: fevereiro como mês de maior produção de matérias transnacionais e o número recorde de quatro matérias produzidas no mês. A maior diferença entre eles, no entanto, é quanto à ausência dessas matérias. Enquanto 2012 apresentou uma produção mais equilibrada ao longo dos 12 meses (com tempo máximo de dois meses sem matérias transfronteiriças), 2013 concentrou toda sua produção nos cinco

primeiros meses do ano. De junho a dezembro não foi contabilizada nenhuma reportagem em que os jornalistas cruzaram a fronteira para noticiar assuntos de profunda relação com o país vizinho.

4.1 Categoria de análise: eixo temático

Muito além de tracejar sobre a incidência de reportagens feitas do outro lado da linha internacional, o presente trabalho se empenha em descortinar o que é noticiado sobre o país vizinho. Por conta disso, o tema das matérias transnacionais foi incluído como uma das categorias de análise entendendo que irá auxiliar no cumprimento dos dois objetivos do trabalho: traçar o perfil do telejornalismo fronteiriço desenvolvido em Corumbá e de identificar como a Bolívia é apresentada por ele. Comum na análise de conteúdo, o tema, como unidade de registro é definido por Bardin (2009, p.131) como “unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos”. Adotando o conceito da autora, identificaram-se na análise das 17 matérias transfronteiriças de 2012, oito temas abordados: dengue; manifestações na fronteira; carros repatriados; falta de gasolina; cultura; tráfico de pessoas; fiscalização na fronteira e censo boliviano. O Gráfico 6 ilustra o percentual em que cada um desses temas foi abordado nas matérias transnacionais.

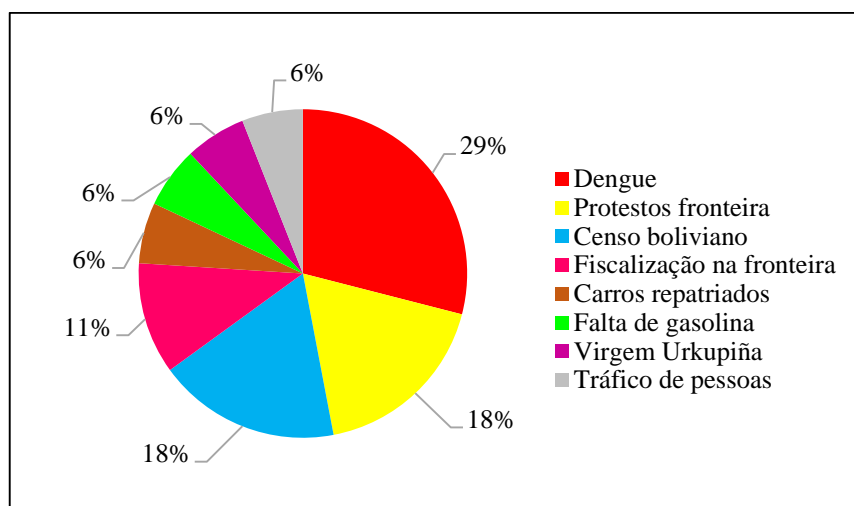


Gráfico 6 - Percentual de matérias por eixo temático - 2012.

O assunto que mais gerou matérias transnacionais em 2012 foi a dengue – com 29% (que correspondem a cinco reportagens). Em seguida, os assuntos mais abordados nas matérias transnacionais foram o censo boliviano e os protestos civis na fronteira, cada um desses temas foi assunto de 18% (que equivalem a três reportagens) do total de matérias

transfronteiriças produzidas em 2012. As operações de fiscalização das polícias na fronteira foram o tema de 11% das reportagens (dois VTs). Os demais assuntos abordados nas matérias transnacionais de 2012: carros repatriados, falta de gasolina, cultura e tráfico de pessoas, presentes em 6% das matérias transnacionais (uma reportagem por tema).

O levantamento de temas em 2013 revelou que, no segundo ano analisado na pesquisa, houve pouca diversidade nos assuntos tratados em forma de matérias transnacionais. Identificaram-se, entre as nove matérias transfronteiriças produzidas neste ano, quatro temas: carros repatriados, índice de doenças infecciosas, emigração e bloqueio na fronteira. A pouca variedade de assuntos vem acompanhada de outra característica desse ano, a concentração de reportagens em um único tema e a consequente repercussão reduzida dos demais assuntos. O Gráfico 7 mostra a o percentual dos temas noticiados nas matérias transnacionais de 2013.

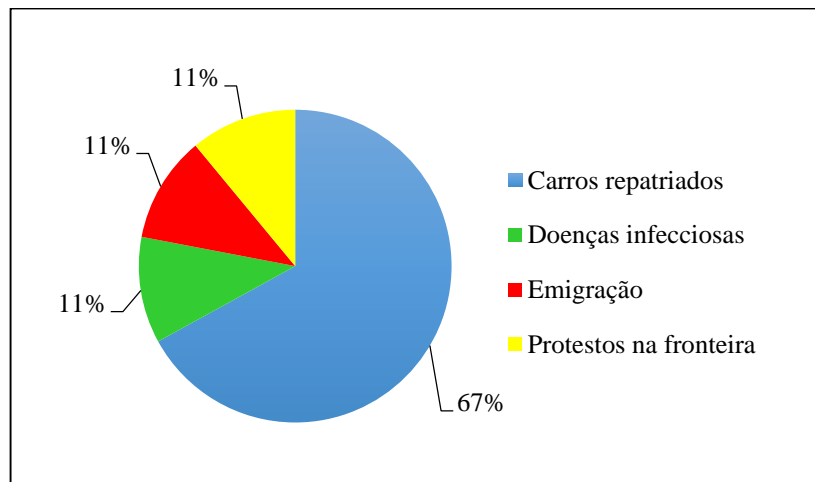


Gráfico 7 - Percentual de matérias por eixo temático - 2013.

O assunto destaque de 2013 foram “carros repatriados”: 67% das matérias transnacionais (seis reportagens) produzidas nesse ano foram sobre a devolução de carros brasileiros roubados ou furtados que circulavam na Bolívia. A questão ganhou repercussão nacional, o que gerou uma cobertura jornalística incluindo matérias que foram vinculadas aos telejornais de âmbito nacional da Rede Globo. Além dessas reportagens que constam no trabalho, foram produzidas outras matérias sobre o mesmo assunto, no entanto, apresentam características de reportagens fronteiriças e, por isso, não foram incluídas no *corpus*. Outros três temas foram abordados em matérias transnacionais em 2013: capacitação para o enfrentamento às doenças infecciosas; alto índice de emigração boliviana para o Brasil e protesto civil na fronteira reivindicando aumento na aposentadoria. Cada um desses assuntos foi abordado em 11% das reportagens transnacionais (que representam uma matéria produzida sobre cada tema).

É importante salientar que foram feitas matérias sobre outros temas, diferentes dos mostrados nos Gráficos 6 e 7, porém, em forma de matérias fronteiriças, como é o caso da reportagem “Bolívia 188 anos” produzida em 6 de agosto de 2013 sobre a comemoração da independência boliviana. Apesar de ser um assunto totalmente referente ao país vizinho, a matéria mostrou uma comemoração realizada em Corumbá no projeto Moinho Cultural¹¹. Não há imagens do país vizinho compondo o material; os entrevistados bolivianos mostrados na matéria foram aqueles que estavam no local participando da apresentação. Ressalta-se que pela classificação das matérias do telejornalismo fronteiriço, elaboradas por Cancio (2011), a transnacional é a categoria considerada mais completa, pois, além de tratar de assuntos de interesse ou completa relação com o outro país, também tem a transposição geográfica, ou seja, o assunto foi considerado por ter a presença da equipe de reportagem depois da fronteira.

Voltando a atenção para o *corpus* do trabalho, nota-se que, ao longo de dois anos, a única emissora de televisão brasileira na fronteira com Mato Grosso do Sul e Bolívia cruzou a linha internacional para tratar de poucos assuntos, contabilizando, ao todo, nove eixos temáticos. Comparando os dois anos de produção, percebe-se que esses assuntos tendem a se repetir de um ano para outro. Com exceção do tema “emigração”, os assuntos abordados em 2013 haviam sido abordados em 2012. Ressalta-se que o tema emigração, único que se difere dos assuntos no ano anterior, foi tratado em uma matéria que não foi iniciativa da emissora local. Trata-se da repercussão de uma reportagem feita pela Rede Globo Nacional.

É necessária, também, uma reflexão sobre os assuntos que não foram abordados nas matérias transnacionais durante o período selecionado, como economia, comércio, meio ambiente, agricultura, esporte, entretenimento, lazer e até mesmo produções significativas sobre cultura no país vizinho, já que a única produção sobre ela, nesses dois anos, foi uma nota coberta (apenas imagens e *off*, sem entrevistados) sobre a celebração da Virgem de Urkupiña. Sobre a pouca variedade de temas abordados nas matérias transnacionais, Vivian Castro (2015) explica ser uma questão estrutural da emissora, o que limita a variedade de assuntos e a produção de matérias mais elaboradas:

É uma equipe muito pequena, Corumbá é uma cidade que tem muito factual. Não falta notícia em Corumbá [...]. Então a gente não consegue dar muita atenção aos outros temas do país, da Bolívia no caso. Então a gente acaba se dedicando aos assuntos cotidianos, os factuais [...]. Então, o turista que vai fazer compras na Bolívia não consegue acessar o país porque a fronteira está fechada – é notícia. Um caso de raiva canina na Bolívia, sendo que é uma fronteira seca, os cães têm livre acesso ali, é notícia [...]. Muitas vezes a gente fez planejamento para fazer cobertura turística ali na região até além da faixa de fronteira, porque é uma região muito bonita ali na

¹¹Instituto Cultural sediado em Corumbá em que participam crianças brasileiras e bolivianas. A TV Morena é uma das parceiras do Instituto.

Bolívia [...] e por uma questão estrutural da TV a gente não consegue. (CASTRO, 2015).

4.2 Categorias de análise: localidades das matérias

Contribuindo para atender ao objetivo de traçar o perfil do telejornalismo fronteiriço desenvolvido em Corumbá, foi incluída a localidade das matérias como categoria de análise que tem, como finalidade, identificar a qual cidade boliviana cada reportagem faz referência e, conseqüentemente, onde foram gravadas. Considerou-se também, como local de referência a fronteira, pois há matérias transnacionais que não tratam de uma cidade específica, mas da Bolívia em sua totalidade. Para ambientar a matéria, há imagens ou passagem do repórter feitas na fronteira entre os países, como é o caso da primeira matéria de 2012, denominada “DENGUE BOLÍVIA”, do dia 11 de janeiro, que trata do alto índice da doença no país vizinho. A reportagem não fala de nenhuma cidade fronteiriça específica, mas, sim, trata da doença em sentido nacional e destaca a situação das cidades de Santa Cruz de la Sierra e La Paz. A matéria foi gravada na região de fronteira entre os países (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

A partir dessa categoria de análise, foi possível perceber que, em 2012, 47% das matérias foram gravadas em Puerto Quijarro, ou seja, das 17 reportagens transnacionais, oito foram produzidas na cidade boliviana mais próxima de Corumbá. Puerto Suárez está em seis matérias e a região de fronteira foi ambiente para quatro reportagens, como indica o Gráfico 8.

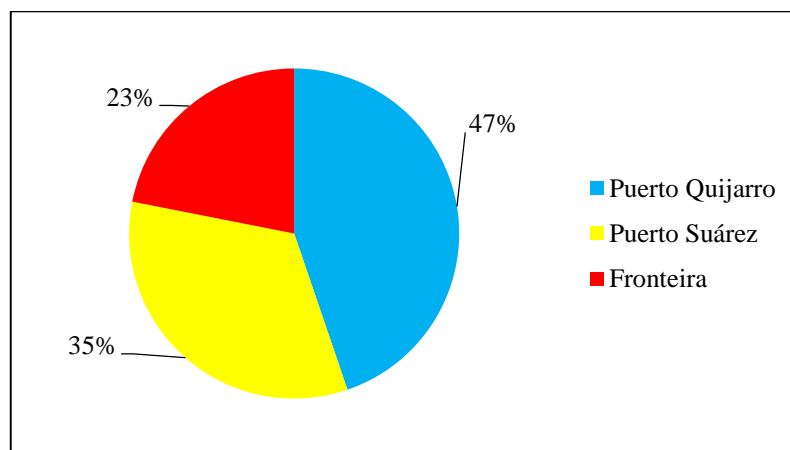


Gráfico 8 - Localidades bolivianas nas matérias transnacionais - 2012.

A segunda matéria de 2012, “DENGUE BOLÍVIA”, do dia 3 de fevereiro, foi gravada em Puerto Suárez e em Puerto Quijarro (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Dessa forma, essa mesma matéria foi contabilizada duas vezes, uma para cada cidade.

Essa categoria de análise também possibilitou visualizar os assuntos mais tratados em cada localidade. Em Puerto Quijarro, por exemplo, os assuntos abordados foram censo boliviano, tráfico de pessoas, cultura, repatriação de carros e dengue. Dentre esses assuntos, a contagem da população da Bolívia teve o maior número de matéria (três reportagens), duas foram sobre dengue e os demais assuntos foram abordados em uma reportagem. Em Puerto Suárez, no entanto, o assunto de maior cobertura foram as manifestações civis que bloquearam o acesso ao interior da Bolívia. Enquanto em Puerto Suárez três matérias se dedicaram aos protestos, nenhuma reportagem sobre esse tema foi gravada em Puerto Quijarro. Em seguida, estão os seguintes assuntos: dengue (tratado em duas matérias) e uma reportagem sobre a falta de gasolina. Na fronteira, falou-se sobre fiscalização e saúde, duas matérias de cada assunto.

Ao analisar as cidades em que foram gravadas as matérias de 2013, é possível perceber diferenças em relação ao ano anterior. A primeira delas é quanto à participação das cidades nas reportagens. Se em 2012 houve pouca disparidade entre as localidades tratadas nas matérias, no segundo ano da pesquisa, mais da metade das matérias transnacionais foram gravadas em apenas uma cidade, como mostra o Gráfico 9.

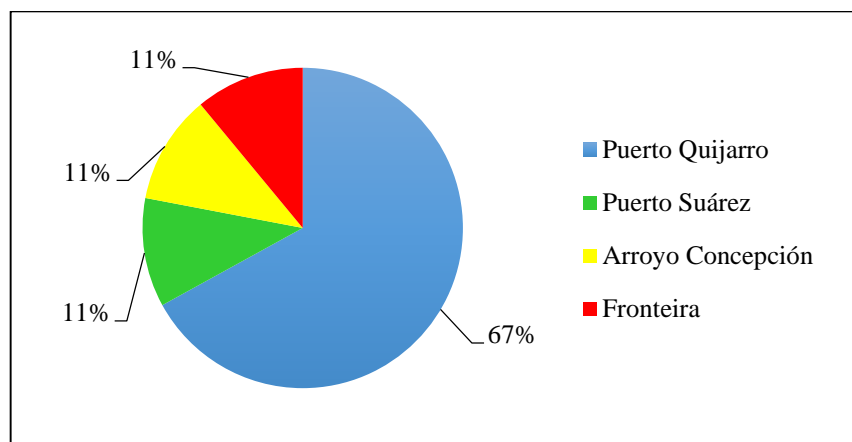


Gráfico 9 - Localidades bolivianas nas matérias transnacionais - 2013.

As reportagens gravadas em Puerto Quijarro correspondem a 67% do total de matérias transfronteiriças de 2013. Significa que do total de nove matérias, seis reportagens referem-se a assuntos que aconteceram nessa cidade. Puerto Suárez e a fronteira apareceram, cada uma, em onze por cento das reportagens, o que corresponde a uma matéria gravada em cada uma dessas cidades. Outro elemento que difere do ano anterior é que, em 2013, Arroyo Concepción, distrito de Puerto Quijarro, foi cenário para uma matéria.

Essa diferença entre as localidades em que as matérias foram gravadas é explicada ao cruzar essas informações com as da primeira categoria de análise, que levantou os temas noticiados. Em 2013, as matérias transnacionais foram dedicadas quase que exclusivamente ao

processo de repatriação de veículos brasileiros que circulavam na Bolívia. Esse assunto rendeu uma cobertura jornalística e todas as matérias transnacionais sobre o assunto foram feitas em Puerto Quijarro pelo fato de os veículos, que aguardavam para serem trazidos de volta ao Brasil, ficarem no pátio da marinha boliviana, na cidade de Puerto Quijarro. Por esse motivo, todas as matérias sobre o tema foram feitas nessa cidade. A única reportagem feita em Puerto Suárez teve como gancho uma capacitação dada aos profissionais da saúde da cidade pelos agentes de saúde de Corumbá. A localidade de fronteira apresentou-se na matéria que tratou da emigração dos bolivianos para São Paulo. A reportagem gravada em Arroyo Concepción tratava sobre um protesto civil a favor do aumento da aposentadoria, e, por conta disso, as estradas que dão acesso ao interior da Bolívia foram bloqueadas.

Em uma análise conjunta dos dois anos, considerando o total de matérias transnacionais em 2012 e 2013, tem-se um *corpus* de 26 reportagens em que 14 (54%) delas foram feitas em Puerto Quijarro. A devolução dos carros brasileiros feita pelo governo boliviano, apesar de ser um dos fatores que alavancou o número de reportagens gravadas em Puerto Quijarro, não é a única. Mais uma vez, a questão estrutural influencia no perfil desse telejornalismo, além disso, o fator segurança também é levado em consideração, como relata Castro (2015):

A questão logística é o que mais move a gente ali, por conta da questão estrutural da praça. É uma praça pequena com equipe reduzida, nós temos um jornal lá para fazer, com fade enorme de 40 minutos. Então, a gente tem que ser muito ágil, e ali é muito mais rápido para chegar. A não ser que o assunto exija, como o caso da matéria de Arroyo Concepción, não tinha como fazer dali mesmo, era uma situação que estava acontecendo lá. E isso é um risco maior, também, a gente fica um pouco temeroso de mandar a equipe para uma distância maior, porque é um outro país. A gente não pode esquecer que é outro país, são outras leis mesmo que estamos a trabalho. Enfim, a questão logística é o que mais interfere para basear as matérias praticamente todas ali em Quijarro mesmo.

4.3 Categoria de análise: nacionalidade das fontes

Outro indicativo importante para traçar o perfil do telejornalismo fronteiriço é quanto aos entrevistados presentes nas matérias. A partir desse elemento, optou-se por extrair duas categorias de análises: a nacionalidade dos entrevistados e a classificação deles como fontes oficiais e não oficiais. A primeira categoria tem o objetivo de identificar e mensurar a presença de bolivianos e brasileiros nas matérias transnacionais; enquanto a segunda categoria de análise se preocupa em apontar a representatividade dos entrevistados como fontes oficiais e não oficiais.

As fontes são um dos elementos primordiais para qualquer tentativa de entendimento do discurso periodístico na atualidade. A rigor, não há jornalismo sem fonte, pois elas legitimam

as informações (e o discurso) dos textos jornalísticos (PELLEGRINI, 2008). As fontes podem ser definidas como:

as pessoas que o jornalista observa ou entrevista [...] e as que fornecem apenas informações de base ou as ocasiões para uma notícia [...]. A característica mais saliente das fontes é que elas fornecem informações enquanto membros ou representantes de grupos (organizados ou não) de interesse ou de outros setores da sociedade. (GANS, 1979 apud WOLF, 2005, p. 234).

As fontes podem ser classificadas de acordo com os vários aspectos como categoria, ação, qualificação, representatividade, entre outras (SCHMITZ, 2011). Para este trabalho, consideraram-se as fontes que aparecem nas matérias por meio de sonoras. A partir disso, foram consideradas a nacionalidade dos entrevistados e a representação, a qual eles pertencem. Considerando a representação das fontes, estas podem ser classificadas como: oficial, empresarial, institucional, popular, testemunhal, dentre outras categorias.

Tendo em vista que não é o objetivo central deste trabalho a análise minuciosa sobre os tipos de fontes utilizadas, tomaram-se duas categorias de fontes: oficiais e não oficiais. Consideraram-se como fontes oficiais pessoas entrevistadas em função ou cargo público que se pronunciam por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário), bem como organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios de ofício, companhias públicas e outras) (SCHMITZ, 2011). Às fontes não oficiais foram incluídos especialistas como advogados, médicos que não falam em nome de uma organização ou personalidade; os personagens das matérias - entrevistados que relatam e servem de testemunho de um determinado acontecimento – e as fontes consideradas por Schmitz (2011) como institucionais, que são os entrevistados que representam uma organização sem fins lucrativos ou grupo social, como sindicatos.

Feitos os devidos esclarecimentos, a primeira categoria de análise sobre as fontes ocupou-se de identificar a presença de entrevistados bolivianos e brasileiros. As 17 matérias que compõem o *corpus* do ano de 2012 somaram 43 entrevistados, e destes, 53,5% (que correspondem a 23 entrevistados) são pessoas bolivianas. As fontes brasileiras apareceram em número um pouco menor, totalizando 46,5% das fontes (20 entrevistados), como demonstrado no Gráfico 10.

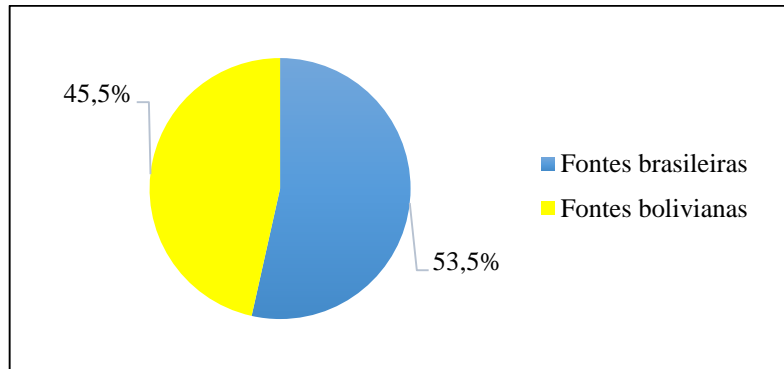


Gráfico 10 - Nacionalidade das fontes em 2012.

Conclui-se que nas matérias transnacionais de 2012, há ligeira predominância das fontes bolivianas. Os moradores do país vizinho participaram das matérias transnacionais 7% mais que os brasileiros.

Essa tendência não se manteve no ano seguinte. Em 2013, as fontes brasileiras se sobressaíram em relação às bolivianas. As nove matérias transnacionais contabilizaram 24 entrevistados, 58% das entrevistas (que correspondem a 14 fontes) foram feitas com brasileiros, já os bolivianos foram ouvidos em 42% das entrevistas (contabilizando 10 entrevistados), como ilustra o Gráfico 11.

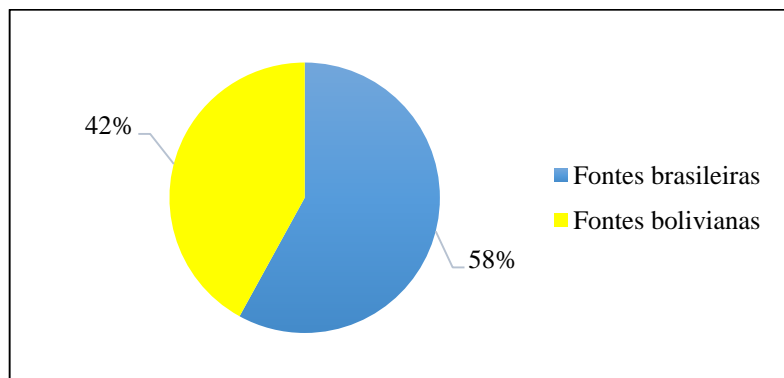


Gráfico 11 - Nacionalidade das fontes em 2013.

No segundo ano da análise, os brasileiros representaram a maioria das fontes ouvidas nas matérias transnacionais, uma vantagem de 16% sobre os entrevistados bolivianos. É importante salientar que o número total de fontes, nos dois anos, não excluiu os entrevistados que se repetiram entre as matérias, como o Cônsul brasileiro na Bolívia, que foi entrevistado em diversas reportagens, cuja participação foi considerada em todas as matérias.

Somando as fontes dos dois anos da pesquisa, há um ligeiro predomínio de fontes brasileiras. Considerando 2012 e 2013, foram entrevistadas 67 pessoas, e 51% por cento delas (34 fontes) são do Brasil e 49% (33 entrevistados), bolivianos. Apesar da diferença entre a

nacionalidade dos entrevistados ser mínima (apenas 2%), acreditava-se, antes do levantamento dos dados, que a presença de fontes bolivianas fosse predominante e a participação de brasileiros nas matérias transfronteiriças fosse pontual, levando-se em consideração que as matérias transnacionais são sobre assuntos diretamente relacionados ao outro país, que a reportagem precisa ser ambientada ou ter parte dela ambientada no território estrangeiro e deve referir-se àquela população. A análise, no entanto, indica o contrário. No período estudado, algumas reportagens transnacionais (Anexos A e B) foram feitas com maioria de fontes brasileiras e algumas, inclusive, foram produzidas totalmente com entrevistados brasileiros (Apêndices A e B).

Sobre a presença expressiva de fontes brasileiras nas matérias transnacionais, a então jornalista chefe da emissora justifica que as fontes bolivianas são resistentes a dar entrevistas, principalmente as fontes consideradas oficiais, mas enfatiza a iniciativa da emissora em incluí-los nas matérias. Nas palavras de Castro (2015):

Existe dificuldade sim, para entrevistar fontes bolivianas. Depende muito do tema que a gente vai tratar. Se a gente for falar de uma festa cultural deles, é claro que a recepção é muito mais calorosa, mais amigável. Mas se a gente vai falar de segurança, por exemplo... a gente procura geralmente as autoridades que estão alocadas ali na fronteira mesmo [...] dá para contar a presença das autoridades bolivianas nas reportagens feitas pela equipe de Corumbá, é muito pequena. Mas por resistência deles, não que a gente não vá, não procure, não tente mas eles resistem em gravar.

4.4 Categoria de análise: classificação das fontes

A outra categoria de análise sobre fontes, que indica a incidência de fontes oficiais e não oficiais, revelou equilíbrio na escolha desse tipo de fontes ao longo dos dois anos analisados. Porém, existe ligeira vantagem no uso de fontes não oficiais. Em 2012, do universo de 43 entrevistados, 51% (que correspondem a 22 entrevistados) foram classificados como não oficiais e 49% como oficiais (21 entrevistados). Uma diferença de 2% entre essas categorias de fontes, como mostra o Gráfico 12.

Em 2013, a discreta tendência pelas fontes não oficiais permaneceu. Ao longo do ano foram entrevistadas 24 pessoas, destas 54% (13 entrevistados) são consideradas como oficiais e 46% (11 entrevistados) classificam-se como não oficial. O que revela uma predominância de 10% de fontes não oficiais nas matérias transnacionais do segundo ano da pesquisa, como mostra o Gráfico 13.

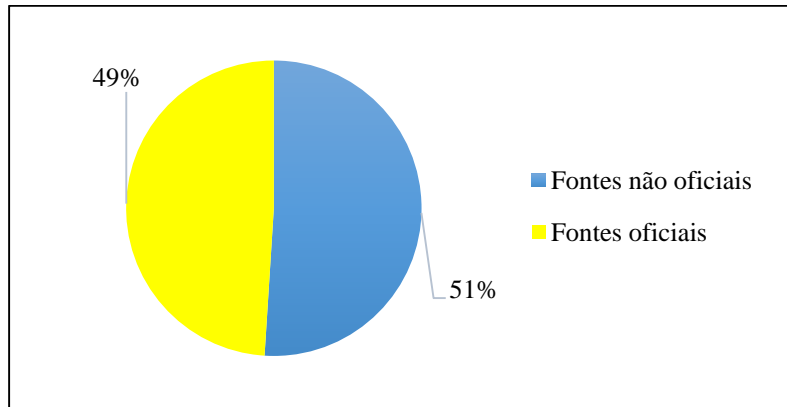


Gráfico 12 - Classificação das fontes - 2012.

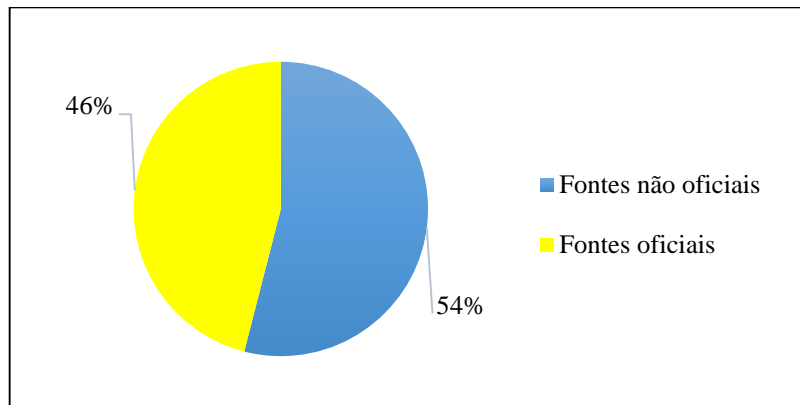


Gráfico 13 - Classificação das fontes - 2013.

Ao cruzar as informações das duas categorias de análises que se referem a respeito das fontes, notou-se que, nos dois anos da pesquisa, o número de entrevistados considerados como fontes oficiais e não oficiais foi igual entre as fontes brasileiras. Referente aos bolivianos há uma discreta preferência por fontes não oficiais. Nos dois anos, os entrevistados brasileiros constituíram 50% oficial e 50% não oficial. As fontes de nacionalidade boliviana foram, em 2012, de maioria (52%) não oficial. Em 2013, essa tendência foi um pouco mais evidente, pois 60% das fontes bolivianas entrevistadas eram não oficiais, o que vai ao encontro da declaração de Castro (2015), citada no tópico anterior, em que ressaltou que as reportagens contavam com poucas fontes oficiais bolivianas.

Este outro trecho da entrevista de Castro (2015) também mostra a justificativa da emissora para o número menor de fontes oficiais bolivianas nas reportagens:

Assim, primeiro que eles (fontes oficiais) são muito resistentes, muito resistentes. Aí a gente geralmente tem um contato prévio com o Consul da Bolívia que fica em Corumbá [...]. Ele era uma pessoa bastante acessível mas não abria portas para gente do lado de lá. Então não indicava fontes...porque eles são muito temerosos, muito temerosos mesmo. Porque é uma região de muita insegurança, essa é que é a verdade. As fontes são bem restritas. A gente procura a polícia boliviana, em caso muito

extremos o Ministério Público boliviano, a Marinha boliviana e o consulado. Basicamente é isso, em alguns momentos nós chegamos a ouvir a Marinha Boliviana mas é raro eles gravarem entrevistas. Muitas vezes eles chegam a falar, conversam com o repórter mas para gravar eles se recusam.

4.5 Categoria de análise: interesse brasileiro nas matérias transnacionais

Foi possível perceber, na análise do *corpus*, uma característica importante nas reportagens. Apesar de serem transnacionais e, por isso, o assunto ser sobre o país vizinho, notou-se que os temas abordados não são apenas de interesse da Bolívia, mas que a maioria também tem relação com o Brasil. Essa constatação levou a incluir mais uma categoria de análise na pesquisa: o interesse brasileiro nas matérias transnacionais. Foi identificado, a partir disso, que 82% das reportagens transnacionais produzidas em 2012 tinham envolvimento do Brasil nos temas abordados. Ou seja, das 17 matérias transnacionais, 14 estão relacionadas, também, ao Brasil. Como pode ser observado no Gráfico 14.

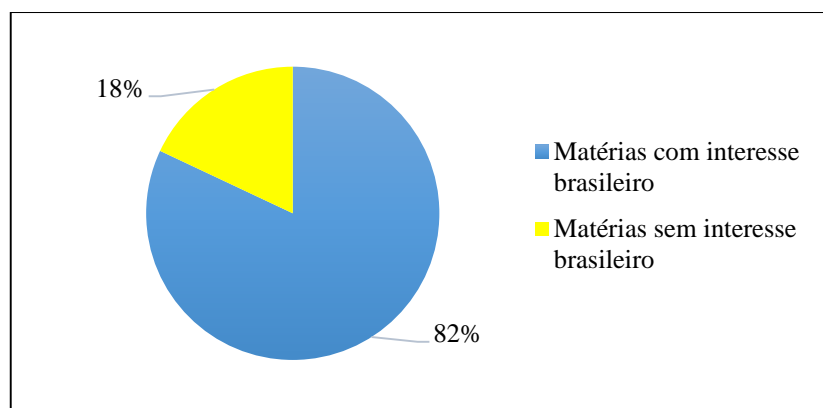


Gráfico 14 - Brasil nas matérias transnacionais - 2012.

Iniciando essa análise pelo eixo temático que trata sobre a dengue no país vizinho, percebe-se que as cinco matérias transfronteiriças sobre o assunto têm forte interesse e relação com Corumbá, seja ao dizer do risco da epidemia boliviana para o Brasil, seja para destacar a participação dos corumbaenses no mutirão de limpeza do país vizinho. Assim como as três reportagens sobre as manifestações na Bolívia e na fronteira que trazem em seus textos os desdobramentos dos protestos bolivianos para o Brasil. As duas matérias sobre fiscalização na fronteira mais se atêm a atuação das polícias brasileiras do que na ação conjunta dos países. Uma das três reportagens sobre o censo boliviano conseguiu encontrar um gancho para relacionar o Brasil no assunto tratado – mencionando que a contagem da população boliviana causou transtornos para os brasileiros que desejavam entrar no país vizinho, pois a fronteira

havia sido bloqueada. Por fim, há os VTs sobre a falta de gasolina e os carros repatriados, que também trataram dos reflexos desses acontecimentos para os brasileiros.

Apenas três matérias não tinham relação com o Brasil e/ou Corumbá. O VT “NC FESTA URKUPIÑA”, do dia 15 de agosto, que trata sobre as celebrações na Bolívia para homenagear a santa que é considerada padroeira do país. Uma matéria sobre o censo boliviano “FRONTEIRA CENSO”, de 21 de novembro, que aborda o factual da contagem da população sem relacioná-la ao Brasil. Por último, “FRONTEIRA ABRE”, produzida no dia 22 de novembro, e apenas se refere à abertura da fronteira depois do recenseamento. Ressalta-se que, além de estarem em menor número, é possível perceber a pouca importância dada aos materiais que não interessam ou não foram relacionados ao Brasil e a Corumbá. O VT denominado como “NC FESTA URKUPIÑA” trata-se, na verdade, de uma nota coberta (por isso a sigla NC na retranca do VT) onde não constam entrevistas e passagem do repórter; é constituído apenas de imagens e dois *offs*. Da mesma forma está “FRONTEIRA ABRE”, que se caracteriza como um boletim por apresentar *off* e a passagem do repórter, sem sonora. A exceção é “FRONTEIRA CENSO”, que se configura como uma matéria de fato, com *offs*, entrevistas e passagem do repórter (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

Em 2013, a disposição em noticiar aquilo que tem relação com o Brasil é ainda mais forte. Todas as matérias transnacionais têm relação com o lado brasileiro da fronteira. Ao longo de um ano, não foram produzidas matérias, mesmo as classificadas como transnacionais, que não incluíssem Corumbá ou o Brasil. A maior quantidade de matérias produzidas no segundo ano analisado na pesquisa (67%) foi sobre o processo de devolução de carros brasileiros roubados ou furtados que circulavam na Bolívia. Esse assunto é relacionado à Bolívia na mesma proporção que é de interesse para o Brasil. O lado brasileiro da fronteira foi relacionado em todas as matérias transnacionais sobre esse tema por meio de personagens que esperam recuperar seus veículos ou autoridades que explicam como funciona o processo de devolução. A reportagem sobre saúde, denominada “DENGUE QUALIFICA MS 2”, do dia 4 de abril, também inclui Corumbá no assunto por se tratar de uma palestra ministrada por profissionais de saúde da cidade brasileira para os agentes de saúde de Puerto Suárez. A oitava matéria transfronteiriça com a retranca “REPERCUTE BOLÍVIA”, gravada no dia 10 de abril, também tem relação com o Brasil. O tema é sobre o fluxo de migração de bolivianos para São Paulo e as condições degradantes que são submetidos no trabalho; todas as fontes oficiais da matéria são brasileiras. Encerrando as reportagens transnacionais de 2012, “FRONTEIRA BLOQUEADA”, de 16 de maio, noticia um protesto de alguns sindicatos bolivianos que bloquearam a fronteira entre Corumbá e Arroyo Concepción. A matéria relaciona Corumbá no

assunto ao incluir os desdobramentos da manifestação para a cidade brasileira e entrevistados brasileiros que tiveram dificuldades de entrar no país vizinho (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

Sobre essa característica, de relacionar o Brasil nas matérias transnacionais, Castro (2015) explica que é um posicionamento da emissora. Isto porque, uma vez que a equipe de jornalismo é limitada, não há condições de fazer matérias apenas sobre a Bolívia e a fronteira se Corumbá ou o Brasil não tiverem envolvimento no assunto.

basicamente, como a estrutura é pequena, a gente tenta priorizar aqueles assuntos que vão ter alguma relação com a vida do brasileiro, o que vai de certa forma interferir na vida do brasileiro. (...) No caso dos carros roubados, por exemplo, a gente fez uma cobertura bem intensa como assim como todos os temas relacionados a segurança que tem relação com a vida dos brasileiros. A gente tenta priorizar isso: as notícias que vão interferir na vida do Corumbaense e na vida do brasileiro (...)Se não, aí há um investimento que nem sempre a gente tem condições de fazer

4.6 Categoria de análise: valência das reportagens

A última categoria de análise escolhida atende ao segundo objetivo proposto no trabalho, de identificar de que maneira a Bolívia é apresentada no telejornalismo fronteiriço. Essa categoria de análise foi denominada de valência. Sua finalidade é identificar de que forma a Bolívia e/ou a fronteira foram representadas nas matérias transnacionais. Optou-se por incluir essa categoria ao constatar que um mesmo assunto, repercutido em mais de uma matéria, pode ser abordado de diferentes maneiras. Enquanto em uma reportagem, um determinado acontecimento é associado de forma desfavorável ao país vizinho, em outra, o mesmo fato, ao explorar outros aspectos da notícia, revela uma essência diferente.

A situação descrita anteriormente é encontrada, por exemplo, na análise das matérias “CENSO BOLÍVIA JG” e “FRONTEIRA CENSO”. Essas duas matérias foram gravadas no mesmo dia, 21 de novembro de 2012, e tratam sobre o mesmo assunto: a contagem da população na Bolívia. Apesar de abordarem exatamente o mesmo fato, não se pode considerar que elas trataram o assunto de forma similar. Em análise mais cuidadosa, nota-se que a primeira reportagem explora, inegavelmente, os aspectos inconvenientes do fato (contagem da população) principalmente para o Brasil, enquanto a segunda se atém ao factual. Apesar de serem sobre o mesmo assunto, elas representam a Bolívia de forma diferente. Essa categoria de análise possibilita avançar sobre a problemática do que é noticiado para o como é noticiado (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

Nesse momento, reforçam-se as definições das valências. A valência positiva foi atribuída às matérias que trataram de aspectos culturais da fronteira e/ou da Bolívia, a assuntos

que evidenciaram integração entre o Brasil e a Bolívia em um contexto integrador, uma somatória de valores no intuito de integrar as cidades da região fronteiriça. Também foram inseridas nessas categorias reportagens sobre as potencialidades e/ou atrativos do país vizinho, ações de cooperação com ajuda mútua entre habitantes das localidades da Bolívia e fronteira com o Brasil.

A valência negativa foi atribuída aos discursos que reforçam o caráter de barreira, de defesa ou de exclusão; as reportagens que atribuem ou valorizam sentimento de insegurança e atos criminosos e ilícitos ao território da fronteira e à Bolívia. Àquelas que reforçam o sentimento de superioridade brasileira e também às reportagens que, ao cobrir determinado acontecimento relacionado à Bolívia, se dedicaram, principalmente, à abordagem dos contratempos em detrimento da problematização e da cobertura do fato em si.

A valência neutra, por sua vez, foi atribuída às reportagens que se restringiram ao factual da notícia, não explorando elementos que atribuíssem juízo de valor ao país vizinho nem à região de fronteira. Também foram consideradas neutras as matérias que se equilibram nos elementos-reportagens, pois, apesar de conterem elemento que confere valor desvantajoso à Bolívia, são compensados por outros elementos com características da valência positiva que equilibram o texto.

Tendo isso em vista, inicia-se a interpretação da primeira matéria transnacional em 2012 que trata sobre a dengue no país vizinho. Produzida no dia 11 de janeiro, a reportagem intitulada “DENGUE BOLÍVIA” aborda o alto número de casos de dengue no país vizinho e o perigo da doença migrar para Corumbá. A reportagem foi considerada com valência negativa por conter sentido de defesa em relação à fronteira e à Bolívia. Isso porque, apesar de mencionar uma parceria entre os países para contenção da doença (o que caracteriza valência positiva segundo a definição adotada), em nenhum momento declarou-se a importância da ação para a população boliviana. A matéria deixa claro que a preocupação é livrar o lado brasileiro de uma epidemia, como pode ser constatado no final do primeiro *off*: “**A preocupação é que os casos cheguem à fronteira com o Brasil.** Por isso, um grupo de trabalho – formado por pesquisadores e representantes da saúde pública dos dois países vai acompanhar a situação” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). A passagem do repórter reitera que os esforços não se caracterizam como ajuda mútua ao dizer que representantes da saúde do Brasil “devem retornar a região de fronteira com a Bolívia na próxima semana **para avaliar os riscos de uma ova epidemia e definir um plano de ação para evitar que a doença alcance o Brasil**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Contribui para ser considerado de valência negativa, o fato de a matéria não mencionar que para evitar epidemia na cidade de Corumbá é

necessário cuidar do seu próprio território; entende, com a matéria, que só há riscos da doença na cidade brasileira por conta da sua proximidade geográfica com a Bolívia. Entendendo que a matéria tem essência de barreira e defesa em relação à Bolívia, considera-se sua valência como negativa, em consonância com a definição anteriormente descrita que prevê essa valência aos discursos que reforçam o caráter de barreira, de defesa ou de exclusão.

A segunda matéria transnacional de 2012, que tem a mesma retransmissão da primeira (“DENGUE BOLÍVIA”), foi produzida em 3 de fevereiro e gravada nas duas cidades bolivianas que ficam mais próximas ao Brasil, Puerto Quijarro e Puerto Suárez. É uma matéria pequena, com dois *offs*, uma sonora com o coordenador de vigilância em saúde da Bolívia e uma passagem. A matéria limita-se ao factual do mutirão que tem o intuito de limpar as cidades da região fronteiriça. Apesar de se tratar de um trabalho conjunto (que caracteriza valência positiva), a matéria não enfatiza a cooperação entre os países, ao contrário, passa um ar de superioridade brasileira ao dizer no final do primeiro *off* “situação que é a **acompanhada de perto pelas autoridades em saúde do Brasil**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Sutilmente imprime-se, nessa frase, a sensação de que o trabalho é fiscalizado pelos agentes de saúde do Brasil e não que os participantes das duas nacionalidades trabalham em conjunto. No entendimento que essa produção jornalística atribui superioridade aos brasileiros considerou-se valência negativa.

A terceira matéria de 2012, “LEVANTAMENTO BOLÍVIA”, produzida em 11 de fevereiro, tem como gancho o levantamento de áreas de risco da cidade de Puerto Suárez. O mutirão é uma cooperação entre agentes de saúde brasileiros e bolivianos e militares do exército da Bolívia, que trabalham juntos para identificar os locais onde há focos do mosquito transmissor da dengue na cidade de Puerto Suárez. A reportagem, no entanto, não dá ênfase ao trabalho conjunto entre os países; por outro lado, apesar de abordar sobre a doença no país, a matéria não atribui à Bolívia qualidades negativas, concentrando-se no factual do levantamento das áreas de risco da cidade. Diferentemente da primeira reportagem (“DENGUE BOLÍVIA”), refere-se à importância do controle da doença para a população do próprio país, não citando o risco de uma epidemia na Bolívia para a cidade de Corumbá (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Considerando essa interpretação, foi atribuída valência neutra para a terceira matéria transnacional.

No dia 13 de fevereiro de 2012, foi produzida a matéria “DENGUE BOLÍVIA” que versa sobre a reunião entre autoridades de saúde do Brasil e da Bolívia que discutiram os resultados das ações de combate à dengue, realizadas em Puerto Suárez (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A matéria aponta um paradoxo entre a sonora do coordenador de endemias

da Bolívia - ao afirmar que a situação da doença em Puerto Suárez e Puerto Quijarro está sob o controle - e o alto índice da doença em Santa Cruz, além dos dois casos do tipo hemorrágico da doença registrados nas cidades bolivianas de fronteira. Como pode ser constatado no *off 2* da matéria:

Apesar do alto índice em Santa Cruz, que fica cerca de quatrocentos quilômetros de Corumbá, e de dois casos do tipo mais grave da doença terem sido confirmados nas cidades bolivianas de fronteira, **o coordenador de endemias boliviano Ronaldo Fábio Vargas afirma que os índices da dengue em Porto Suarez e Porto Quijarro estão sob controle.** (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, GRIFO NOSSO).

A matéria encerra destacando que ações de combate à dengue são realizadas de forma contínua em Corumbá para manter o controle da doença no lado brasileiro da fronteira, passando a responsabilidade dos casos de doença na região para as cidades bolivianas. Atribuiu-se, por conta desses aspectos levantados, valência negativa à reportagem.

A quinta matéria transnacional de 2012, ainda aborda sobre a dengue. “LEVANTAMENTO BOLÍVIA” produzida em 25 de fevereiro tem como gancho o levantamento de áreas de risco na cidade de Puerto Quijarro feito por agentes de saúde brasileiros e estudantes bolivianos (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Mesmo abordando o alto número de casos de dengue nas cidades bolivianas da fronteira, a reportagem foi considerada neutra por focar no factual do levantamento; atualizar os casos da doença na região, não atribuindo aspectos negativos ao país vizinho e ser equilibrada na escolha das fontes, ouvindo um representante da saúde da Bolívia e um de Corumbá, agente de saúde brasileiro; e uma personagem boliviana, além de não relacionar o risco de uma epidemia na Bolívia para a cidade de Corumbá.

As primeiras quatro matérias de 2012 exemplificam perfeitamente a importância da escolha da “valência” como categoria de análise. Esses textos enquadram-se no mesmo tema – dengue –, porém, a abordagem escolhida os diferencia na maneira que apresentam o país vizinho. Três reportagens, ao tratar da doença na Bolívia, deixam transparecer ideia de necessidade de separação entre os países e superioridade nacional. Enquanto outras duas matérias sobre o mesmo tema conseguem tratar o fato de números elevados de casos da dengue no país vizinho sem atribuir qualidades negativas à Bolívia e sua população.

No dia cinco de março de 2012 foi produzida a matéria “BOLÍVIA FECHA” sobre manifestação pacífica realizada por bolivianos nas estradas que dão acesso à Santa Cruz de la Sierra, capital do país (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Apesar de tratar os participantes como manifestantes (e não com termos pejorativos), a matéria foi considerada de caráter negativo, pois pouco se dedicou a esclarecer os motivos do protesto enquanto destinou a metade

do primeiro *off* e os outros dois (completamente) para tratar sobre os desdobramentos negativos do protesto, principalmente para os brasileiros. Três sonoras compõem a matéria, duas foram feitas com caminhoneiros brasileiros que se sentiram prejudicados pelo protesto e apenas uma com um membro envolvido no movimento. Não foram ouvidos bolivianos que não participaram dos protestos que, mesmo à parte da manifestação, têm interesses sobre a questão. A matéria trata de um acontecimento na Bolívia, sobre questões econômicas e políticas daquele país, mas, ainda assim, os brasileiros aparecem em maior número nas sonoras.

A matéria número sete, com a retransmissão “BOLÍVIA FECHA 2”, trata do mesmo assunto da matéria “BOLÍVIA FECHA” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). É uma versão da reportagem anterior, pois têm as mesmas informações e mesmas entrevistas. Quatro *offs*, uma passagem e quatro sonoras compõem a matéria – um representante dos manifestantes que participa da reportagem com duas sonoras e dois caminhoneiros brasileiros que foram prejudicados pelo protesto. O texto limita-se a dizer o motivo do protesto, não é explicado porque as mudanças no acordo binacional entre Brasil e Bolívia são importantes para os bolivianos. Considerou-se que essa matéria, como a anterior, dá mais importância em ressaltar os contratemplos ocasionados pelos protestos do que no ato em si e o que ele significa para a população boliviana. Dessa forma, sua valência foi classificada como negativa.

A reportagem “FRONTEIRA FECHA”, de 25 de março, também trata sobre um protesto civil boliviano (diferente do relacionado nas duas matérias anteriores), no entanto, não foi considerada de valência negativa (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Apesar de falar sobre manifestações na Bolívia, a matéria teve-se a explicar os motivos que levaram os manifestantes a bloquearem as estradas na fronteira do Brasil que dão acesso às cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez e as estradas que vão para a capital Santa Cruz de la Sierra. A matéria foi construída com dois *offs*, uma passagem e uma sonora. O primeiro *off* informa os trechos que estão bloqueados e que a cidade vizinha está com comércio fechado. A passagem e a sonora explicam o motivo que levou algumas pessoas a protestarem. O último *off* dedica-se a explicar o projeto siderúrgico de Mutum e as questões relacionadas a ele, que motivaram o protesto:

a cinco anos o governo boliviano fez uma parceria com uma empresa da Índia com a intenção de ampliar os negócios no setor siderúrgico de Mutum que fica a cerca de trinta quilômetros de Porto Suárez. A parceria não saiu do papel e nesse período o estado de German Bush, que fica no limite com o Brasil, já perdeu mais de três milhões de dólares e milhares de pessoas continuam desempregadas na região, segundo os manifestantes. (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

A única sonora do texto é com o vice-presidente de Santa Cruz que explica o objetivo da manifestação: chamar a atenção do governo boliviano para a retomada do projeto siderúrgico de Mutum. Por não conter nenhum juízo e valor sobre a manifestação e não se ater nos

desdobramentos desfavoráveis do protesto (interdição da rodovia), a matéria foi considerada de valência neutra.

As últimas três matérias analisadas também mostram a diferença de valência entre reportagens de um mesmo tema. As duas primeiras matérias se referem à Bolívia e sua população (por meio do protesto) com caráter negativo, salientando os transtornos da manifestação. A última matéria, “FRONTEIRA FECHA” de 25 de março, no entanto, não deixa de noticiar os desdobramentos do protesto (interdição de rodovias), mas sua construção se atém às razões que levaram as pessoas a se manifestarem e, conseqüentemente, fecharem as estradas, não conferindo ao protesto e à Bolívia, caráter pejorativo (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014).

Seguindo a ordem cronológica de produção, a matéria “BOLÍVIA DEVOLVE”, de 18 de julho de 2012, trata do processo de devolução dos carros roubados que circulam na Bolívia para os países de origem. O primeiro *off* do texto trata com incerteza o cumprimento da promessa por parte da Bolívia: “A promessa era devolver aos países de origem aqueles (carros) com registro de roubo ou furto. Mas, até agora, nenhum veículo foi repatriado para o Brasil” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Mesmo atribuindo dúvida sobre o compromisso assumido pela Bolívia, ao longo da matéria explica-se apenas que o Chile já oficializou o pedido para ter os carros devolvidos e que as negociações com o Brasil ainda estão em andamento (por isso o processo de devolução não havia iniciado). Somado a isso, levou-se em consideração o fato de a matéria conter apenas uma sonora e esta ser de um promotor de justiça boliviano que explica o porquê dos carros roubados circularem livremente no país, não atribuindo a esse fato nenhum juízo de valor. Com base nesses elementos levantados, considerou a matéria de valência neutra.

A matéria “GASOLINA FRONTEIRA”, de 26 de agosto do mesmo ano, aborda a falta de gasolina na Bolívia. O tema por si só caracteriza-se como de valência negativa e, com a análise do texto, outros aspectos que sustentam a classificação são revelados (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A reportagem tem como gancho a falta desse combustível em Corumbá e aponta as cidades bolivianas como alternativa para o problema brasileiro, no entanto, o combustível no país vizinho é racionado. Atribui-se valência negativa porque a reportagem levanta aspectos negativos da comercialização de combustível na Bolívia, como o controle do governo sobre a venda de combustível, o sistema de rodízio para abastecimento e valor diferente do litro da gasolina aos estrangeiros (a gasolina custa mais barato para os bolivianos) e não menciona as justificativas para essas medidas. Ao ler o texto da matéria, tem-se a impressão de que a reportagem tenta consolar os brasileiros com a ideia de que se no lado brasileiro tem-se uma problemática com os combustíveis, do outro lado, a situação é pior. A única sonora

boliviana é da proprietária de um posto, cujo trecho selecionado da sua sonora foi: “só conseguimos atender as pessoas da Bolívia. Não conseguimos atender os brasileiros”.

A única produção jornalística a respeito da cultura boliviana em 2012 foi uma nota coberta (NC) sobre as celebrações da Virgem de Urkupiña, padroeira da Bolívia. “NC FESTA URKUPIÑA” produzida no dia 15 de agosto, em Puerto Quijarro, mostra as festividades feitas em homenagem à santa (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Apesar de não haver sonoras e passagem, considerou-se valência positiva, pois a matéria fala sobre a cultura do país vizinho, relatando alguns costumes que fazem parte da celebração, em consonância com a definição de valência positiva.

A reportagem “AÇÃO EXPLORAÇÃO”, produzida em 28 de agosto, trata sobre um trabalho de conscientização a respeito dos direitos humanos realizado por brasileiros e bolivianos (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A matéria não realça o trabalho conjunto entre os países nem a ajuda mútua entre a população, porém, o primeiro *off* revela cuidado ao se referir à fronteira. Ao invés de relacionar atos ilícitos à região, escolheu-se falar de garantia dos direitos humanos: “Uma manhã dedicada ao debate sobre os desafios para garantir **os direitos humanos na fronteira**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Na passagem do repórter, ao falar de crimes praticados na região, relaciona-os também ao Brasil, não conferindo responsabilidade apenas à Bolívia: “a ação tem como finalidade traçar estratégias para coibir crimes de exploração e de tráfico de pessoas entre o Brasil e a Bolívia” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Considerou-se, portanto, que, apesar de ser uma iniciativa positiva entre os países, a matéria não enfatizou esse aspecto; por outro lado, também não foi atribuído juízo de valor ao outro lado da fronteira ao citar os crimes de exploração e tráfico de pessoas; por isso foi atribuída à reportagem valência neutra.

Foram produzidas, em novembro, três matérias transnacionais, todas são a respeito do censo boliviano e foram ambientadas na cidade de Puerto Quijarro. No dia 21, foram gravadas duas reportagens. A matéria com a retransmissão “CENSO BOLÍVIA JG”, veiculada no Jornal da Globo, foi considerada com valência negativa primeiramente pelo conteúdo dos *offs* (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A matéria ressalta que, para a realização da contagem da população, é dado toque de recolher às pessoas e a fronteira é fechada, porém se apropria de palavras e expressões que conferem alto grau de autoritarismo e atraso ao governo boliviano. Como é o caso do segundo *off* que utiliza o verbo “obrigar” na frase: “todo mundo é obrigado a ficar em casa” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Ao dizer em seguida “nem os serviços públicos como transporte e coleta de lixo funcionam” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014), passa-se a impressão de um sistema retrógrado. O terceiro *off* cita os “prejuízos” para o Brasil

que não consegue escoar produtos por conta do fechamento da fronteira. Além disso, a escolha das fontes também demonstra caráter negativo ao falar do país vizinho. Das três fontes, uma se apresentou neutra – comandante da polícia na fronteira. As outras duas tiveram caráter negativo: uma comerciante boliviana que se queixa do toque de recolher, pois perde muito dinheiro sem poder abrir o comércio; e um caminhoneiro brasileiro que se sente prejudicado por ter a viagem atrasada.

A segunda matéria feita em 21 de novembro, com a retranca “FRONTEIRA CENSO”, também aborda a contagem da população boliviana, no entanto, sua valência foi considerada neutra. Apesar de também utilizar o verbo “obrigar” no primeiro *off*, ao se referir ao comércio fechado “todo comércio foi **obrigado** a fechar as portas” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso), e em seguida, no mesmo *off*, com tom de indignação ao optar por esta estrutura: “**nem a feirinha** – um dos principais polos de turismo de compras na região – funciona nesta quarta-feira” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso), e ainda, citar, no segundo *off*, que o censo interrompeu a viagem de uma família que precisa cruzar a fronteira. A valência neutra se justifica porque os três *offs* restantes se atêm ao factual e explicam o funcionamento da contagem da população. Além disso, a matéria termina com uma sonora de um cidadão boliviano patriota, precedida pelo *off*: “este comerciante boliviano, que vive em Corumbá, **fez questão** de participar da contagem populacional. Para ele **é um dever de cidadão**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Apesar de apresentar nos dois primeiros *offs*, elementos que conferem caráter negativo ao sistema de contagem da população do país vizinho, o restante da reportagem neutraliza sua valência.

A última matéria sobre o censo boliviano, “FRONTEIRA ABRE”, foi gravada no dia seguinte à contagem populacional, 22 de novembro (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). É uma matéria pequena, composta de dois *offs* e uma sonora feita em Puerto Quijarro, e o texto descreve o intenso movimento da cidade fronteiriça. Por conta de sua pequena duração, a matéria tem poucos elementos para analisar, mesmo assim, foi considerada de valência negativa, pois salientou principalmente aspectos negativos e atribuiu, implicitamente, um estado de transtorno ao movimento intenso da cidade e desaprovação ao sistema de recenseamento ao dizer, no primeiro *off*, que o censo parou o país: “Em frente ao guichê de uma das principais companhias de viagem da região, muitos bolivianos tentam comprar as passagens que não conseguiram ontem, **já que a realização do censo parou o país**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A única sonora da matéria é com um estudante que não pode embarcar para o Brasil no dia anterior e estava na fila da rodoviária. O segundo e último *off* fala dos veículos parados nas transportadoras que estão com viagem atrasada por não terem circulado

no dia anterior. A matéria é bem curta, poucos elementos foram incluídos, porém observa-se claramente a predominância, se não totalidade, do tratamento negativo deles.

A análise para identificar a valência das três matérias sobre o censo boliviano mostrou, mais uma vez, que um mesmo assunto pode ser tratado de diferentes maneiras ao escolher os atores sociais, o que será dito sobre eles e, principalmente, como será dito (DIJK, 2010).

As duas últimas matérias transnacionais de 2012 foram sobre o mesmo tema. A primeira com a retransmissão “COLETIVA FRONTEIRA”, ambientada na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, trata da fiscalização ostensiva dos militares brasileiros e bolivianos, uma iniciativa para reprimir o crime organizado. A reportagem, que é pequena - três *offs* e três sonoras -, deixa claro que essa ação de fiscalização faz parte de uma estratégia nacional para segurança na fronteira (que aconteceu em todos os Estados que fazem fronteira com outros países). Apesar de citar a participação inédita da Bolívia nesse tipo de ação, a matéria não trata esse fato como cooperação entre os países e tampouco faz dele o foco principal da matéria, mencionando a inédita participação boliviana apenas no último *off*: “Pela primeira vez, a Bolívia também participa. Só a marinha boliviana disponibilizou mais de cem militares para atuar na região de fronteira” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Uma sonora com o capitão da marinha boliviana foi inserida após esse *off*, representando a participação do país vizinho. No entanto, como já dito, ao analisar o texto, percebe-se que a matéria não é sobre a parceria entre os países, o seu viés é a fiscalização ostensiva na fronteira. A percepção de um local inseguro onde predominam atos ilícitos também é construída pela reportagem, como pode ser observado no *off*1: “Segurança reforçada na fronteira. Polícia militar, força nacional, bombeiros, departamento de operações de fronteira. **Todos juntos para combater o crime organizado**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Pelos aspectos destacados, considerou-se a reportagem de valência negativa, indo ao encontro da definição dela que prevê textos que atribuem e valorizam, no discurso, os atos criminosos e ilícitos ao território da fronteira e à Bolívia. Outro elemento, nesse mesmo *off*, que reforça o caráter negativo, é que ao dizer “Todos juntos”, o discurso se refere apenas às forças brasileiras (Polícia Militar, Força Nacional, Bombeiros, Departamento de Operações), ignorando a contribuição do efetivo boliviano.

A última matéria transnacional de 2012, “COLETIVA FRONTEIRA 2”, de 14 de dezembro, é uma versão da matéria anterior (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Igualmente considerada de valência negativa, essa reportagem também valoriza em seu discurso atos ilícitos na fronteira, tendo, por conta disso, a fiscalização ostensiva como essência do texto. A matéria, um pouco mais extensa que a anterior, é composta de quatro *offs* e quatro sonoras. A ação de iniciativa brasileira recebe reforço de militares bolivianos, mas o ato não é tratado como

cooperação entre os países, ao contrário, o único *off* que se refere à participação boliviana atribuiu um sentido de separação entre os trabalhos: “as forças armadas bolivianas também traçam estratégias para **ação feita do outro lado da fronteira**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). O desequilíbrio entre as fontes (três brasileiras e uma boliviana) contribui para a compreensão de que a matéria não trata e não tem como foco a ação conjunta entre os países. O primeiro *off* ressalta que são os carros bolivianos o alvo da fiscalização: “**Carro boliviano que entra no Brasil não escapa de ser vistoriado pelo exército**. Resultado da presença ostensiva das forças de segurança na fronteira com os dois países” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). O último *off* atribui mais claramente atos criminosos à fronteira: “A operação termina amanhã, mas as **ações para combater os crimes de fronteira devem continuar**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso).

A análise das valências das reportagens revela uma caracterização negativa da Bolívia e/ou fronteira nas matérias transnacionais de 2012, conforme mostra o Gráfico 15.

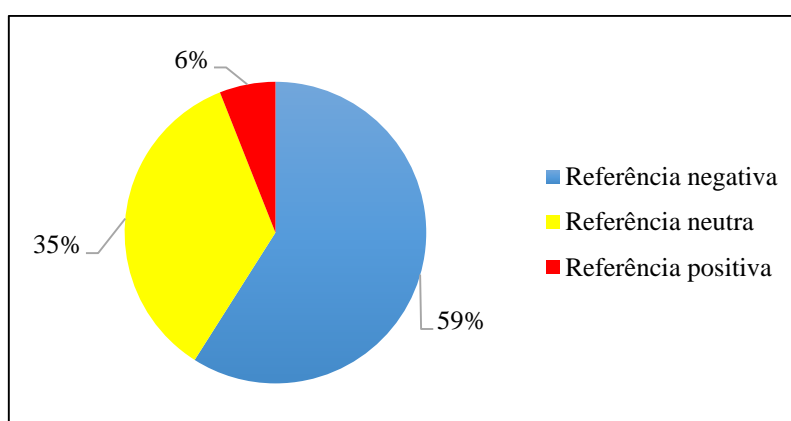


Gráfico 15 - Valência das matérias transnacionais - 2012.

Constatou-se, a partir da análise das valências, que 59% das 17 matérias transnacionais produzidas em 2012 (que correspondem a 10 reportagens) apresentaram abordagem negativa ao se referir à Bolívia e à fronteira. Ao se concentrarem no factual, não apresentando juízo de valor ao outro lado da fronteira, 35% das produções (seis matérias) foram consideradas de valência neutra. Seis por cento (uma matéria) foram classificados como positiva, por se referir à cultura boliviana.

Seguindo para o segundo ano analisado na pesquisa, destaca-se que a quantidade de matérias transnacionais em 2013 corresponde a pouco mais da metade de matérias produzidas em 2012. Uma característica marcante das produções desse ano é a pouca pluralidade de assuntos: das nove matérias analisadas, seis pertencem ao mesmo eixo temático: “carros

repatriados”. Elas representam a totalidade das matérias transnacionais produzidas no primeiro trimestre de 2013, e é por elas que se inicia a análise das valências do segundo ano da pesquisa.

A primeira reportagem transnacional foi denominada “RECUPERA CARRO” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Produzida em 17 de janeiro, a matéria, que relata o furto de um carro brasileiro na Bolívia, é formada por sete *offs* e sonoras com três entrevistados: a vítima, o comandante da delegacia de Puerto Quijarro e o delegado da polícia civil de Corumbá. A vítima, um cidadão brasileiro que não foi identificado na reportagem, relata que teve o carro roubado em Puerto Quijarro e, ao pedir ajuda para a polícia boliviana, foi extorquido. O carro foi recuperado, pois, segundo a matéria, a vítima encontrou o automóvel circulando no país vizinho e o comprou de volta por cinco mil e trezentos dólares. A matéria já se enquadra como valência negativa pelo tema relacionar atos criminosos ao território boliviano, no entanto, outro aspecto contribui para a classificação. A vítima denuncia a extorsão por parte dos policiais bolivianos, porém, a matéria não inclui a versão dos acusados. A sonora do comandante provincial Pompeu Sanches trata sobre a dificuldade de localizar carros roubados sem o número do chassi, mas não comenta sobre a denúncia. O próprio manual de jornalismo da TV Globo prevê como um dos princípios básicos da isenção que o repórter “deve ouvir os dois lados envolvido” (TV GLOBO, 1985, p.13). Apesar de incluir a polícia boliviana na matéria, a entidade não foi questionada sobre a acusação. Considerou-se, portanto, que o discurso dessa matéria sustenta sentimento de insegurança no território do país vizinho, indo ao encontro da definição de valência negativa.

“EXPECTATIVA CARROS” é a segunda matéria transnacional de 2013 e foi gravada depois de mais de um mês da primeira (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A reportagem foi construída com cinco *offs* e sonoras com três entrevistados. Por meio da história de uma vítima que teve o carro roubado, a matéria fala da importância da devolução dos veículos roubados ou furtados que circulavam legalmente na Bolívia e a esperança que a chegada deles representa para as vítimas, tratando esse ato inédito de forma positiva, e ressaltando a iniciativa como uma postura notável do governo da Bolívia, como neste trecho do segundo *off*: “o sentimento de indignação é o mesmo de milhares de brasileiros que foram vítimas das quadrilhas de ladrões de carro. **Agora, uma parte desses veículos será devolvida pelo governo boliviano e pode voltar para as mãos dos verdadeiros donos**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). O *off* três, que introduz a sonora de um advogado especialista em direito internacional, também contribui para a matéria se enquadrar como valência positiva ao destacar mais um aspecto favorável na iniciativa de devolver os veículos brasileiros: “a atitude do governo boliviano fortalece ainda mais a relação diplomática entre os dois países” (TV MORENA-

CORUMBÁ, 2014). Considerou-se, portanto, que a reportagem dá ênfase em seu discurso à cooperação entre os países, por isso valência positiva.

A presença do ministro da justiça do Brasil José Eduardo Cardozo na cidade de Puerto Quijarro foi gancho para a terceira matéria transnacional de 2013, “CARROS DEVOLVE MS 2” feita no dia 27 de fevereiro (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A reportagem tratou do factual da devolução dos carros, no entanto, foi considerada de valência negativa por dois motivos que se apresentam de forma discreta no texto. O primeiro aspecto negativo abre a reportagem: “**sob um forte esquema de segurança**, o ministro da justiça José Eduardo Cardozo atravessou a fronteira e chegou até Porto Quijarro [...]”(TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Considerou-se que esse primeiro *off* enfatiza a sensação de insegurança na região fronteira, o que vai ao encontro da definição de valência negativa. O segundo *off* também contribuiu para essa classificação por não explicar o porquê dos carros roubados ou furtados do Brasil circularem normalmente no país vizinho, como é o caso da matéria produzida em 18 de julho de 2012, “BOLÍVIA DEVOLVE” que inclui a justificativa legal para esses veículos terem circulado no país vizinho (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Entende-se que o segundo *off* da matéria “CARROS DEVOLVE MS 2” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso): “Eles foram roubados ou furtados em Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. **Na Bolívia, circulavam normalmente**”, carrega uma essência desfavorável em relação à Bolívia ao omitir a informação que esses casos eram amparados, até então, pela legislação.

Ainda no dia 27 de fevereiro, foi gravado um Boletim com a retransmissão “CARROS REPATRIADOS” sobre o esquema de segurança montado para organizar os preparativos da entrega dos veículos brasileiros que circulavam na Bolívia (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). As informações são as mesmas da matéria anterior (CARROS DEVOLVE MS 2). Por se tratar de um boletim, é uma produção pequena, dois *offs* e uma passagem. O boletim foi classificado de valência negativa, pois, assim como a matéria anterior, não esclareceu os motivos de os carros roubados ou furtados em outros países circularem na Bolívia, o que é percebido na passagem: “[...] a devolução histórica de carros, motocicletas e caminhões que **foram furtados ou roubados, e que circulavam normalmente no país vizinho**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). O uso da expressão “**forte** esquema de segurança”, no segundo *off* (assim como na matéria anterior), denota sensação de insegurança na região fronteira. Em vista dessa interpretação, considerou-se o boletim de valência negativa.

A quinta matéria transnacional, produzida no dia 28 de fevereiro, “CARROS LOGÍSTICA” trata sobre o atraso da primeira remessa de carros que seriam devolvidos ao Brasil (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A demora foi justificada pela incompatibilidade

dos caminhões-cegonha brasileiros e a fiação elétrica da Bolívia. Os caminhões são altos em relação à fiação do país vizinho, e isto impede a circulação deles. Não foram identificados elementos que caracterizassem valência positiva ou negativa. Entendeu-se que a reportagem focou no factual do atraso da devolução dos veículos sem fazer juízo de valor e também sem valorizar elementos que pudessem configurá-la de caráter positivo. Por tanto, sua valência foi definida como neutra.

A última matéria transnacional sobre carros repatriados, “CARROS DEMORA” (6 de março de 2013), trata sobre a demora da devolução dos carros brasileiros que foram apreendidos na Bolívia; até a gravação dessa matéria, havia sido devolvida ao Brasil, uma remessa com dez veículos (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). O primeiro *off* sugere tom de crítica ao país vizinho por considerar poucas pessoas envolvidas no trabalho de identificação: “**apenas dois oficiais bolivianos** trabalham na identificação de **centenas de veículos** que **desde a semana passada** estão aguardando para serem devolvidos ao Brasil” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). A reportagem foi considerada de valência neutra, por explicar no *off* seguinte que a demora também se justifica pela burocracia que envolve o Brasil: “após fazer o levantamento, as autoridades bolivianas encaminham as informações para a receita federal, que cruza os dados com um banco do Ministério da Justiça. Só depois disso, as autoridades dos dois países assinam a internalização dos veículos. A burocracia é grande” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). O mesmo número de fontes brasileiras e bolivianas (um entrevistado de cada nacionalidade) também contribuiu para que a matéria fosse considerada como valência neutra.

Ao analisar a cobertura jornalística sobre a repatriação de veículos brasileiros que foram entregues pela Bolívia, pode-se observar a diferença de tratamento dado ao mesmo assunto. Enquanto algumas reportagens faziam referência à fronteira e à Bolívia como local de recorrentes atos ilícitos, inseguro, outras matérias, sobre o mesmo assunto, focavam no acordo entre os países e em salientar importância diplomática da devolução dos carros.

No dia 4 de abril, a equipe da TV Morena fez uma matéria transnacional sobre saúde. O gancho da reportagem foi uma palestra oferecida pelo Centro de Controle de Zoonoses de Corumbá aos profissionais da saúde da cidade de Puerto Suárez. Esse fato enquadra-se na descrição de valência positiva que considera as ações de cooperação que expuserem a prática da ajuda mútua. No entanto, a matéria se desenvolve de forma a conferir à Bolívia o sentido de um país desventurado e atrasado que sofre com doenças já controladas no Brasil, como neste trecho do primeiro *off*: “até o fim desta semana, os profissionais bolivianos serão capacitados para atuar no combate a doenças como a dengue, leishmaniose e raiva, **endemias que ainda**

ocorrem com frequência no país vizinho” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). E no trecho escolhido para a sonora da Secretária Municipal de Saúde: “durante as palestras a gente observa que a dificuldade financeira do país acaba prejudicando os **profissionais que não conseguem identificar precocemente doenças como a de chagas por exemplo**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014, grifo nosso). Apenas a sonora do diretor do Hospital de Puerto Suárez é que fala da importância da parceria entre os países. Mesmo com maior número de fontes bolivianas (três bolivianas e uma brasileira), considerou-se valência negativa pelo sentido tomado pela matéria.

A matéria “REPERCUTE BOLÍVIA”, de 10 de abril, foi uma repercussão da reportagem produzida pela equipe do Profissão Repórter. A matéria produzida pela equipe do programa nacional da Rede Globo abordava as condições que os trabalhadores bolivianos eram submetidos a empregos em São Paulo; parte da matéria foi gravada na fronteira Brasil-Bolívia. A versão da equipe de Corumbá foi feita por meio de resgate de partes da matéria do Profissão Repórter e algumas inserções gravadas pela equipe local. A matéria foi considerada de valência negativa, primeiramente, por levantar a questão da grande quantidade de bolivianos que passam dias na fila da imigração na fronteira com o Brasil na tentativa de conseguir o visto e viver legalmente do lado brasileiro; no entanto, não sustenta sua problematização com dados. Passa a impressão hostil da Bolívia ao dizer em *off*: “mesmo com **condições de trabalho consideradas degradantes** pelos órgãos fiscalizadores, **os bolivianos não param de entrar no Brasil em busca de emprego**” (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). Apesar dessa colocação, não questiona nenhum boliviano, mesmo tendo entrevistado dois na fila da receita federal, sobre os motivos que levam essas pessoas a se sujeitarem a essas condições. A falta de interesse em incluir no material o posicionamento oficial do país vizinho (existe algum planejamento para evitar essa prática? Dados oficiais? Qual o posicionamento do país diante dessa questão?) também conta para que essa reportagem seja interpretada como de valência negativa.

A última matéria transnacional de 2013 foi gravada no dia 16 de maio e trata sobre uma manifestação na fronteira (TV MORENA-CORUMBÁ, 2014). A reportagem gravada em Arroyo Concepción inicia com informações gerais sobre o protesto, número de participantes, localização e segue com sonora de um representante dos manifestantes. Outras três sonoras foram incorporadas à matéria, todas elas com pessoas que se sentiram prejudicadas pela manifestação. Considerou-se que a matéria dedica-se mais aos contratemplos ocasionados pelo protesto, utilizando para isso parte do *off* 2, *off* 3 completamente e três sonoras, enquanto valeu-

se da metade do *off* 1 e uma sonora para explicar os motivos do protesto. Por conta disso, a matéria “FRONTEIRA BLOQUEADA” foi considerada de valência negativa.

Ao interpretar a valência das reportagens de 2013, percebeu-se que a valência das matérias seguiu a mesma tendência das valências do ano anterior, sendo predominante entre as matérias transnacionais, a valência negativa, como demonstra o Gráfico 16.

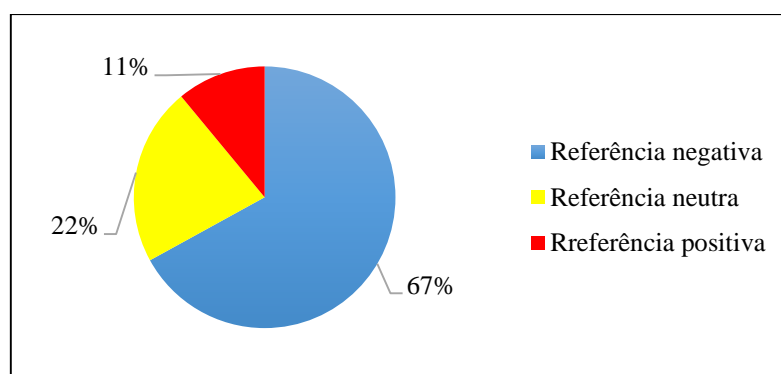


Gráfico 16 - Valência das matérias transnacionais - 2013.

As matérias de valência negativa correspondem a 67% (seis reportagens) do total de nove matérias transnacionais produzidas em 2013. A valência neutra foi encontrada em 22% das reportagens (que correspondem a duas matérias). A valência positiva esteve em 11% das reportagens (uma matéria). Os dados de 2013 seguem a mesma tendência dos números de 2012, em que há predominância de matérias transnacionais de valência negativa; em seguida estão reportagens de valência neutra e, por último, as de valência positiva, que foram encontradas em apenas uma matéria nos dois anos de análise.

Em uma análise conjunta das valências dos dois anos estudados no trabalho, tem-se um total de 26 reportagens, nas quais a Bolívia e/ou a fronteira foram apresentadas de forma desfavorável em 16 matérias, que correspondem a 61% do total. Contrastando com esse número, estão as duas matérias de valência positiva: uma sobre a cultura do país vizinho e outra que trata de forma otimista a devolução dos veículos brasileiros pela Bolívia, que representam 8%. As oito matérias restantes, 31% do total, não trouxeram consigo juízo de valor, mas também pela ausência das características que configuram valência positiva, foram consideradas como de valência neutra, como mostra o Gráfico 17.

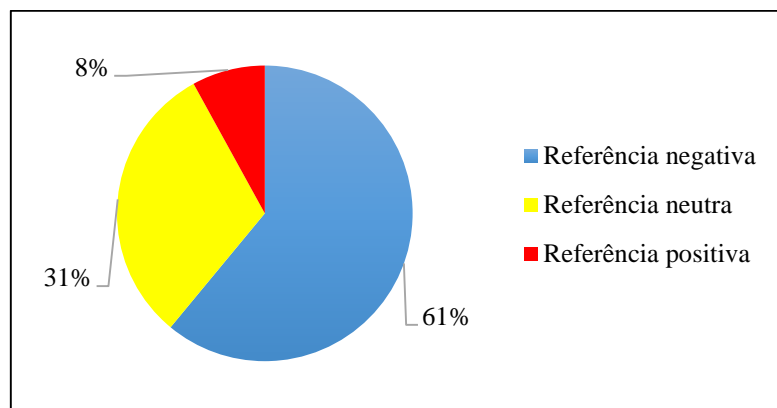


Gráfico 17 - Valência das matérias transnacionais - 2012 e 2013.

Analisando os resultados dessa última categoria de análise, entende-se que esse telejornalismo desenvolvido em Corumbá não cumpre o papel de mola propulsora incentivando diálogo, cooperação e paz entre os países como Zurita (2004) sugere que o jornalismo na região de fronteira deva ser. Não há como desempenhar essa função vinculando o país vizinho de forma desfavorável nas produções jornalísticas. Apresentando-o como o lado pobre e fraco da região. Voltando-se ao país apenas quando o que acontece lá (Bolívia) interessa aos que estão aqui (Brasil).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a fronteira em seu aspecto comunicacional possibilitou conhecê-la sob outras muitas perspectivas: social, política, econômica, geográfica, histórica, conceitual. Mostrou-se impressionante o poder de encantamento que esse tema proporciona. É inegável, porém, que pesquisar algo inédito, esboçar o caminho científico do que ainda não se estudou é instigante e ao mesmo tempo desafiador. Ao final de dois anos de pesquisa, sem deixar de reconhecer as limitações do trabalho, o desejo é que a iniciativa possa encorajar mais investigações sobre telejornalismo em regiões fronteiriças e despertar o olhar dos pesquisadores em comunicação para as fronteiras sul-mato-grossenses.

O caminho até estas páginas finais foi extenso, pois algumas etapas, como a delimitação do *corpus*, foram especialmente exaustivas. Ressalta-se que, para chegar ao número de 26 matérias transnacionais, foi necessária a leitura e análise de 2.724 reportagens para que fossem separadas de acordo com sua categoria: locais, fronteiriças ou transnacionais. A produção jornalística de dois anos da TV Morena – Corumbá foi minuciosamente analisada para que, só então, fosse definido o *corpus* do trabalho que novamente foi analisado; dessa vez de acordo com os preceitos da análise de conteúdo, para que os objetivos deste trabalho fossem cumpridos.

Outra etapa que exigiu bastante tempo e esforço foi a que deu origem às páginas sobre os primeiros anos da TV Morena em Corumbá. Encontrar as pessoas que ajudaram a construir a primeira emissora da cidade e daquela região de fronteira, entrevistá-las, conhecê-las, compartilhar de suas memórias e arquivos pessoais foi de extrema satisfação. A oportunidade de entrevistar o idealizador, Ueze Zahran, não apenas da televisão em Corumbá, mas da primeira emissora de Mato Grosso do Sul (TV Morena – Campo Grande) completa o sentimento prazeroso de contribuição com os estudos sobre televisão no Estado.

Para avançar às considerações finais desta pesquisa, é importante retomar algumas reflexões apresentadas nos capítulos teóricos que compõem o trabalho. Considerando a tendência de um distanciamento geográfico e também político das regiões de fronteira em relação aos centros decisórios de seus países, existe também um isolamento midiático dessas localidades no que tange às mídias nacionais. Dessa maneira, são nos veículos regionais que essa população tem a oportunidade de se ver, de ser representada. Por causa das características dessas regiões, principalmente das fronteiras conurbadas ou semiconurbadas, a população não é formada por apenas uma nacionalidade. Quando se fala de fronteiriços refere-se àqueles que estão nas proximidades da linha internacional, tanto de um lado como de outro. Nessa condição de proximidade e de convivência diária é que se estabelecem os intercâmbios de bens materiais

e simbólicos. O jornalismo dessas regiões não está isento dessa condição, o que acontece de um lado da linha de fronteira também é notícia no outro.

A essa circunstância em que se inserem os meios de comunicação fronteiriços soma-se a perspectiva que considera a realidade como sendo o resultado de ações sociais intersubjetivas construída pelas práticas sociais. O jornalismo, por sua vez, apresenta-se como uma dessas práticas, tornando-se assim um elemento que contribui para a construção da realidade, para a percepção que os indivíduos têm do mundo. Sua contribuição, no entanto, não é isenta ou parcial. A teoria construtivista o desconsidera como um retrato fiel da realidade. As notícias, produto do jornalismo, são uma realidade construída, um “índice do real” (TRAQUINA, 2005), pois optam por tornarem conhecidos alguns acontecimentos e não noticiar outros. Ao tornarem os fatos de conhecimento públicos, outras escolhas são feitas (fontes, imagens, informações a serem incluídas ou não), por isso a teoria construtivista considera o jornalismo como a construção do real e não o real em si.

Compartilhando dessa visão construtivista, que o jornalismo constrói o real, ou seja, ele escolhe o que vai noticiar e como vai noticiá-lo, é que o presente trabalho se propôs a analisar de que maneira o telejornalismo fronteiriço brasileiro, aqui representado pela emissora TV Morena – Corumbá, apresenta a Bolívia em sua cobertura diária e quais as características desse telejornalismo fronteiriço. A hipótese levantada neste trabalho foi a de que o telejornalismo fronteiriço desenvolvido na cidade de Corumbá apresentava a Bolívia, em suas matérias, com caráter predominantemente negativo. Associando-a constantemente às questões relacionadas ao contrabando, roubo, insegurança, doença, inserindo-a em contextos que reforçam o sentimento de superioridade nacional dos brasileiros. Apresentando carência de reportagens que explorem temas como cultura, esporte, lazer, a interação entre os países, meio ambiente.

Para responder aos objetivos propostos pelo trabalho e validar ou refutar a hipótese levantada, foram analisadas as matérias transnacionais produzidas em 2012 e 2013. O *corpus*, formado por 26 reportagens, foi analisado sob a ótica de seis categorias de análises: eixo temático; localidade das matérias; nacionalidade das fontes; classificação das fontes; interesse brasileiro e valência das reportagens. Contribuíram para traçar o perfil do telejornalismo as cinco primeiras categorias citadas. Acredita-se que os resultados apontados por essas categorias indicam características e tendências desse telejornalismo.

A primeira característica identificada do telejornalismo fronteiriço analisado é quanto sua representatividade. Considerando os dois anos de pesquisa, apenas 1% (das 2.724 matérias) foi classificado como transfronteiriças. Apesar de as cidades de Corumbá, Puerto Quijarro e Puerto Suárez estarem próximas, a emissora brasileira se propôs a cruzar a fronteira para

produção de matérias especificamente sobre a Bolívia 26 vezes em dois anos. Em 2012, em dois meses consecutivos, não foram contabilizadas matérias transnacionais. No ano seguinte, foram sete meses seguidos sem matérias feitas na Bolívia. Esses números refletem uma postura quase que de menosprezo em relação ao país vizinho, considerando sua proximidade e o nível de integração entre as cidades.

Quanto à primeira categoria de análise (eixo temático), os dados indicaram variedade limitada de assuntos tratados. Comparando 2012 com 2013, o primeiro ano analisado apresenta maior variação, foram tratados oito temas. Em 2013, o número cai pela metade, apenas quatro temas sobre a Bolívia foram noticiados. Considerou-se que este é um jornalismo que não busca assuntos diversos quando se trata de noticiar o país vizinho. Dos quatro temas abordados em 2013, três constavam em 2012. O único assunto diferente no segundo ano da pesquisa não foi iniciativa da emissora, trata-se de uma produção da Rede Globo. A TV Morena apenas repercutiu o fato da fronteira ter sido notícia na mídia nacional.

A categoria localidade das matérias revelou outra característica. O telejornalismo fronteiriço de Corumbá produz suas matérias transnacionais principalmente na cidade de Puerto Quijarro. Dessa forma, constitui parte do perfil desse telejornalismo abordar a Bolívia por meio da cidade mais próxima da fronteira, uma vez que Puerto Suárez está a 15 quilômetros de Corumbá. Também faz parte do perfil do telejornalismo da TV Morena - Corumbá entrevistar predominantemente fontes brasileiras, mesmo em matérias transnacionais. Ainda sobre as fontes, é possível dizer que há uma tendência maior em incluir as oficiais quando se trata dessa categoria de matéria. O predomínio de assuntos factuais em detrimento dos comportamentais ajuda a entender a prevalência das fontes oficiais.

Outra característica do telejornalismo fronteiriço de Corumbá é o empenho em incluir o Brasil e/ou a cidade brasileira nas matérias. São exceções as reportagens que conseguem abordar um tema sobre a Bolívia sem que haja um motivador do lado brasileiro. A categoria de análise interesse brasileiro nas matérias transnacionais apontou que, das 26 matérias produzidas em dois anos, apenas três não tinham relação com Corumbá. Com os resultados dessa categoria de análise, pode-se considerar que o telejornalismo fronteiriço desenvolvido na cidade de Corumbá não cruza a fronteira para noticiar fatos que não estejam relacionados diretamente com o Brasil. O “outro” só tem espaço na mídia televisiva brasileira se o “nós” também estiver presente. Essa postura ajuda a compreender porque as fontes brasileiras são tão expressivas mesmo nas matérias transnacionais. As matérias, por mais que tratem sobre acontecimentos no outro país, inclui o Brasil para a reportagem. Por isso, é necessário o uso de entrevistados brasileiros para legitimar ou exemplificar o interesse do Brasil no assunto.

O outro objetivo proposto neste trabalho era identificar de que maneira a Bolívia é apresentada no telejornalismo do lado brasileiro. As categorias de análise que cumpriram com esse propósito são: eixo temático; nacionalidade das fontes e a valência das reportagens. A categoria eixo temático revelou, no primeiro objetivo do trabalho, que o telejornalismo em Corumbá não apresenta uma variedade de assuntos quando se trata de noticiar a Bolívia. Essa categoria de análise, no entanto, também ajuda a pensar em como a Bolívia é noticiada, quais fatos relacionados com o lado boliviano ganham espaço no telejornal brasileiro. Nesse aspecto, a análise indica uma forte e predominante tendência a relacionar a Bolívia a temas com natureza desfavorável. Predominantemente, o país vizinho aparece nos telejornais em assuntos sobre alto índice de doenças, protestos civis que tumultuam a região de fronteira e ações ostensivas de fiscalização. Na análise dos dois anos, os assuntos factuais também abordaram temas desfavoráveis, como a falta de gasolina na Bolívia, carros roubados que circulavam sem problemas nesse país e tráfico de pessoas. No período analisado, uma única matéria sobre cultura foi produzida, não foram encontrados, nas reportagens transnacionais, temas sobre esporte, lazer, meio ambiente, curiosidades, boas iniciativas. Pela análise dos dados, considera-se que a Bolívia só ganha espaço no telejornalismo brasileiro com assuntos que lhe atribuem desprestígio.

Como já mencionado, uma das características do telejornalismo fronteiriço de Corumbá é a presença majoritária de fontes brasileiras, mesmo em se tratando de matérias transnacionais. Essa categoria de análise leva a um questionamento importante: Quem são as pessoas que falam representando a Bolívia? Foram encontradas no *corpus* deste trabalho matérias transnacionais produzidas apenas com fontes brasileiras. Mesmo com a dificuldade de acesso às fontes oficiais bolivianas, percebeu-se uma carência de fontes não oficiais bolivianas, os conhecidos “personagens” no jargão jornalístico. Nota-se que os brasileiros falam pela Bolívia. Como a própria Castro (2015) esclareceu, o relacionamento da emissora com os bolivianos não é de todo ruim, apesar da dificuldade de acesso às fontes bolivianas: “a gente tem acesso, lá eles cobram pedágio para entrar na cidade, mas nós sempre tivemos livre acesso. Os repórteres são muito conhecidos do lado boliviano da fronteira porque eles assistem o jornal”. Mesmo assim, predominam as fontes brasileiras. Considera-se que essa característica ajuda a pensar em como a Bolívia é apresentada no país vizinho, pois não são os bolivianos falando de si, são os brasileiros julgando e opinando sobre fatos do lado de lá da fronteira.

A última categoria de análise e a mais importante para cumprir o objetivo de identificar como a Bolívia é apresentada no telejornalismo do lado brasileiro foi denominada como valência das reportagens. Essa categoria de análise foca em como os temas são tratados nas

matérias. Um assunto nem sempre é abordado da mesma maneira, como o caso das reportagens a respeito da contagem da população boliviana. Enquanto um texto se preocupou com o factual, outra matéria optou por uma abordagem negativa do fato. Da mesma forma, têm-se as produções sobre os protestos civis que bloquearam as estradas que dão acesso ao interior da Bolívia. Algumas reportagens se sustentaram apenas nos contratempos ocasionados pelas manifestações, deixando para o segundo plano os motivos e interesses dos manifestantes. Outra matéria, no entanto, sem deixar de falar das adversidades, teve como fio condutor os motivos políticos e econômicos que levaram os cidadãos para a rua. Os resultados da pesquisa indicaram que, ao se referir à fronteira e/ou à Bolívia, os discursos das matérias transnacionais predominantemente apresentam traços de abordagem negativa: 61% das matérias transnacionais apresentam a Bolívia de forma desfavorável, como um lugar de insegurança, roubos, descontentamento, de criadouro de doenças.

Não foi o propósito de este trabalho investigar a que se deve esse perfil do telejornalismo e a tendência de vincular a Bolívia de forma negativa em suas produções. No entanto, ao longo do trabalho, a pesquisa indicou algumas variantes que determinam esse processo, como a estrutura da emissora, a falta de entrosamento dela com as autoridades bolivianas e até a própria iniciativa dos profissionais que pode ser influenciada pela sua formação social, cultural e acadêmica. Também não se pode desprezar que Corumbá foi fundada sob o conceito de fronteira como um espaço de separação, limite e que sua função era justamente proteger o Brasil da aproximação de outros países e, ao que se mostrou nesta pesquisa, o telejornalismo ainda trabalha nesse sentido.

A preocupação em identificar como a Bolívia é representada no telejornalismo do lado brasileiro dá-se, principalmente, pelo fato de o jornalismo ainda se configurar como uma ferramenta que os indivíduos têm para compreensão do que está a sua volta e também do que está distante do seu cotidiano. Ou seja, a maneira como o telejornalismo produzido em Corumbá apresenta a Bolívia influencia na percepção que os indivíduos têm daquele país, daquela região fronteira. O jornalismo, supondo mapas de significados, pode, como explica Hall (1993), incorporar e refletir os valores comuns da sociedade, dessa forma reforçando-os ou trabalhando para modificá-los. Acredita-se, pelo estudo realizado, que esse jornalismo opera no sentido de reforçar os valores vigentes em relação à fronteira e à Bolívia que vem desde o início do povoamento dessa região.

Acredita-se, pelas considerações feitas sobre os resultados da análise, que o trabalho cumpriu com os objetivos propostos validando a hipótese formulada inicialmente. Confirma-se que o telejornalismo fronteiriço desenvolvido na cidade de Corumbá concentra-se em noticiar

a Bolívia quando os assuntos relacionam-na de forma desfavorável em detrimento de reportagens que possibilitem mais integração entre os países, que não incentive a discriminação de brasileiros em relação ao país vizinho, que mostre os aspectos culturais que existem na região, as boas iniciativas, histórias curiosas, entre tantos outros temas que poderiam ir à contramão de uma abordagem majoritariamente negativa. Pela análise desenvolvida, também foi possível identificar algumas características desse telejornalismo que auxiliam na identificação do seu perfil. Pode-se afirmar, considerando as matérias transnacionais, que se trata de um telejornalismo que dá pouca atenção ao país vizinho; tem preferência a temas de natureza negativa quando se trata de noticiar a Bolívia, majoritariamente produzido em Puerto Quijarro; tende a entrevistar mais fontes brasileiras e oficiais e cede espaço para abordar notícias sobre a Bolívia preferencialmente se puder relacionar o Brasil nos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABINZANO, Roberto Carlos. Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistência global. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Territorio sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 113-130.
- AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva. **Revista de Estudos Avançados da USP**, n. 24, maio/ago. 1995.
- ANATEL-Agência Nacional de Telecomunicações. **TV por assinatura está disponível para 57,66 milhões de brasileiros**. 7 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/portal/exibirportalnoticias.do?acao=carreganoticia&codigo=32513>>. Acesso em: 21 maio 2014.
- BARBOSA, Marinalva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2010. 15-35
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2009.
- BERGER, Peter, L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRANDALISE, Roberta. Diversidade cultural e apropriação de bens simbólicos na fronteira Brasil-Argentina. In: MOREIRA, Sônia Virgínia (Org.). **Geografias da comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012. p. 187-202.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Brasília: Senado, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf>. Acesso em: 21 maio 2014.
- _____. Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 30 jun. 2006. p. 51. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.
- _____. Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980. Regulamenta a Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, que dispõe sobre a Faixa de Fronteira. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 ago. 1980, p. 16899. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D85064.htm>. Acesso em: 25 jan. 2015.
- _____. Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979. Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 maio 1979, p. 6113. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L6634.htm>. Acesso em: 25 jan. 2015.

_____. Ministério da Integração Nacional. **Bases para uma proposta de desenvolvimento e integração da faixa de fronteira**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/bases-faixa-de-fronteira>>. Acesso: 15 mar. 2013-25 mar. 2015.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CANCIO, Marcelo. **Telejornalismo descoberto**: a origem da notícia no jornalismo televisivo. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

_____. **Televisão fronteiriça**: TV e telejornalismo na fronteira Brasil e Paraguai. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital**. 2009. 302 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação)- Departamento de Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CONTRERA, Malena. **Jornalismo e realidade**: a crise da representação do real e da construção simbólica da realidade. São Paulo: Mackenzie, 2004.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **Corumbá**: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso, 1870-1920. Corumbá: Lúcia Salsa Correa, 1981

_____. **História e fronteira**: o sul de Mato Grosso 1870-1920. Campo Grande, MS: Ed. UCDB, 1999.

CORRÊA, Valmir Batista. **Corumbá**: um esboço histórico. Corumbá, MS: UEMT, 1973.

CORREIA, João Carlos. **Regresso ao “arrastão de Lisboa”**: reflexões sobre epistemologia do jornalismo. Biblioteca *on-line* de Ciência da Comunicação, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-regresso-ao-arrastao-lisboa.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2014.

COSTA, Edgar Aparecido da. Ordenamento territorial em áreas de fronteiras. In: COSTA, Edgar Aparecido, OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Seminário de estudos fronteiriços**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. v. 1, p. 61-78.

COSTA, Gustavo Vilela Lima da. As fronteiras da identidade em Corumbá-MS: significados, discursos e práticas. In: COSTA, Edgar Aparecido da (Org.) et al. **Estudos fronteiriços**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. p. 69-95.

_____. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 25, n.2, p. 141-156, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/78769>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itânia Maria da Mota (Org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

DALMOLIN, Aline Roes Dalmolin. Do quanto somos gigantes? A abordagem da espacialidade na comunicação. In: CONFERÊNCIA ICA DE COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, 4., 2014. **Anais...** Disponível em: <<http://ica2014.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Anais-ICA-Am%C3%A9rica-Latina-2014-out2014.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

DARDE, Vicente William da Silva. A estrutura do discurso jornalístico e sua contribuição para a construção social da realidade. *Convenit Internacional (USP)*, v. 13, p. 5-16, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit13/05-16Vicente.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2014.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. Tradução Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Berta Weil. **Análise de conteúdo**. 2003. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

FONTES, Felipe Costa. O interacionismo simbólico: implicações para o processo e prática educacional. **Revista Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 141-54, jan./jun. 2011.

FUNCEB-Fundação Cultural Exército Brasileiro. Forte de Coimbra. **Revista DaCultura**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 51-56, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.funceb.org.br/images/revista/_4y1k.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

GAERTNER, Livia Galharte. **A comunicação impressa na fronteira Brasil-Bolívia**. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços)– Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, 2010.

GISBERT, Carlos M. Bolívia e Brasil: os meandros do caminho. **Working Paper**, n. 13, jul. 2011. Disponível em: <http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/18029_Cached.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Assessoria de Comunicação. **Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**: integração entre a cultura e o desenvolvimento. 3 dez. 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1285>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Superintendência Regional, Corumbá, MS. Prefeitura. **Corumbá**: história construída no Pantanal. Brasília: IPHAN; Corumbá, MS: Prefeitura Municipal de Corumbá, 2000.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

JORNAL DIÁRIO DA SERRA. **Anúncio publicitário do televisor Michigan**. Campo Grande, JDS, 1970.

KNEIPP, Valquíria Passos. **Trajetória da formação do telejornalista brasileiro**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação)– Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LAMBERTI, Eliana; MARTINS, Patrícia Cristina Statella. **Reexportação e turismo de compras na fronteira: o caso das cidades-gêmeas Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta-Porã (Brasil)**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2010.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-20091/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentaca>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

LIMA, Marcos Antônio Assis. Jornalismo e construção de futuros. **Revista Temas – Ensaios de Comunicação**, Belo Horizonte, n. 1, p. 41-46, ago./dez. 2002.

MAGNOLI, D. O Estado em busca de seu território. In: JANCSÓ, Istvan (Org.). **Brasil: formação do estado e da nação**. São Paulo: FAPESP/ HUCITEC/ UNIJUI, 2003.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Corumbá e Puerto Suárez, fronteira e interações a escala humana. In: COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Villela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Orgs.). **Estudos fronteiriços**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. p. 23-262.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A televisão no Brasil: 50 anos de história [1950-2000]**. Salvador, BA: Ianamá, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MELLO E SOUZA, Cláudio. **15 anos de história**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editoria, 1984.

MELLO, Jaciara N. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca *on-line* de Ciência da Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

MELO E SILVA, José de. **Fronteiras guaranis**. 2. ed. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2003.

MÉLO, José Luiz Bica de. Reflexões conceituais sobre fronteira. In: CASTELLO, Iara Regina et al. (Orgs.). **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Fundação de Economia e Estatística, 1997. p. 68-74.

MENDONÇA, Kleber. Em “linha direta” com os novos padrões para o telejornalismo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 259-276.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, Brasília. São Paulo: SBPJOR, 2009. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/luiz_gonzaga_motta.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2013.

MÜLLER, Karla M. **Mídia e fronteira**: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)- Unisinos, São Leopoldo, RS, 2003. Disponível em: <<http://www.midiaefronteira.com.br>>. Acesso em: 26 maio 2014.

MÜLLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; RADDATZ, Vera L. S.; SOARES, Marcelo V. C. Comunicação e integração latino-americana: a participação da mídia local na construção da cultura(s) e da identidade(s) fronteiriças. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 12, p. 116-125, maio/ago. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cl%C3%A1udia%20Camargo/Downloads/4673-15293-1-SM.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

MÜLLER, Karla M.; OLIVEIRA, Tito C. M. de. Identificação de elementos da cultura e da identidade apresentados pela mídia impressa na região de fronteira. In: CONGRESSO DA INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

MÜLLER, Karla Maria; RADDATZ, Vera Lúcia S. Comunicação e práticas socioculturais fronteiriças: a mídia local de Corumbá (BR)–Puerto Quijarro (BO). In: NÚÑES, Ângel; PADOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Dilemas e diálogos platinos**: fronteiras. Dourados: EDUFGD, 2010.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazônia continental**: geopolítica e formação de fronteira. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado Amazonas/Secretaria do Estado da Cultura/CCPA, 2005.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Os elos da integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia. In: COSTA, Edgar Aparecido da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Seminário de estudos fronteiriços**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. p. 25-44.

_____. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 377-408.

OSÓRIO, Helen. O espaço platino: fronteira colonial no século XVIII. In: CASTELO, Iara Regina. **Práticas de integração as fronteiras**: temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Instituto Goethe/ICB, 1995.

OTA, Daniela Cristine. A informação jornalística de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Cabalero e Corumbá-Puerto Quijarro. 2006. 172 f. Tese (Doutorado em Jornalismo)– Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. Mapeamento da mídia fronteiriça em Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 34., 2011, Recife: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1778-1.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

PELLEGRINI, P. A. E. S. A atuação das fontes na construção do discurso jornalístico. **Revista Cambiassu**, n. 4. p. 269-288, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**. Cotia, SP. Ateliê Editorial, 2002.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Jornalismo e realidade: da necessidade social da notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 44-55, dez. 2009.

PORTUGAL, Luísa. **Periodismo de fronteira: um proyecto para la paz**. Peru, Ecuador: Universidade de Pirua, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. **Perfil socioeconômico de Corumbá**. Corumbá, MS: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.corumba.ms.gov.br/perfil/index.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de Oliveira (Org.). **Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: UFMS, 2005, p. 9-15.

REDE MATO-GROSSENSE DE TELEVISÃO. **Boletim informativo TV News**, Campo Grande: TV Morena/MS, n. 19, set. 2005.

REDE TUPI DE TELEVISÃO. **A memória do Brasil preservada**. 7 jul.2010. Disponível em: <<http://redetupitv.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109-135.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ROXO, Marco. A volta do “jornalismo cão” na TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. 177-195.

SANTOS, Ana Claudia Martins dos. Navegação e limites: peculiaridades de uma província fronteiriça. **Clio-Revista de Pesquisa Histórica (UFPE)**, v. 1, n. 30, 2012.

SCHMITZ, Aldo A. **Classificação das fontes de notícias**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. 2011. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013

SEBRAE-MS-Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa. Núcleo de Atendimento Integrado. **Mato Grosso do Sul: sem fronteiras**. Campo Grande, MS, 2011. Disponível em: <<http://semfronteiras.ms.sebrae.com.br/portal/index.php?page=channel&id=32>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)- Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy**: o âncora do telejornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1993.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-Compós**, Brasília, v. 15, n. 1, jan./abr. 2012.

TONIAZZO, Gladis Salete Linhares. **Caminhos da informação na rede matogrossense de televisão**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis, SC, 2005. v. 1.

TV GLOBO. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 1985.

TV MORENA-CORUMBÁ. **Matérias e reportagens**: 2012-2013. Corumbá, 2014.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias In: TRAQUINA, Nelson (Org.) **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-262.

_____. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Bosch, 1993.

VIZEU, Alfredo Eurico; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo Eurico (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre: PUCRS, n. 25, p. 111-118, dez. 2004.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia (Orgs.). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

WOLF, Mauro. **Teoria das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WONTON, Dominique. **Elogio ao grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

XAVIER, Lúcia de Oliveira. **Fronteira oeste brasileira**: entre contraste e a integração. Tese (Doutorado em História). Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1421>. Acesso em: 5 fev. 2015.

ZURITA, Robson Willian Paredes. **Aproximación al concepto de periodismo transfronterizo**. Piura: UDEP, 2004.

ENTREVISTAS REALIZADAS

CASTRO, Vivian de. **Produção telejornalística na fronteira** [20 mar. 2015]. Entrevistadora: Cláudia Gabriela Camargo. Campo Grande, MS, 2015. Entrevista na residência da entrevistadora.

RAGHIAN, Uriel. **Início da TV Cidade Branca** [10 dez. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Gabriela Camargo. Corumbá, MS, 2013. Entrevista nas dependências da Rádio Difusora.

RORIZ, Tirone. **Início da TV Cidade Branca** [10 dez. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Gabriela Camargo. Corumbá, MS, 2013. Entrevista nas dependências da TV Morena.

VIEIRA, Moacir. **Início da TV Cidade Branca** [10 dez. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Gabriela Camargo. Corumbá, MS, 2013. Entrevista nas dependências da TV Morena.

ZAHARAN, Ueze Elias. **A televisão em Mato Grosso do Sul**. [28 jan. 2014]. Entrevistadora: Cláudia Gabriela Camargo. Campo Grande, MS, 2014. Entrevista nas dependências da TV Morena.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas.

Entrevista 1

Uriel Raghiant. Função: ex-coordenador da TV Morena Corumbá. Entrevista concedida 10 de dez. 2013 na sede da Rádio Difusa em Corumbá.

Pesq: Como foi o processo de construção da emissora na cidade?

Uriel: Eu cheguei aqui, em Corumbá 1969. Foi combinado com seu Eduardo Zahran, meu patrão, que era chefe do grupo. Eu mandei uma equipe de vendas, seu Eduardo me pediu para que eu viesse para Corumbá e montasse a TV Cidade Branca. Então eu mandei minha equipe para cá. Minha equipe chegou aqui no dia 10 de outubro de 1969, foi a chega do meu pessoal aqui.

Pesq: Seu grupo era formado por quantas pessoas?

Uriel: Meu grupo de venda era de oito vendedores, era o grupo de rua que vendia os aparelhos, para levantar o dinheiro para construir o prédio. Eu não vim nesse dia, eu os mandei para cá, hospedei-os, mas não vim, porque o sêo Eduardo faleceu, eu fui para São Paulo para o velório do sêo Eduardo. Lá em São Paulo, o seo Ueze Zahran, que passou a ser o presidente, perguntou: Uriel, você se mudaria para Corumbá? Eu disse: Eu vou. Então ele disse: então vai imediatamente, monta e emissora que era o que o Eduardo queria. Então em seguida vim para Corumbá e me juntei ao grupo que já estava aqui no hotel. Passamos a vender os aparelhos, eu montei a loja Copagaz, aqui na rua Frei Ariana, lá embaixo que era nosso ponto.

Pesq: A loja chamava Copagaz mesmo? Vendia outros produtos aqui em Corumbá ou apenas televisão?

A loja chamava Copagaz e na época foi só para venda do Televisor. Então comecei os aparelhos, vendemos aqui 2.460 aparelhos. Em Campo Grande foi muito mais, mas a cidade era maior. Em Corumbá foi isso, vendemos e entregamos. Com esse dinheiro que eu fui investindo na televisão que ainda não existia. Comprei o terreno de 20 mil metros, que a TV está até hoje. Comprei do Dr. Caio Medice Barros. Dr. Breno Guimarães era o prefeito, me cedeu um trator para fazer o serviço de terraplanagem, eu pagava o combustível e pagava o operador da máquina. Contratei um arquiteto, José Sebastião Candia quem fez o projeto e continuamos a venda e iniciamos a construção do prédio.

Pesq: E quanto custava um televisor?

Uriel: Mil cruzeiros novos que era o dinheiro para ajudar na construção ou parcelava. Uns davam o mil somente para ajudar. Quando foi a época posterior da entrega do aparelho, o aparelho custava 800. A primeira fase foi para levantar o dinheiro para construção da emissora, e a segunda parte foi para entrega do aparelho. Aí a pessoa argumentava que lá fora a TV custava, exemplo, 700 cruzeiros novos e aqui tinha que pagar 1.800. Aí você argumentava que não tinha imagem aqui, não adiantava o televisor. Agente tinha um custo maior que nós íamos montar. Então você dava sua cota que era mil reais, após esse pagamento a gente pegava mais 800 reais que era do aparelho, que era uma TV Colorado, uma TV Philco, até uma TV Michigan que era fabricação própria. O valor era o mesmo.

Então montamos a televisão, que ela passou a funcionar... aí há uma controvérsia, até Zahran não vai falar o que eu vou te falar. Em fevereiro de 1970 eu iniciei as obras e inauguração simbólica foi 21 de setembro. Eu fiz uma festinha, com a presença do Ueze Zahran, senador Filinto Muler. A inauguração de verdade foi 04 de outubro de 1970, com a presença de sêo Nagibi Zahran, que veio representando a família, e que fez a inauguração oficial.

Pesq: E na inauguração simbólica a TV transmitiu alguma coisa?

Uriel: Não. No dia 21 de setembro, na meia inauguração não teve nenhuma transmissão. Mas na Copa de 1970, nós trouxemos um transmissor pequenininho de Campo Grande, e colocamos em cima do Hotel Santa Mônica e colocamos uns aparelhos. Eu mandei fazer de madeira uma estrutura alta para colocar a TV em cima. Então eu coloquei umas 10 televisões distribuídas na cidade. O governador, Pedro Pedrossian cedia o avião do governo então vinha o videoteipe do futebol em Campo Grande. Vinha de Campo Grande, um dia após, dependendo do jogo horas após. Então eles gravavam mandavam para mim eu punha no aparelho e o transmissor jogava para os novos aparelhos, então o pessoal assistia na rua. Isso na Copa, não tinha nada lá na emissora que estava em fase de construção. Então o governador cedia, gentilmente o avião do governo do estado. Por amizade, e também ganhava ponto, porque a gente falava dele, lá em Campo Grande a gente falava muito dele.

De lá pra cá, pela televisão mesmo, a gente funcionou uns diazinhos, colocava umas imagenzinhas. No dia 21 de setembro não foi transmitido nada, faltava pouca coisa, tanto é que no dia 21 de setembro que o Ueze esteve aqui, junto com o senador Filinto Muller - Filinto estava na cidade, o Ueze chegou sem saber, eu que convidei o senador - fiz um coquetelzinho meio fajuto e ele veio ver o que tinha por aqui. Estavam presentes Senador Filinto Muller, prefeito Breno Guimarães, deputado estadual José de Freitas. No dia 4 de outubro, o governador Joé Garcia Neto, Senador da República que residia em Campo Grande Antônio Mendes Canário.

Pesqu: Quando foi a primeira transmissão da TV Cidade Branca?

Primeira transmissão foi feita no dia quatro de outubro. Antes, a gente jogou no ar mas sem pretensão nenhuma, pra ver o como é que estavam os aparelhos, foram feitos testes. Oficialmente foi inaugurada no dia 04 de outubro na presença dessas pessoas que eu te falei e o Dr. Nagibe Zahran, representando a família Zahran.

Pesq: O que que foi transmitido nesse dia??

Uriel: Para ser franco, não me lembro da transmissão.

Pesq: Sobre a programação, o senhor se lembra de alguma coisa?

Uriel: Não era Globo, acho que era a programação da TV Excelssior se não me falha a memória. A globo foi bem depois. Eu dirigi a TV até 1980. Depois foi a Tupi e acho que só depois a Globo.

Pesq: E sobre a programação local, o senhor se lembra de alguma coisa?

Uriel: Logo que inaugurou tinha os noticiários que eram feitos aqui, um da noite e um de dia. Acho que era só de manhã e à noite. A gente fazia outras coisas. Eu fazia, uma vez na semana, um programa de artistas da terra, era um coquetel ali no pátio, que se chamava Pratas da Casa - era um programa local, uma vez por semana, aos sábados, às 20h, apresentado por Claudete Sleiman, entre 1972, 1973. O resto era enlatado, porque não tinha transmissão com Campo Grande. Hoje ela é lincada com Campo Grande. Antes de eu sair nós lincamos com Campo Grande, então muita coisa passou a vir de Campo Grande. Nosso sofrimento era que a programação não era direta não existia satélite. O satélite surgiu com a Globo. Lincava a Globo Campo Grande, a Globo Cuiabá e Globo Corumbá. Aí aqui quase passou, não vou falar que repetidora, ela é uma geração geradora, porém, ela não gera nada. O que Campo Grande passa a gente passa aqui, uma repetidora via satélite, porém repetidora. Aqui não tem autonomia nenhuma como Cuiabá não tem e como Campo Grande não tem! Campo Grande tem porque é uma geradora, mas ela praticamente é uma repetidora. São poucos espaços.

Pesq: E na sua visão, qual foi o impacto da chegada da televisão aqui?

Uriel: O impacto foi muito grande. Uma cidade isolada, ilhada, sem nada. Só um cinema funcionava precariamente. Com a chegada da televisão as pessoas ficaram mais animadas, as crianças mais intelectuais. Imagina o impacto da televisão onde não tinha nada.

Pesq: Para eu contextualizar no trabalho, o senhor começou a trabalhar com a família Zahran em que época?

Uriel: Eu comecei a trabalhar em 1952, na minha carteira consta 1957, porque eles assinaram depois, mas foi em 1952. Comecei no Café Néctar, que ficava na rua 14 de Julho número 605 onde hoje é a Anita, entre a Rio Branco e a Afonso Pena. Lá era café, e tinha a torrefação e moagem do café nos fundos, eu trabalhava na torrefação e na moagem do café, isso foi até 56, 57. Foi quando surgiu a Copagaz, o Ueze morando em São Paulo ele batalhou e conseguiu a Copagaz, aí o Café Néctar fechou e começou o ciclo da Copagaz. Aí o Ueze conseguiu a concessão da televisão e a Copagaz que vendia eletrodomésticos, gás, fogão, liquidificadores, geladeiras passou ter como carro forte a televisão. E aí foi que eles cresceram. Aí eu fiquei um pouco na TV em Campo Grande, logo no início da televisão. Fiquei vegetando lá um pouco, mas eu ficava mais na Copagaz. De Campo Grande fui para Aquidauana com uma equipe de venda e foi em Aquidauana a primeira repetidora da TV Morena, e Maracaju fui a segunda repetidora, eu também montei. Isso foi em 67, 68. Vendi os aparelhos nessas cidades, fui eu que vendi os aparelhos, morei, trabalhei. Porque tinha que vender para construir. Me desliguei da empresa em 1980.

Entrevista 2

Tirone Roriz e Moacir Vieira. Função: Cinegrafistas. Entrevista concedida em 10 de dezembro 2013 na sede da TV Morena –Corumbá

Pesq: Como foi a inauguração do dia 21 de setembro de 1970?

T.R: Foi inauguração em caráter experimental, porque era aniversário de Corumbá. Veio o prefeito, Breno Guimarães, veio o bispo, veio o general fez uma festinha, mas em definitivo foi dia 04 de outubro de 1970. Nessa época a gente trabalhava com a Tupi. Em 1973 a TV Morena começou a trabalhar com a Globo. A Globo tem 48 e a TV Morena também tem 48 anos.

Pesq: Sobre a programação. No dia da inauguração da TV Cidade Branca, não houve transmissão?

T.R: No dia 21 de setembro não foi transmitido nada, a gente inaugurou com caráter experimental para mostrar para o povo como é que funcionava, não tínhamos videoteipe ainda, era filme. Inclusive o Moacir era um dos operadores de TELECINE. Então, no dia (da inauguração) a gente filmou o coquetel que teve, a missa, as pessoas. As gravações foram transmitidas por Corumbá no outro dia, porque não tinha nada direto.

Pesq: Depois da inauguração oficial, como era a programação da emissora?

M.V: Depois da inauguração o nosso forte, na programação, eram os filmes. A gente passava muitos filmes, desenho animado também. Eram rolos de filme de 16 mm. Não tinha novela ainda não. De programação local nós tínhamos Noite social, Jantar com as Estrelas, Cinco na Sociedade – esse era do Onésimo Filho. A Claudete Sleiman apresentava Noite Social.

T.R: O programa era no sábado e ao vivo. A gente convidava uns clientes nossos, autoridades, artistas e sempre vinham uns cantores para cantar ao vivo no programa que era gravado no pátio da TV. Cada edição era um restaurante que oferecia o jantar. O programa tinha uma hora, meia noite ele acabava, porque cortava a luz elétrica. Só tinha energia em Corumbá até meia-noite.

Para gente ficar até meia noite com luz elétrica a gente pegou a rede da brigada mista do hospital e da TV.

M.V: Nessa época a gente entrava às cinco da tarde e saía meia noite.

Pesq: Sobre os telejornais, quais foram os primeiros?

T.R: O jornal nosso tinha 40 min e era ao vivo, toda a programação era ao vivo. Então logo que inaugurou a programação era os filmes, desenho animado, comerciais que eram por filme ou slide (fotografia) tinha de 15 segundos, 30 segundos. Geralmente esses comerciais eram nacionais, era Collins, Maisena, Omo, comerciais nacionais. Eram em slide, ou filmete.

O primeiro jornal foi o Jornal das sete. Quando acabava esse tinha o Noite Social - não era telejornal, era coluna social - esse era do Onésimo e era diário também. O Jornal das sete durava 45 minutos, os primeiros apresentadores foram Carlos Augusto Serra e Carvalho Sobrinho. O Jornal das sete e o Noite Social eram transmitidos do mesmo local, mesmo estúdio. Abria a cortina era o Jornal das sete, fechava a cortina era o Noite Social. Era tudo preto e branco. As cores chegaram para nós em 75. Quem trouxe para nós foi o engenheiro espanhol, Jorge Ieda.

M.V: O fantástico aqui era atrasado uma semana, e o Jornal Nacional era atrasado em um dia, porque não tinha satélite, vinham por malote tudo em fita JVC. Vinha de Campo grande.

T.R: Em 75 começou os coloridos, foi o senhor Jorge Ieda, então foi eu e ele na exposição agropecuária mostrar para a sociedade o que que era cores. E ele mostrou um pedaço de uma novela. A novela que mais fez sucesso aqui foi Sol amarelo. As novelas começaram aqui, um ano depois que a gente estava no ar. Final de 71. A primeira novela que passou aqui foi Os Deuses estão mortos.

Pesq: Então, só para amarrar corretamente sobre a programação, os telejornais e os jornalistas, tem como me falar de forma mais cronológica?

T.R: O que passava era filmes, desenho animado, comerciais que eram em filmetes que poderiam ser de 15segundo, 30 segundos ou 1 minuto, ou em slide. No final do dia tinha o Jornal das 7 que durava 45 minutos e depois o Noite Social com o Onésimo. A Claudete assumiu o lugar do Onésimo quando ele passou a redigir o jornal. O jornal da 7 começou com o apresentador Jair Gibaile. Depois passou para dois apresentadores, a primeira dupla foi Carlos Augusto Serra e Carvalho Sobrinho. Logo que começou o jornal, o jornalista responsável era Onésimo Filho, que era o redator e apresentava noite social.

Pesq: Quais eram os profissionais que trabalhavam na TV?

M.V: Tinha sonoplasta, o operador de slides, o locutor que falava para duas câmeras paradas. As equipes de reportagens não tinham, os cinegrafistas iam para rua e o locutor narrava em cima das imagens brutas. A primeira equipe de reportagem em Corumbá foi por volta de 1978.

Entrevista 3

Ueze Elias Zahram. Proprietário da Rede Mato-Grossense de Televisão. Entrevista concedida em 28 de janeiro de 2014 na sede da TV Morena Campo Grande.

Pesq: Gostaria que o senhor contasse um pouco do processo que foi idealizar até o momento da inauguração da emissora em Corumbá e o porquê de o senhor ter escolhido a cidade.

Ueze: Quando eu quis trazer a imagem para cá eu queria trazer imagem repetida porque eu era fã da jovem guarda, eu trabalhava a semana inteira e de noite eu descansava vendo a jovem guarda. Eu achava que meu povo do Mato Grosso tinha o direito de ver essa beleza de programa. Então quis trazer imagem repetida com torres repetidoras de São Paulo até aqui, era a Record.

Contratei um técnico israelense, um muito bom chamado Luis Hutman para verificar em quantas cidades tinha que colocar torre para levar as imagens de São Paulo até a fronteira do Mato Grosso, a cidade de Três Lagoas. Ele fez o estudo, durou quase meio ano e viu que tinha que passar por vinte e duas cidades. Eu reuni os vinte e dois prefeitos dessas cidades que não tinham imagem de TV em um auditório de uma rádio na cidade de Tupã, interior de São Paulo. Eu estava aqui, e os prefeitos estavam chegando lá...eu falei para o meu irmão Eduardo: “eu vou embora pra São Paulo que eu estou fazendo uma coisa” não tinha contato para os meus irmãos o que eu estava pretendendo fazer com a televisão. Ele falou: “o que é?” Eu falei: “vou trazer a imagem da TV Record para cá”. Ele falou: “Você consegue?” Eu disse: “vou tentar”.

Fui para lá tinha vinte e dois prefeitos no auditório. Comecei a mostrar para eles, comecei 7h da noite e fui até às 2hrs da madrugada. Dizendo que eu ia colocar imagem na TV da cidade dele e um mês depois ele me pagava o valor da torre. E eu ia levando até a fronteira desse jeito, recebendo o valor de cada torre. Dos 22 prefeitos, 20 queriam e dois não queriam. Duas horas da madrugada eu chamei o Hutman e falei: “vamos para a opção B”. A opção B era emissora própria.

Eu audacioso que era naquela época, devia ter meus 30 anos com vontade de criar coisas, fui e pedi três canais de televisão: Campo Grande, Cuiabá e Corumbá porque era as três principais cidades do estado. Montei a primeira em Campo Grande e eu ia muito pra Lins comprar café que eu tinha torrefação de café e o pessoal de Lins falava para mim: “Zahran, ao invés de fazer em Cuiabá e Corumbá, faz em Lins, em Araçatuba que são cidades ricas do estado de São Paulo”. E eu falava: “é, mas eu não vou fazer em Lins e em Araçatuba eu vou fazer no meu estado, para população do meu estado. E o meu estado tem três cidades boas Campo Grande, Cuiabá e Corumbá”.

Só tinha 14 emissoras de televisão geradoras de programa no Brasil naquele tempo e eu queria montar três num estado de meio milhão de habitante, você vê que barbaridade! Aí pedi os três canais. Mas o pessoal: “faz em Araçatuba, faz em Lins”. E eu falei: “Não, vou fazer no meu estado”. E fui na Contele e pedi os três canais – Conselho de Telecomunicação dirigido por Quanti de Oliveira. Pedi os três canais e de repente entra o Dr. Hachid Saldanha Teles – Senador da República, mais o Assis *Chateaubriand* – grande Assis *Chateaubriand* que mandava no Brasil inteiro, mais uns cinco empresários locais para tomar os três canais, aí eu parti para briga. Todo mundo dizia: “Zahran, você já perdeu”. Porque o Assis já tem o canal lá em São Paulo, a TV Tupi. Eu falei: “Eu vou brigar, eu não vou entregar fácil. Eu idealizei isso tudo, eu não vou entregar, eu vou brigar. Vou perder brigando, assim eu não me culpo mais”. E briguei quatro meses. Saía na segunda feira para Rio de Janeiro – a Contele era no Rio de Janeiro - ficava de segunda a sexta feira lá no hotel. Sexta feira eu corria para São Paulo, aí a Geninha Paredes que trabalhava lá, psicóloga, nossa amiga, dirigia a Copagaz para mim lá. Daí eu chegava sexta-feira à noite eu via aquilo tudo lá, as vendas todas os recebimentos e voltava na segunda feira seguinte para o Rio de Janeiro no hotel. Durou quatro meses isso. No fim desses quatro meses, Quanti de Oliveira me ligou e perguntou se eu estava sentado, eu disse, eu estou Quanti e vou aceitar o que o senhor decidir, ele falou: “Eu decidi dá as três emissoras para o senhor, são Zahran. Vi que o senhor era mais importante que os três elementos que me apresentaram aqui” - são Hachid, Chatobreau e mais um outro lá. E eu tive os três canais na mão. Fiz o primeiro em 65, TV Morena; 67 TV centro América e em 1969 a turma falava: “não vai sair”. Eu tinha comprado o morro para colocar a antena em cima do morro para levar a antena para o pantanal e pra Bolívia e a aeronáutica não permitiu montar no morro. Briguei com a aeronáutica dois meses. Dizia: “não passa avião aqui. Porque que eu estou impedido?” A aeronáutica dizia: “Passa”. E eu: “Não passa, nunca passou avião aqui”. E mesmo assim não deixou.

Eu estava falando isso pra Dilma, presidente da república recentemente, ela falou: “O que que o senhor fez”? Eu falei que montei no corpo do morro e ficava ouvindo queixa do pantanal, o

tempo todo, que não tinha imagem, porque estava no corpo do morro, não estava na ponta do morro. E a Bolívia que queria ver a imagem não tinha imagem também, porque estava no corpo do morro. Dois anos assim, todo mundo brigando comigo. Aí a Dilma falou para mim: “o que que o senhor fez?” Eu falei: “uma noite eu tomei um whisky a mais”. Elas se olharam, estava ela e a Foster, Maria da Graça Foster – que preside a Petrobras era secretária da Dilma. Ela perguntou: “O que é tomar um whisky a mais?” “Ministra, o empresário trabalha o dia todo, a noite ele toma um whisky para relaxar, dois whiskies, naquela noite eu tomei três”. Ela falou: “O que que o senhor fez?” “Com três whisky na cara mandei colocar uma torre estaiada no cucuruco”. Ela perguntou: “O que é torre estaiada?” “É uma torre leve segura por estais de aço para não tombar”. “O que aconteceu?” Eu falei: “Nada. No morro eu coloquei antena para Bolívia, antena para o Pantanal, todo mundo feliz da vida, vendo a imagem que queria ver”. “E o que aconteceu?” “Nada!” “E quando foi isso?” E eu falei: “Há 40 anos atrás e não aconteceu nada até hoje”. Então por isso Corumbá, Bolívia e Pantanal está tendo nossa imagem de Corumbá. Que é uma imagem muito bonita, porque tá trazendo o Brasil e agora o mundo dentro da população sul-mato-grossense. Através da nossa TV, ela mostra o que é o mundo o que mato grosso e mato grosso do sul.

Pesq: E o senhor sempre teve preocupação em mandar as imagens para o outro lado da fronteira, para a Bolívia?

Ueze: Sim, sempre quis. Quando aconteceu de a Globo querer dividir o estado eu fui brigar com a Globo. Ela queria entregar a metade do Mato Grosso para outra emissora eu fui lá falar com o filho do doutor Roberto Marinho, o Roberto Marinho era meu amigo - eu falei: “me dá seis meses e eu ponho outra emissora no estado se você quiser”. Ele falou: “não põe”, eu falei: “ponho!” Fiquei duas horas brigando com ele. Ele me deu seis meses. Queria entregar para um bando de vagabundo aqui. Eu falei: “você não vai em humilhar lá. Me dá seis meses”. Eu vi no livrinho dos canais, só tinha um canal no estado de Mato Grosso, em Ponta Porã, e eu pedi Ponta Porã. Quem era ministro das comunicações – não era Contel mais era Ministério das Comunicações – era o Antônio Carlos Magalhães e o Hachid Saldanha que era de Ponta Porã entrou para me tomar o canal e eu briguei com ele novamente. E fui falar com Antônio Carlos Magalhães, mas ele falou para mim: “Zahran, você não investe nas suas emissoras”. “Não invisto? Vai comigo agora para Campo Grande que eu vou te mostrar um milhão de dólares no pátio de Campo Grande na minha TV, um milhão de dólares em equipamentos. Meu irmão Jorge comprou” Ele falou: “Eu não posso sair daqui”. Eu falei: “Manda um funcionário seu graduado eu mostro para ele”. Ele falou: “Tem isso?” Eu falei: “Tem! Eu mostro a nota fiscal”. Aí ele me deu Ponta Porã. Hachid Saldanha Teles perdeu outra vez.

Entrevista 4

Vivian de Castro – jornalista TV Morena, ex-editora chefe da TV Morena – Corumbá. Entrevista concedida em 20 de março de 2015 na residência da pesquisadora, Campo Grande.

Pesq: Existe um empenho, orientação ou uma preocupação para que sejam feitas matérias em que os assuntos abordados sejam sobre a Bolívia?

Vivian: É necessário. A orientação é cobrir sempre, diariamente. Nossa atenção para fronteira é grande. A gente tem que estar sempre atento para o que tá acontecendo lá. Porque não é uma orientação da empresa TV Morena é uma orientação da Globo – rede a qual a gente está ancorado filiado. Na verdade, além da atenção a gente tem o compromisso de cobrir a fronteira porque é uma região sensível do país, a questão de segurança, na questão de saúde pública, questões econômicas também, ainda mais ali, a Bolívia que é uma região muito pobre que realmente inspira muita atenção da gente. Então, a gente tem que estar como o nosso olhar

diário para as cidades Corumbá, Ladário – que são as cidades que a TV cobre, a gente tem o mesmo cuidado com a Bolívia. Com as cidades fronteiriças né? É claro que passou da região de fronteira já não é um compromisso da filiada passa a ser uma cobertura internacional que geralmente é feita pelos repórteres internacionais da Globo que cobrem a América do Sul. Só que ali na região de fronteira é nosso compromisso sim.

Pesq: No levantamento realizado, constatou-se que apesar de todos os dias serem produzidas matérias que, de alguma forma, se referem aos bolivianos ou a fronteira, apenas 1% do total de matérias produzidas em 2012 e 2013 foram classificadas como transnacionais. A que se deve esse baixo percentual?

Vivian: Acredito que o principal motivo seja que o nosso foco, apesar de estarmos na fronteira e de ser importante a cobertura dos assuntos sobre aquela comunidade que vive ali naquela região de fronteira, o nosso foco é claro os brasileiros que vivem do nosso lado: os corumbaenses e os ladarenses. Então a nossa cobertura é muito focada nessa comunidade, onde a TV está inserida que é em Corumbá. O segundo ponto é que as matérias feitas na Bolívia ou relacionadas ao povo boliviano geralmente elas têm como motivação algum assunto factual que mexa com a vida de muitas pessoas da comunidade, aí a gente acaba fazendo por falta até de estrutura a gente não consegue dedicar muito tempo a reportagens produzidas na fronteira, a gente se dedica aos factuais – aqueles fatos que acontecem inesperadamente e aí a gente têm que dedicar é claro nossa atenção a eles. E ainda assim, mesmo quando a gente vai dedicar tempo e espaço dos telejornais locais para as notícias relacionadas à Bolívia a gente tem que considerar a dificuldade de ter acesso às fontes. Primeiro que ali são representações de órgãos bolivianos, como nas cidades do interior do Brasil. Para se reportar a sede dessas entidades é sempre complicado. Então as fontes são limitadas e nem sempre esse acesso é fácil. Além do número de fontes ser bem limitado o acesso a elas nem sempre é fácil, são poucas vezes que a gente consegue gravar entrevista com alguém, nem sempre eles se sentem autorizados a gravar entrevista com uma TV estrangeira, porque lá nós somos, uma TV estrangeira, apesar de estarmos numa região de fronteira de ter esse intercâmbio diário nós somos representantes de uma televisão de um outro país.

Pesq: No cotidiano jornalístico, existem alguns temas que despertam maior interesse para que matérias sejam feitas do lado de lá? Como assuntos culturais, por exemplo, apresentam o mesmo valor noticioso do que um tema factual?

Vivian: É uma questão estrutural. É claro que interesse a gente tem, muitas vezes a gente fez planejamento para fazer cobertura turística ali na região até além da faixa de fronteira, porque é uma região muito bonita ali na Bolívia. A gente conhece aquelas três cidadezinhas da região de fronteira e não tem ideia do que tem pra frente, o potencial turístico e cultural é muito grande ali. Nós fizemos uma série de planejamento para tentar fazer essas coberturas e por uma questão estrutural da TV a gente não consegue. É uma equipe muito pequena, Corumbá é uma cidade que tem muito factual. Não falta notícia em Corumbá. Essa que é nossa vantagem, demanda de trabalho a gente sempre tem muito. Então a gente não consegue dar muita atenção aos outros temas do país, da Bolívia no caso. Então a gente acaba se dedicando aos assuntos cotidianos, os factuais: fechou a fronteira por uma questão política, econômica do país isso é notícia, é claro, porque vai interferir na nossa vida. Basicamente, como a estrutura é pequena, a gente tenta priorizar aqueles assuntos que vão ter alguma relação com a vida do brasileiro, vai de certa forma interferir na vida do brasileiro. Então, o turista que vai fazer compras na Bolívia não consegue acessar o país porque a fronteira está fechada – é notícia. Um caso de raiva canina na Bolívia, sendo que é uma fronteira seca, os cães têm livre acesso ali, se as pessoas têm quem dirá os animais né? - é notícia. Segurança, é claro. No caso dos carros roubados a gente fez uma cobertura bem intensa como você falou e todos os temas relacionados a segurança que tem

relação com a vida dos brasileiros. A gente tenta priorizar isso: as notícias que vão interferir na vida do Corumbaense e na vida do brasileiro.

Pesq: Então essa é uma preocupação? Sempre que noticiar algo do lado de lá, vincular com o dado de cá?

Vivian: Sempre. Se não, aí há um investimento que nem sempre a gente tem condições de fazer. Como eu te falei, essas coberturas turísticas que a gente sempre teve muita vontade de fazer. Existe uma região ali que tem uma relação com o passado jesuíta, porque a Bolívia é um país muito religiosos, então é uma região muito bonita. Assim, sub explorada turisticamente. Então a gente sempre teve vontade de fazer, mas não dá porque é um investimento grande, de vários dias de deslocamento. Então a gente tenta priorizar mesmo o que vai interferir na nossa vida, na vida de quem vive do lado de cá.

Pesq: Os bolivianos que moram nas cidades fronteiriças são considerados como audiência? Essa população é incluída na rotina jornalística, como na escolha das pautas, por exemplo?

Vivian: A audiência não é medida. Não é aferida por nenhum instituto de pesquisa. O instituto de pesquisa brasileiro que a Globo contrata leva em consideração a população Corumbaense, que é onde a emissora está sediada. Mas nós, porque ali, o contato bolivianos e brasileiros é diário...muito comum. Agora nem tanto porque a feirinha Bras-Bol foi fechada, acho que a presença de bolivianos diminuiu um pouco na cidade, mas vivem muitos bolivianos em Corumbá, então o intercambio é diário é o tempo todo. Exceto em momentos especiais, por exemplo o carnaval que eles comemoram de uma forma diferente: começa uma festa lá em Quijarro depois vem a Corumbá, tem uma passeata na cidade e depois seguem e fecham com uma festa em Quijarro. É um evento deles, vem pra Corumbá (para o lado brasileiro) mas a gente assim, a gente poderia fazer uma cobertura especificamente no trânsito, tais ruas serão interditadas porque vai passar um bloco boliviano aqui. Mas não, a gente faz uma cobertura de como é o carnaval para eles, de como eles celebram, quais símbolos são importantes para eles. Mas exceto nesses momentos, nosso olhar é mais para o que tem realmente interferência na vida ali em Corumbá. A gente não consegue, infelizmente, ser pautado pela história pela cultura dos bolivianos, é mais, realmente quando tem uma interferência para a cidade de Corumbá.

Pesq: Existem dificuldades para as fazer matérias consideradas transnacionais? Ou o processo e o encaminhamento são basicamente como das matérias feitas em Corumbá?

Vivian: Existe dificuldade sim, para entrevistar fontes bolivianas. Depende muito do tema que a gente vai tratar. Se a gente for falar de uma festa cultural deles, é claro que a recepção é muito mais calorosa, mais amigável. Mas se a gente vai falar de segurança é um tema muito delicado né? Segurança é delicado em qualquer lugar, em uma capital é delicado imagine em uma cidade interiorana eu faz fronteira com dois países. Nesses casos a gente toma muito cuida, muito cuida memo. A gente procura geralmente as autoridades que estão alocadas ali na fronteira mesmo: polícia boliviana. Assim, primeiro que eles são muito resistentes, muito resistentes. Aí a gente geralmente tem um contato prévio com o Consul da Bolívia que fica em Corumbá. Durante os quatro anos que eu trabalhei lá houve só uma pessoa que estava no consulado boliviano. Ele era uma pessoa bastante acessível, mas não abria portas para gente do lado de lá. Então não indicava fontes...porque eles são muito temerosos, muito temerosos mesmo. Porque é uma região de muita insegurança, essa é que é a verdade. As fontes são bem restritas. A gente procura a polícia boliviana, em caso muito extremos o ministério público boliviano, a marinha boliviana e o consulado. Basicamente é isso, em alguns momentos nós chegamos a ouvir a Marinha Boliviana, mas é raro eles gravarem entrevistas. Muitas vezes eles chegam a falar, conversam com o repórter mas para gravar eles se recusam. O ano passado a gente começou a ter uma dificuldade maior, não sei o que aconteceu mas teve dois episódios que nossas equipes foram lá fazer matéria e foram praticamente expulsos. Não chegaram a ser expulsos: “olha, vocês têm que sair agora!” Mas, “não gravem, não gravem. Vocês não têm autorização para estarem aqui.

Por favor, voltem imediatamente”. A minha orientação lá, e na verdade, a orientação da TV é nunca colocar a equipe em risco. Por mais que a notícia vale, não pode colocar a integridade, do repórter e nem do cinegrafista em risco. Então, houve qualquer resistência maior do que um não é voltar imediatamente com o que tem em mãos. Mas isso, sinceramente, foi só no finalzinho. Durante os quatro anos a gente nunca teve nenhuma outra situação de cobertura delicada lá. A gente tem acesso, lá eles cobram pedágio para entrar na cidade, mas nós sempre tivemos livre acesso. Os repórteres são muito conhecidos do lado boliviano da fronteira porque eles assistem o jornal. Mas sempre é uma situação delicada, tempo que tomar sempre muito cuidado. Não porque temos uma abertura maior para fazer uma matéria de comércio que a gente vai ter que ir com a mesma postura quando vai fazer uma cobertura mais delicada.

Pesq: Foi constatado que nas matérias transnacionais há predomínio de fonte brasileiras. Existem dificuldades em entrevistar os bolivianos?

Vivian: As fontes que são autoridades eles são muito, muito resistentes a dar entrevista. Foram momentos que dariam para contar. Se for fazer uma análise por matéria, acho que dá para contar a presença das autoridades bolivianas nas reportagens feitas pela equipe de Corumbá, é muito pequena. Mas por resistência deles, não que a gente não vá, não procure, não tente mas eles resistem em gravar.

Pesq: Puerto Quijarro foi a cidade em que 54% das matérias transnacionais foram feitas. Existe um motivo para as matérias sobre a Bolívia serem gravadas predominantemente nessa cidade?

Vivian: Proximidade. A questão logística é o que mais move a gente ali. Pelo que te falei... a questão estrutural da praça. É uma praça pequena com equipe reduzida, nós temos um jornal lá para fazer, com fade enorme de 40 minutos, como o daqui. Então, a gente tem que ser muito ágil, e ali é muito mais rápido para chegar. A não ser que o assunto exija, como o caso de Arroyo Concepción, não tinha como fazer dali mesmo, era uma situação que estava acontecendo lá. E isso é um risco maior, a gente fica um pouco temeroso de mandar a equipe para uma distância maior, porque é um outro país. A gente não pode esquecer que é outro país, são outras leis mesmo que esteamos a trabalho. Enfim, a questão logística é o que mais interfere para basear as matérias praticamente todas ali em Quijarro mesmo.

Pesq: Para você, existem diferenças entre fazer telejornalismo na fronteira e uma região que não é de fronteira? É mais difícil é mais fácil a mesma coisa?

Vivian: Bom, jornalismo é jornalismo e qualquer lugar do mundo. A gente tem que estar sempre atento para o que está acontecendo e o que está interferindo na vida da maior parte das pessoas. Então basicamente esse é nosso princípio. Acompanhar o que está acontecendo na região – acho que esse é a principal ponto de atenção no jornalismo de fronteira. A gente não pode estar com a atenção voltada só para nossa cidade. Tem que ter um olhar regional, e esse regional envolve outro país. Mas basicamente é, está mexendo com a vida de muitas pessoas? Então é notícia, a gente tem que cobrir. Mas a maior diferença é o cuidado que a gente tem com a integridade da equipe, por ser uma região de extrema insegurança e também...A gente não pode esquecer que as pessoas de lá também estão vendo, então a gente não pode ter um olhar... jornalismo é claro em nenhum momento pode ter um olhar preconceituoso. Mas ali a gente tem que ter um olhar mais cuidadoso. Porque é uma população sofrida, é uma população muito pobre, carente de todo tipo de serviço público. A população boliviana das cidades fronteiriças é atendida em Corumbá, em um único hospital. Então uma notícia sobre saúde de Corumbá interessa eles também, então tem que ter esse olhar mais cuidadoso e ao mesmo tempo temeroso por se tratar de uma região muito sensível. Acho que o trabalho lá é mais sensível, pela segurança e também porque não podemos esquecer dessa outra faixa de telespectadores que faz parte de uma outra cultura, tem outros costumes mas que a vida deles está ligada a nossa. Acho então, que é um trabalho normal como qualquer uma, mas com essa preocupação. A gente tem que ter essa preocupação que tem pessoas de um outro país que estão nos acompanhando, então

a gente não pode esquecê-los, temos que incluí-los na pauta diária de cobertura e ao mesmo tempo tem que ter um cuidado maior com a preservação da equipe porque é diferente da equipe aqui de Campo Grande ir fazer uma matéria em Dois irmãos do Buriti, né? Você está indo cobrir um assunto delicado em outro país. Então acho que é isso a maior cuidado. Mas assim, a gente tem essa preocupação, esse compromisso de dar atenção à fronteira, mas a gente não pode esquecer que a gente está fazendo jornalismo, então nosso ponto principal de partida é esse: a notícia. Então não tem esse olhar: “ah, mas são os bolivianos. Ah, mas é a Bolívia”. Lá como é tudo misturado faz parte da nossa vida, da nossa rotina. É uma preocupação com a pauta diária. A gente nem sempre consegue por questões estruturais, ou as vezes não tem nada – nenhuma notícia acontecendo do lado de lá. Então, eu diria que os desafios são: dar essa atenção a essa população que está nos assistindo todos os dias e manter a preservação da equipe na cobertura de um assunto que pode ser muito delicado, muito sensível que pode interferir na segurança dos profissionais. Esses são os maiores desafios, de resto é jornalismo normal.

APÊNDICE B – Tabela descritiva do *corpus* de 2012

Data	Retranca	Tema	Descrição	Local de referência	Total de fontes	Fontes brasileiras	Fontes bolivianas	Relação com o Brasil	Referências
11/01/2012	DENGUE BOLÍVIA	Dengue	O alto índice de casos de dengue em algumas cidades bolivianas fazem com que autoridades da saúde pública da Bolívia e de Corumbá trabalhem juntas para evitar que a epidemia migre para a cidade brasileira. A matéria foi considerada negativa pois, apesar de mencionar a parceria entre os países o foco principal foi na preocupação de não deixar a doença chegar ao Brasil, com sentido de defesa em relação ao país vizinho.	Fronteira Brasil/Bolívia	2	1	1	X	N-
03/02/2012	DENGUE BOLÍVIA	Dengue	Agentes da saúde e militares da força nacional boliviana fizeram um mutirão de limpeza em Puerto Suarez para eliminar os focos de dengue. A cidade de Corumbá auxilia no trabalho de controle à doença. A matéria imprime, de forma sutil, superioridade brasileira sendo considerada valência negativa.	Puerto Quijarro/Puerto Suárez	1	0	1	X	N-
11/02/2012	LEVANTAMENTO BOLÍVIA	Dengue	Agentes de saúde brasileiros e bolivianos e militares do exército da Bolívia trabalham juntos para identificar os locais onde há focos do mosquito transmissor da dengue na cidade de Puerto Suárez. Matéria se atém ao factual, sendo considerada de valência neutra.	Puerto Suárez	3	1	2	X	N

13/02/2012	DENGUE BOLÍVIA	Dengue	Autoridades de saúde do Brasil e da Bolívia se reuniram para discutir os resultados das ações de combate à dengue realizadas em Puerto Suárez. A matéria não aborda a iniciativa como interação entre os países e sutilmente sugere que os casos de dengue na região são por conta do descuido no país vizinho, Caracterizando-se como valência negativa.	Fronteira	4	3	1	X	N-
25/02/2012	LEVANTAMENTO BOLÍVIA	Dengue	Foi realizado o Levantamento por Índice de Amostragem na cidade de Puerto Quijarro para identificar as regiões onde há focos do mosquito transmissor da doença. Matéria concentrada no factual sem juízo de valor, caracterizando valência neutra.	Puerto Quijarro	4	2	2	X	N
05/03/2012	BOLÍVIA FECHA	Protestos na fronteira	Manifestantes bolivianos bloqueiam estradas que dão acesso a Santa Cruz de la Sierra, capital d Bolívia e reivindica, ao governo boliviano a reavaliação de um acordo entre BO e BR que elevou os impostos sobre os produtos brasileiros. Matéria considerada negativa por enfatizar os problemas para o Brasil e não entrevistar bolivianos.	Puerto Suárez	3	2	1	X	N-
05/03/2012	BOLÍVIA FECHA 2	Protestos na fronteira	Matéria trata do protesto noticiado na reportagem anterior. Com as mesmas características e pouquíssimas mudanças textuais, também foi considerada de valência negativa.	Puerto suárez	3	2	1	X	N-

25/05/2012	FRONTEIRA FECHA	Protestos na fronteira	Manifestantes bolivianos fecharam vários pontos da rodovia que dá acesso as cidades bolivianas. A divisa entre Puerto Suárez e Puerto Quijarro está bloqueada e na fronteira com o Brasil o bloqueio durou cerca de duas horas. A manifestação é uma forma de chamar atenção dos governantes para a retomada do projeto siderúrgico de mutum. Reportagem considerada de valência neutra por ter como viés principal os motivos da manifestação.	Puerto Suárez	1	0	1	X	N
18/07/2012	BOLÍVIA DEVOLVE	CARROS REPATRIADOS	O pátio da polícia nacional boliviana está cheio de carros que devem ser devolvidos aos Brasil. São automóveis que foram roubados no Brasil e circulavam livremente no país vizinho. Apenas do processo de nacionalização desses carros ter iniciado há um ano nenhum deles foi devolvido. O Itamaraty informou que uma reunião deve ser realizada para acertar os detalhes da devolução. Matéria concentrou-se no factual caracterizando valência neutra.	Puerto Quijarro	1	0	1	X	N

26/07/2012	GASOLINA/FRONTEIRA	FALTA DE GASOLINA	Abastecer no país vizinho seria a solução para os motoristas de Corumbá que vivenciam período de racionamento de gasolina, no entanto, as cidades bolivianas também estão racionando o produto. Para não atender os brasileiros ao invés da demanda interna, a gasolina para quem mora no Brasil é mais cara do que a cobrada dos bolivianos. Matéria de caráter negativo por abordar problemas do lado boliviano.	PUERTO SUÁREZ	2	1	1	X	N-
15/08/2012	NC FESTA URKUPIÑA	CULTURA	A comunidade boliviana da fronteira celebra, nesta semana, o dia da Virgem de Urkupiña, considerada padroeira nacional da Bolívia. Em Puerto Quijarro grupos folclóricos com roupas típicas fazem procissão dançante pelas ruas da cidade. A dança é uma maneira de celebrar a Virgem. Reportagem de valência positiva por tratar sobre cultura	PUERTO QUIJARRO	0	0	0		P
28/08/2012	AÇÃO EXPLORAÇÃO	TRÁFICO DE PESSOAS	Puerto Quijarro sediou um encontro de discussões contra o comércio e o tráfico de pessoas na região de fronteira. Participaram da ação representantes da Bolívia e de Corumbá. Matéria sem juízo de valor, caracterizando valência neutra	PUERTO QUIJARRO	3	2	1	X	N

21/11/2012	CENSO BOLÍVIA JG	CENSO BOLIVIANO	A fronteira e o comercio das cidades bolivianas estão fechados para a realização do censo no país vizinho. Além do prejuízo dos comerciantes, os caminhões de transporte também foram impedidos de seguir viagem, o serviço público não funciona e os moradores são obrigados a ficar em casa. Matéria caracterizada de valência negativa por se concentrar nos contratemplos causados pela contagem da população.	Puerto Quijarro	3	1	2	X	N-
21/11/2012	FRONTEIRA CENSO	CENSO BOLIVIANO	Reportagem foca no processo da contagem da população boliviana deixando para segundo plano os contratemplos causados, por isso foi considerada de valência neutra.	Puerto Quijarro	5	0	5		N
22/11/2012	FRONTEIRA ABRE	CENSO BOLIVIANO	A matéria trata sobre a volta dos serviços depois do censo boliviano, destacando que foi necessário parar o país para isso. Ao se concentrar apenas nos transtornos da contagem da população a matéria foi classificada como de valência negativa.	Puerto Quijarro	1	0	1		N-
14/12/2012	COLETIVA FRONTEIRA	FISCALIZAÇÃO NA FRONTEIRA	Apesar de citar a participação da Bolívia na ação de fiscalização na fronteira a matéria não trata o fato como uma cooperação entre países. Ressalta-se a fronteira como local de inseguro onde predominam atos ilícitos.	Fronteira Brasil/Bolívia	3	2	1	X	N-

14/12/2012	COLETIVA FRONTEIRA 2	FISCALIZAÇÃO NA FRONTEIRA	O grupo de gestão integrada da fronteira fez fiscalização na linha internacional entre Brasil e Bolívia. Todo carro boliviano que entra no Brasil é vistoriado pelo exército. Reportagem segue com o foco de atribuir sensação de insegurança na fronteira, configurando-se como valência negativa.	Fronteira Brasil/Bolívia	4	3	1	X	N-
------------	-------------------------	------------------------------	---	-----------------------------	---	---	---	---	----

APÊNDICE B – Tabela descritiva *corpus* de 2013

Data	Retranca	Tema	Descrição	Local de referência	Total de fontes	Fontes brasileiras	Fontes bolivianas	Assunto relação Brasil	Referências
17/01/2013	RECUPERA CARRO	Carros repatriados	Um cidadão que teve o carro furtado em Puerto Quijarro passa dias na Bolívia tentando recuperar o veículo. Como contratempo não consegue ajuda da polícia do país que pede dinheiro para a gasolina das viaturas para procurar o carro roubado. A matéria ressalta ainda o fato da receptação não ser considerado crime do outro lado da fronteira, características de valência negativa	Puerto Quijarro	3	2	1	x	N-
26/02/2013	EXPECTATIVA CARROS	Carros repatriados	Por meio de uma personagem que teve o carro roubado, a matéria fala sobre a indignação de brasileiros que têm seus carros roubados. Ainda assim a matéria tem caráter positivo pois ressalta que pela primeira vez a Bolívia devolve carros brasileiros que foram roubados ou furtados e por meio de uma sonora, enfatiza que o ato fortalece a relação diplomática entre os países.	Puerto Quijarro	3	3	0	x	P
27/02/2013	CARROS DEVOLVE MS2	Carros repatriados	Matéria factual sobre as primeiras devoluções não levantou aspectos positivos. Enquadrou-se com caráter negativo ao enfatizar, logo no primeiro off, que o Ministro da Justiça do Brasil atravessou a fronteira sob forte esquema de segurança, remetendo a idéia de lugar perigoso.	Puerto Quijarro	4	3	1	x	N-

27/02/2013	CARROS REPATRIADOS (Boletim)	Carros repatriados	Polícias Federal, Militar e Civil seguem para Puerto Quijarro para auxiliar no esquema de segurança montado para a entrega dos primeiros 10 veículos brasileiros. O boletim foi considerado de valência negativa por conter as mesmas características da matéria anterior, concentra-se em associar a Bolívia como local inseguro e de práticas ilegais.	Puerto Quijarro	0	0	0	x	N-
28/02/2013	CARROS LOGÍSTICA	Carros repatriados	Problemas no transporte dos veículos que serão repatriados atrasou a entrega deles. A fiação elétrica no país vizinho é muito baixa o que impede a circulação dos caminhões cegonhas. Apesar desse contratempo, a receita federal garante que, uma vez em solo brasileiro, o processo de legalização dos automóveis é simples e rápido. Não foram identificados elementos que caracterizassem valência positiva ou negativa. Entendeu-se que a reportagem focou no factual do atraso da devolução dos veículos sem fazer juízo de valor, por isso foi classificada como valência neutra.	Puerto Quijarro	2	2	0	x	N
06/03/2013	CARROS DEMORA	Carros repatriados	Uma semana após a cerimônia de oficializou a devolução dos carros brasileiros que rodavam sem documento na Bolívia apenas dez veículos foram devolvidos. A matéria foi considerada de valência neutra por justificar que a demora se deve a burocracia no lado boliviano, mas no brasileiro também.	Puerto Quijarro	2	1	1	x	N
04/04/2013	DENGUE QUALIFICA MS2	Saúde	Funcionários do Centro de Controle de Zoonozes de Corumbá dão capacitação para os profissionais da saúde de Puerto Suárez que até o final de semana serão treinados para o combate à dengue, leishmaniose e raiva. Endemias que ainda ocorrem no país vizinho. A matéria foi considerada de referência negativa porque reforça o sentimento de superioridade nacional.	Puerto Suárez	3	1	2	x	N-

10/042013	REPERCUTE BOLÍVIA	Emigração	O VT é uma repercussão da matéria exibida pelo Profissão Repórter (programa da Rede Globo). Utilizando imagens e sobre som da produção nacional e novas imagens e sonoras produzidas pela equipe de Corumbá, a matéria fala sobre a quantidade de bolivianos que passam dias na fila da imigração na fronteira com o Brasil na tentativa de conseguir o visto e viver legalmente do lado de cá da fronteira. A matéria foi considerada de valência negativa por focar nos estrangeiros que vêm à procura de emprego e se submetem a precárias condições de trabalho e baixos salários a viver no seu país de origem, porém, não cita qual a porcentagem da população boliviana procura o Brasil para trabalhar e morar e não ouve nenhuma fonte oficial do país para explicar a situação mostrada.	Fronteira Brasil/Bolívia	3	0	3	x	N-
16/05/2013	FRONTEIRA BLOQUEADA	Bloqueio da fronteira	Trabalhadores de centrais sindicais da Bolívia bloquearam a estrada que liga as cidades de Corumbá e Arroyo Concepción. A matéria foi classificada como negativa por se dedicar mais aos prejuízos ocasionados pelo protesto do que para explicar os motivos que levaram os cidadãos as ruas.	Arroyo Concepción	4	2	2	x	N-

ANEXOS

ANEXO A - Texto das matérias transnacionais 2012

MATÉRIA 1: DENGUE BOLÍVIA 11/01/2012

SUGESTÃO DE CABEÇA - ESTA SEMANA AUTORIDADES DO SETOR DE SAÚDE PÚBLICA DA BOLÍVIA E DA PREFEITURA DE CORUMBÁ SE REUNIRAM PARA DEFINIR UMA ESTRATÉGIA PARA PREVENIR UMA EPIDEMIA DE DENGUE./ A PREOCUPAÇÃO SE DEVE AO NÚMERO ALARMANTE DE CASOS DA DOENÇA NO PAÍS VIZINHO./

OFF/ARTE : A MAIOR PARTE DAS NOTIFICAÇÕES DE DENGUE NA BOLÍVIA FOI REGISTRADA NAS CIDADES DE SANTA CRUZ E EM LA PAZ, A CAPITAL BOLIVIANA, QUE FICA A CERCA DE QUATROCENTOS QUILOMETROS DE CORUMBÁ./

OFF (IMAGEM): MAS OS NÚMEROS JÁ SERVIRAM DE ALERTA PARA AS AUTORIDADES SANITÁRIAS BRASILEIRAS./ A PREOCUPAÇÃO É QUE OS CASOS CHEGUEM À FRONTEIRA COM O BRASIL./ POR ISSO, UM GRUPO DE TRABALHO - FORMADO POR PESQUISADORES E REPRESENTANTES DA SAÚDE PÚBLICA DOS DOIS PAÍSES- VAI ACOMPANHAR A SITUAÇÃO./

SONORA JUAN CARLOS MÉRIDA - CONSUL DA BOLÍVIA

(O CONSUL DA BOLÍVIA EM CORUMBÁ DIZ QUE O PAÍS VIVE UMA SITUAÇÃO CRÍTICA COM RELAÇÃO À DENGUE. HÁ CINCO MORTOS./ NA ZONA CENTRAL DE LA PAZ, COCHABAMBA E SANTA CRUZ HÁ MAIS DE QUINHENTOS DOENTES INTERNADOS E UM MILHÃO DE PESSOAS ESPERA OS RESULTADOS DOS EXAMES./ EU COMPREENDO A PREOCUPAÇÃO DA AUTORIDADES DO BRASIL, SOBRETUDO DA PREFEITURA DE CORUMBÁ PORQUE ESSA EPIDEMIA NÃO CONHECE FRONTEIRAS E A POPULAÇÃO CORUMBAENSE E LADARENSE TAMBÉM É SUSCETÍVEL A CONTRAIR ESSA DOENÇA./

CAMYLA CAMPOS - FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA - REPRESENTANTES DA AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE E UMA EQUIPE DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, UM INSTITUTO DE PESQUISA VINCULADO AO MINISTÉRIO DA SAÚDE - DEVEM RETORNAR AQUI PARA A REGIÃO DE FRONTEIRA COM A BOLÍVIA NA PRÓXIMA SEMANA PARA AVALIAR OS RISCOS DE UMA NOVA EPIDEMIA E DEFINIR UM PLANO DE AÇÃO PARA EVITAR QUE A DOENÇA AVANCE NO BRASIL./

SONORA MARIA ANTONIETA SABATEL - SUBSECRETÁRIA DE SAÚDE DE CORUMBÁ

OFF: SEGUNDO O MINISTÉRIO DA SAÚDE, CORUMBÁ APRESENTA RISCO MODERADO PARA UMA NOVA EPIDEMIA, ASSIM COMO OUTROS TRINTA E OITO MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO DO SUL./ acompanhe no Mapa: (IMAGENS DE CORUMBÁ)

(ENTRA ARTE)

TODA A ÁREA EM AMARELO REPRESENTA RISCO MODERADO./ EM LARANJA, ESTÃO 23 MUNICÍPIOS COM RISCO ALTO PARA A DENGUE, ENTRE ELES A CAPITAL CAMPO GRANDE./ EM VERMELHO, ESTÃO OITO MUNICÍPIOS COM RISCO MUITO ALTO. SÃO ELES: RIO VERDE, SÃO GABRIEL DO OESTE, BANDEIRANTES, RIBAS DO RIO PARDO, ANAURILÂNDIA, BATAIPORÃ, CASSILÂNDIA E PARANAÍBA./ E EM VERDE, OUTROS 8 MUNICÍPIOS

APRESENTAM BAIXO RISCO PARA A DENGUE NESTE VERÃO.

MATÉRIA 2: DENGUE BOLÍVIA 03/02/2012

OFF: OS MORADORES DE PORTO SOAREZ RECEBERAM HOJE A VISITA DE AGENTES DE SAÚDE E MILITARES DA FORÇA AÉREA BOLIVIANA./ É UM MUTIRÃO PARA LIMPAR A PEQUENA CIDADE DA FRONTEIRA, ONDE VIVEM QUINZE MIL PESSOAS./ SITUAÇÃO QUE É ACOMPANHADA DE PERTO PELAS AUTORIDADES EM SAÚDE DO BRASIL:

SONORA FÁBIO VARGAS - COORDENADOR DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE - BOLÍVIA
PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PUERTO QUIJARRO - FRONTEIRA

OFF: DO COMEÇO DO ANO ATÉ AGORA, FORAM DEZESSETE CASOS DE DENGUE NAS CIDADES BOLIVIANAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA./ AS CRIANÇAS SÃO AS MAIS ATINGIDAS./ E DOIS DOS CASOS REGISTRADOS FORAM DO TIPO MAIS GRAVE DA DOENÇA, O HEMORRÁGICO./

OFF: BEM PRÓXIMO À LINHA INTERNACIONAL, NA CIDADE DE PORTO QUIJARRO, A SITUAÇÃO É AINDA MAIS PREOCUPANTE./ SÓ NAS ÚLTIMAS VINTE E QUATRO HORAS TRÊS NOVOS CASOS DE DENGUE FORAM CONFIRMADOS./ AQUI, A FORÇA-TAREFA ESTÁ AGENDADA PARA A SEMANA QUE VEM E VAI CONTAR TAMBÉM COM A AJUDA DE MILITARES DA MARINHA BOLIVIANA./ E O TRABALHO DE LEVANTAMENTO DO ÍNDICE DE INFESTAÇÃO DO MOSQUITO AEDES AEGYPTI, NESTES MUNICÍPIOS, SERÁ FEITO PELA PREFEITURA DE CORUMBÁ.

VOLTA FÁBIO FALANDO DA LYRA E DO APOIO DA POPULAÇÃO.

MATÉRIA 3: LEVANTAMENTO BOLÍVIA 11/02/2013

SUGESTÃO DE CABEÇA: O AVANÇO DA DENGUE NA BOLÍVIA QUE ESTÁ SOB ESTADO DE EMERGÊNCIA DESDE DEZEMBRO, POR CAUSA DE UMA EPIDEMIA DA DOENÇA, TEM PREOCUPADO AS AUTORIDADES DE SAÚDE NA REGIÃO DE FRONTEIRA./ UMA FORÇA-TAREFA FOI MONTADA NO FIM DE SEMANA PARA IDENTIFICAR REGIÕES ONDE HÁ FOCOS DO MOSQUITO TRANSMISSOR DA DOENÇA EM PORTO SUAREZ./ OS BOLIVIANOS CONTAM COM A AJUDA DO BRASIL PARA DIAGNOSTICAR AS REGIÕES MAIS CRÍTICAS NA FAIXA FRONTEIRIÇA./

OFF: ANTES DE INICIAR O TRABALHO DE CAMPO, OS AGENTES DE SAÚDE DE CORUMBÁ SE REUNIRAM COM O SECRETÁRIO DE SAÚDE DA PROVÍNCIA BOLIVIANA DE GERMAN BUSH, QUE AGREGA VÁRIAS CIDADES DA REGIÃO DE FRONTEIRA COM O BRASIL./ TAMBÉM PARTICIPAM DA AÇÃO, MILITARES DO EXÉRCITO BOLIVIANO./ O GRUPO VAI FAZER UM LEVANTAMENTO DAS ÁREAS DE RISCO NA CIDADE DE PORTO SOARES./ O MUNICÍPIO FICA A VINTE QUILOMETROS DE CORUMBÁ E TEM CERCA DE QUINZE MIL HABITANTES./ É A MAIOR CIDADE BOLIVIANA DA REGIÃO./

SONORA VIVIANE AMETLA - COORDENADORA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE CORUMBÁ FALANDO DA PARCERIA

SONORA JUSTINIANO WALDO - SECRETÁRIO DE SAÚDE BOLÍVIA FALANDO DA PARCERIA

OFF: OS AGENTES DE CORUMBÁ E OS MILITARES BOLIVIANOS SE ESPALHAM POR QUINZE BAIRROS DE PORTO SOARES E, DE CASA EM CASA, ORIENTAM A POPULAÇÃO./

SOBE SOM DO AGENTE DE SAÚDE ORIENTANDO A MULHER

OFF: DONA ELVIRA DIZ QUE SABE DA IMPORTÂNCIA DE ELIMINAR RECIPIENTES QUE PODEM SERVIR DE FOCO DO MOSQUITO DA DENGUE./

SONORA ELVIRA RAMOS - ENFERMEIRA

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO SOARES

CERCA DE SETECENTAS CASAS FORAM VISITADAS POR AGENTES DE SAÚDE AQUI EM PORTO SOARES./ COM ESTA AÇÃO AS AUTORIDADES DE SAÚDE PRETENDEM LEVANTAR OS LOCAIS DE INFESTAÇÃO DA DOENÇA QUE JÁ É PREOCUPANTE NAS CIDADES BOLIVIANAS DE FRONTEIRA./

VOLTA VIVIANE FALANDO DA AÇÃO

OFF: NAS CIDADES BOLIVIANAS DE FRONTEIRA DOIS CASOS DO TIPO MAIS GRAVE DA DENGUE FORAM CONFIRMADOS./ POR ISSO É IMPORTANTE A CONSCIENTIZAÇÃO E O APOIO DA POPULAÇÃO PARA EVITAR UMA NOVA EPIDEMIA DA DOENÇA./

VOLTA JUSTINIANO

NR: DEPOIS DO CARNAVAL A CIDADE DE PORTO QUIJARRO TAMBÉM VAI RECEBER A VISITA DOS AGENTES DE CORUMBÁ./

MATÉRIA 4: DENGUE BOLÍVIA 13/02/2012

OFF 1: PARTICIPARAM DA REUNIÃO AUTORIDADES DE SAÚDE DO BRASIL E DA BOLÍVIA./ O GRUPO DISCUTIU OS RESULTADOS DAS AÇÕES DE COMBATE A DENGUE REALIZADAS NO PAÍS VIZINHO QUE, DESDE O DEZEMBRO DO ANO PASSADO, ESTÁ SOB ESTADO DE EMERGÊNCIA POR CAUSA DE UMA EPIDEMIA DA DOENÇA./

SONORA RIVALDO VENÂNCIO DA CUNHA, INFECTOLOGISTA

PASSAGEM: A PROXIMIDADE DE CORUMBÁ COM A BOLÍVIA É O QUE MAIS PREOCUPA AS AUTORIDADES./ SOMENTE ESTE ANO NA CIDADE BOLIVIANA DE SANTA CRUZ, SEIS PESSOAS MORRERAM VÍTIMAS DA DENGUE./ PARA EVITAR QUE A DOENÇA AVANCE, A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE ENVIOU EQUIPES PARA A FRONTEIRA NA SEMANA PASSADA./ PORTO QUIJARRO SERÁ A PRÓXIMA CIDADE A RECEBER OS AGENTES./

OFF 2: APESAR DO ALTO ÍNDICE EM SANTA CRUZ, QUE FICA A CERCA DE QUATROCENTOS QUILOMETROS DE CORUMBÁ, E DE DOIS CASOS DO TIPO MAIS GRAVE DA DOENÇA TEREM SIDO CONFIRMADOS NAS CIDADES BOLIVIANAS DE FRONTEIRA, O COORDENADOR DE ENDEMIAS BOLIVIANO RONALDO FÁBIO VARGAS, AFIRMA QUE OS ÍNDICES DA DENGUE EM PORTO SUAREZ E EM PORTO QUIJARRO ESTÃO SOB CONTROLE./

SONORA RONALDO FÁBIO VARGAS, COORD. DE ENDEMIAS DA PROVÍNCIA BOLIVIANA DE GERMAN BUSH - DA PRA ENTENDER O QUE ELE DIZ

OFF 3: JÁ EM CORUMBÁ, NO ÚLTIMO BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO SEMANAL FORAM NOTIFICADOS DEZESSETE CASOS DE DENGUE, SENDO UM DELES FOI DO

TIPO HEMORRÁGICO, O MAIS GRAVE DA DOENÇA./

SONORA VIVIANE AMETLA, COORD.DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DE CORUMBÁ

OFF 4: SEGUNDO A SECRETARIA DE SAÚDE DE CORUMBÁ, AS AÇÕES DE COMBATE A DENGUE ESTÃO SENDO REALIZADAS DE FORMA CONTÍNUA, PARA GARANTIR O CONTROLE DA DOENÇA DO LADO BRASILEIRO DA FRONTEIRA./

SONORA LAUTER SERRA, SECRETARIO MUNICIPAL DE SAÚDE DE CORUMBÁ

MATÉRIA 5: LEVANTAMENTO BOLÍVIA 25/02/2012

SUGESTÃO DE CABEÇA: O AVANÇO DA DENGUE NA BOLÍVIA TEM PREOCUPADO AS AUTORIDADES DE SAÚDE NA REGIÃO DE FRONTEIRA./ HÁ QUINZE DIAS UMA FORÇA-TAREFA FOI MONTADA EM PORTO SOARES E VÁRIOS FOCOS DA DENGUE FORAM CONFIRMADOS./ NESTE SÁBADO FOI REALIZADO O LEVANTAMENTO DE ÍNDICE POR AMOSTRAGEM, O LIA, EM PORTO QUIJARRO, PARA IDENTIFICAR AS REGIÕES ONDE HÁ FOCOS DO MOSQUITO TRANSMISSOR DA DOENÇA./ A SITUAÇÃO NA CIDADE BOLIVIANA É PREOCUPANTE./ NA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA UMA PESSOA FOI VÍTIMA DO TIPO DE DENGUE HEMORRÁGICA, E VEIO A ÓBITO./

OFF: PARTICIPAM DA AÇÃO AGENTES DE SAÚDE DE CORUMBÁ E ESTUDANTES DE PORTO QUIJARRO./ O GRUPO REALIZA UM LEVANTAMENTO DAS ÁREAS DE RISCO NA CIDADE DE PORTO QUIJARRO./ O MUNICÍPIO FICA A SETE QUILOMETROS DE CORUMBÁ E TEM CERCA DE ONZE MIL HABITANTES./ É A CIDADE BOLIVIANA QUE MAIS PREOCUPA AS AUTORIDADES DE SAÚDE./

SONORA FÁBIO VARGAS - COORDENADOR DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE BOLÍVIA

OFF: OS AGENTES DE CORUMBÁ E OS ESTUDANTES BOLIVIANOS ESTIVERAM EM TRÊS BAIRROS DE PORTO QUIJARRO E UM EM ARROIO CONCEPCION./ CERCA DE SEISCENTAS CASAS FORAM VISITADAS E A POPULAÇÃO TAMBÉM RECEBE A ORIENTAÇÃO./

SONORA VIVIANE AMETLA - COORDENADORA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE CORUMBÁ

OFF: DONA ADELFA DIZ QUE VAI MANTER OS RECIPIENTES LIMPOS DAQUI PRA FRENTE./ JÁ QUE NA CASA DELA A EQUIPE DE SAÚDE ENCONTROU LARVAS DE MOSQUITO QUE PODEM SER DA DENGUE./

SONORA ADELFA DURAN - DONA DE CASA

SONORA AGENTE DE SAÚDE

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO QUIJARRO: A PREOCUPAÇÃO DAS AUTORIDADES DE SAÚDE É SABER QUAL O ÍNDICE DE INFESTAÇÃO DA DOENÇA NAS CIDADES BOLIVIANAS DE FRONTEIRA./ JÁ QUE AQUI EM PORTO QUIJARRO, DOIS CASOS DO TIPO MAIS GRAVE DA DOENÇA, A HEMORRÁGICA, FORAM CONFIRMADOS E UM DELES VEIO A ÓBITO./

VOLTA FÁBIO VARGAS - COORDENADOR DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE BOLÍVIA FALANDO DO CASO

OFF: JÁ SÃO DEZENOVE CASOS DA DENGUE NAS CIDADES BOLIVIANAS DE FRONTEIRA./ TRÊS DO TIPO MAIS GRAVE, POR ISSO É IMPORTANTE A CONSCIENTIZAÇÃO E O APOIO DA POPULAÇÃO PARA EVITAR UMA NOVA

EPIDEMIA DA DOENÇA./ A ORIENTAÇÃO PARA EVITAR UMA COMPLICAÇÃO DA DOENÇA É PROCURAR UM ESPECIALISTA./

VOLTA VIVIANE FALANDO DOS CUIDADOS DE SAÚDE

MATÉRIA 6: BOLÍVIA FECHA 05/03/2012

OFF: TODAS AS ESTRADAS QUE DÃO ACESSO A SANTA CRUZ DE LA SIERRA, A CAPITAL ECONÔMICA DA BOLÍVIA, QUE FICA A CERCA DE SEISCENTOS QUILOMETROS DE CORUMBÁ, ESTÃO BLOQUEADAS./ ENQUANTO NA FRONTEIRA COM O BRASIL, APENAS OS CAMINHÕES ESTÃO SENDO IMPEDIDOS DE ATRAVESSAR, NA RODOVIA QUE LEVA PARA O CENTRO DO PAÍS VIZINHO NINGUÉM CONSEGUE SEGUIR VIAGEM./ OS MANIFESTANTES BLOQUEIAM A ESTRADA COM VEÍCULOS/ ELES FAZEM UMA SÉRIE DE REIVINDICAÇÕES AO GOVERNO BOLIVIANO./ ENTRE ELAS, A REAVLIAÇÃO DE UM ACORDO BINACIONAL QUE ELEVOU OS IMPOSTOS SOBRE PRODUTOS BRASILEIROS./ O PRESIDENTE DO COMITE CIVICO DE PUERTO SUAREZ PEDE A SUSPENSÃO DO ACORDO PARA QUE OS BOLIVIANOS POSSAM IMPORTAR MERCADORIAS BRASILEIRAS SEM TER DE PAGAR TAXAS EXTRAS/

SONORA COM JOSÉ LUIS SANTANDER - PRESIDENTE DO COMITÊ CÍVICO PORTO SOARES

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO SOARES

NESTA SEMANA OS REPRESENTANTES DO COMITÊ CÍVICO DE PORTO SOARES DEVEM SE REUNIR COM OS REPRESENTANTES DO GOVERNO BOLIVIANO LÁ EM SANTA CRUZ, PARA CHEGAR A UM ENTENDIMENTO./

OFF: ENQUANTO ISSO NÃO ACONTECE, A FRONTEIRA DEVE CONTINUAR FECHADA./ O PROTESTO NÃO TEM NADA PARA TERMINAR./ SITUAÇÃO QUE PREJUDICA QUEM TRABALHA COM TRANSPORTE DE CARGA NA REGIÃO DE FONTEIRA DO BRASIL COM A BOLÍVIA./ POR DIA, CERCA DE DUZENTOS E TRINTA CAMINHÕES CRUZAM A LINHA INTERNACIONAL/ MAS DESTA VEZ ESTE CAMINHONEIRO NÃO SABE QUANDO VAI SEGUIR VIAGEM./

SONORA MARCOS ALEXANDRE BRASIL - CAMINHONEIRO

OFF: O MOTORISTA DESTA OUTRA CARRETA TAMBÉM ESTÁ PREOCUPADO./ ELE TRANSPORTA PRODUTOS PERECÍVEIS E ALÉM DISSO NÃO SABE SE PODERÁ CUMPRIR O PRAZO DE ENTREGA./

SONORA ANDRÉ FERNANDES – CAMINHONEIRO

MATÉRIA 7: BOLÍVIA FECHA 2 05/03/2012

OFF: O INÍCIO DE SEMANA FOI DE PROTESTO PRA QUEM MORA NAS CIDADES BOLIVIANAS DAS REGIÕES DE FRONTEIRA./ TODAS AS ESTRADAS QUE DÃO ACESSO A SANTA CRUZ, CIDADE QUE FICA A SEISCENTOS QUILOMETROS DE CORUMBÁ, ESTÃO BLOQUEADAS./ A SEGUNDA-FEIRA FOI MOVIMENTADA ENTRE OS INTEGRANTES DO MANIFESTO./

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO SOARES

OS MANIFESTANTES BOLIVIANOS COBRAM MELHORES CONDIÇÕES E UM POSICIONAMENTO DO GOVERNO DA BOLÍVIA./ AINDA NESTA SEMANA OS

REPRESENTANTES DO COMITÊ CÍVICO DE PORTO SOARES DEVEM SE REUNIR COM OS REPRESENTANTES DO GOVERNO BOLIVIANO LÁ EM SANTA CRUZ, PARA CHEGAR A UM ENTENDIMENTO./

SONORA COM JOSÉ LUIS SANTANDER - PRESIDENTE DO COMITÊ CÍVICO PORTO SOARES

OFF: OS INTEGRANTES DESTA PARALIZAÇÃO EXIGEM DO GOVERNO DAQUELE PAÍS, MUDANÇAS NO ACORDO BINACIONAL ENTRE BRASIL E BOLÍVIA SOBRE AS FACILIDADES PARA O INGRESSO E TRÂNSITO DE PRODUTOS BRASILEIROS NO PAÍZ VIZINHO./

VOLTA SONORA JOSÉ LUIZ SANTANDER

OFF: COM AS RODOVIAS BLOQUEADAS, ESTE CAMINHONEIRO NÃO SABE QUANDO VAI SEGUIR VIAGEM./

OFF: O MOTORISTA DESTA OUTRA CARRETA ESTÁ PREOCUPADO COM ESSA SITUAÇÃO./ ALÉM DO PRODUTO QUE ESTÁ TRANSPORTANDO SER PERECÍVEL, HÁ TAMBÉM O PRAZO DE ENTREGA PARA O CLIENTE./

SONORA MARCOS ALEXANDRE BRASIL - CAMINHONEIRO

MATÉRIA 8: FRONTEIRA FECHA 25/05/2012

SUGESTÃO CABEÇA: MANIFESTANTES FECHARAM VÁRIOS PONTOS QUE DÃO ACESSO A CIDADES BOLIVIANAS./ A DIVISA ENTRE PORTO SOARES E PORTO QUIJARRO TAMBÉM FICARAM BLOQUEADAS DESDE A MEIA NOITE DE ONTEM./

OFF: O PROTESTO NA FRONTEIRA COM O BRASIL DUROU DUAS HORAS./ NO COMEÇO DA TARDE, A PASSAGEM DE VEÍCULOS E PEDESTRES JÁ ESTAVA NORMALIZADA./ MAS OS MANIFESTANTES CONTINUAM O BLOQUEIO EM VÁRIOS TRECHOS DA RODOVIA QUE DÁ ACESSO À SANTA CRUZ, CAPITAL ECONÔMICA DA BOLÍVIA./ ATÉ AS LOJAS DO COMÉRCIO DE PORTO SOARES, CIDADE VIZINHA A CORUMBÁ, ESTÃO DE PORTAS FECHADAS./

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO SOARES

DE ACORDO COM O VICE PRESIDENTE DO COMITE PRÓ SANTA CRUZ, A MANIFESTAÇÃO É PARA CHAMAR A ATENÇÃO DO GOVERNO BOLIVIANO PARA A RETOMADA DO PROJETO SIDERÚRGICO DE MUTUM./

SONORA LUIS ALBERTO ANES - VICE PRESIDENTE COMITÊ PRÓ SANTA CRUZ

PARA QUE A REGIÃO SEJA BENEFICIADA COM MELHORIAS EM VÁRIOS SEGMENTOS, PROPORCIONANDO MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA PRA TODA POPULAÇÃO, DIZ O VICE-PRESIDENTE DO COMITÊ DOS MANIFESTANTES

OFF: HÁ CINCO ANOS O GOVERNO BOLIVIANO FEZ UMA PARCERIA COM UMA EMPRESA DA ÍNDIA COM A INTENÇÃO DE AMPLIAR OS NEGÓCIOS NO SETOR SIDERÚRGICO DE MUTUM QUE FICA A CERCA DE TRINTA QUILOMETROS DE PORTO SOARES./ A PARCERIA NÃO SAIU DO PAPEL E NESSE PERÍODO O ESTADO DE GERMAN BUSH, QUE FICA NO LIMITE COM O BRASIL, JÁ PERDEU MAIS DE TRÊS MILHÕES DE DÓLARES E MILHARES DE PESSOAS CONTINUAM DESEMPREGADAS NA REGIÃO, SEGUNDO OS MANIFESTANTES./

MATÉRIA 9: BOLÍVIA DEVOLVE 18/07/2012

SUG. CABEÇA: UM ANO DEPOIS DE COMEÇAR O PROCESSO DE

NACIONALIZAÇÃO DE CARROS ROUBADOS, O GOVERNO BOLIVIANO AINDA NÃO DEVOLVEU OS CARROS BRASILEIROS QUE FORAM RECOLHIDOS./

OFF: OS CARROS QUE CIRCULAVAM IRREGULARMENTE NAS RUAS BOLIVIANAS COMEÇARAM A SER RECADASTRADOS EM JUNHO DO ANO PASSADO./ O GOVERNO DE EVO MORALES COBROU DOS PROPRIETÁRIOS IMPOSTOS E TAXAS PARA A NACIONALIZAÇÃO DOS AUTOMÓVEIS CONTRABANDEADOS./ A PROMESSA ERA DEVOLVER AOS PAÍSES DE ORIGEM AQUELES COM REGISTRO DE ROUBO OU FURTO./ MAS, ATÉ AGORA, NENHUM VEÍCULO FOI REPATRIADO PARA O BRASIL./

PASSAGEM (PUERTO QUIJARRO): "OS VEÍCULOS COM REGISTRO DE FURTO OU ROUBO EM OUTROS PAÍSES, E QUE FORAM RECOLHIDOS NO PROCESSO DE NACIONALIZAÇÃO AQUI NA REGIÃO DE FRONTEIRA, ESTÃO NA SEDE DA POLÍCIA NACIONAL BOLIVIANA EM PORTO QUIJARRO./ SÓ AQUI, ESTÃO MAIS DE CENTO E CINQUENTA CARROS./ NÓS NÃO FOMOS AUTORIZADOS A ENTRAR PARA FAZER IMAGENS DOS VEÍCULOS, PORQUE AS AUTORIDADES DA BOLÍVIA TEMEM REAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS, QUE JPA ADQUIRIRAM OS CARROS IRREGULARES EM TERRITÓRIO BOLIVIANO"

(SONORA EM OFF)

ESTE PROMOTOR DE JUSTIÇA BOLIVIANO QUE ATUA NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE PORTO QUIJARRO EXPLICA QUE AS PESSOAS QUE COMPRARAM OS CARROS, MESMO AQUELES ROUBADOS, SÃO CONSIDERADOS COMPRADORES DE BOA FÉ./ E POR ISSO, NA VISÃO DA LEI, NÃO COMETEM CRIMES./

// SOBE SOM //

OFF: AS AUTORIDADES BOLIVIANAS ESTIMAM QUE HAJA MAIS DE QUATROCENTOS VEÍCULOS A SEREM DEVOLVIDOS PARA O BRASIL./ MAS O PROMOTOR EXPLICA QUE HÁ CASOS QUE AINDA PRECISAM SER INVESTIGADOS PARA SE TER CERTEZA DE QUE OS CARROS FORAM ROUBADOS./ ELE EXPLICA QUE, ATÉ AGORA, APENAS O CHILE FEZ O PEDIDO OFICIAL PARA TER OS CARROS DEVOLVIDOS./ JÁ O GOVERNO BRASILEIRO DIZ QUE AS NEGOCIAÇÕES COM AS AUTORIDADES DO PAÍS VIZINHO ESTÃO EM ANDAMENTO./ SEGUNDO A ASSESSORIA DE IMPRENSA DO ITAMARATY, UMA REUNIÃO DEVE SER REALIZADA NOS PRÓXIMOS DIAS PARA ACERTAR COMO SERÁ FEITA A DEVOLUÇÃO DOS CARROS./

MATÉRIA 10: GASOLINA/FRONTEIRA 26/07/2012

OFF: POSTOS FECHADOS, FILAS, TUMULTO, RACIONAMENTO./ DESDE O COMEÇO DA SEMANA OS MOTORISTAS DE CORUMBÁ TIVERAM QUE PROCURAR MUITO E TER PACIÊNCIA POR CONTA DO DESABASTECIMENTO DE GASOLINA QUE TAMBÉM ATINGIU OUTRAS CIDADES DO INTERIOR./ CAMINHÕES TANQUES ESTÃO CHEGANDO NA CIDADE TRAZENDO COMBUSTÍVEL PARA ALGUNS POSTOS, MAS SEGUNDO OS EMPRESÁRIOS DO SETOR, O VOLUME DE GASOLINA AINDA NÃO É SUFICIENTE PARA NORMALIZAR A SITUAÇÃO./

///SONORINHA///

PASSAGEM AGUINALDO SOARES - PORTO SOARES - COM O DESABASTECIMENTO DE GASOLINA EM CORUMBÁ, OS POSTOS DA REGIÃO DE FRONTEIRA PODERIAM SER UMA ALTERNATIVA PARA OS MOTORISTAS

BRASILEIROS./ MAS OS BOLIVIANOS TAMBÉM CONVIVEM COM O RACIONAMENTO DE COMBUSTÍVEL./ POR ISSO OS POSTOS DAQUI SÓ FUNCIONAM POR MEIO PERÍODO./ E ESSAS SITUAÇÃO, NA BOLÍVIA É PERMANENTE./

OFF: O GOVERNO BOLIVIANO CONTROLA TODA A VENDA DE COMBUSTÍVEIS./ CADA POSTO SÓ PODE COMERCIALIZAR APENAS CINCO MIL LITROS DE GASOLINA E CINCO MIL LITROS DE OLEO DIESEL POR DIA ./POR ISSO AINDA NO FINAL DA TARDE, UMA FILA DE CAMINHÕES AGUARDA PARA ABASTECER NESTE POSTO QUE FICA EM PORTO SOARES./ A DONA DO POSTO DIZ QUE APESAR DE NÃO TER IMPEDIMENTOS PARA QUE ESTRANGEIROS ABASTEÇAM NA BOLÍVIA, COM A POUCA QUANTIDADE DISPONÍVEL É QUASE IMPOSSÍVEL ATENDER CLIENTES BRASIELIROS./

SONORA MARÍCIA DE SOUZA - DONA DO POSTO

TRADUÇÃO - SÓ CONSEGUIMOS ATENDER AS PESSOAS DA BOLÍVIA./ NÃO CONSEGUIMOS ATENDER OS BRASILEIROS./

OFF: ALÉM DO RACIONAMENTO OS BOLIVIANOS ENFRENTAM O RODÍZIO NOS POSTOS./ CARROS DE PASSEIO E MOTOS SÓ PODEM ENCOSTAR NAS BOMBAS APENAS NAS TERÇAS, QUINTAS E DOMINGOS./ JÁ NAS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS O SETOR DE TRANSPORTE PÚBLICO E DE CARGAS PODE ABASTECER./ ALÉM DISSO, O PREÇO É DIFERENTE PARA OS ESTRANGEIROS./ OS BRASILEIROS QUE CONSEGUIREM ABASTECER PAGAM O PREÇO INTERNACIONAL DE 9,75 BOLIVIANOS O QUE EQUIVALE A DOIS REAIS E NOVENTA E SEIS CENTAVOS./ PARA OS BOLIVIANOS O PREÇO DO LITRO DA GASOLINA CUSTA EM TONO DE UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS./

MATÉRIA (NOTA COBERTA) 11: NC FESTA URKUPIÑA 15/08/2012

SUGESTÃO DE CABEÇA: A COMUNIDADE BOLIVIANA DA FRONTEIRA ESTÁ CELEBRANDO NESTA SEMANA AS FESTIVIDADES PELA VIRGEM DE "URKUPINHA", CONSIDERADA PADROEIRA NACIONAL DA BOLÍVIA./

OFF: EM PORTO QUIJARRO A FESTA COMEÇOU NA TERÇA-FEIRA./ GRUPOS FOLCLÓRICOS COM ROUPAS TÍPICAS FAZEM UMA PROCISSÃO DANÇANTE PELAS RUAS DA CIDADE./ DEPOIS DE AGRADECER E ORAR, ELAS SEGUEM COM A FESTA./ CADA GRUPO TEM SUA BANDA E FAZ DA DANÇA UMA MANEIRA DE CELEBRAR O DIA DA VIRGEM DE URKUPIÑA./

SOBE SOM

OFF: NA CRENÇA BOLIVIANA, A VIRGEM DE URKUPIÑA É A VIRGEM MARIA QUE TERIA APARECIDO PARA UMA MENINA PASTORA NO ALTO DE UM MORRO EM COCHABAMBA./ DESDE ENTÃO, A DEVOÇÃO À SANTA TERIA COMEÇADO./ DEPOIS DE CAMINHAR PELAS RUAS DA CIDADE, AS BANDAS E OS GRUPOS FOLCLÓRICOS FESTEJAM A NOITE TODA ATÉ A CHEGADA DO DIA DEZESSEIS DE AGOSTO, QUANDO SE DÁ UM DOS MOMENTOS MAIS IMPORTANTES DA CELEBRAÇÃO./ OS DEVOTOS SEGUEM ATÉ O PONTO MAIS ALTO DA CIDADE, ONDE É MONTADO UM ALTAR COM A IMAGEM DA SANTA./ A INTENÇÃO É LEMBRAR COMO FOI A APARIÇÃO DA VIRGEM EM COCHABAMBA./ OS FIÉIS REITRAM PEDRAS DESSE LUGAR PARA SIMBOLIZAR PEDIDOS, COM A PROMESSA DE VOLTAR NO OUTRO ANO PARA FAZER A TROCA DAS PEDRAS SE

AS GRAÇAS FOREM ALCANÇADAS./ PARA O ALTO DO MORRO, ELES TAMBÉM PODEM LEVAR MINIATURAS DOS OBJETOS DE DESEJO: CASAS, CARROS E DINHEIRO QUE A SANTA PODE AJUDAR A CONQUISTAR./ UMA TRADIÇÃO MANTIDA NA BOLÍVIA DESDE O SÉCULO DEZESSETE./

TERMINA COM SOBE SOM

PÉ: BOLIVIANOS QUE MORAM DO LADO BRASILEIRO TAMBÉM CELEBRAM A DATA DA SANTA./ POR AQUI, CADA FAMÍLIA ESCOLHE A DATA EM QUE VAI FESTEJAR PELA VIRGEM DE URKUPIÑA./

MATÉRIA 12: AÇÃO EXPLORAÇÃO 28/08/2012

CABEÇA: UMA AÇÃO NA REGIÃO DE FRONTEIRA NA LUTA CONTRA O COMÉRCIO E O TRÁFICO DE PESSOAS FOI REALIZADA EM PUERTO QUIJARRO./

OFF: UMA MANHÃ DEDICADA AO DEBATE SOBRE OS DESAFIOS PARA GARANTIR OS DIREITOS HUMANOS NA FRONTEIRA./

SONORA OSMAN MENDES - RESPONSÁVEL PELA DEFENSORIA PORTO SOARES

“ TRABALHO QUE ESTAMOS REALIZANDO AQUI É PARA INFORMAR AS ESSOAS SOBRE OS DIREITOS E DEVERES, PARA QUE SEJAM EVITADOS PROBLEMAS FUTUROS RELACIONADOS COM A SOCIEDADE”.

PASSAGEM CAMYLA CAMPOS - PORTO QUIJARRO: A AÇÃO TEM COMO FINALIDADE TRAÇAR ESTRATÉGIAS PARA COIBIR CRIMES DE EXPLORAÇÃO E DE TRÁFICO DE PESSOAS ENTRE O BRASIL E A BOLÍVIA.

OFF: O EVENTO CONTOU COM A PRESENÇA DE PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM FAMÍLIAS QUE JÁ SOFRERAM ALGUM PROBLEMA RELACIONADO AO TRÁFICO OU EXPLORAÇÃO DE PESSOAS. REPRESENTANTES DO CENTRO DE REFERÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CORUMBÁ TAMBÉM PARTICIPARAM DA MOBILIZAÇÃO./

SONORA JONEIZE COSTA - PSICÓLOGA

SONORA IBER GOMES - ASSISTENTE SOCIAL

OFF: UM DOS CASOS QUE MAIS CHAMA A ATENÇÃO - E QUE ATÉ HOJE NÃO FOI RESOLVIDO - É O DA MENINA LÍVIA GONÇALVES, DESAPARECIDA HÁ MAIS DE DOIS ANOS. / A POLÍCIA SUSPEITA QUE A CRIANÇA TENHA SIDO VÍTIMA DE UMA REDE EXPLORAÇÃO SEXUAL E RETIRADA DO BRASIL, PELA FRONTEIRA COM A BOLÍVIA./

MATÉRIA 13: CENSO BOLÍVIA JG 21/11/2012

OFF: PORTASA FECHADA NO CENTRO COMERCIAL DA CIDADE BOLIVIANA DE PORTO QUIJARRO, NA FRONTEIRA COM O BRASIL./ AS LOJAS DE CONFECÇÕES QUE ATRAEM MUITOS TURISTAS BRASILEIROS, ACATARAM A ORDEM DO GOVERNO: TOQUE DE RECOLHER PARA A CONTAGEM DA POPULAÇÃO./ NINGUÉM PODE CRUZAR A FRONTEIRA ATÉ QUE O CENSO TERMINE./

SONORA TRADUZIDA DA COMERCIANTE

ESTA COMERCIANTE DIZ QUE PERDE MUITO DINHEIRO, MAS QUE É OBRIGADA A ACATAR A ORDEM PARA NÃO SER PRESA OU PAGAR MULTAS./

SOBE SOM

OFF: PELAS RUAS, SÓ MOVIMENTO DA POLÍCIA E DOS ESTUDANTES CONVOCADOS PARA ATUAR COMO RECENSEADORES./ MAIS DE DUZENTOS MIL PERCORREM TODAS AS CASAS COM QUESTIONÁRIOS DE TRINTA E NOVE PERGUNTAS, FEITAS PELA ÚLTIMA VEZ EM DOIS MIL E UM - ANO DO ÚLTIMO CENSO./ PARA FACILITAR A COLETA DE DADOS, TODO MUNDO É OBRIGADO A FICAR EM CASA./ NEM OS SERVIÇOS PÚBLICOS COMO TRANSPORTE E COLETA DE LIXO FUNCIONAM./

SONORA RAMIRO VEGA ALVÁREZ - cmdte. polícia de fronteira
"PARA QUE TODO O CIDADÃO CUMpra O DEVER DE RESPONDER AO CENSO HOJE", DIZ O COMANDANTE DA POLÍCIA./
SOBE SOM DA SONORA

PASSAGEM (CORUMBÁ): "O TRANSPORTE DE PRODUTOS BRASILEIROS PARA OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL TAMBÉM FOI PREJUDICADO COM O TOQUE DE RECOLHER DO CENSO BOLIVIANO./ SÓ AQUI NA FRONTEIRA COM MATO GROSSO DO SUL, MAIS DE QUARENTA CAMINHÕES ESTÃO PARADOS./ FORAM PROIBIDOS DE CIRCULAR COM AS CARGAS PELAS RODOVIAS DO PAÍS./"

OFF: MAQUINÁRIOS AGRÍCOLAS, DERIVADOS DE SOJA, INSUMOS PARA CONSTRUÇÃO./ MUITA MERCADORIA TAMBÉM FICOU PARADA NO ESTACIONAMENTO DAS TRANSPORTADORAS BRASILEIRAS./MUITAS DESSAS CARRETAS, SÓ SAIRÃO DAQUI NA SEMANA QUE VEM./

SONORA ROBERTO CARLOS - CAMINHONEIRO
("PREJUÍZO E NÃO É SÓ UM DIA, NÉ?/ UM DIA DE ATRASO AQUI, ATÉ FAZER TODA DOCUMENTAÇÃO NAS ADUANAS NÃO DÁ TEMPO./ VAMOS SAIR DSAQUI SÓ NA SEGUNDA OU NA TERÇA-FEIRA")

MATÉRIA 14: FRONTEIRA CENSO 21/11/2012

OFF: HOMENS DO EXÉRCITO E DA MARINHA DA BOLÍVIA FAZEM O BLOQUEIO NA FRONTEIRA./ DESSA VEZ NÃO HÁ NENHUM PROTESTO./ A INTENÇÃO É IMPEDIR QUE VEÍCULOS ESTRANGEIROS ENTREM NO PAÍS VIZINHO PARA A REALIZAÇÃO DA CONTAGEM DA POPULAÇÃO BOLIVIANA./ NA CIDADE DE PORTO QUIJARRO, QUE FICA NO LIMITE COM CORUMBÁ, NÃO HÁ NENHUM MOVIMENTO NAS RUAS./ APENAS OS VEÍCULOS CREDENCIADOS PELO GOVERNO PODEM CIRCULAR./ TODO O COMÉRCIO FOI OBRIGADO A FECHAR AS PORTAS./ NEM A FEIRINHA - UM DOS PRINCIPAIS PÓLOS DE TURISMO DE COMPRAS NA REGIÃO, FUNCIONA NESTA QUARTA-FEIRA./ OS SERVIÇOS COMO O TRANSPORTE PÚBLICO DE A COLETA DE LIXO TAMBÉM ESTÃO SUSPENSOS./ DE ACORDO COM O CHEFE DO DEPARTAMENTO POLICIAL LOCAL, OS BOLIVIANOS JÁ ESTÃO ACOSTUMADOS COM ESSAS MEDIDAS./

SONORA CHEFE DE POLÍCIA

PASSAGEM AGUINALDO SOARES - PORTO QUIJARRO - ESTA É UMA DAS PRINCIPAIS AVENIDAS PRÓXIMAS A LINHA DE FRONTEIRA, MAS DURANTE TODO O DIA ELA VAI FICAR ASSIM, PRATICAMENTE VAZIA./

OFF: MAS O CENSO PEGOU MUITA GENTE DE SURPRESA./ ESSA FAMÍLIA BOLIVIANA, QUE ESTAVA EM SÃO PAULO, TERÁ DE ESPERAR QUE OS SERVIÇOS DE TRANSPORTE VOLTEM A FUNCIONAR PARA CONTINUAR A VIAGEM DE DOIS DIAS./

SONORA

OFF: APENAS OS RECENSEADORES TRANSITAM PELAS RUAS E AVENIDAS PARA VISITAR AS FAMÍLIAS BOLIVINAS./ O GOVERNO DA BOLÍVIA CONVOCOU UNIVERSITÁRIOS E TAMBÉM ESTUDANTES PARA APLICAR OS QUESTIONÁRIOS./ TRINTA E NOVE PERGUNTAS VÃO TRAÇAR O PERFIL ECONÔMICO E SOCIAL DOS BOLIVIANOS./

SONORA MIRIAN JUSTINIANO - RECENSEADORA

OFF: DEPOIS DA VISITA DOS RECENSEADORES, AS CASAS RECEBEM UM ADESIVO PARA MOSTRAR QUE A PESQUISA JÁ FOI FEITA NO LOCAL./ NA FAIXA DE FRONTEIRA UM POSTO VOLANTE FOI MONTADO PARA ENTREVISTAR OS BOLIVIANOS QUE ESTAVAM NO BRASIL./

SONORA DÉLIA

OFF: ESTE COMERCIANTE BOLIVIANO, QUE VIVE EM CORUMBÁ, FEZ QUESTÃO DE PARTICIPAR DA CONTAGEM POPULACIONAL./ PARA ELE É UM DEVER DE CIDADÃO./

SONORA ROMULO CHAVES

MATÉRIA 15: FRONTEIRA ABRE 22/11/2012

OFF 1: COM A FRONTEIRA LIBERADA OS CARROS FIZERAM FILA PARA ENTRAR NO PAÍS VIZINHO./ O MOVIMENTO HOJE EM PORTO QUIJARRO FOI INTENSO./ AS LOJAS DO COMÉRCIO ABRIRAM NORMALMENTE E OS CARROS E PESSOAS VOLTARAM ÀS RUAS DA CIDADE./ EM FRENTE AO GUICHÊ DE UMA DAS PRINCIPAIS COMPANHIAS DE VIAGEM DA REGIÃO, MUITOS BOLIVIANOS TENTAM COMPRAR AS PASSAGENS QUE NÃO CONSEGUIRAM ONTEM, JÁ QUE A REALIZAÇÃO DO CENSO POPULACIONAL PAROU O PAÍS./ ESTE ESTUDANTE ESTAVA NO BRASIL, E TEVE DE ESPERAR QUE OS SERVIÇOS DE TRANSPORTE VOLTASSEM A FUNCIONAR PARA ENTRAR NO PAÍS./

SONORA KIRO CHAVES, ESTUDANTE

OFF 2: NO PÁTIO DAS TRANSPORTADORAS MUITOS VEÍCULOS CONTINUAM PARADOS HOJE, POR CONTA DA DOCUMENTAÇÃO./ MAS DE ACORDO COM FUNCIONÁRIOS, ALGUNS CAMINHÕES JÁ COMEÇARAM A SEGUIR VIAGEM HOJE./

MATÉRIA 16: COLETIVA FRONTEIRA 14/12/2012

CABEÇA: QUEM DECIDIU ENTRAR NO BRASIL PELA FRONTEIRA COM A BOLÍVIA ENFRETOU LENTIDÃO E FISCALIZAÇÃO OSTENSIVA DAS FORÇAS DE

SEGURANÇA.//A AÇÃO DE COMBATE AO CRIME ORGANIZADO UNIU POLÍCIAS E FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS E BOLIVIANAS.//

OFF1: SEGURANÇA REFORÇADA FRONTEIRA.// POLICIA MILITAR, FORÇA NACIONAL, BOMBEIROS, DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES DE FRONTEIRA.. TODOS JUNTOS PARA COMBATER O CRIME ORGANIZADO.//

SONORA CEL VALTER GODOY ROJAS (POLÍCIA MILITAR)

OFF 2: QUEM ENTRAVA NO BRASIL ERA REVISTADO.//O PATRILHAMENTO OSTENSIVO FAZ PARTE DA ESTRATÉGIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA NAS FRONTEIRAS.// A AÇÃO COMEÇOU NA TERÇA FEIRA E SERÁ ENCERRADA NESTE SÁBADO.// A OPERAÇÃO TAMBÉM É UMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE AS POLÍCIAS, QUE JÁ DESCOBRIRAM UMA NOVA ESTRATÉGIA DOS TRAFICANTES DE DROGAS.//

SONORA GUSTAVO BUENO (DELEGADO DA POLÍCIA CIVIL)

OFF 3: PELA PRIMEIRA VEZ, A BOLÍVIA TAMBÉM PARTICIPA.// SÓ A MARINHA BOLIVIANA DISPONIBILIZOU MAIS DE 100 MILITARES PARA ATUAR NA REGIÃO DE FRONTEIRA./

SONORA COSME ALVARES DAZA (CAPITÃO DA MARINHA BOLIVIANA)

MATÉRIA 17: COLETIVA FRONTEIRA 2 14/12/2012

CABEÇA: QUEM DECIDIU CRUZAR A FRONTEIRA HOJE, PASSOU POR UMA FORTE FISCALIZAÇÃO, QUE DEIXOU O TRÂNSITO LENTO./ É MAIS UMA OPERAÇÃO ORGANIZADA PELO GRUPO DE GESTÃO INTEGRADA DE FRONTEIRA./ O DIFERENCIAL DA AÇÃO DE HOJE É A PARTICIPAÇÃO DE UM GRANDE EFETIVO BOLIVIANO./

OFF 1: CARRO BOLIVIANO QUE ENTRA NO BRASIL NÃO ESCAPA DE SER VISTORIADO PELO EXÉRCITO.// RESULTADO DA PRESENÇA OSTENSIVA DAS FORÇAS DE SEGURANÇA NA FRONTEIRA COM OS DOIS PAÍSES.//

SONORA CEL VALTER GODOY ROJAS (POLÍCIA MILITAR) - segunda reposta

OFF 2: O PATRULHAMENTO OSTENSIVO FAZ PARTE DA ESTRATÉGIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA NAS FRONTEIRAS.// JUNTOS, POLICIA MILITAR, FORÇA NACIONAL, BOMBEIROS E O DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES DE FRONTEIRA FISCALIZAM OS VEÍCULOS PARA EVITAR TRÁFICO DE DROGAS E O CONTRABANDO.//A OPERAÇÃO TAMBÉM É UMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE AS POLÍCIAS, QUE JÁ DESCOBRIRAM UMA NOVA ESTRATÉGIA DOS TRAFICANTES DE DROGAS.//

GUSTAVO BUENO (DELEGADO DA POLÍCIA CIVIL)

PASSAGEM: RAFAEL COZER/ FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA: ESSA MESMA OPERAÇÃO É REALIZADA SIMULTANEAMENTE EM MAIS DEZ ESTADOS

FRONTEIRIÇOS (.....)

OFF 3: AS FORÇAS ARMADAS BOLIVIANAS TAMBÉM TRAÇARAM ESTRATÉGIAS PARA A AÇÃO FEITA DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA.//

SONORA COSME ALVARES DAZA (CAPITÃO DA MARINHA BOLIVIANA)

OFF 4: A OPERAÇÃO TERMINA AMANHÃ, MAS AS AÇÕES PARA COMBATER OS CRIMES DE FRONTEIRA DEVEM CONTINUAR.//

SONORA ALEXANDRE DO NASCIMENTO - DELEGADO DE POLÍCIA FEDERAL - FALA DA OPERAÇÃO SENTINELA

MATÉRIA 1: RECUPERA CARRO 17/01/2013

OFF: O CRIME FOI EM UMA AVENIDA MOVIMENTADA DE PORTO QUIJARRO, CIDADE VIZINHA A CORUMBÁ, EM MATO GROSSO DO SUL.// OS BANDIDOS, ARMADOS, FORAM RÁPIDOS E AGIRAM DE CARA LIMPA.// MESMO ABALADO, O BRASILEIRO TEVE UMA ATITUDE OUSADA E CORAJOSA.// PASSOU CINCO DIAS NA FRONTEIRA À PROCURA DO VEÍCULO ROUBADO./

SONORA não identificada - NA HORA QUE ROUBARAM MEU CARRO, EU PEDI TAXISTA, PEDI UM TAXI PRA SEGUIR MEU CARRO OU PRA IR NA POLÍCIA./ ESSE TÁXI FALOU PRA MIM QUE NÃO ADIANTAVA IR NA POLÍCIA, ENTENDEU? QUE ERA MAIS FÁCIL CONVERSAR COM TODO MUNDO PRA DESCOBRIR ONDE TAVA O CARRO, PRA MIM COMPRAR ELE DE VOLTA./ AÍ TODO DIA EU IA LÁ E PEGAVA UM TAXI DIFERENTE E PEDINDO: QUEM ACHASSE O CARRO, EU COMPRARIA ELE DE VOLTA.

OFF 2: NO DIA SEGUINTE AO CRIME, A VÍTIMA PROCUROU A POLÍCIA BOLIVIANA PARA REGISTRAR UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA, MAS ENCONTROU MUITOS OBSTÁCULOS.//

VOLTA SONORA NAO IDENTIFICADA - QUANDO EU CHEGUEI NA POLÍCIA, ELES QUERIAM O DOCUMENTO DO CARRO./ NO PRIMEIRO MOMENTO, QUE ELES NÃO PODIAM FAZER NADA SE NÃO TIVESSE O CHASSI, QUE ISSO E AQUILO, NAQUELA DESCONFIANÇA, ACHANDO QUE ERA GOLPE DE SEGURO, QUE ERA ALGUMA COISA./ EU DEI MEU DEPOIMENTO, MANDARAM EU VOLTAR NO OUTRO DIA./ NO OUTRO DIA EU FIQUEI O DIA INTEIRO INDO LÁ PRA ELES ME ATENDEREM, AÍ À NOITE, CERTO, AÍ TIVE QUE FALAR PRA ELES QUE MEU CARRO NÃO TINHA SEGURO, QUE NÃO ERA GOLPE DE SEGURO NADA, QUE NÃO TINHA SEGURO, NÃO TEM SEGURO./ AÍ NISSO, ELES FALARAM QUE TEM PROBLEMA DE GASOLINA, QUE ELES TEM QUE TER GASOLINA, QUE NÃO TEM GASOLINA PRA ISSO, PRA AQUILO, EU DEI DINHEIRO PRA ELES TAMBÉM PRA GASOLINA./ ELES FICARAM DE ME LIGAR, QUALQUER INFORMAÇÃO ELES ME LIGASSEM, MAS NÃO ME LIGARAM NENHUM DIA./ MESMO ASSIM, EU PEDI UMA CÓPIA DO RECIBO, UMA CÓPIA DA OCORRÊNCIA, NÃO ME DERAM CÓPIA DA OCORRÊNCIA, NÃO ME DERAM NADA, NADA, NADA.

OFF3: O COMANDANTE DA DELEGACIA BOLIVIANA DE RECUPERAÇÃO DE VEÍCULOS ROUBADOS NEGA QUE OS POLICIAIS TENHAM PEDIDO GASOLINA PARA PROCURAR O VEÍCULO/ E ADMITE QUE SEM O NÚMERO DE CHASSI, FICA DIFÍCIL PROCURAR O CARRO QUE FOI ROUBADO OU FURTADO EM DENTRO DA BOLÍVIA.//

SONORA POMPEU SANCHES - COMANDANTE PROVINCIAL - DIPROVE (PRECISA TRADUZIR OU COLOCAR CHARACTER) - PARA NÓS É UM POUCO COMPLICADO ESSA INVESTIGAÇÃO SOMENTE COM A PLACA, PORQUE A PLACA PODE SER SUBSTITUÍDA, PODEM COLOCAR UMA BOLIVIANA, OUTRA BRASILEIRA./ ENTÃO, COM O NÚMERO DA PLACA NÃO VAMOS CONSEGUIR LOCALIZAR O CARRO- afirma o comandante

OFF: COM INFORMAÇÕES DOS TAXISTAS BOLIVIANOS, O DONO DO CARRO CONSEGUIU LOCALIZÁ-LO UMA SEMANA DEPOIS./ ESTAVA COM APENAS SETE QUILOMETROS RODADOS E DE, ACORDO COM A VÍTIMA, JÁ TINHA PASSADO POR

TRÊS COMPRADORES.//

SONORA VÍTIMA: AÍ UM DESSES TAXISTAS, CERTO, ENCONTROU O CARRO E FALOU O VALOR QUE ELES QUERIAM, TUDINHO, ASSIM QUE EU CONSEGUIRIA RECUPERAR ELE./

REPORTER: QUAL VALOR QUE ELES PEDIRAM?

VITIMA: CINCO MIL E TREZENTOS DÓLARES.

REPORTER: QUANTO QUE VALE O CARRO?

VÍTIMA: CINQUENTA E CINCO MIL

OFF 4: DE ACORDO COM A POLÍCIA CIVIL DE CORUMBÁ, SÓ EM 2012, TRINTA VEÍCULOS BRASILEIROS FORAM ROUBADOS NA BOLÍVIA.//SÃO QUASE TRÊS REGISTROS POR MÊS.// E QUANTO MAIS CARO O CARRO, MAIOR A CHANCE DELE SER LEVADO PELOS BANDIDOS.//

PASSAGEM: RAFAEL COZER - SEGUNDO A POLÍCIA, É CADA VEZ MAIS COMUM CASOS COMO ESSE, EM QUE A VÍTIMA ATRAVESSA A FRONTEIRA PARA RECUPERAR O PRÓPRIO VEÍCULO QUE FOI ROUBADO // ISSO PORQUE NA BOLÍVIA, O CRIME DE RECEPÇÃO NÃO EXISTE.// QUEM COMPRA UMA MERCADORIA ROUBADA OU FURTADA NÃO SOFRE NENHUMA PUNIÇÃO.// NO CASO DOS VEÍCULOS, HÁ UM AGRAVANTE: OS CARROS PODEM SER LEGALIZADOS AQUI NA BOLÍVIA, PROTEGIDOS POR UMA MEDIDA DO GOVERNO//

OFF 5: DESDE DOIS MIL E ONZE, CARROS SEM DOCUMENTOS NA BOLÍVIA PODEM SER REGULARIZADOS, DESDE QUE NÃO APAREÇAM EM NENHUM REGISTRO POLICIAL./ QUANDO O VEÍCULO É ROUBADO, A POLÍCIA BRASILEIRA RECOMENDA QUE A VÍTIMA FAÇA O REGISTRO DO CRIME TANTO NA BOLÍVIA QUANDO NO BRASIL// E NUNCA FAÇA JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS.//

SONORA GUSTAVO BUENO - DELEGADO POLÍCIA CIVIL CORUMBÁ - O RISCO É MUITO GRANDE, ATÉ PORQUE VOCÊ NÃO SABE COM QUEM QUE VOCÊ TÁ LIDANDO./ (EMENDA) PRIMEIRA PROVIDÊNCIA É PROCURAR AS AUTORIDADES BOLIVIANAS./ E AÍ, DIANTE DA DOCUMENTAÇÃO DA BOLÍVIA, VIR ATÉ A DLEGACIA AQUI DO BRASIL PRA QUE A GENTE VENHA A DOCUEMNTAR ISSO E VENHA A INSERIR A RESTRIÇÃO DO VEÍCULO COMO SENDO FURTADO OU ROUBADO./

OFF 6: MAS ESTA VÍTIMA NÃO SE ARREPENDE E DIZ QUE FARIA TUDO DE NOVO.//

VOLTA VÍTIMA - NÃO ME ARREPENDO./ É TUDO O QUE EU TENHO./ NÃO TINHA QUE EXISTIR ESSE GASTO PORQUE O CARRO É MEU./ MAS SE EU NÃO PAGASSE, EU NÃO RECUPERAVA O CARRO./

MATÉRIA 2: EXPECTATIVA CARROS 26/02/2013

OFF1 - ESTA JOVEM QUE PREFERE NÃO MOSTRAR O ROSTO TEVE O CARRO ROUBADO NO ANO PASSADO./ ELA ESTAVA NUM ESTACIONAMENTO QUANDO FOI FEITA REFÉM POR QUASE UMA HORA, POR DOIS HOMENS ARMADOS QUE

LEVARAM O VEÍCULO./ DO CARRO NOVO, SOBRARAM APENAS AS PARCELAS DO FINANCIAMENTO QUE ELA PAGA ATÉ HOJE./

1º (SONORA DE PERSONAGEM): VEM ALGUÉM, NA MAIOR FACILIDADE, E TE LEVA AQUILO QUE VOCÊ DEMOROU BASTANTE TEMPO PARA CONSEGUIR, NÃO TERMINOU DE PAGAR AINDA. AINDA TEM QUE FICAR PAGANDO UMA DÍVIDA DE ALGO QUE VOCÊ NÃO TEM MAIS, ENTÃO É BASTANTE CHOCANTE. A GENTE FICA BASTANTE ABALADO COM A SITUAÇÃO.

OFF - O SENTIMENTO DE INDIGNAÇÃO É O MESMO DE MILHARES DE BRASILEIROS QUE FORAM VÍTIMAS DAS QUADRILHAS DE LADRÕES DE CARROS./ AGORA, UMA PARTE DESSES VEÍCULOS SERÁ DEVOLVIDA PELO GOVERNO BOLIVIANO E PODE VOLTAR PARA AS MÃOS DOS VERDADEIROS DONOS./ A PRIMEIRA LEVA TEM 284 CARROS.// A frota está PÁTIO DA MARINHA BOLIVIANA EM PORTO QUIJARRO.//TODOS FORAM APREENDIDOS PELA POLÍCIA DO PAIS VIZINHO.//PASSAM POR UMA VISTÓRIA ANTES DE SEREM ENTREGUES AO BRASIL, A PARTIR DE AMANHÃ.//

SONORA JAIRO COLLIER - CONSUL DO BRASIL NA BOLIVIA - fala da negociação e a princípio o maior interesse são as seguradoras

PASSAGEM: RAFAEL COZER/PORTO QUIJARRO – BOLIVIA: "É UM ATO HISTÓRICO.// PELA PRIMEIRA VEZ, O GOVERNO BOLIVIANO DEVOLVE VEÍCULOS BRASILEIROS QUE FORAM FURTADOS OU ROUBADOS E QUE CIRCULAVAM NORMAMENTE AQUI NO PAÍS VIZINHO.// E AMANHÃ APENAS 10 CARROS VÃO ATRAVESSAR A FRONTEIRA, PARA SIMBOLIZAR O ATO.// DEPOIS - AOS POUCOS - OS CARROS QUE HOJE OCUPAM O ESPAÇO DA BRIGADA DA MARINHA BOLIVIANA, SERÃO DEVOLVIDOS AO BRASIL.//

OFF: PARA ESSE ADVOGADO - ESPECIALISTA EM DIREITO INTERNACIONAL - A ATITUDE DO GOVERNO BOLIVIANO FORTALECE AINDA MAIS A RELAÇÃO DIPLOMÁTICA ENTRE OS DOIS PAÍSES.//

SONORA ALCINDO

OFF: NAS PRÓXIMAS SEMANAS, MAIS CARROS DEVEM CHEGAR DE TODAS AS REGIÕES DA BOLIVIA E SERÃO ENTREGUES AOS VERDADEIROS DONOS.//A DEVOLUÇÃO É UMA ESPERANÇA PARA A JOVEM QUE TEVE O CARRO ROUBADO, EM CAMPO GRANDE./

VOLTA PERSONAGEM: EU LIGO DIRETO. PELO MENOS DUAS VEZES AO MÊS, EU LIGO NA DEFURV PRA VER SE HOUE ALGUMA NOTÍCIA, MAS POR ENQUANTO NADA. AGORA, A ESPERANÇA É QUE TENHA ESSA LEVA DE CARROS QUE ESTÁ VINDO DA BOLÍVIA PRA CÁ.

MATÉRIA 3: CARROS DEVOLVE MS2 27/02/2013

OFF1: SOB UM FORTE ESQUEMA DE SEGURANÇA, O MINISTRO DE JUSTIÇA JOSÉ EDUARDO CARDOZO ATRAVESSOU A FRONTEIRA E CHEGOU ATÉ PORTO QUIJARRO PARA ACOMPANHAR A PRIMEIRA DEVOLUÇÃO DE VEÍCULOS FEITA

PELO GOVERNO BOLIVIANO.//

SONORA JOSÉ EDUARDO CARDOZO - MINISTRO DA JUSTIÇA

OFF2: OS VEÍCULOS BRASILEIROS APREENDIDOS PELA POLICIA BOLIVIANA SÃO PREPARADOS PARA SEREM DEVOLVIDOS.// eles foram ROUBADOS OU FURTADOS EM RONDONIA, MATO GROSSO, MATO GROSSO DO SUL E GOIÁS.// NA BOLIVIA, CRICULAVAM NORMAMENTE// É A PRIMEIRA VEZ QUE O PAÍS VIZINHO faz a DEVOLUÇÃO.//

PASSAGEM: RAFAEL COZER/PORTO QUIJARRO - BOLIVIA

"HOJE, 296 VEÍCULOS OCUPAM ESSE ESPAÇO DA MARINHA BOLIVIANA AQUI EM PORTO QUIJARRO.// SÃO CAMINHOENTES, CARROS E MOTOS QUE FORAM APREENDIDOS DURANTE O PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO DA FROTA BOLIVIANA.//AQUI ELES RECEBEM UM NÚMERO DE IDENTIFICAÇÃO.// ESTE POR EXEMPLO ESTÁ COM AS LETRAS STC, SIGNIFICA QUE FOI APREENDIDO EM SANTA CRIUZ DE LA CIERA.// O GOVERNO BOLIVIANO PROMETE DEVOLVER AOS POUÇOS, CERCA DE 500 VEÍCULOS AO BRASIL.//

OFF3: HOJE, 10 CARROS ATRAVESSARAM A FRONTEIRA PARA SIMBOLIZAR O ATO.//TODOS SEGUEM PARA CAMPO GRANDE.// A POLÍCIA CIVIL VAI ENTRAR EM CONTATO COM OS LEGÍTIMOS DONOS OU SEGURADORAS//

SONORA MARIA DE LURES CANO - DELEGADA DEFURV

OFF4: A INTELIGÊNCIA DA POLICIA FEDERAL IDENTIFICOU MAIS DE QUATRO MIL VEÍCULOS BRASILEIROS QUE FORAM FURTADOS OU ROUBADOS QUE CIRCULAM NORMALMENTE NO PAÍS VIZINHO.// O GOVERNO DA BOLIVIA PROMETEU FECHAR O CERCO À QUEM ESTIVER COM ESSE TIPO DE VEICULO.//

SONORA JOSÉ RAMON QUINTANA - MINSITRO DE GOVERNO DA BOLIVIA

OFF5: O PROCESSO DE REPATRIAÇÃO ANIMOU QUEM QUEM FOI VÍTIMA DE BANDIDOS.//A MOTO DE LORRANS FOI ROUBADA EM SETEMBRO.//

SONORA LORRANS QUINTANA - ELETRECISTA

MATÉRIA 4: CARROS REPATRIADOS (BOLETIM) 27/02/2013

OFF 1: A MOVIMENTAÇÃO NA FRONTEIRA DO BRASIL COM A BOLÍVIA É INTENSA./ LOGO NO COMEÇO DA MANHÃ, CARROS DAS POLÍCIAS FEDERAL, MILITAR E CIVIL SEGUIRAM PARA PORTO QUIJARRO, CIDADE BOLIVIANA DA REGIÃO DE FRONTEIRA./ É O ESQUEMA DE SEGURANÇA MONTADO PARA ORGANIZAR OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS DA ENTREGA DOS VEÍCULOS BRASILEIROS ROUBADOS OU FURTADOS, QUE FORAM RECUPERADOS PELA POLÍCIA DA BOLÍVIA./ HOJE PELA MANHÃ, OUTROS CINQUENTA CARROS CHEGARAM DE SANTA CRUZ PARA SEREM ENTREGUES AO BRASIL./

PASSAGEM - RAPHAELA POTTER, PORTO QUIJARRO, BOLÍVIA
DOS DUZENTOS E NOVENTA E SEIS VEÍCULOS QUE ESTÃO HOJE NO PÁTIO DA

MARINHA BOLIVIANA, EM PORTO QUIJARRO, APENAS DEZ VÃO ATRAVESSAR A FRONTEIRA PARA SIMBOLIZAR A DEVOLUÇÃO HISTÓRIA DE CARROS, MOTOCICLETAS E CAMINHÕES QUE FORAM FURTADOS OU ROUBADOS, E QUE CIRCULAVAM NORMALMENTE NO PAÍS VIZINHO./ OS VEÍCULOS SERÃO TRANSPORTADOS EM CAMINHÕES CEGONHA COMO ESTE, ACOMPANHADOS DE UM FORTE ESQUEMA DE SEGURANÇA./

OFF 2: MILITARES DO EXÉRCITO BOLIVIANO TAMBÉM VÃO AJUDAR NA SEGURANÇA DURANTE O TRAJETO DOS VEÍCULOS./ APÓS O ATO SIMBÓLICO QUE VAI OFICIALIZAR A REPATRIAÇÃO, OS CARROS QUE PERMANECEREM NO PÁTIO DA MARINHA BOLIVIANA SERÃO ENTREGUES AOS POUCOS AO BRASIL./ AINDA NÃO HÁ PRAZO PARA QUE TODOS OS VEÍCULOS SEJAM REPATRIADOS./

MATÉRIA 5: CARROS LOGÍSTICA 28/02/2013

SUG DE CABEÇA: AOS POUCOS OS VEÍCULOS BRASILEIROS ROUBADOS OU FURTADOS E QUE CIRCULAVAM NORMALMENTE NA BOLÍVIA, SÃO DEVOLVIDOS AO BRASIL./ MAS A PRIMEIRA REMESSA DE AUTOMÓVEIS E MOTOCICLETAS SÓ CHEGOU A RECEITA FEDERAL HOJE NO FIM DA TARDE./ A DIFICULDADE NO TRANSPORTE DOS CARROS, É POR CAUSA DA DIFICULDADE DA CIRCULAÇÃO DE CAMINHÕES-CEGONHA NO PAÍS VIZINHO./

OFF 1: UM ATO HISTÓRICO./ A DEVOLUÇÃO DE VEÍCULOS BRASILEIROS QUE FORAM ROUBADOS E FURTADOS - E CIRCULAVAM LIVREMENTE NA BOLÍVIA - MARCA O INÍCIO DA UNIÃO ENTRE AS AUTORIDADES BRASILEIRAS E BOLIVIANAS NO COMBATE A UM DOS CRIMES MAIS COMUNS NA REGIÃO DE FRONTEIRA: O ROUBO DE VEÍCULOS./ HOJE, NO FIM DA TARDE, O PRIMEIRO CARREGAMENTO DE AUTOMÓVEIS RECUPERADOS CHEGOU A RECEITA FEDERAL./

SOBE SOM

OFF 2: A ENTREGA DEVERIA TER SIDO FEITA HOJE PELA MANHÃ, MAS ALGUNS PROBLEMAS ENCONTRADOS NO TRANSPORTE dos carros DO PÁTIO DA MARINHA BOLIVIANA ATÉ A FRONTEIRA, ATRASARAM A DEVOLUÇÃO DOS VEÍCULOS AO BRASIL./

RAPHAELA POTTER - PORTO QUIJARRO, BOLÍVIA

OFF 3: PARA VIABILIZAR O TRANSPORTE DOS CARROS, O REPRESENTANTE DA FEDERAÇÃO NACIONAL DE SEGUROS GERAIS SE REUNIU HOJE COM AUTORIDADES BOLIVIANAS./ NO ENCONTRO, FICOU DEFINIDO QUE OS CAMINHÕES-CEGONHA VÃO AGUARDAR A CHEGADA DOS VEÍCULOS NO PÁTIO DA RECEITA FEDERAL./

SONORA DANILO, REPRES. FEDERAÇÃO NACIONAL DE SEGUROS GERAIS (ele explica que os carros que tiverem condições vão passar rodando, e os carros que não tiverem vão em guinchos... Assim que cruzarem a fronteira eles vão para os caminhões-cegonha...)

OFF 3: MESMO COM O ATRASO NA DEVOLUÇÃO DOS PRIMEIROS CARROS, O

INSPETOR DA RECEITA FEDERAL DE CORUMBÁ, GARANTE QUE OS PROCEDIMENTOS LEGAIS QUE DEVEM SER FEITOS PARA OS AUTOMÓVEIS E MOTOCICLETAS CIRCULAREM NO BRASIL SÃO SIMPLES E RÁPIDOS./ A PARTIR DE AGORA, A EXPECTATIVA, É QUE MAIS DE TRINTA VEÍCULOS SEJAM LIBERADOS POR DIA./

SONORA EDUARDO FUJITA, INSPETOR RECEITA FEDERAL CORUMBÁ

MATÉRIA 6: CARROS DEMORA 06/03/2013

SUGESTÃO DE CABEÇA - O PROCESSO DE ENTRADA DOS VEÍCULOS REPATRIADOS NA FRONTEIRA COM A BOLÍVIA ESTÁ LENTO./ A CERIMÔNIA QUE OFICIALIZOU A DEVOLUÇÃO DOS VEÍCULOS QUE CIRCULAVAM SEM DOCUMENTOS NO PAÍS VIZINHO, DEPOIS DE SEREM ROUBADOS OU FURTADOS AQUI NO BRASIL, FOI HÁ UMA SEMANA./ MAS ATÉ AGORA, APENAS OS DEZ VEÍCULOS QUE FORAM ENTREGUES SIMBOLICAMENTE NA SEMANA PASSADA, CHEGARAM À DELEGACIA DE FURTOS E ROUBOS, DA CAPITAL, QUE VAI SER RESPONSÁVEL PELA ENTREGA AOS DONOS./

OFF: APENAS DOIS OFICIAIS BOLIVIANOS TRABALHAM NA IDENTIFICAÇÃO DE CENTENAS DE VEÍCULOS QUE DESDE A SEMANA PASSADA ESTÃO AGUARDANDO PARA SEREM DEVOLVIDOS AO BRASIL./ CARROS, CAMINHONETES, MOTOS E CAMINHÕES OCUPAM O PÁTIO DA MARINHA DA BOLÍVIA, EM PORTO QUIJARRO, CIDADE VIZINHA A CORUMBÁ./ MUITOS VEÍCULOS ESTÃO DANIFICADOS./ E TODAS AS INFORMAÇÕES COLHIDAS PELOS POLICIAIS BOLIVIANOS PRECISAM SER ENVIADAS ÀS AUTORIDADES DO BRASIL./

SONORA TRADUZIDA POMPEO SANCHEZ BALDERRAMA - DIR. DIPROVE

"FAZEMOS A VERIFICAÇÃO FÍSICA DOS VEÍCULOS, SUAS CARACTERÍSTICAS COMO COR, MODELO, MARCA, NÚMERO DO CHASSI./ E VERIFICAMOS SE A DOCUMENTAÇÃO É MESMO DESSE VEÍCULO./ SÓ DEPOIS DESSE TRABALHO, LIBERAMOS ESSES VEÍCULOS PARA SEREM TRANSPORTADOS ATÉ A RECEITA FEDERAL, DIZ O DIRETOR DO DIPROVE - DEPARTAMENTO DE PREVENÇÃO DE ROUBO DE VEÍCULOS DA BOLÍVIA/

OFF: AINDA SEGUNDO O DIPROVE, ALÉM DOS DUZENTOS E SETENTA VEÍCULOS QUE JÁ ESTÃO NA FRONTEIRA COM O BRASIL, OUTROS CEM VEÍCULOS DEVEM CHEGAR AINDA ESTA SEMANA./ OS CARROS VEM DE VÁRIAS REGIÕES DA BOLÍVIA./ A EXPECTATIVA DOS OFICIAIS É QUE O TRABALHO DE DEVOLUÇÃO TERMINE ATÉ O FIM DESTE MÊS./ APÓS FAZER O LEVANTAMENTO, AS AUTORIDADES BOLIVIANAS ENCAMINHAM AS INFORMAÇÕES PARA A RECEITA FEDERAL, QUE CRUZA OS DADOS COM UM BANCO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA./ SÓ DEPOIS DISSO, AS AUTORIDADES DOS DOIS PAÍSES ASSINAM A INTERNALIZAÇÃO DOS VEÍCULOS./ A BUROCRACIA É GRANDE./ ATÉ AGORA APENAS OS DEZ VEÍCULOS DEVOLVIDOS EM UM ATO SÍMBÓLICO FORAM ENCAMINHADOS PARA A DELEGACIA DE FURTOS E ROUBOS DA CAPITAL./ DESDE ENTÃO NA HOUVE NENHUMA OUTRA REMESSA./ SEGUNDO A RECEITA

FEDERAL, A DEMORA É POR CONTA DE AJUSTES QUE AINDA PRECISAM SER FEITOS ENTRE BRASILEIROS E BOLIVIANOS./

SONORA ELISA HELENA - INSP. SUBSTITUTA ele diz que com a rotina os processos tendem a serem agilizados

PASSAGEM AGUINALDO SOARES - FRONTEIRA BRASIL BOLÍVIA./ APÓS A ASSINATURA DOS DOCUMENTOS, ESTES VEÍCULOS PODERÃO SEGUIR VIAGEM ATÉ CAMPO GRANDE./ COM ISSO CHEGA A TRINTA, O NÚMERO DE CARROS REPATRIADOS, DEPOIS DO ACORDO ENTRE BRASIL E BOLÍVIA./

OFF: O ACORDO DA DEVOLUÇÃO DOS CARROS FOI FIRMADO EM UMA CERIMÔNIA NO DIA VINTE E SETE DE FEVEREIRO, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DA JUSTIÇA, JOSÉ EDUARDO CARDOZO, E REPRESENTANTES DO GOVERNO BOLIVIANO./ A REPATRIAÇÃO OCORREU QUASE DOIS ANOS DEPOIS DA MEDIDA ADOTADA PELO PRESIDENTE DA BOLÍVIA, EVO MORALES, DE REGULARIZAR VEÍCULOS QUE CIRCULAVAM NO PAÍS SEM DOCUMENTOS./ DURANTE O PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO, MUITOS VEÍCULOS FORAM IDENTIFICADOS COMO PRODUTO DE ROUBO E FURTO AQUI NO BRASIL./ CERCA DE QUATROCENTOS E CINQUENTA DESSES VEÍCULOS DEVEM SER DEVOLVIDOS AO PAÍS./

MATÉRIA 7: DENGUE QUALIFICA MS2 04/04/2013

OFF 1: A PALESTRA DOS PROFISSIONAIS DO CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSES DE CORUMBÁ É PARA MÉDICOS, ENFERMEIROS, E AGENTES DE SAÚDE DE PORTO SOARES, CIDADE BOLIVIANA QUE FICA NA REGIÃO DE FRONTEIRA COM O BRASIL./ ATÉ O FIM DESTA SEMANA, OS PROFISSIONAIS BOLIVIANOS SERÃO CAPACITADOS PARA ATUAR NO COMBATE A DOENÇAS COMO A DENGUE, LEISHMANIOSE E RAIVA, ENDEMIAS QUE AINDA OCORREM COM FREQUÊNCIA NO PAÍS VIZINHO./

SONORA DINACI RANZI, SECR. MUN. DE SAÚDE ("durante as palestras a gente observa que a dificuldade financeira do país acaba prejudicando os profissionais que não conseguem identificar precocemente doenças como a de chagas por exemplo...")

PASSAGEM - RAPHAELA POTTER, PORTO SOARES, BOLÍVIA
PORTO SOARES TEM CERCA DE VINTE MIL HABITANTES E NÃO HÁ NA CIDADE UM CENTRO ESPECIALIZADO EM ZOONOSES PARA COMBATER A DENGUE E OUTROS TIPOS DE ENDEMIAS, COMO A LEISHMANIOSE./ ESSA É UMA DAS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO MUNICÍPIO BOLIVIANO, QUE NÃO CONSEGUEM FAZER UM CONTROLE EFETIVO DESSAS DOENÇAS./

OFF 2: ALÉM FÁBIO VARGAS É RESPONSÁVEL PELAS AÇÕES DE COMBATE A DENGUE E A LEISHMANIOSE NAS CIDADES DE PORTO SOARES, PORTO QUIJARRO E CARMEN./ O AGENTE DE SAÚDE DIZ QUE A CONSTRUÇÃO DE UM CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSES EM PORTO SOARES, FACILITARIA O TRABALHO DE CONTROLE DAS ENDEMIAS NA REGIÃO,

SONORA FÁBIO VARGAS, AGENTE DE SAÚDE PORTO SOARES (sonora traduzida: "Estamos elaborando um projeto para construir um centro de controle de zoonoses no município de Porto Soares. Assim que tivermos esse centro, poderemos contratar mais profissionais qualificados, como veterinários, biólogos e mais agentes de saúde")

OFF 3: EM 2012, ALGUMAS CIDADES BOLIVIANAS SOFRERAM COM UMA EPIDEMIA DE DENGUE./ EM PORTO QUIJARRO, TRÊS ÓBITOS FORAM CONFIRMADOS POR CONTA DA DOENÇA./ AS AUTORIDADES BOLIVIANAS DA REGIÃO AINDA NÃO DIVULGARAM UM LEVANTAMENTO COM DADOS DA DENGUE ESTE ANO, MAS CONFIRMAM QUE PORTO SOARES E PORTO QUIJARRO NÃO ESTÃO MAIS EM SITUAÇÃO DE EPIDEMIA./ PARA OS PROFISSIONAIS QUE PARTICIPAM DA CAPACITAÇÃO, AÇÕES EM CONJUNTO ENTRE OS GOVERNOS DO BRASIL E DA BOLÍVIA, SÃO AS PRINCIPAIS ARMAS NO COMBATE A DENGUE NA REGIÃO DE FRONTEIRA./

SONORA ERNESTO ALVIS, DIR. HOSPITAL PORTO SOARES (sonora traduzida: "a situação da dengue é preocupante para todos, por isso, participamos desta parceria com a secretaria de saúde de Corumbá, para que todos os médicos se conscientizem e conscientizem também a população, para eliminar os criadouros da dengue")

MATÉRIA 8: REPERCUTE BOLÍVIA 10/04/2013

SUGESTÃO DE CABEÇA: O PROFISSÃO REPÓRTER DESTA TERÇA-FEIRA MOSTROU O CAMINHO DA EXPLORAÇÃO DE TRABALHADORES QUE SAEM DA BOLÍVIA EM BUSCA DE EMPREGO EM SÃO PAULO./ PARTE DAS GRAVAÇÕES FORAM FEITAS AQUI NA FRONTEIRA CORUMBÁ-PORTO SOARES./

OFF: NA FILA DO POSTO DE IMIGRAÇÃO, PELO MENOS DUZENTAS PESSOAS À ESPERA DO VISTO PARA ENTRAR LEGALMENTE NO BRASIL./ O PROFISSÃO REPÓRTER CONVERSOU COM TRABALHADORES QUE DEPOSITAM ESPERANÇAS DE UMA VIDA MELHOR NA MAIOR CIDADE DO BRASIL./

SOBE SOM PROFISSÃO REPÓRTER CASE NELSON CHEGOU EM SÃO PAULO DEVENDO 200 REAIS

OFF: NA MANHÃ DESTA QUARTA-FEIRA, A MESMA SITUAÇÃO./ O NÚMERO ERA UM POUCO MENOR./ CERCA DE SETENTA PESSOAS ESPERAVAM ATENDIMENTO NO POSTO DE MIGRAÇÃO./// MAS A MAIORIA ERA DE BOLIVIANOS./

SONORA ((VOU PARA TURISMO))

OFF: A BOLIVIANA ELIZABETE TRABALHA HÁ DEZ ANOS NA CAPITAL PAULISTA./ ELA AFIRMA QUE VOLTOU À BOLÍVIA PARA VISITAR FAMILIARES.//

SONORA ELIZABETE GONZALEZ - COSTUREIRA

OFF: ELIZABETE E O MARIDO TRABALHAM EM UMA FÁBRICA DE COSTURA./ MESMA SITUAÇÃO DE CENTENAS DE BOLIVIANOS ENCONTRADOS PELA EQUIPE DE REPORTAGEM DE CACO BARCELOS./

SOBE SOM PROFISSÃO REPÓRTER >> MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA JUSTIÇA FISCALIZAM OFICINAS EM SP

SOBE SOM PROF REP >> TRABALHADOR GANHA R\$172 POR MÊS E SONHA EM VOLTAR PARA A BOLÍVIA

OFF: JÁ AQUI NA FRONTEIRA, O SEU XXXXX NÃO QUIS REVELAR O QUANTO GANHA NAS OFICINAS DE COSTURA./ MAS AFIRMA QUE É O SUFICIENTE PARA ELE E A FAMÍLIA.//

SONORA XXXXXXXXXXXX - COSTUREIRO
("SE QUER MAIS, TRABALHA MAIS. CHEGO A TRABALHAR DOZE HORAS POR DIA")

OFF: DE ACORDO COM O MINISTÉRIO DO TRABALHO DE SÃO PAULO, HÁ CERCA DE DOZE MIL OFICINAS COMO ESTAS NA CAPITAL PAULISTA.// MUITAS OFERECEM CONDIÇÕES IRREGULARES DE TRABALHO./

SOBE SOM PROF REP >> "ALICIAMENTO, TRÁFICO DE PESSOAS, SERVIDÃO POR DÍVIDAS E CONDIÇÕES DEGRADANTES DE TRABALHO"

SOBE SOM PROF REP >> "QUANTO GANHA POR PEÇA PRODUZIDA?" "QUATRO, CINCO REAIS" PARA UMA PEÇA QUE VAI SER VENDIDA POR DUZENTOS REAIS

OFF: MESMO COM CONDIÇÕES DE TRABALHO CONSIDERADAS DEGRADANTES PELOS ÓRGÃOS FISCALIZADORES, OS BOLIVIANOS NÃO PARAM DE ENTRAR NO BRASIL EM BUSCA DE EMPREGO./

SOBE SOM PROF REP >> CINCO DIAS NA FILA

PASSAGEM - SOBRE AS GRANDES FILAS REGISTRADAS PELA EQUIPE DE REPORTAGEM, A POLÍCIA FEDERAL COM SEDE EM CAMPO GRANDE INFORMOU QUE OS SERVIDORES DO ÓRGÃO ESTÃO TRABALHANDO TAMBÉM NOS SÁBADOS E DOMINGOS AQUI NO POSTO DE CORUMBÁ./ O ÓRGÃO AFIRMA QUE ESTÁ TRABALHANDO COM A CAPACIDADE MÁXIMA POSSÍVEL PARA ATENDER A DEMANDA./ NOVOS SERVIDORES DA POLÍCIA FEDERAL ESTÃO SENDO CAPACITADOS PARA ATUAR EM ÁREAS DE FRONTEIRA COMO ESTA./

OFF: AINDA SEGUNDO A POLÍCIA FEDERAL, TODOS OS BOLIVIANOS QUE ESTÃO EM SITUAÇÃO LEGAL E APRESENTAM A DOCUMENTAÇÃO NECESSARIA, CONSEGUEM O VISTO DE ENTRADA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO./

MATÉRIA 9: FRONTEIRA BLOQUEADA 16/05/2013

SUGESTÃO DE CABEÇA: TRABALHADORES DE CENTRAIS SINDICAIS DA BOLÍVIA BLOQUEARAM A FRONTEIRA ENTRE CORUMBÁ E ARROYO CONCEPCIÓN./ ELAS REIVINDICAM MUDANÇAS NA LEI PREVIDENCIÁRIA BOLIVIANA E O AUMENTO DE CEM POR CENTO NO VALOR DAS APOSENTADORIAS./

OFF: CERCA DE CINQUENTA TRABALHADORES PARTICIPAM DAS MANIFESTAÇÕES NA FRONTEIRA COM CORUMBÁ./ ELES INTEGRAM UMA MANIFESTAÇÃO NACIONAL QUE PEDE AUMENTO DE CEM POR CENTO NO VALOR DAS APOSENTADORIAS./

SONORA EDGAR URTADO - DIRIGENTE COMITÊ
("O GOVERNO ESTÁ OFERECENDO CINQUENTA POR CENTO DE REAJUSTE NA APOSENTADORIA./ NÓS ESTAMOS PEDINDO QUE ESSE AUMENTO SEJA DE CEM POR CENTO")

PASSAGEM - OS MANIFESTANTES UTILIZARAM FAIXAS E CARROS PARA BLOQUEAR A FRONTEIRA./ E AQUI DO LADO BOLIVIANO A GENTE JÁ PODE VER QUE ESTÁ SE FORMANDO UMA FILA DE CAMINHÕES, NA PRINCIPAL AVENIDA DE ARROYO CONCEPCIÓN./ TODOS ESPERANDO ENTRAR NO BRASIL./

OFF: DE ACORDO COM O CONTROLE DE FRONTEIRA, CERCA DE MIL VEÍCULOS - ENTRE CARROS E CAMINHÕES - CRUZAM A FRONTEIRA DIARIAMENTE./ MUITOS DELES ESTÃO PARADOS NA ADUANA./ ALGUNS MOTORISTAS UTILIZAM ESTRADAS RURAIS NÃO ASFALTADAS PARA ENTRAR NO PAÍS VIZINHO./ ESTE COMERCIANTE SE DIZ PREJUDICADO COM A PARALISAÇÃO, QUE JÁ DURA QUASE VINTE HORAS./

SONORA AGAPITO URIUNA - VENDEDOR
("EU PENSO QUE É UMA MANIFESTAÇÃO JUSTA, MAS JÁ SE PASSAM VÁRIOS DIAS... LAMENTAVELMENTE, MUITAS MERCADORIAS ESTÃO DEIXANDO DE SER ENTREGUES. E NÃO SÓ AQUI. EM SANTA CRUZ E COCHABAMBA TAMBÉM")

OFF: QUEM QUER ENTRAR NO PAÍS VIZINHO, PRECISA SEGUIR VIAGEM A PÉ, COMO FIZERAM ESTE GRUPO QUE SAIU DE AQUIDAUANA PARA FAZER COMPRAS NA BOLÍVIA/

SONORA ISAMEL SILVEIRA - REPRESENTANTE COMERCIAL
(DIZ QUE ESTÁ SURPRESO COM A PARALISAÇÃO)

SONORA GERSON COSTA - GESTOR DE VENDAS
(DIZ QUE DEIXOU O CARRO NO BRASIL E FOI A PÉ À BOLÍVIA, PARA NÃO DEIXAR DE COMPRAR)

OFF: DE ACORDO COM OS MANIFESTANTES, A FRONTEIRA VAI SER LIBERADA SOMENTE DEPOIS QUE O GOVERNO BOLIVIANO ATENDER À REIVINDICAÇÃO.